e-ISSN: 2236-4447

interagir

pensando a extensão

Rio de Janeiro, n.39, janeiro a junho de 2025

UERJ | PR3 Pró-Reitoria de Extensão e Cultura | DEPEXT Departamento de Extensão

REVISTA interagir
pensando a extensão

ARTIGOS

Branding de Território: a Construção de um "Símbolo" para a Cozinha Comunitária Candonga, Morretes, Paraná, Brasil e2025004
Evandro Cardoso do Nascimento, Caio Kiryla Rodrigues, Joa˜o Pedro Matias do Nascimento, Luiza Scislovski Moura Gomes, Oberdan Fernando da Silva Pereira Filho, Rodrigo de Carvalho Pires, Valdir Frigo Denardin
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.89623

Ação de Educação em Saúde Utilizando um Jogo Educativo sobre Temas Transversais da Adolescência e2025005
Gabriela Colombi de Lima, Bruna Oliveira Ungaratti Garza˜o, Joze´li Fernandes de Lima, Liane Bahu´ Machado, Raquel Einloft Kleinübing, Marinez Koller Pettenon
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.85986

MiniCientistas: Formação de Futuros Cientistas no Ensino Fundamental e2025006
Alex da Silva Sirqueira, Beatriz Francisco Assis, Raissa Vidal Alcaˆntara
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.88952

Capacitação de Pais e Responsáveis para Introdução Alimentar de Lactentes e2025008
Eduardo Alencar Silingowschi, Arthur da Costa Mega, Lí´via Zanuzzi Tabai, Giovanna Vallim Jorgetto, Claudia Camargo de Carvalho Vormittag, Danielly Cristini Marini
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.88261

Sobre a Formação em Psicologia Social: por uma Perspectiva Integrada entre suas Vertentes e2025009
Anderson Pereira Mendonça, Vitor Oliveira Braga, Camilla Reis Silva, Denison Albuquerque Carvalho, Gabriel Silva Estefanio, Mariana Braga Ferreira de Oliveira, Erica Meneses de Oliveira
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.88007

Formatação de uma Trilha Interpretativa como Instrumento de Educação Ambiental e2025011
Alana Lucia dos Santos Aboboreira, Gabrielly Silva e Silva, Ní´nive dos Santos Soares, Marcial Cotes, Luiz Alberto Mattos Silva, Jose´ Walter Gaspar, Delmira da Costa Silva, Larissa Correa do Bomfim Costa
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.89551

Con'verso: Pontes de Escuta na Escola e2025014
Cla´udia Aparecida de Oliveira Leite, Wallace Gonçalves de Oliveira, Ana Caroline Nascimento
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.87789

ENSAIOS

Coleção Didática de Macrofungos como Ferramenta no Ensino e Divulgação de Micologia no Município de Tomé-Açu, Pará e2025013
Sara Meireles Rodrigues, Aires Maciel da Trindade, Adriene Mayra da Silva Soares
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.86133

REVISTA interagir pensando a extensão

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Análise Reflexiva da Aplicação do Lúdico na Prática Extensionista para a Promoção da Saúde: Relato de Experiência do Projeto "Biomédicos em Ação" Enfoque Microbiológico e2025001
Letí´cia Cristina Gonçalves, Nathan Raphael Varotto, Carlos Roberto Escriva˜o Grignoli, Cristina da Cruz Franchini
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.85944

Formação de Alfabetizadores na/da/para a EJA: a Experiência de um Grupo de Estudos no Âmbito de um Projeto de Extensão e2025002
Jaqueline Luzia da Silva, Camila Vitoria Sousa da Silva
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.85236

Resolução de Problemas em uma Unidade Básica de Saúde a Partir das Ferramentas de Gestão da Qualidade: Relato de Experiência e2025003
Andressa Alves Souza, Dailane Neres de Almeida, Layra Geovanna de Carvalho Lira, Maria Eduarda Loureiro Andrade Nunes, Kalliny Mirella Gonçalves Barbosa
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.85898

Construindo Políticas Públicas para e pelas Mulheres no Município de Varginha, em Minas Gerais e2025007
Janaina de Mendonça Fernandes, Fernanda Mitsue Soares Onuma
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.86318

A Botânica por meio dos Sentidos: uma Abordagem Sensorial no Ensino das Plantas e2025010
Eduardo Bezerra de Almeida Jr., Ariade Nazare´ Fontes da Silva, Bruna Emanuele Freire Correia, Fla´via Cristina Vieira Serra, Ingrid Fabiana Fonseca Amorim, K a u e^Nicolas Lindoso Dias, Dinnie Michelle Assunça˜o Lacerda, Monielle Alencar Machado, Gabriela dos Santos Amorim
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.78347

Espaço de Memória Chryso Fontes da UFRJ: a Restauração e Catalogação de um Acervo Histórico Odontológico e2025012
Gabrielle Cardoso Ribeiro, Ana Beatriz dos Reis Paolino, Maria Clara Frias Lobo Marinho, Carolina Gama Campbell, Maria Vito´ria de Jesus dos Santos, Marcela Lopes de Andrade, Ivete Pomarico Ribeiro de Souza, Marcelo de Castro Costa, Marcia Grillo Cabral, Aline Tany Posch, Elson Braga de Mello, Luciana Pomarico
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.88577

REVISTA interagir pensando a extensão

EDITORIAL

A extensão universitária segue se consolidando como dimensão essencial da formação acadêmica e do compromisso social das instituições de ensino superior brasileiras. No volume 39 da *Revista Interagir: Pensando a Extensão*, reunimos experiências e reflexões que exemplificam a potência transformadora da articulação entre saberes acadêmicos e os diversos territórios e comunidades com os quais a universidade interage.

Este número traz contribuições que perpassam temas urgentes e plurais, como saúde coletiva, educação ambiental, inclusão, direitos humanos, memória institucional, alimentação e inovação pedagógica. Os textos aqui reunidos, distribuídos entre artigos, ensaios e relatos de experiência, reafirmam o caráter interdisciplinar e emancipatório da extensão, bem como sua capacidade de provocar mudanças concretas em contextos locais.

Os textos desta edição apresentam ações fundamentadas em pesquisa e metodologias participativas. O trabalho *Branding* de Território destaca a construção simbólica da Cozinha Comunitária de Candonga (PR), revelando como a identidade visual pode fortalecer iniciativas coletivas. Já o artigo sobre a ação educativa em saúde com adolescentes revela o uso de jogos como ferramenta para abordar temas sensíveis e transversais. O projeto MiniCientistas, por sua vez, promove a iniciação científica entre estudantes do ensino fundamental, aproximando ciência e infância/adolescência.

Ainda no campo da saúde, a capacitação de pais sobre introdução alimentar de lactentes demonstra os impactos positivos da educação continuada em contextos comunitários. A formação em psicologia social, com perspectiva integrada, amplia o olhar sobre a prática acadêmica em articulação com a realidade social. Em diálogo com o meio ambiente, o artigo sobre a formação de

uma trilha interpretativa exemplifica o uso do território como sala de aula viva, promovendo educação ambiental com base no contato direto com o ecossistema.

Entre as iniciativas no espaço escolar, destaca-se o projeto Con'verso: Pontes de escuta na escola, que propõe a escuta ativa como estratégia de acolhimento e transformação nas relações escolares.

Os relatos de experiência trazem narrativas sensíveis e práticas inovadoras. O uso do lúdico na promoção da saúde, no projeto "Biomédicos em Ação", revela a potência de abordagens interativas no cuidado em saúde. A formação de alfabetizadores para a EJA demonstra a valorização de trajetórias de ensino popular, fortalecendo políticas de inclusão e permanência. Em Construindo políticas públicas com mulheres de Varginha (MG), a extensão mostra seu papel político na mobilização cidadã e na equidade de gênero.

Destacam-se ainda o relato da experiência sensorial no ensino da botânica, que articula ciência, corpo e sentidos no aprendizado sobre o mundo vegetal, e o projeto do Espaço de Memória Chryso Fontes da UFRJ, que valoriza a preservação de acervos históricos como parte da identidade e da formação profissional.

Concluímos esta edição reconhecendo a riqueza da produção extensionista apresentada. Cada texto aqui publicado reafirma o papel da universidade pública como agente de transformação social, promotora de direitos, cidadania, diversidade e sustentabilidade. Ao fomentar a escuta, o diálogo e a ação coletiva, a extensão torna-se espaço de esperança e construção de um futuro mais justo.

Desejamos uma excelente leitura a todas e todos.

Thereza Christina de Almeida Rosso
Editora Executiva

REVISTA interagir pensando a extensão

Branding de Território: a Construção de um "Símbolo" para a Cozinha Comunitária Candonga, Morretes, Paraná, Brasil

Territory Branding: the Construction of a "Symbol" for the Candonga Community Kitchen, Morretes, Paraná, Brazil

Evandro Cardoso do Nascimento

Professor no Instituto Superior do Litoral do Paraná
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0001-9197-6372
E-mail: evandrohistoria@hotmail.com

Caio Kiryla Rodrigues

Graduando em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pelo Instituto Superior do Litoral do Paraná
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0000-0567-7545
E-mail: caioleekiryla@gmail.com

João Pedro Matias do Nascimento

Graduando em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pelo Instituto Superior do Litoral do Paraná
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0000-3576-7701
E-mail: joaopedromatiasdonascimento@gmail.com

Luiza Scislovski Moura Gomes

Graduanda em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pelo Instituto Superior do Litoral do Paraná
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0003-1419-0052
E-mail: luiza.scislovski@gmail.com

Recebido em: 7 de fevereiro de 2025. Aprovado em: 6 de março de 2025.
Interagir: pensando a extensão, *Rio de Janeiro, n. 39, e2025004, 2025*
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.89623

Oberdan Fernando da Silva Pereira Filho

Graduando em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pelo Instituto Superior do Litoral do Paraná
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0006-3163-9394
E-mail: oberdan.fer123@gmail.com

Rodrigo de Carvalho Pires

Graduando em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pelo Instituto Superior do Litoral do Paraná
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0008-3011-0426
E-mail: rcmagister@gmail.com

Valdir Frigo Denardin

Professor na Universidade Federal do Paraná
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-8074-6544
E-mail: valdirfd@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo é resultado de um projeto de extensão universitária que teve como objetivo a construção coletiva de uma logomarca (símbolo) para uma cozinha comunitária em Morretes, no litoral do Paraná. Nesse sentido, o texto busca responder a seguinte questão: de que forma o *branding* de território pode contribuir para a valorização do patrimônio territorial? As experiências de extensão foram orientadas pelo método da pesquisa-ação e os resultados apontam que o *branding* de território tem o potencial de contribuir tanto para estimular o pertencimento das pessoas com o território quanto para agregar valor aos produtos com identidade territorial, aspectos centrais na valorização do patrimônio territorial.

Palavras-chave: Logomarca; Pesquisa-Ação; Patrimônio Territorial.

Abstract

This article is the result of a university extension project that aimed to collectively build a logo (symbol) for a community kitchen in Morretes, on the coast of Paraná. In this sense, the text seeks to answer the following question: how can territorial branding contribute to the valorization of territorial heritage? The extension experiences were guided by the action-research method and the results indicate that territorial branding has the potential to contribute both to stimulating people's sense of belonging to the territory and to adding value to products with territorial identity, central aspects in the valorization of territorial heritage.

Keywords: Logo; Action-Research; Territorial Heritage.

Área temática: Comunicação

Introdução

O *branding* nada mais é do que o processo de construção e gestão de uma marca. Para Dallabrida, Tomporoski e Sakr (2016, p. 673), o *branding* de território é "a criação, o fortalecimento e a divulgação da identidade ou imagem de determinado território". Todo território é composto por um conjunto de elementos, materiais e imateriais, que formam o seu patrimônio territorial que, por sua vez, é a referência sobre a qual os atores constroem e reconstroem as suas identidades.

A ativação do patrimônio territorial em estratégias de desenvolvimento pode trazer duplo benefício aos territórios: de um lado, pode fortalecer as identidades territoriais, contribuindo para o aumento da autoestima e recuperação do valor existencial do patrimônio territorial; e, de outro lado, pode dinamizar a economia local por meio da valorização de produtos e serviços com identidade territorial, contribuindo para geração de renda e diminuição das desigualdades sociais. Esse processo de geração de renda é tratado por Denardin e Sulzbach (2010) como "renda de qualidade territorial", que decorre da valorização e especificação do patrimônio territorial sob a forma de ativos.

Nesse sentido, o presente artigo busca responder a seguinte questão: de que forma o *branding* de território pode contribuir para a valorização do patrimônio territorial? Para responder a essa pergunta, apresenta-se uma experiência de extensão universitária que teve como objetivo a construção de uma logomarca (ou símbolo) para uma cozinha comunitária, localizada na comunidade Candonga, em Morretes, no litoral do Paraná. Entende-se a extensão universitária como um fenômeno interdisciplinar que, como destacaram Frutuoso e Silva (2024, p. 225), prioriza a "reciprocidade de ideias e integração de ações visando à aceitação/participação/apropriação pelas comunidades envolvidas". Assim, por meio do método da pesquisa-ação, essa experiência envolveu professores, estudantes e atores locais em um trabalho coletivo realizado de maneira horizontal e colaborativa.

Além desta introdução, o texto está organizado em quatro tópicos. O primeiro e o segundo apresentam os aspectos teóricos da pesquisa, discutindo os conceitos de

território, patrimônio territorial, *branding* de território e identidade visual. O terceiro tópico apresenta a comunidade e um relato da experiência empírica do processo de construção de um "símbolo" para a Cozinha Comunitária Candonga. Por fim, apresenta-se a conclusão, apontando a contribuição do *branding* de território para a valorização do patrimônio territorial nas estratégias de desenvolvimento sustentável.

Território e patrimônio territorial

Durante muito tempo, o conceito de território esteve reduzido à ideia de nação, e isso o restringiu à noção de território nacional (Souza, 2000). O pensamento geográfico moderno, especialmente a partir de Paul Vidal de La Blache, contribuiu para se pensar o território enquanto uma coevolução entre assentamento humano e meio ambiente (Poli, 2015). Mais recentemente, sob a influência do pensamento de Michel Foucault, o território passou a ser interpretado também a partir das múltiplas relações de poder que nele operam (Raffestin, 1993).

Mas, afinal, o que constitui um território? Para Souza (2000, p. 99), é a territorialidade, ou seja, "certo tipo de interação entre homem e espaço, a qual é, aliás, sempre uma interação entre seres humanos mediatizada pelo espaço". De acordo com Saquet e Briskievicz (2009, p. 8), a territorialidade também é "o resultado do processo de produção de cada território, sendo fundamental para a construção da identidade". Para Santos (1999), o território ajuda a construir a identidade, para que esta, por sua vez, ajude a construir o território, ou seja, um faz o outro. Território, territorialidade e identidade estão imbricados.

Além disso, o território também é constituído por um patrimônio territorial, ou seja, por um conjunto de sedimentos, materiais e cognitivos, herdados das fases anteriores de territorialização e cujo valor é socialmente reconhecido (Poli, 2015). Para Magnaghi (2011), o território é um ser vivo que nasceu da fecundação da natureza por parte da cultura e que tem uma personalidade, uma identidade e um ciclo de vida, ou seja, nasce, vive, morre e

renasce, formando sucessivos ciclos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, que constituem o seu patrimônio territorial.

Saquet e Briskievicz (2009, p. 14) apontam que a identidade também "configura-se num patrimônio territorial a ser preservado e valorizado pelos atores envolvidos diretamente na sua constituição histórica e por outras pessoas que podem 'viver' esse patrimônio". Para Nascimento, Denardin e Quadros (2024a, p. 93), o patrimônio territorial é o que permanece dos processos de desterritorialização e se torna a referência para os processos de reterritorialização, ou seja, "é a referência sobre a qual as sociedades (re)constroem seus territórios".

Numa perspectiva semelhante, Dallabrida (2020) propõe que o patrimônio territorial seja ativado em processos de desenvolvimento territorial. Segundo o autor, essa ativação tem o "potencial de oportunizar o aumento da coesão social e superar as barreiras institucionais limitadoras dos processos de desenvolvimento territorial" (Dallabrida, 2020, p. 69). Para Poli (2015), a ativação do patrimônio territorial precisa incorporar o valor de existência para que a base econômica seja também o motor da identidade, tornando-o um fator determinante para o desenvolvimento dos territórios.

A partir desse debate teórico e conceitual, entende-se que o território é fruto da interação entre os seres humanos e destes com a natureza. Para além das disputas de poder presentes nessa interação, o território é constituído por um patrimônio territorial, que é a referência sobre a qual os sujeitos constroem e reconstroem a sua identidade e a sua territorialidade. Dessa forma, o patrimônio territorial tem um valor de existência que precisa ser priorizado nas estratégias de desenvolvimento para que o seu uso econômico não desvirtue a sua função original.

Branding de território e identidade visual

A ativação do patrimônio territorial em projetos de desenvolvimento requer estratégias de valorização da identidade do território. É nesse sentido que Dallabrida,

Tomporoski e Sakr (2016, p. 673) propõem o *branding* de território, que nada mais é do que "a criação, o fortalecimento e a divulgação da identidade ou imagem de determinado território, advinda de características únicas e diferenciais que o tornam singular perante outros". Os autores enfatizam que, diferentemente do marketing territorial, que é uma estratégia de diferenciação dos territórios para fins competitivos, o *branding* de território busca criar uma marca que tenha valor econômico, mas que também estabeleça laços emocionais e identitários com o território.

Essa perspectiva corrobora a afirmação de Poli (2015), para quem a ativação do patrimônio territorial precisa incorporar valores existenciais. Dessa forma, é preciso criar estratégias de *branding* de território que priorizem o valor de existência do patrimônio territorial, mas que também possibilite o seu uso econômico pelos sujeitos do território. Para Vela (2013), o desenvolvimento de uma marca de território está associado à reinvenção dos lugares a partir da valorização das identidades territoriais.

Vela (2013) também destaca a diferença entre o *branding* corporativo, de propriedade privada e gestão empresarial com foco no mercado, e o *branding* de território, que é um bem coletivo e de gestão pública com interesse social. Nesse sentido, o autor destaca que uma marca de território deve trabalhar prioritariamente para o seu público interno com o objetivo de obter uma identidade coletiva no longo prazo, aspecto que muitas vezes não ocorre em marcas corporativas, que trabalham prioritariamente para um público externo e, na maioria dos casos, em curto prazo para obtenção de resultados imediatos.

O *branding* de território é o processo de criação de uma marca com a capacidade de comunicar, através de um símbolo ou de um *slogan*, a identidade de um território. De acordo com Vela (2013), a marca deve expressar posicionamento e sentimento de pertencimento para os sujeitos do território, além de atuar como um dispositivo que gere percepções positivas do território representado. Vela (2013) destaca, também, que, em muitos casos, a marca já existe no território de forma implícita e, portanto, nesses casos, o que ocorre é um processo de *rebranding*, ou seja, uma adaptação de uma imagem e/ou marca já existente e que é resultado de um longo processo histórico de identificação das pessoas com o espaço onde vivem.

Quando um território ganha uma marca, ele ganha uma identidade visual, ou seja, um símbolo que será associado a ele, sintetizando e comunicando a sua personalidade. Segundo Ribeiro (1987), a identidade visual é um conjunto de elementos gráficos tais como um logotipo, um símbolo gráfico, uma tipografia, e/ou um conjunto de cores que identificam visualmente algo. No caso do território, a identidade visual é o conjunto visual projetado para representar graficamente um território. Trata-se, como destacaram Dallabrida, Tomporoski e Sakr (2016, p. 678), de uma "estratégia de diferenciação, singularidade e comunicação de valores tangíveis e intangíveis".

Construção coletiva de um "símbolo" para a Cozinha Comunitária Candonga

O *branding* de território não pode ser elaborado de maneira individualizada e sem a participação dos sujeitos que compõem o território; é preciso envolvimento, diálogo e trabalho coletivo. A construção do símbolo da Cozinha Comunitária Candonga foi uma das etapas do projeto de extensão universitária "Novos Arranjos de Pesquisa e Inovação – NAPI Alimento e Território", que tem como principal objetivo a reestruturação e reativação da cozinha comunitária da comunidade. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Paraná (CAAE: 79135624.7.0000.0214 sob o parecer número: 6.868.260). Nesse sentido, a extensão se consolidou como um mecanismo de aproximação das atividades realizadas no contexto universitário com a sociedade (Teixeira *et al*., 2024).

A comunidade Candonga está localizada na área rural do município de Morretes, no litoral do estado do Paraná (Brasil), na microbacia do Rio Sagrado. A área faz parte de uma unidade de conservação de uso sustentável que abriga o maior contínuo de Mata Atlântica bem conservada do planeta. A riqueza natural e cultural compõe um patrimônio territorial que é reconhecido e valorizado pela comunidade, que também vem desenvolvendo o turismo comunitário por meio do projeto Caminhos da Mata Atlântica. Uma das iniciativas desse projeto foi a elaboração coletiva de um mapa turístico da comunidade (Figura 1).

Figura 1 – Mapa turístico do Rio Sagrado

Fonte: Turismo [...] (2024).

O mapa sintetiza, de forma artística e com riqueza de detalhes, o patrimônio territorial da comunidade, com destaque para o Rio Sagrado, o Pico Canhembora (ou Pico do X), a cozinha, as cachoeiras, a fauna e a flora, a palmeira Jussara, a produção artesanal de farinha, a criação de abelhas, o artesanato em madeira e cipó, entre outros elementos. Esse patrimônio territorial é a referência sobre a qual a comunidade constrói a sua identidade e

a sua territorialidade e, por meio da associação comunitária, está em processo de ativação no território.

De acordo com Moreira, Croda e Quadros (2024), em 1998, a comunidade organizou a Associação Comunitária Candonga com o objetivo de promover e defender os interesses comunitários. Essa associação construiu a Cozinha Comunitária Candonga com o objetivo de produzir e comercializar os produtos locais e logo se tornou um centro de interação e cooperação da comunidade. No entanto, destacam os autores, as atividades da associação e da cozinha diminuíram e, desde 2023, o projeto NAPI – Alimento e Território vem atuando, por meio do método da pesquisa-ação, na mobilização coletiva para reativá-las.

A pesquisa-ação "é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação" (Thiollent, 2011, p. 20). De acordo com Nascimento, Denardin e Quadros (2024b, p. 3), a pesquisa-ação tem um duplo objetivo: "a construção de conhecimento científico, pela pesquisa; e a resolução de problemas reais, pela ação". Buscando interligar conhecimento e ação para promover ações práticas, o projeto NAPI – Alimento e Território elaborou um diagnóstico junto com a comunidade e, com recurso financeiro da Fundação Araucária (órgão de fomento do estado do Paraná), adquiriu novos equipamentos para a cozinha.

Todas as atividades foram conduzidas de maneira coletiva por meio de reuniões e oficinas, que buscaram promover o protagonismo dos atores sociais, pois acredita-se que o papel da extensão universitária é promover a articulação entre ensino e pesquisa junto à comunidade, buscando a sua qualificação e emancipação (Basso *et al*., 2023). Além dos encontros para elaborar a lista de equipamentos, foram realizadas oficinas de associativismo, reestruturação do regimento interno, identidade visual e rotulagem e um mutirão para a construção de uma cobertura para a área externa da cozinha. Algumas dessas atividades foram descritas por Moreira, Croda e Quadros (2024).

A oficina de identidade visual, objeto deste artigo, foi elaborada em cinco etapas e envolveu a participação de estudantes do curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda do Instituto Superior do Litoral do Paraná (ISULPAR). A primeira etapa foi um levantamento preliminar da história da construção da marca já existente da cozinha e de

como os atores a percebem, pois, como havia destacado Vela (2013), em muitos territórios a marca já existe, logo, o que ocorre é um *rebranding*. Para tanto, organizou-se uma reunião na qual se projetou a logomarca até então utilizada (Figura 2), e os associados foram questionados sobre o que ela representa para a comunidade.

Figura 2 – Primeira logomarca da Cozinha Comunitária Candonga

Fonte: Associação Comunitária Candonga (2024).

A maioria dos associados interpretaram os traços superiores da imagem como os contornos da Serra do Mar, especialmente o Pico Canhembora, e o traço inferior, saindo da letra “g”, como o contorno do Rio Sagrado. Uma das associadas interpretou o traço inferior como o contorno da Estrada das Canavieiras, onde está localizada a cozinha. No geral, todos a interpretaram como uma representação do território, nas palavras de uma das associadas: “*vejo um símbolo, uma visão do lugar*”. Outras associadas destacaram que a logomarca retrata a história e a identidade da cozinha e da comunidade, representando também os produtos que são feitos ali e que vão para outros lugares.

Um associado argumentou que não gosta de chamar de “marca” porque essa ideia está ligada aos produtos de uma economia de mercado. Para ele, trata-se de um

> [...] *símbolo da luta de uma comunidade para manter, preservar seus costumes, tradição e história, não tem como contar a história do Rio Sagrado ou das Canavieiras sem contar a história da cozinha*.

A partir desse argumento e de um aparente consenso dos demais associados, passou-se a utilizar o termo “símbolo” no lugar de “logomarca”, até porque um dos objetivos do *branding* de território é comunicar a identidade por meio de um símbolo.

Uma das associadas contou a história da criação desse símbolo que, segundo ela, foi elaborado entre 2008 e 2010 em parceria com uma universidade. Naquele momento, foram elaboradas várias opções de símbolo (Figura 3) e a comunidade escolheu aquele que melhor a representasse e que tivesse baixo custo de impressão. Ela relatou que, naquela época, os rótulos dos produtos com o símbolo da cozinha aumentaram as vendas e motivaram os associados.

Figura 3 – Modelos de símbolos elaborados entre 2008 e 2010

Fonte: Associação Comunitária Candonga (2024).

Ainda nessa reunião, questionou-se aos associados se eles tinham interesse em alterar o símbolo da cozinha. A maioria disse que não, pois o símbolo tem uma história e já é geralmente associado à cozinha, mas concordaram que pequenos ajustes precisavam ser feitos. Uma das associadas apontou que é preciso ajustar as linhas e alterar a fontes, pois a palavra “Candonga” está desnivelada. Além disso, apontou que é preciso entender

o significado da palavra, pois algumas pessoas a associam a “fofoca”, outras a “união” e outras a “lugar de fuga”.

Com relação a isso, resgatou-se o trabalho de Evangelista (2022), que realizou um estudo da toponímia do Rio Sagrado e afirmou que a palavra Candonga é de origem banta e é uma referência a esconderijo, remetendo ao período da escravidão africana e à formação de quilombos na região. Com o passar do tempo, já no início do século XX, o jornal A República (A República [...], 1919) publicou um glossário com algumas gírias paranaenses, no qual a palavra Candonga aparece como sinônimo de mentiroso e intimidador, o que pode significar uma forma de estigmatização do povo negro. O fato é que a palavra possui vários significados e que a comunidade os conhece.

A segunda etapa da oficina de identidade visual foi a construção de um *briefing* junto à comunidade. O *briefing* é um instrumento de coleta e sistematização das informações necessárias à construção de uma identidade visual, neste caso, de um *branding* de território. A partir dessa etapa, contou-se com a participação dos estudantes de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda do Instituto Superior do Litoral do Paraná (ISULPAR).

Munidos das informações reunidas na primeira etapa da oficina, professores e estudantes se reuniram para elaborar um roteiro para a construção do *briefing*. Esse roteiro foi composto pelas seguintes perguntas: como vocês gostariam que a cozinha/associação fosse identificada? Há símbolos que inspiram a cozinha? Quais elementos que poderiam ser mantidos ou acrescentados no símbolo? Há alguma cor, símbolo ou elemento gráfico que vocês gostariam de evitar ou incluir? Quais emoções ou sentimentos a cozinha deseja transmitir com o símbolo? Para quem os produtos são vendidos hoje? Onde? E no futuro? Qual o número de associados? Quais produtos vocês produzem e pretendem produzir?

Com o roteiro pronto, reuniram-se com a comunidade para construir o *briefing* e dar início à construção e/ou adaptação do símbolo. As respostas foram gravadas e sistematizadas em um mapa mental (Figura 4).

Figura 4 – Reunião de construção do *briefing* e mapa mental dos resultados

(a) (b)

Notas: (a) Reunião; (b) Mapa mental.

Fonte: Os autores (2024).

Grosso modo, a comunidade gostaria de ser identificada como “Cozinha Comunitária Candonga” e o símbolo que mais a inspirava era o utilizado até então, o qual gostariam de manter o formato e alterar as cores da montanha e do rio para verde e azul, respectivamente. Também indicaram que a cor vermelha deveria permanecer e, com relação aos sentimentos, expressaram a “fome” e a “vontade de comer”, tendo em vista que trabalham com produtos alimentícios, mas que também deveria representar a força do trabalho coletivo, a ideia de produto natural e orgânico e a memória afetiva. Relataram que comercializam seus produtos em feiras locais, mas que, no futuro, pretendem levá-los para mercados e feiras regionais. Contam com cerca de 20 associados e pretendem produzir aipim e banana chips, bolos e tortas, derivados da palmeira juçara, farinha de mandioca, geleias e conservas. Ainda nessa reunião, ficou acordado que os estudantes deveriam construir dois símbolos: um completamente novo, no qual poderiam explorar a criatividade, e um redesenho (*rebranding*) do símbolo existente.

Dessa forma, deu-se início à terceira etapa da oficina, que foi a construção dos símbolos a partir das informações do *briefing*. Os estudantes foram divididos em equipes e, com a orientação do professor da disciplina de Criação Publicitária, criaram os novos símbolos para a cozinha (Figura 5).

Figura 5 – Primeira versão dos símbolos novos

Fonte: os autores (2024).

Ainda nessa etapa, foi realizado um seminário, no âmbito da disciplina de Comunicação Socioambiental, para debater sobre os resultados, realizar alguns ajustes e organizar a devolutiva dos símbolos para a comunidade.

A quarta etapa foi a reunião de apresentação dos símbolos para a comunidade. Esse processo foi importante porque não se tratava de escolher um símbolo, mas de apreciar os símbolos que foram construídos, sugerir alterações, comparar e mesclar propostas. Aqueles que apresentaram propostas completamente novas foram logo descartados porque estava evidente, desde o início, que a comunidade tinha forte identificação com o símbolo já utilizado. Os símbolos que tinham propostas mais semelhantes à original foram os preferidos da comunidade, que sugeriu alterações e demandou novas propostas.

Por fim, a quinta e última etapa da oficina consistiu na adaptação dos símbolos de acordo com as demandas da comunidade e na escolha final do símbolo que iria representar a “Cozinha Comunitária Candonga”. Esse processo foi mais rápido, pois as alterações foram pontuais, e logo os estudantes retornaram para a comunidade com uma segunda versão dos símbolos (Figura 6).

Figura 6 – Segunda versão dos símbolos novos

Fonte: Os autores (2024).

Dessa vez, os estudantes levaram os símbolos impressos e com simulações de aplicação nos produtos comercializados pela cozinha (Figura 7).

Figura 7 – Reunião de escolha do símbolo e aplicação dos símbolos aos produtos

(a)

(b)

(c)

(d)

Notas: (a) e (d) Reunião; (c) e (d) Aplicação dos símbolos aos produtos.

Fonte: Os autores (2024).

Depois de um curto debate e de pequenas alterações, a comunidade escolheu o seu novo símbolo (Figura 8).

Figura 8 – Símbolo escolhido pela comunidade

Fonte: Os autores (2024).

É possível perceber que o novo símbolo é semelhante ao símbolo utilizado pela associação até então. Isso reafirma a forte identificação da comunidade com a sua “marca de território” e que o *branding* de território conduzido no âmbito do projeto é, na verdade, um *rebranding*, como já havia apontado Vela (2013). A nova logomarca, ou, como os associados preferem chamar, o novo símbolo, foi construído a partir de elementos que já existiam e que valorizam a conexão com o território.

A palavra Candonga foi escrita com fonte Garet na cor vermelho vivo, em negrito e itálico, com a primeira letra em maiúscula, o que transmite energia e dinamismo. Logo abaixo, a inscrição “Cozinha Comunitária” mantém a mesma fonte, mas em itálico e letras maiúsculas na cor azul, uma escolha que remete à confiança e ao elemento água. As montanhas, representadas em curvas verdes, reforçam a ligação com o território, enquanto as linhas em azul-claro simbolizam o Rio Sagrado, elementos centrais da identidade e da territorialidade. Por fim, os três pássaros no topo das montanhas representam a fauna local, além de expressar liberdade e harmonia, valores que dialogam com o espírito acolhedor e tradicional da “Cozinha Comunitária Candonga”.

Conclusão

O patrimônio territorial tem um valor existencial, vinculado à construção da identidade, e um valor econômico, que pode ser mobilizado para a geração de renda. Nesse sentido, o *branding* de território tem o potencial de contribuir em ambos os aspectos, ou seja, pode estimular o sentimento de pertencimento das pessoas com o território e agregar valor aos produtos com identidade territorial. Isso é possível porque a construção de uma marca ou símbolo para um território inevitavelmente resgata, reconhece e valoriza o seu patrimônio territorial.

Mas esse processo não é automático; o *branding* de território só pode estimular a identidade e agregar valor aos produtos se for construído de maneira coletiva, horizontal e colaborativa. As pessoas se identificam com aquilo que elas ajudaram a construir e/ou participaram da sua idealização. Logo, se o *branding* de território for construído sem a efetiva participação dos atores territoriais, ele até pode agregar valor econômico aos produtos, mas dificilmente contribuirá para a construção de identidade. O *branding* de território, assim como o patrimônio territorial, é um bem coletivo, de gestão pública e de interesse social, portanto, precisa ser construído pelos sujeitos do território.

No caso da experiência empírica aqui apresentada, o método da pesquisa-ação garantiu a participação dos sujeitos no *rebranding* de território. A construção coletiva do símbolo da "Cozinha Comunitária Candonga" uniu os associados e promoveu o fortalecimento de sua identidade territorial. Os associados, especialmente aqueles que ainda não conheciam a história da cozinha, passaram a se apropriar do símbolo e a atribuir sentido a cada traço que o compõe. O patrimônio territorial da comunidade foi, em partes, representado no símbolo, com destaque para a palavra Candonga, bem como a história do seu significado, o Pico Canhembora e o Rio Sagrado, além dos alimentos e do trabalho coletivo, representados no termo "Cozinha Comunitária".

Contribuições individuais de cada autor na elaboração do trabalho

Evandro Cardoso do Nascimento: conceituação, pesquisa, metodologia, visitas a campo, supervisão e orientação, escrita da primeira redação, revisão final e edição final.
Caio Kiryla Rodrigues: pesquisa, metodologia, visitas a campo, criação das logomarcas, revisão final e edição final.
João Pedro Matias do Nascimento: pesquisa, metodologia, visitas a campo, criação das logomarcas, escrita da primeira redação, revisão final e edição final.
Luiza Scislovski Moura Gomes: pesquisa, metodologia, criação das logomarcas, revisão final e edição final.
Oberdan Fernando da Silva Pereira Filho: pesquisa, metodologia, visitas a campo, criação das logomarcas, revisão final e edição final.
Rodrigo de Carvalho Pires: pesquisa, metodologia, visitas a campo, criação das logomarcas, revisão final e edição final.
Valdir Frigo Denardin: conceituação, pesquisa, metodologia, obtenção de financiamento, administração do projeto, visitas a campo, supervisão e orientação e revisão final.

Agradecimentos

Aos associados e às associadas da Cozinha Comunitária Candonga pela efetiva participação no projeto; à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa concedida; à Fundação Araucária pelo financiamento do projeto NAPI – Alimento e Território; e à professora Dra. Fabiana Pelinson e ao professor Cláudio Antonio Flores pelas orientações metodológicas oferecidas durante a elaboração das logomarcas.

Referências

A REPÚBLICA: ÓRGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO PARANAENSE. Curitiba: [*s. n.*], 1919. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=215554&pesq=Candonga&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=33932. Acesso em: 28 jan. 2025.

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA CANDONGA. **Arquivos**. Morretes: [*s. n.*], 2024.

BASSO, L. *et al*. Curricularização da extensão: Propostas de universidades federais paulistas. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, Chapecó, v. 14, n. 2, p. 189-199, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.29327/2303474.14.2-6. Acesso em: 28 jan. 2025.

DALLABRIDA, V. R. Território e governança territorial, patrimônio e desenvolvimento territorial: estrutura, processo, forma e função na dinâmica territorial do desenvolvimento. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 16, n. 2, p. 63-78, 2020. Disponível em: https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/5395. Acesso em: 28 jan. 2025.

DALLABRIDA, V. R.; TOMPOROSKI, A. A.; SAKR, M. R. Do marketing territorial ao *branding* de território: concepções teóricas, análises e prospectivas para o Planalto Norte Catarinense. **Interações**, Campo Grande, v. 17, n. 4, p. 671-685, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.20435/1984-042X-2016-v.17-n.4(10). Acesso em: 28 jan. 2025.

DENARDIN, V. D.; SULZBACH, M. T. Produtos com identidade territorial: o caso da farinha de mandioca no litoral paranaense. *In*: SAQUET, M. A.; SANTOS, R. S. (org.). **Geografia agrária, território e desenvolvimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 219-235.

EVANGELISTA, L. A. S. **Rio Sagrado e a Toponímia**. 2022. Monografia (Graduação em Linguagem e Comunicação) – Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2022. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/79350. Acesso em: 28 jan. 2025.

FRUTUOSO, A. M.; SILVA, J. L. Uma abordagem sobre os fundamentos da extensão universitária: Histórico-conceitual, política pública, inclusão e interdisciplinaridade. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, Chapecó, v. 15, n. 2, p. 211-227, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.29327/2303474.15.2-9. Acesso em: 28 jan. 2025.

MAGNAGHI, A. **El proyecto local**. Hacia uma conciencia del lugar. Barcelona: Ediciones UPC, 2011.

MOREIRA, C. A. B.; CRODA, J. P.; QUADROS, D. A. Pesquisa-ação e o fortalecimento comunitário: o estudo de caso da Associação Comunitária Candonga em Morretes, PR.

Serviço Social em Revista, Londrina, v. 27, n. 2, p. 340-361, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.5433/1679-4842.2024v27n2p340. Acesso em: 28 jan. 2025.

NASCIMENTO, E. C.; DENARDIN, V. F.; QUADROS, D. A. Do Monumento ao Território: o conceito de patrimônio territorial. **Sociedade e Território**, Natal, v. 36, n. 1, p. 76-96, 2024a. Disponível em: https://doi.org/10.21680/2177-8396.2024v36n1ID34427. Acesso em: 7 fev. 2025.

NASCIMENTO, E. C.; DENARDIN, V. F.; QUADROS, D. A. Pesquisa-ação, pesquisa participante e investigação-ação participativa: semelhanças e diferenças. **Acta Scientiarum**. Human and Social Sciences, Maringá, v. 46, n. 3, e71874, 2024b. Disponível em: https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v46i3.71874. Acesso em: 28 jan. 2025.

POLI, D. Il patrimonio territoriale fra capitale e risorsa nei processi di patrimonializzazione proattiva. *In*: MELONI, B. **Aree interne e progetti d'area**. Torino: Rosenberg e Sellier, 2015. p. 123-140.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, M. **Planejamento visual gráfico**. Brasília, DF: Linha Gráfica e Editora, 1987.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. **GEOgraphia**, Niterói, v. 1, n. 1, p. 7-13, 1999. Disponível em: https://doi.org/10.22409/GEOgraphia1999.v1i1.a13360. Acesso em: 28 jan. 2025.

SAQUET, M. A.; BRISKIEVICZ, M. Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 1, n. 31, p. 3-16. 2009. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7437. Acesso em: 28 jan. 2025.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In*: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia**: conceitos e temas. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

TEIXEIRA, L. *et al*. Curricularização da extensão e formação docente: Experiência de estágio docente em atividade de extensão. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, Chapecó, v. 15, n. 1, p. 85-94, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.29327/2303474.15.1-8. Acesso em: 28 jan. 2025.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TURISMO no Rio Sagrado. **Caminhos da Mata Atlântica**, Morretes, 2024. Não paginado. Disponível em: https://campsite.bio/turismoriosagrado. Acesso em: 28 jan. 2025.

VELA, J. S. E. Fundamentos conceptuales y teóricos para marcas de territorio. **Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles**, Barcelona, n. 62, p. 189-211, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.21138/bage.1575. Acesso em: 28 jan. 2025.

REVISTA interagir pensando a extensão

Ação de Educação em Saúde Utilizando um Jogo Educativo sobre Temas Transversais da Adolescência

Health Education Action Using an Educational Game About Transversal Themes of Adolescence

Gabriela Colombi de Lima

Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7635-1980
E-mail: gabrielacolombi@gmail.com

Bruna Oliveira Ungaratti Garzão

Mestranda em Saúde e Ruralidade pela Universidade Federal de Santa Maria
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2822-4017
E-mail: bruna.ungaratti@acad.ufsm.br

Jozéli Fernandes de Lima

Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria
Orcid: https://orcid.org/0009-0002-1491-8763
E-mail: jozeli.lima@acad.ufsm.br

Liane Bahú Machado

Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-1356-373X
E-mail: liane.machado@acad.ufsm.br

Raquel Einloft Kleinübing

Pós-doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7448-4699
E-mail: raquel.kleinubing@ufsm.br

Marinez Koller Pettenon

Docente no Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8988-8290
E-mail: marinez.koller@unijui.edu.br

Recebido em: 17 de outubro de 2024. Aprovado em: 17 de março de 2025.
***Interagir: pensando a extensão**, Rio de Janeiro, n. 39, e2025005, 2025*
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.85986

REVISTA interagir pensando a extensão

RESUMO

Objetivo: relatar a experiência de uma atividade de educação em saúde sobre temas transversais da adolescência por meio de um jogo educativo. Método: trata-se de um relato de experiência de uma atividade de educação em saúde, realizada de julho a agosto de 2019, com 35 adolescentes de uma escola da rede pública estadual do Rio Grande do Sul. Utilizou-se um questionário individual com dados sociodemográficos e questões objetivas, dividido por temáticas: álcool, tabaco e outras drogas, sexualidade e alimentação, aplicado antes e 30 dias após a utilização de um jogo educativo. Resultados: o questionário obteve um aumento de 9,3% de acertos relacionados às temáticas após o uso do jogo, mostrando-se uma ferramenta capaz de potencializar as práticas de educação em saúde com adolescentes. Conclusão: o jogo educativo foi capaz de promover discussões e potencializar conhecimentos sobre temas transversais da adolescência, principalmente os relacionados aos comportamentos de risco à saúde.

Palavras-chave: Adolescência; Comportamentos de Risco à Saúde; Educação em Saúde. Jogos Educativos.

ABSTRACT

Objective: to report on the experience of a health education activity on cross-cutting themes in adolescence using an educational game. Method: This is an experience report of a health education activity carried out from July to August 2019 with 35 adolescents from a state public school in Rio Grande do Sul. An individual questionnaire was used with sociodemographic data and objective questions, divided into themes: alcohol, tobacco and other drugs, sexuality and food, applied before and 30 days after the use of an educational game. Results: the questionnaire obtained an increase of 9.3% in the number of correct answers related to the themes after using the game, proving to be a tool capable of enhancing health education practices with adolescents. Conclusion: the educational game was able to promote discussions and enhance knowledge on cross-cutting issues of adolescence, especially those related to health risk behaviors.

Keywords: Adolescence; Health Risk Behaviors; Health Education; Play and Playthings.

Área de extensão: Ciências da saúde

Introdução

A adolescência é a etapa da vida entre a infância e a idade adulta, dos 10 aos 19 anos. É um período ímpar do desenvolvimento humano e um momento relevante para determinar os pilares para uma boa saúde. O crescimento físico, cognitivo e psicossocial acontece de uma maneira rápida e intensa nos adolescentes. Isso interfere significativamente na forma como eles se sentem, pensam, tomam decisões e convivem com o mundo ao seu redor (WHO, 2023).

O engajamento dos adolescentes em determinadas atividades com potencial comprometimento para a saúde física e mental são caracterizadas como Comportamentos de Risco à Saúde (CRS). Pesquisas apontam que 50 a 65% dos adolescentes manifestam dois ou mais comportamentos de risco (Zappe, 2014).

Aspectos caracterizados como problemáticos no decorrer da adolescência envolvem temáticas como: uso de drogas lícitas e ilícitas, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) e sexualidade, que são tópicos que podem apresentar repercussões de curto a longo prazo. Dessa forma, faz-se necessário implementar ações que objetivem a prevenção de doenças nessa fase da vida, que podem interferir no futuro de forma saudável (Carmo *et al*., 2021).

Em relação aos padrões alimentares de adolescentes, estes estão sujeitos a diversos fatores como a desinformação e as preferências alimentares comuns a essa fase da vida (Bittar; Soares, 2020). Ressalta-se que este é um momento oportuno para a implementação de práticas de educação em saúde, além da promoção de ambientes alimentares que favoreçam o desenvolvimento de hábitos saudáveis.

Sabe-se que os adolescentes pouco procuram as Unidades Básicas de Saúde (UBS). Considerando a escola como um espaço que frequentam diariamente, isso reforça a importância da parceria entre os espaços da saúde e educação com o objetivo da assistência e promoção de saúde e qualidade de vida a alcançar esse público (Carmo *et al*., 2021). Uma das prioridades da Organização Panamericana de Saúde (OPAS) é a promoção da saúde nas escolas, pois este é um ambiente privilegiado e acompanha uma etapa essencial na vida dos adolescentes, que passam por um período intenso de crescimento, desenvolvimento e construção de sua identidade e personalidade (OPAS, 2017).

Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi relatar a experiência de uma atividade de educação em saúde acerca de temas transversais da adolescência, por meio de um jogo educativo.

Método

Trata-se de um relato de experiência em que foi utilizado um jogo educativo como instrumento para uma ação de educação em saúde acerca de temas transversais da adolescência. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola da rede pública estadual da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul (RS). Os participantes foram adolescentes matriculados no oitavo ano do ensino fundamental.

A seleção da escola ocorreu por meio do vínculo já estabelecido com o Projeto de Extensão Universitária Educação em Saúde da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), sendo proposto à escola o desenvolvimento da presente ação. A partir do aceite e da autorização da direção pedagógica do educandário, houve uma aproximação inicial dos pesquisadores com os estudantes, na qual foram apresentados os objetivos e etapas da pesquisa e, em seguida, foi realizado o convite para participação no estudo. Os estudantes que manifestaram interesse receberam o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), que sinalizava sua concordância em participar do estudo, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para assinatura dos pais ou responsáveis.

O período de execução das atividades ocorreu de julho a agosto de 2019. Os participantes foram organizados em cinco grupos com seis estudantes e um grupo com cinco. Foram seguidos os preceitos éticos da Resolução 466/2012, mediante aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNIJUÍ por meio do Projeto Extensão Universitária “Educação em Saúde” sob parecer consubstanciado nº 3.104.922/2019.

Resultados

Participaram da pesquisa 35 (100,0%) adolescentes, sendo 14 (40,0%) do sexo feminino e 21 (60,0%) do sexo masculino; encontravam-se na faixa etária entre 13 e 16 anos. Em relação à raça, 24 (68,5%) identificaram-se da cor branca, seguido de oito (22,8%)

da cor parda. Relacionado ao estudo regular, 28 (80,0%) estão de acordo com o ano escolar e 7 (20,0%) adolescentes apresentaram reprovações.

Na primeira etapa, os adolescentes responderam um questionário individual estruturado com questões fechadas, de autoria das pesquisadoras, elaborado em dois blocos: caracterização sociodemográfica (sexo, idade, raça, residência, estudo regular e reprovações) e 25 questões objetivas, divididas por temáticas: álcool, tabaco e outras drogas, sexualidade, alimentação e uso de fármacos e chás. Contudo, no presente trabalho, será apresentado o recorte dos resultados de 23 questões relacionadas ao uso de drogas lícitas e ilícitas, sexualidade e alimentação.

Na segunda etapa, os grupos de estudantes foram conduzidos para a aplicação do jogo educativo. Utilizou-se um jogo lúdico de tabuleiro denominado “Adolescer”, produzido através de um projeto extensionista da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). O jogo educativo contém um tabuleiro, um dado, seis peões com cores distintas, um posto policial, um bafômetro giratório, dez réplicas de preservativos masculinos e vinte cartões com informações referentes aos estabelecimentos contidos no tabuleiro, a saber: escola, hospital, boate, família e Unidades de Atenção Primária de Saúde e as regras (Dias *et al*., 2014).

A terceira etapa foi realizada 30 dias após a utilização do jogo educativo, em que o segundo bloco do questionário foi reaplicado, buscando avaliar a repercussão do jogo no conhecimento dos adolescentes. Todas as etapas foram executadas por um grupo de cinco alunos da graduação vinculados ao projeto de extensão.

Em relação aos temas transversais, no que diz respeito ao uso de álcool, tabaco e outras drogas, os adolescentes responderam onze questões de múltipla escolha. Na primeira aplicação do questionário, a média de acertos foi de 75,8%; 30 dias após o uso do jogo educativo, a reaplicação do questionário alcançou o resultado de 85,1%. Portanto, é possível afirmar que houve um aumento de 9,3% de acertos nessa categoria quando comparados os resultados em dois momentos.

Relacionado à sexualidade e aos riscos decorrentes das práticas sexuais desprotegidas, como consequência a gravidez e a infecção sexualmente transmissível (IST), evidenciou-se que, na primeira aplicação do questionário, a média de acertos foi de 82,1%; 30 dias após o uso do jogo educativo, a reaplicação do questionário alcançou o resultado de 91,0%. Dessa forma, houve um aumento de 8,9% de acertos quando comparados os resultados em dois momentos.

Por fim, soma-se, ao segundo bloco do questionário, o tema sobre alimentação saudável. Na primeira aplicação do questionário, obteve-se 54,2% de acertos; após o jogo educativo, na segunda aplicação, foram 79,4% de acertos. Evidenciou-se um aumento de 25,1% de acertos quando comparados os resultados em dois momentos.

Portanto, conclui-se que os participantes constituíam um entendimento prévio sobre os assuntos, contudo existem lacunas a serem superadas. Dessa forma, o jogo educativo permitiu, de forma lúdica, construir um raciocínio crítico sobre as determinadas escolhas na adolescência, levando a resultados que poderão repercutir durante toda a vida.

Discussão

O presente estudo identificou que os adolescentes apresentaram uma discrepância em relação à idade-série. As escolas brasileiras apontam um número significativo de reprovações, o que, consequentemente, leva a outro indicador importante: o de distorção idade-série (Gil, 2021). Segundo o Ministério da Educação, em 2023, alunos do ensino fundamental apresentaram uma taxa de 11,7% de distorção idade-série (Brasil, 2023). A distorção idade-série é encarada como um desafio para a educação pública no Brasil, considerando a interferência desse dado na efetivação do direito a uma educação de qualidade para todas as crianças e adolescentes do país. Acredita-se que a intersetorialidade pode ser um caminho para o enfrentamento de problemas na saúde e na educação desse público (Organização Todos pela Educação, 2020).

Relacionado aos temas transversais da adolescência, o uso de álcool, tabaco e outras drogas, os adolescentes demonstram maior desconhecimento quando abordados sobre o uso de drogas ilícitas como crack e maconha. A falta de informação, influência de pessoas, problemas familiares, curiosidade e necessidade de aceitação podem ser fatores motivadores para o uso de drogas. Nesse sentido, entende-se que somente a disponibilidade de informações não é resolutiva na prevenção do uso de drogas entre adolescentes, sendo necessária a atenção a ambientes e situações que expõem e incitam os adolescentes a tais comportamentos (Corrêa *et al*., 2020).

Com relação ao tabagismo, outro estudo evidenciou que existe uma crença entre os adolescentes do sexo feminino, entre 14 e 17 anos, de que o uso de tabaco favorece o emagrecimento ou mantém o peso. Além disso, há uma idealização de que adolescentes que fazem uso de tabaco sejam vistas como parte de um grupo diferenciado, extrovertido e adulto (Reinaldo; Pereira, 2018).

Já o uso de álcool é socialmente aceito no Brasil, o que contribui para o seu uso pelos adolescentes. Além disso, outros fatores podem levar esse público ao consumo do mesmo, tornando esse fenômeno complexo e multifatorial. Como resultado do relato de experiência em tela, a associação do uso do álcool às suas relações sociais pode estar relacionado à necessidade de aceitação e pertencimento grupal de adolescentes, influenciando nas suas escolhas. Destacam-se os amigos como forte fator para o uso de álcool nessa fase da vida (Almeida *et al*., 2021).

Uma pesquisa realizada na região Centro-Oeste do Brasil identificou que o uso de bebida alcoólica é superior em 42% entre maiores de 15 anos (Freitas; Martins; Espinosa, 2019). Além disso, houve maior prevalência da experimentação pelo sexo feminino, representando 58,93%.

Ademais, o consumo de álcool e/ou outras substâncias psicoativas na adolescência é um fator de exposição que está relacionado com a elevação da morbimortalidade mundial por doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) e por causas externas. O consumo de

álcool é considerado um problema social e de saúde pública, pois apresenta alta prevalência de consumo e experimentação cada vez mais precoce (Vieira *et al*., 2019).

Acerca da temática sexualidade, observou-se, no presente estudo, que questões sobre os métodos contraceptivos geraram maior nível de desconhecimento. O ambiente escolar é classificado como principal fonte de informações relacionadas ao sexo, sexualidade, ISTs, métodos contraceptivos e gravidez (Aparecida *et al*., 2021). Já no ambiente familiar, pais ou responsáveis podem se sentir reprimidos e/ou desconfortáveis em conversar sobre determinados assuntos com seus filhos (Costenaro *et al*., 2020).

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2019 apontou questões significativas sobre saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. Os dados mostram que 35,4% dos escolares brasileiros entre 13 e 17 anos já tiveram relação sexual alguma vez (IBGE, 2021).

O início precoce da vida sexual na adolescência torna essa população mais vulnerável às ISTs, principalmente quando esses jovens não aderem a medidas de prevenção. As ISTs são consideradas um fenômeno global, representando um importante problema de saúde pública (Carvalho; Pinto; Santos, 2018). Portanto, é necessário orientar acerca dos métodos de prevenção combinada, uma estratégia que faz uso simultâneo de diferentes abordagens (biomédica, comportamental e estrutural) aplicadas em múltiplos níveis (individual, nas parcerias/relacionamentos, comunitário e social) para responder a necessidades específicas de determinados segmentos populacionais e de alguma forma contribuir para a prevenção das ISTs (Brasil, 2022).

Na aplicação do jogo e dos questionários, as questões relacionadas à temática da alimentação apresentaram maior número de acertos sobre os resultados entre as aplicações do questionário. Entretanto, a concepção dos adolescentes sobre alimentação saudável é limitada ao componente nutricional da alimentação, disseminando-se concepções que tratam somente da ingestão de nutrientes e de comer de três em três horas. Tais conceitos não levam em conta os determinantes da alimentação, tornando os

adolescentes mais suscetíveis a adotar padrões alimentares universalizados e prejudiciais à saúde (Vallin *et al*., 2020).[20]

Em pesquisa realizada com estudantes de escolas de São Paulo (SP), os autores identificaram fragilidades no conhecimento de adolescentes sobre a relação entre alimentação e saúde (Grodzicki *et al*., 2020). Esses dados convergem para os níveis preocupantes de sobrepeso entre esse público, concomitante a uma alta exposição a alimentos ultraprocessados em ambientes que não favorecem práticas alimentares saudáveis (Enes; Camargo; Justino, 2019). Dessa forma, fica evidente a necessidade de realizar ações de educação em saúde que contextualizam as práticas alimentares à realidade dos indivíduos, sendo a escola um potente catalisador dessas práticas (Vallin *et al*., 2020).

Conclusão

A ação por meio do jogo educativo mostrou-se capaz de promover discussões e potencializar conhecimentos sobre temas transversais da adolescência, principalmente os relacionados aos comportamentos de risco à saúde. Considera-se a adolescência uma fase da vida de suma relevância para a disseminação de informações pertinentes acerca das repercussões negativas que a sexualidade desprotegida, o uso de drogas lícitas e ilícitas e a alimentação inadequada podem acarretar à saúde, repercutindo a curto e longo prazo sobre a saúde.

Nos espaços escolares, as ações educativas em saúde possuem potencial de gerar mobilização, reflexão e integração entre os estudantes e profissionais de saúde, proporcionando a criação de vínculo entre ambos. A atividade promoveu a construção de conhecimentos e aprendizados coletivos relacionados a temas importantes de serem trabalhados nessa fase da vida, o que pode repercutir positivamente nas escolhas e comportamentos saudáveis. O protagonismo dos adolescentes em relação às temáticas discutidas também foi respeitado, possibilitando a livre expressão durante a ação educativa.

Em relação às contribuições para o ensino, pesquisa e extensão, destaca-se o potencial transformador da articulação entre as Instituições de Ensino Superior (IES) e o ensino básico. Além disso, salienta-se o PSE como uma importante estratégia de aproximação entre os serviços de saúde e as escolas para promoção da saúde e prevenção dos comportamentos de risco dos adolescentes.

Contribuições individuais

Concepção e desenho do estudo: Gabriela Colombi de Lima, Marinez Koller Pettenon.

Revisão de literatura: Gabriela Colombi de Lima.

Aquisição de dados: Gabriela Colombi de Lima.

Análise e interpretação de dados: Gabriela Colombi de Lima; Bruna Oliveira Ungaratti Garzão; Jozéli Fernandes de Lima; Liane Bahú Machado; Raquel Einloft Kleinübing; Marinez Koller Pettenon.

Elaboração do manuscrito: Gabriela Colombi de Lima; Bruna Oliveira Ungaratti Garzão; Jozéli Fernandes de Lima; Liane Bahú Machado; Raquel Einloft Kleinübing; Marinez Koller Pettenon.

Revisão intelectual do manuscrito: Gabriela Colombi de Lima; Bruna Oliveira Ungaratti Garzão; Jozéli Fernandes de Lima; Liane Bahú Machado; Raquel Einloft Kleinübing; Marinez Koller Pettenon.

Aprovação final da versão submetida à revista: Gabriela Colombi de Lima; Bruna Oliveira Ungaratti Garzão; Jozéli Fernandes de Lima; Liane Bahú Machado; Raquel Einloft Kleinübing; Marinez Koller Pettenon.

Referências

ALMEIDA, C. S. *et al*. Factors associated to alcohol use by adolescents. **Texto & Contexto** – Enfermagem, Florianópolis, v. 30, e20190008, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2019-0008. Acesso em: 15 abr. 2024.

APARECIDA, S. *et al*. Informações sobre sexo e sexualidade na adolescência: uma barreira a ser vencida. **HU Revista**, Juiz de Fora, v. 47, p. 1-7, 2021. Disponível em: http://doi.org/10.34019/1982-8047. Acesso em: 15 abr. 2024.

BITTAR, C.; SOARES, A. Mídia e comportamento alimentar na adolescência. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 28, n. 1, p. 291-308, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAR1920. Acesso em: 15 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Taxa de Distorção Idade-Série**: Brasil, Regiões Geográficas e Unidades da Federação. Brasília, DF: MEC, 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/aids/pt-br/centrais-de-conteudo/pcdts/2022/ist/pcdt-ist-2022_isbn-1.pdf/view. Acesso em: 15 abr. 2024.

CARMO, T. R. G. do *et al*. Competencies in health promotion by nurses for adolescents. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 74, e20200118, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0118. Acesso em: 15 abr. 2024.

CARVALHO, G. R. O.; PINTO, R. G. S.; SANTOS, M. S. Conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis por estudantes adolescentes de escolas públicas. **Revista Adolescência & Saúde**, [*s. l.*], p. 7-17, 2018. Disponível em: https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v15n1a02.pdf. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORRÊA, I. L. *et al*. Adolescência e Drogas: Representações Sociais e Atribuições de Causalidade ao Uso. **PSI UNISC**, Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 2, p. 43-61, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.17058/psiunisc.v4i2.14941. Acesso em: 15 abr. 2024.

COSTENARO, R. G. S. *et al*. Educação Sexual com Adolescentes: promovendo saúde e socializando boas práticas sociais e familiares. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 12, p. 100544-100560, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.34117/bjdv6n12-519. Acesso em: 15 abr. 2024.

DIAS, I. M. V. *et al*. Crescimento, Desenvolvimento e Sexualidade: Uma Interpretação do Adolescente. **Revista da Extensão**, Porto Alegre, n. 9, p. 15-20, 2014. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/revext/article/view/126765. Acesso em: 15 abr. 2024.

ENES, C. C.; CAMARGO, C. M. de; JUSTINO, M. I. C. Ultra-processed food consumption and obesity in adolescents. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 32, p. e180170, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1678-9865201932e180170. Acesso em: 15 abr. 2024.

FREITAS, E. A. de O.; MARTINS, M. S. A. S.; ESPINOSA, M. M. Experimentação do álcool e tabaco entre adolescentes da região Centro-Oeste/Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 1347-1357, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.15582017. Acesso em: 15 abr. 2024.

GIL, N. L. A quantificação da qualidade: algumas considerações sobre os índices de reprovação escolar no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 23, n. 56, p. 184-209, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/15174522-109753. Acesso em: 15 abr. 2024.

GRODZICKI, N. M. B. *et al*. O que os alunos de escola pública e particular da cidade de São Paulo sabem sobre alimentação saudável? **Revista Educação em Saúde**, Anápolis, v. 8, n. 2, p. 83-88, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.37951/2358-9868.2020v8i2.p83-88. Acesso em: 15 abr. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Ministério da Economia. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. **Pesquisa nacional de saúde do escolar**: 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: https://assets-dossies-ipg-v2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/3/2021/10/liv101852.pdf. Acesso em: 15 abr. 2024.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Saúde e sexualidade de adolescentes**: Construindo equidade no SUS. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexualidade_adolescente_construindo_equidade_sus.pdf. Acesso em: 15 abr. 2024.

ORGANIZAÇÃO TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Relatório Anual de Acompanhamento do Educação Já!** São Paulo: Todos pela Educação, 2020. Disponível em: https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/417.pdf?229296618%2F=&utm_source=Download-Relatorio-anual. Acesso em: 15 abr. 2024.

REINALDO, A. M. dos S.; PEREIRA, M. O. Fatores associados ao tabagismo entre adolescentes do sexo feminino. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. spe. 4, p. 156-165, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0103-11042018S412. Acesso em: 15 abr. 2024.

VALLIN, C. *et al*. Alimentação saudável na adolescência: reflexões acerca de comportamentos de estudantes de uma escola pública em Minas Gerais. **Revista de**

Educação Popular, Uberlândia, v. 19, n. 3, p. 193-209, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.14393/REP-2020-53181. Acesso em: 15 abr. 2024.

VIEIRA, I. S. *et al*. Fatores associados a experimentação do álcool entre adolescentes escolares**. Psicologia, Saúde & Doenças**, [*s. l.*], v. 20, n. 2, p. 414-423, 2019. Disponível em: http://doi.org/10.15309/19psd200211. Acesso em: 15 abr. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Adolescent Health. **WHO**, Geneva, 2023. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab_1. Acesso em: 15 abr. 2024.

ZAPPE, J. G. **Comportamento de risco na adolescência**: aspectos pessoais e contextuais. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000956038&loc=2015&l=c49926cd7efbc685.

REVISTA interagir pensando a extensão

MiniCientistas: Formação de Futuros Cientistas no Ensino Fundamental

MiniScientists: Fostering Future Scientists in Elementary Education

Alex da Silva Sirqueira

Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-9982-7512
E-mail: alexsirqueira@uezo.edu.br

Beatriz Francisco Assis

Graduanda em Engenharia de Materiais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0003-4580-6235
E-mail: 2014432012@uezo.edu.br

Raissa Vidal Alcântara

Graduanda em Engenharia de Materiais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0006-3868-5799
E-mail: 1914432038@uezo.edu.br

Resumo

O projeto de extensão denominado MiniCientistas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro tenta aumentar o entusiasmo pelas carreiras científicas. Os encontros abordam diferentes áreas do conhecimento, convidando professores dos diversos cursos do câmpus Zona Oeste para apresentarem suas pesquisas, áreas de atuação, impacto na sociedade e desafios futuros na área. Os alunos e seus responsáveis são recebidos em sala equipada com Datashow, computador, garrafa de água, café, suco de fruta e biscoitos. Vale ressaltar que muitos desses alunos são de regiões carentes da zona oeste. A coleta de dados por meio do preenchimento do formulário não apenas facilitou a organização e logística do projeto MiniCientistas, mas também proporcionou a compreensão da abrangência e distribuição geográfica do projeto. A diversidade de origens dos participantes enriquece a proposta, e também reforça o caráter inclusivo e disseminador do conhecimento proposto no projeto. Ao promover a igualdade de oportunidades entre meninos e meninas, bem como a inclusão de alunos de diversos contextos educacionais, o MiniCientista dissemina a ciência de forma abrangente. Espera-se que essa abordagem contribua

Recebido em: 3 de janeiro de 2025. Aprovado em: 17 de março de 2025.
***Interagir: pensando a extensão**, Rio de Janeiro, n. 39, e2025006, 2025*
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.88952

significativamente para a formação de uma nova geração de cientistas diversificados, engajados e comprometidos com o avanço do conhecimento científico.
Palavras-chave: Divulgação científica; Educação científica infantil; Formação científica na Zona Oeste.

Abstract
The extension project called MiniScientists at the State University of Rio de Janeiro aims to increase enthusiasm for scientific careers. The meetings covered different areas of knowledge, inviting professors from various courses from West Zone campus to present their research, areas of expertise, social impact, and future challenges in the field. Students and their guardians were welcomed in a room equipped with a data projector, computer, water bottles, coffee, fruit juice, and cookies. It is worth noticing that many of these students came from underprivileged regions in the west zone. Data collection through the completion of forms not only facilitated the organization and logistics of the MiniScientists project but also provided an understanding of the project's geographical scope and reach. The diversity of participant backgrounds not only enriched the proposal but also reinforced the inclusive and knowledge-disseminating character proposed by the project. By promoting equal opportunities for boys and girls, as well as the inclusion of students from diverse educational contexts, MiniScientists fulfill the mission of disseminating science comprehensively. This approach is expected to significantly contribute to the formation of a new generation of diverse, engaged, and scientists, committed with the advance of scientific knowledge.
Keywords: Science dissemination; Childhood science education; Scientific training in the west zone.

Área de extensão: Educação

Introdução

A transformação do Sistema Educacional Brasileiro, impulsionada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (Lei nº 9.394/96), reforça a importância de métodos de ensino atualizados. A incorporação de recursos e novas tecnologias de educação podem dar suporte à educação básica, assim como o ensino a distância e a realização de experiências. Porém, as estratégias para enfrentar os desafios educacionais com vistas à interdisciplinaridade são escassas. Diante desse cenário, a abordagem de temas cotidianos emerge como tática eficaz para superar a fragmentação do conhecimento, aproximando os estudantes de uma compreensão holística e contextualizada do ensino.

A educação infantil e o ensino fundamental constituem as primeiras etapas da educação básica, conforme definido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017). A educação infantil, que abrange os campos de experiência e os objetivos de

aprendizagem e desenvolvimento, é essencial na formação integral da criança. Enquanto isso, o ensino fundamental, dividido em anos iniciais e finais, marca o início do processo formal de escolarização. Essas etapas fornecem a base para a formação escolar da criança e compõem o seu desenvolvimento global.

Para garantir a qualidade dessa formação e ampliar a perspectiva de mundo da criança, é essencial que essas etapas sejam enriquecedoras, promovendo experiências significativas de aprendizagem. Além disso, esses momentos constituem uma oportunidade importante para a socialização, à medida que a criança passa a fazer parte de um grupo social mais amplo do que sua família, interagindo com outras crianças de sua faixa etária. Nesse contexto, introduzir a criança ao universo da ciência desde cedo é importante para despertar o interesse por novas descobertas e fomentar a formação de futuros cientistas (Cunha *et al*., 2017).

A educação infantil, diferentemente do que outrora se pensava, não deve oferecer apenas componentes curriculares, mas também proporcionar uma série de vivências que possibilitem à criança a melhor compreensão e apreensão do mundo. Essas vivências partem, inicialmente, daquilo que é importante e significativo para elas, e vão progressivamente se ampliando por meio de experiências sensoriais variadas, atividades de exploração do ambiente, pesquisa, socialização de descobertas, entre outras possibilidades. Esse pensamento deve ser primordialmente aplicado ao ensino fundamental.

O ensino de ciências ao longo da formação da educação básica guia os estudantes desde a infância até a vida adulta, proporcionando-lhes ferramentas necessárias para interpretar o mundo e tomar decisões embasadas em conhecimentos científicos. Esse processo torna-se ainda mais complexo ao lidar com crianças, pois aprender ciências não apenas amplia seu conhecimento, mas também contribui para a formação integral do ser humano.

Entender que o ensino de ciências prioriza a compreensão global, indo além da fragmentação do conhecimento em partes isoladas, como química, biologia e física, é essencial (Bartelmebs *et al*., 2021; Bündchen *et al*., 2019; Castellano *et al*., 2023; Oliveira

et al., 2016; Rocha; Samuel, 2020; Silva *et al*., 2016). O papel do educador é vital, e sua jornada começa no curso de formação universitária. A formação inicial na universidade é apenas a partida para o processo contínuo de desenvolvimento pessoal e profissional, que estende-se por toda a trajetória docente.

Dados do número de inscritos para o vestibular nas áreas de ciências exatas decrescem a cada ano; para as licenciaturas, a queda é vertiginosa. Isso provoca uma grande carência no número de engenheiros, professores, físicos, matemáticos, biólogos e químicos no país (Saccaro, 2019).

Poderia uma instituição de ensino superior, com vocação para difusão da tecnologia na região da zona oeste do Rio de Janeiro, assumir um papel diferenciador? Sim, ao colocar crianças do ensino infantil e fundamental (5 a 13 anos) em contato com experimentos científicos simples, é possível promover um impacto significativo na socialização e nas descobertas dessas crianças. Como mensurar esse impacto? A mensuração pode ser feita por meio de instrumentos como questionários de percepção aplicados antes e depois das atividades, registros de engajamento durante os encontros e relatos dos próprios participantes e seus responsáveis. Dados como o aumento de interesse por temas científicos, melhoria no desempenho escolar em áreas correlatas e até mesmo a ampliação do vocabulário científico das crianças podem ser indicadores mensuráveis. Estudos longitudinais também podem acompanhar o desenvolvimento dessas crianças para avaliar se experiências iniciais desse tipo contribuem para despertar vocações científicas e tecnológicas no longo prazo.

Incentivar novas vocações acadêmicas e tecnológicas deve ser uma tarefa constante na vida de um docente. O ato de transmitir conhecimento e buscar formas criativas de apresentar os conteúdos não só auxilia o aluno a descobrir sua vocação, mas também fortalece sua relação com o aprendizado. Mas, e na fase infantil? Qual deve ser a contribuição de uma instituição de ensino superior para esse segmento? Pode-se, inicialmente, pensar que nenhuma. No entanto, é justamente nessa etapa que as crianças são mais receptivas e curiosas, aprendendo sem preconceitos ou receios. Estes, na maioria das vezes, são construídos posteriormente, muitas vezes devido à influência de terceiros.

Até então, nenhuma criança tem medo de matemática, física ou química. Pelo contrário, o ensino dessas disciplinas, quando associado a atividades lúdicas e práticas, torna-se extremamente prazeroso. Experimentos que utilizam materiais simples e acessíveis podem despertar curiosidade e entusiasmo. É importante destacar que o medo ou aversão às disciplinas exatas geralmente surge mais tarde, alimentado por relatos negativos ou experiências frustrantes.

A pedagogia do fazer aprendendo

Compreender a pedagogia como prática que envolve escolhas políticas e éticas significa reconhecer que ela é moldada por condições sociais e históricas, sendo uma construção que reflete os valores e desafios de cada época. Esse enfoque educacional é impulsionado tanto pela paixão quanto pelo princípio de auxiliar os alunos no desenvolvimento de uma consciência de liberdade. Segundo o autor, a pedagogia não deve restringir seu alcance à sala de aula, mas deve participar ativamente das iniciativas que buscam instigar a produção e construção de significado (Giroux, 2016).

Nessa perspectiva, conceber a educação como um esforço constante no qual os indivíduos se percebem criticamente no mundo é importante (Freire, 2020). Durante esse processo, os educandos desenvolvem sua capacidade de perceber e compreender o mundo não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em constante transformação. A educação, para Freire, vai além da mera adaptação; é a capacidade de aprender para intervir e transformar a realidade, um projeto coletivo em busca de justiça, onde a pedagogia crítica desempenha um papel central.

A literatura comentada (Gadotti, 2003) destaca quatro passos que caracterizam a metodologia de Paulo Freire: (i) Ler o mundo, enfatizando a curiosidade como condição fundamental para o conhecimento; (ii) compartilhar a leitura do mundo lido, utilizando o diálogo como estratégia pedagógica e critério de verdade, uma vez que o conhecimento só é valido quando é compartilhado; (iii) entender a educação como um ato de produção e reconstrução do saber, ressaltando que conhecer não se resume a acumular

conhecimentos, informações ou dados, mas criar vínculos e formar-se; (iv) compreender a educação como um processo pelo qual os indivíduos, ao aprenderem, tornam-se agentes de transformação.

A zona oeste do Rio de Janeiro, composta por 41 bairros, destaca-se por sua diversidade e população. As quatro grandes regiões administrativas são: Bangu, Campo Grande, Santa Cruz e Guaratiba, representando 40% da zona oeste, sendo denominadas "extrema zona oeste". A Figura 1 apresenta o mapa do município do Rio de Janeiro, tendo na área verde a região da zona oeste.

Figura 1 – Mapa do município do Rio de Janeiro

Fonte: Guia [...] (2021).

O crescimento populacional nessa área tem agravado o acesso a serviços essenciais, especialmente na educação, transporte, segurança e cultura, desafiando as políticas públicas. Diante dessa realidade, indaga-se sobre o envolvimento dessa região periférica em iniciativas de reciclagem e preservação ambiental. Essa questão suscitou reflexões entre os educadores sobre as conexões entre a situação socioeconômica e as práticas relacionadas ao meio ambiente (Sirqueira; Santos, 2023).

Nesse diapasão, o projeto "MiniCientistas" propõe auxiliar e estimular a formação de futuros talentos na região da zona oeste do município do Rio de Janeiro. A sua missão de

mostrar um novo mundo às crianças vai além do simples ensino de conceitos científicos: está alinhada com princípios pedagógicos fundamentais (Motta, 2022).

O projeto incorpora a conscientização científica aos fatos do cotidiano ao criar um ambiente participativo, incentivando a reflexão crítica sobre o mundo.

As crianças são estimuladas a explorar ativamente conceitos científicos por meio de experimentos práticos. Considerar as diferentes etapas do desenvolvimento cognitivo das crianças ajuda na adaptação às atividades educacionais de acordo com as necessidades específicas de cada faixa etária.

O projeto valoriza a interação social entre as crianças, promovendo atividades colaborativas que ocorrem na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), proposta por Vygotsky. A ZDP é a diferença entre o que uma criança pode fazer sozinha e o que ela pode fazer com a ajuda de alguém mais experiente. Ao incorporar a mediação de adultos, o projeto "MiniCientistas" oferece suporte para que as crianças expandam seu entendimento científico com a orientação de educadores experientes (Zanella, 1994).

Enfatizar a dimensão transformadora da educação incentiva as crianças a perceberem seu papel como agentes de mudança na sociedade, fomentando um sentido de responsabilidade e propósito.

Assim, ao adotar uma abordagem holística que integra elementos dessas teorias pedagógicas, o "MiniCientistas" pode efetivamente contribuir para o desenvolvimento integral das crianças, não apenas transmitindo conhecimentos científicos, mas também despertando nelas uma paixão duradoura pela ciência e pelo aprendizado. O projeto busca formar futuros talentos e cultivar cidadãos críticos, colaborativos e comprometidos com o avanço da ciência e da sociedade.

Metodologia

O projeto foi realizado no câmpus Zona Oeste da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, situado no bairro de Campo Grande, com visitas aos laboratórios de baixo risco,

realização de práticas e debates sobre ciência, matemática, arte, direito do consumidor e outros.

Para participar do projeto, foram realizadas chamadas no site da UERJ-ZO, com a restrição de participação dos alunos devidamente acompanhados de responsáveis ou com professores das escolas parceiras. Na plataforma Google foi criado um formulário de inscrição para cada encontro. Essa metodologia permitiu que os alunos escolhessem as áreas mais afins.

As turmas foram formadas com 10 alunos e responsáveis, juntamente com a presença de 3 monitores da UERJ-ZO (técnicos ou alunos dos cursos de graduação). Os alunos do ensino fundamental puderam participar com seus professores e/ou responsáveis. Ao possibilitar a participação dos responsáveis durante as experiências, pretendia-se difundir a curiosidade científica na família.

Os encontros abordaram diferentes áreas do conhecimento. A cada encontro foram convidados professores dos diversos cursos da UERJ-ZO para apresentarem suas pesquisas, a área de atuação, o impacto na sociedade e os desafios futuros da área.

Os alunos e seus responsáveis foram recepcionados em uma sala previamente preparada com Datashow, computador, garrafa com água, café, suco de fruta e biscoitos. Vale destacar que muitos desses alunos eram de regiões carentes da zona oeste.

Inicialmente, foi apresentada por slides a UERJ-ZO, os cursos oferecidos e a vocação para o ensino tecnológico na região da zona oeste. Os professores convidados fizeram exposições sobre seus projetos e ocorreu uma roda de conversa com os participantes. Após a etapa de ambientação, os alunos receberam luvas cirúrgicas, óculos de segurança e explicações sobre os cuidados no laboratório.

Resultados e Discussões

O Projeto “MiniCientistas” teve seu início em 2019, sem auxílio financeiro ou institucional, motivado pela iniciativa do professor Alex da Silva Sirqueira (Escola de

Engenharia) e da técnica de laboratório Mônica Santos, no então Centro Universitário Estadual da Zona Oeste, UEZO. Em 2022 a UEZO foi incorporada pela UERJ.

As inscrições foram rapidamente preenchidas, esgotando as 40 vagas disponíveis em apenas um dia. As primeiras práticas consistiram em visitas guiadas aos laboratórios de química, processamento de polímeros, física, biotério e microscopia. Embora com restrições na quantidade de experimentos, a experiência foi profícua e a animação dos alunos contagiante, o que provocou o envolvimento de outros docentes e alunos na proposta.

Os técnicos responsáveis pelos laboratórios e alunos de graduação, orientados pelo professor, fizeram o acompanhamento dos responsáveis nas visitas e na realização das práticas. O projeto conseguiu promover experiências sensitivas e enriquecedoras para as crianças e seus familiares, pois proporcionou o primeiro contato das crianças, e, em muitos casos, dos familiares com a ciência, especialmente no contexto do conhecimento químico e microscópico. Essa abordagem despertou grande interesse na região da zona oeste do Rio de Janeiro, visto que esta é uma região carente de ações culturais, sociais e educacionais do município. Esse período foi de plantar sonhos e possibilidades.

No final de 2019, o projeto recebeu financiamento da FAPERJ, possibilitando a aquisição de equipamentos para a execução dos experimentos, independentes dos equipamentos da faculdade. Dentre esses equipamentos, destacam-se balanças, gerador de Van de Graaff, cronômetros, provetas, kitasatos, pipetas, indicadores de pH, kit de estática, kit de óptica, microscópio, kit de coleta de amostras, pluviômetros, entre outros.

Além dos equipamentos, foram adquiridos reagentes como fenolftaleína, bicarbonato, ácido acético, poliol, isocianto, entre outros. A incorporação desses recursos resultou em um ganho exponencial na qualidade dos experimentos realizados, fortalecendo significativamente a infraestrutura e viabilizando avanços significativos nas investigações conduzidas no âmbito do projeto.

A retomada efetiva do projeto ocorreu em 2022, após o período de isolamento social ocasionado pela pandemia de COVID-19. Foi estabelecida colaboração estratégica com

escolas circunvizinhas, porém, ao realizar a visita, evidenciou-se a limitação na infraestrutura da instituição para acomodar um elevado contingente de alunos externos.

Durante essa visita, constatou-se que a faixa etária compreendida entre 5 e 8 anos demanda uma abordagem diferenciada, centrada em experiências artísticas, como pintura e produção de slime, entre outras. Diante desse diagnóstico, o foco do projeto foi direcionado para a faixa etária a partir dos 9 anos, reconhecendo a necessidade de adaptação e personalização das atividades conforme a maturidade cognitiva das crianças. Ou seja, é importante rever a “transposição didática”.

A carência de iniciativas desse tipo de ação foi manifestada, evidenciada pelo entusiasmo demonstrado pelas escolas em buscar parcerias para visitas regulares. Denominamos esta fase do projeto como "retomada", representando não apenas a reativação formal das atividades, mas também um redirecionamento estratégico para atender de forma mais efetiva as demandas específicas do público-alvo.

Outro aspecto evidente foi a necessidade de conduzir o projeto fora do período acadêmico da UERJ, especialmente durante os períodos de avaliação.

No ano de 2023, com a definição das faixas etárias, foram convocadas duas categorias distintas de participantes, compreendendo a faixa etária de 9 a 11 anos e de 12 a 14 anos. Os resultados foram mensurados através de instrumentos específicos, como a aplicação de questionários de avaliação de aprendizado, formulários de feedback qualitativo e quantitativo dos participantes e seus responsáveis, além da observação direta durante as atividades. Esses métodos permitiram analisar tanto o nível de assimilação dos conteúdos abordados quanto o engajamento dos participantes. Com os recursos adquiridos, foi possível promover uma oficina abordando temas relacionados a pesos e medidas, além de aspectos pertinentes ao direito do consumidor. Essa iniciativa visou estimular o desenvolvimento do senso crítico dos alunos, capacitando-os para a defesa de seus direitos como cidadãos.

A oficina de química no projeto “MiniCientistas” abordou diversos conceitos e práticas da disciplina. Uma das atividades centrais foi a prática das medidas de pH, utilizando o repolho roxo como indicador em diferentes soluções, como água sanitária, bicarbonato,

vinagre, leite, suco de limão, entre outras. Isso permitiu aos participantes compreenderem as variações de acidez e alcalinidade nas substâncias do cotidiano.

Além disso, a oficina incluiu a medida de volume, envolvendo a transferência precisa de líquidos de garrafas para provetas e balões volumétricos, desenvolvendo habilidades práticas e conceituais relacionadas à mensuração volumétrica. Nesta mesma linha de atividade foi avaliada a viscosidade da glicerina por escoamento em copo Ford.

A variação de Entalpia foi estudada por meio da dissolução de cloreto de potássio e diluição de ácido clorídrico, proporcionando aos participantes a compreensão prática das mudanças de energia durante os processos de dissolução de substâncias químicas. Com o auxílio de um termômetro, mediu-se a variação de temperatura antes e após a adição do cloreto de potássio e do ácido clorídrico.

Outro destaque foi a experiência de reações químicas, onde os participantes tiveram a oportunidade de produzir espuma de poliuretano e simular a erupção vulcânica através da mistura de soluções de bicarbonato e vinagre. Essas atividades práticas não apenas cativaram o interesse dos participantes, mas também permitiram a observação direta de fenômenos químicos, estimulando o entendimento das reações e transformações de substâncias.

A oficina de química no projeto MiniCientistas proporciona uma experiência educativa abrangente e envolvente, explorando conceitos fundamentais da disciplina por meio de atividades práticas e contextualizadas. Assim, pretende-se contribuir para a formação científica e o despertar do interesse dos participantes pelo mundo da química.

A oficina de física no projeto foi pensada com o objetivo de proporcionar aos participantes uma experiência prática e lúdica de alguns conceitos fundamentais da física. Dentre os objetivos específicos da oficina, destaca-se a abordagem da indução elétrica por meio do controle de lata de alumínio com cano de PVC, permitindo aos participantes compreenderem os princípios básicos desse fenômeno e sua aplicação na geração de corrente elétrica. O estudo do movimento retilíneo foi explorado através da marcação do tempo de queda de um objeto, promovendo a compreensão da queda livre, aceleração da gravidade e resistência do ar. Foram utilizadas as leis fundamentais que regem o

movimento sob a ação da gravidade. A levitação foi investigada de forma prática com o uso de ímãs flutuantes, demonstrando aos participantes um olhar intrigante e visualmente impactante dos princípios magnéticos envolvidos. Com os ímãs, foi construída uma ponte e carrinhos foram sustentados pela força magnética.

A resistência ao atrito foi analisada por meio da retenção de um palito de churrasco sob a ação de atrito com grãos de arroz, possibilitando aos participantes a observação direta dos efeitos das forças de atrito e a compreensão de suas implicações nos movimentos. Foi relacionado com consumo de gasolina nos transportes, gasto de energia ao caminhar e a eficiência da bicicleta.

A óptica foi explorada através do uso de um kit de óptica, permitindo a manipulação de lentes convergentes e divergentes. Isso possibilitou tratar do tema de miopia, astigmatismo e dificuldades na visão.

A medida de massas foi estudada pela aferição das massas descritas em embalagens de sólidos, desenvolvendo habilidades práticas de medição e estimativa. Com os resultados, discutiu-se o direito do consumidor.

A compreensão dos algarismos significativos foi promovida através da realização de medidas de objetos com auxílio de paquímetros e réguas, desenvolvendo a precisão na leitura e a interpretação de instrumentos de medição. Fez-se a correlação com correção monetária, centavos, as transformações de cruzeiro, cruzado e real. Por fim, a descarga elétrica foi explorada mediante o uso do gerador de Van der Graaf, permitindo aos participantes a vivência direta de fenômenos elétricos e a compreensão dos princípios envolvidos.

Com essa abordagem holística da física e a prática dos conceitos da disciplina, procurou-se desenvolver o interesse e a compreensão dos participantes nessa área da ciência.

A oficina de biologia no projeto MiniCientistas foi elaborada com o objetivo de proporcionar aos participantes a experiência imersiva e educativa no mundo da biologia.

Cada objetivo específico da oficina foi delineado para integrar teoria e prática, visando estimular o entendimento e o interesse pelos conceitos da biologia.

A análise do mundo microscópico foi conduzida através da coleta de amostras do meio ambiente do câmpus, e posterior visualização no microscópio. Essa atividade permitiu aos participantes visualizarem a diversidade microscópica ao seu redor, o que gerou maior compreensão da vida em escala diminuta.

O estudo do corpo humano envolveu a utilização de bonecos anatômicos, fornecendo aos participantes uma visão tridimensional das estruturas corporais do cérebro, pulmões, sistema digestivo e estrutura óssea. Essa abordagem prática facilitou a compreensão da complexidade e da interconexão dos sistemas do corpo humano.

A investigação dos seres vivos foi realizada por meio da utilização de coleção de insetos e anfíbios. Os participantes puderam observar de perto a diversidade e as adaptações desses organismos, ampliando sua compreensão sobre a vida na Terra. O desenvolvimento do feto foi abordado com o uso de bonecos anatômicos, proporcionando uma visão didática do processo de gestação e crescimento embrionário. Essa atividade permite a compreensão concreta dos estágios iniciais da vida.

A oficina de biologia finalizou a visita ao biotério, oferecendo aos participantes a oportunidade de conhecer de perto o ambiente de criação e estudo de animais utilizados em pesquisas científicas.

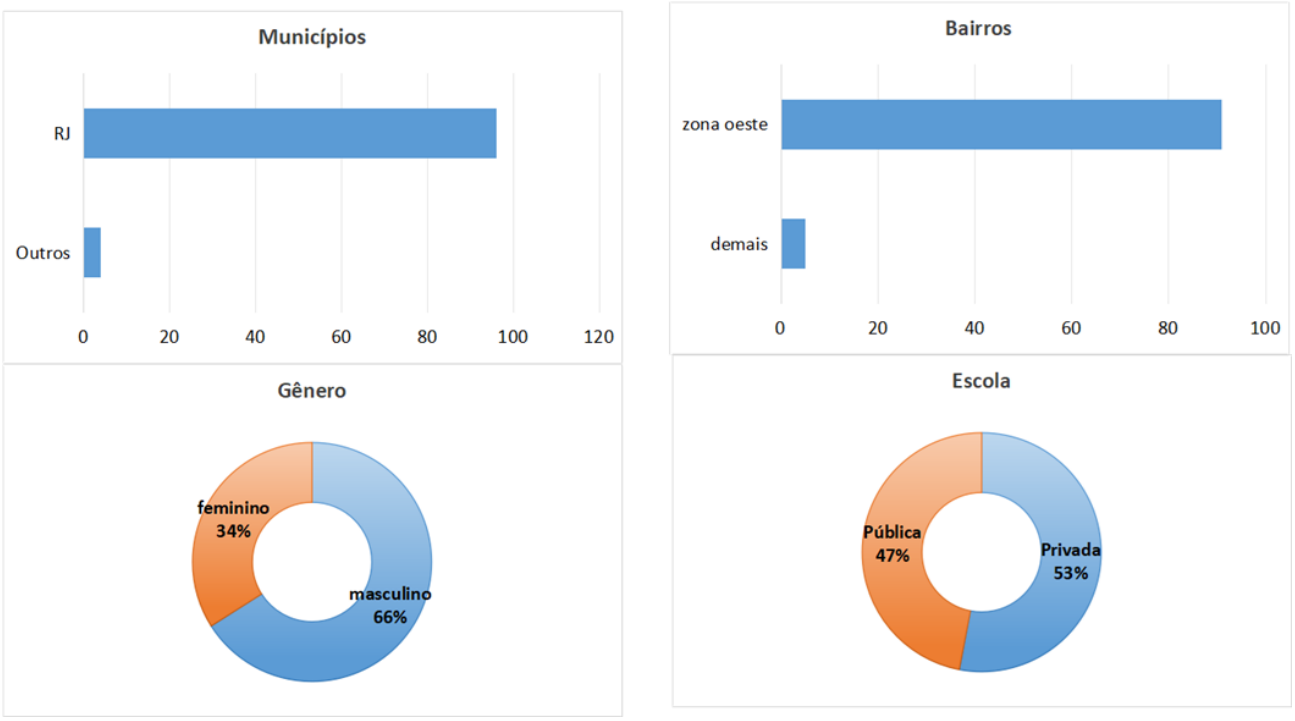
Para o ano de 2025, planeja-se a implementação de clubes de ciências como uma extensão natural do projeto. Em cada mês, serão realizadas duas rodadas de visitas por áreas específicas, viabilizando o aprofundamento no conhecimento e a interação entre os participantes.

Adicionalmente, almeja-se estabelecer parcerias estratégicas com escolas de ensino médio com vistas ao aprimoramento do desempenho dos jovens da região nos exames vestibulares. A expansão do projeto, "MiniCientistas Itinerante", também está em pauta, buscando-se um público mais amplo e diversificado. Essas iniciativas refletem o

compromisso contínuo com a promoção da educação científica e o incentivo ao desenvolvimento acadêmico dos jovens da região da zona oeste.

A Figura 2 apresenta a análise do perfil dos participantes do projeto nos últimos três eventos. O preenchimento detalhado do formulário pelos participantes foi importante para obtenção de informações relevantes para a execução do projeto, permitindo não apenas a identificação da residência dos envolvidos, mas também a delimitação geográfica da abrangência do projeto como um todo. Os dados coletados revelaram que a expressiva maioria, representando 90% dos participantes, reside na região da extrema zona oeste.

Figura 2 – Perfil dos participantes



Fonte: Os autores (2025).

Essa concentração na zona oeste demonstra a forte adesão e participação dos moradores no projeto, indicando resposta positiva à iniciativa na comunidade. A presença significativa desses participantes ressalta o impacto direto do projeto nessa região específica, contribuindo para o fortalecimento do engajamento com a ciência e a educação.

É relevante salientar, no entanto, que o projeto transcende fronteiras geográficas ao atrair a participação de residentes de outros bairros e municípios, como Duque de Caxias e Nilópolis. Essa diversidade geográfica destaca a capacidade do projeto de alcançar públicos variados, ultrapassando os limites territoriais inicialmente propostos.

A presença desses participantes de outras localidades enriqueceu a dinâmica do projeto, o que possibilitou a troca de experiências e conhecimentos entre pessoas de diferentes contextos e realidades. Além disso, essa expansão geográfica contribui para a disseminação do projeto em áreas além da zona oeste, ampliando seu impacto e potencial de transformação em diversas comunidades.

A participação no projeto “MiniCientistas” revelou a distribuição desigual entre os gêneros, com 66% dos participantes masculinos. Esse dado reflete a disparidade que suscita a necessidade de estratégias efetivas para atrair uma representação mais equitativa do gênero feminino no projeto. A inclusão de mais meninas pode contribuir para enriquecer as experiências, perspectivas e habilidades, promovendo a diversidade e a igualdade de oportunidades na participação científica.

Além disso, chama a atenção o fato de que 47% dos participantes são provenientes de escolas públicas. Embora esteja próximo à equidade com o ensino particular, percebe-se a presença mais tímida de estudantes oriundos de escolas públicas, levantando questionamentos sobre os motivos dessa discrepância.

As atividades com o projeto “MiniCientista” foram inicialmente pensadas para o ensino público, não sendo excludente do setor privado. A ciência e a educação científica devem ser acessíveis a todos os estudantes, independentemente da origem ou da instituição de ensino. A promoção da igualdade de oportunidades e a democratização do acesso ao conhecimento científico são pilares fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

A disparidade na participação entre os gêneros e a predominância de alunos de escolas privadas apontam para a necessidade de aprimorar estratégias de divulgação e engajamento, especialmente em instituições de ensino públicas. Iniciativas de sensibilização e parcerias colaborativas podem ser implementadas para aumentar a

participação ativa desses estudantes, reduzindo, assim, as barreiras de acesso e promovendo uma representação mais abrangente e diversificada no projeto.

Ao observar as imagens capturadas durante o projeto, é possível vislumbrar o entusiasmo, a curiosidade e o engajamento dos alunos, refletindo a riqueza das experiências proporcionadas pela iniciativa, Figura 3.

Figura 3 – Oficinas realizadas

Fonte: Os autores (2025).

Foram obtidos termos de autorização assinados pelos responsáveis legais de cada participante, garantindo a conformidade com os requisitos éticos e legais relacionados ao uso de imagens de menores de idade. Esses termos de autorização foram coletados previamente ao início das atividades, detalhando os objetivos do uso das fotografias e assegurando a privacidade e o consentimento dos envolvidos.

As fotografias, cuidadosamente selecionadas, retratam momentos significativos, como a realização de experimentos, a interação entre os participantes e a exploração do mundo científico de maneira prática e dinâmica. Essas imagens não apenas documentam

o processo, mas também capturam a energia contagiante que permeia o ambiente durante as atividades do “MiniCientista”.

Além das fotografias, os desenhos elaborados pelos alunos durante as avaliações oferecem uma perspectiva única sobre como perceberam e internalizaram os conceitos abordados. Essas representações artísticas servem como um registro autêntico das experiências vividas, revelando a compreensão dos participantes sobre os temas explorados no projeto.

Ao analisar o desenho, é possível identificar não apenas a assimilação de conhecimentos científicos, mas também o estímulo à criatividade e à expressão individual. Os desenhos constituem uma forma significativa de avaliação, pois vão além da simples reprodução de informações, refletindo a conexão pessoal dos alunos com o conteúdo aprendido. O desenho traz as práticas de microscopia e indução pelo gerador de cargas.

A apresentação dessas imagens e desenhos não apenas documenta o progresso do projeto “MiniCientistas”, mas também oferece uma visão mais ampla das suas repercussões na vida dos participantes. Esses registros visuais não apenas comunicam a eficácia das atividades, mas também evidenciam o impacto emocional e intelectual que o projeto tem na formação dos jovens cientistas em desenvolvimento.

Conclusões

A coleta de dados por meio do preenchimento do formulário não apenas facilitou a organização e logística do projeto “MiniCientistas”, mas também proporcionou a compreensão da abrangência e distribuição geográfica do projeto. A diversidade de origens dos participantes enriqueceu a proposta e reforçou o caráter inclusivo e disseminador do conhecimento proposto pelo projeto. Ao promover a igualdade de oportunidades entre meninos e meninas, bem como a inclusão de alunos de diversos contextos educacionais, o “MiniCientistas” cumpriu a missão de disseminação da ciência de forma abrangente. Espera-se que esta abordagem contribua significativamente para a formação de uma nova

geração de cientistas diversificados, engajados e comprometidos com o avanço do conhecimento científico.

A apresentação das fotos e dos desenhos não apenas documenta as atividades do projeto, mas também captura a essência do envolvimento e da internalização do conhecimento pelos participantes. Esses registros visuais são testemunhos concretos do sucesso do projeto ao estimular a curiosidade, promover a participação ativa e moldar o futuro de jovens cientistas. O “MiniCientistas”, ao abraçar a diversidade e incentivar a paixão pela ciência, deixa um legado palpável na formação acadêmica e pessoal desses futuros líderes científicos.

Contribuições individuais de cada autor na elaboração do trabalho

Alex da Silva Sirqueira: coordenador do projeto, redação do manuscrito.

Beatriz Fransciso de Assis e Raissa Alcântara: bolsista de extensão, monitoria do projeto e redação.

Agradecimentos

Os autores agradecem à Uerj pela bolsa de extensão e ao cursista João Paulo Ribeiro Porto pela confecção do desenho.

Referências

BARTELMEBS, R. C. *et al*. Formação para o ensino de astronomia: relato de experiência de um curso de extensão. **Expressa Extensão**, Pelotas, v. 26, n. 1, p. 334-349, 29 dez. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: MEC, 2001. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 2 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 3 jun. 2019.

BÜNDCHEN, M. *et al*. "Un mundo a través de las lentes": Las clases de microscopía como estrategia de motivación para el estudio de las Ciencias y biología. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, Chapecó, v. 10, n. 3, p. 109-114, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.24317/2358-0399.2019v10i3.10880. Acesso em: 5 out. 2024.

CASTELLANO, G. *et al*. Projeto M.A.F.A.L.D.A: Meninas na química, física e engenharia para liderar o desenvolvimento em ciência. **Revista Internacional de Extensão Unicamp**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 1-15, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.20396/ijoce.v4i00.18449. Acesso em: 5 out. 2024.

CUNHA, M. B. da *et al*. "Comquímica das crianças": Um projeto de Iniciação à Ciência. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, Chapecó, v. 8, n. 2, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.24317/2358-0399.2017v8i2.5002. Acesso em: 5 out. 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 63. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GADOTTI, M. **Saber aprender**: um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação. Compartilhando o mundo com Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 2003.

GIROUX, H. Pedagogia crítica, Paulo Freire e a coragem para ser político. **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 296-306, 2016.

GUIA de Bairros do Rio de Janeiro. **Portal Loft**, [Rio de Janeiro], 2021. Não paginado. Disponível em: https://portal.loft.com.br/zonas-rio-de-janeiro/. Acesso em: 7 out. 2024.

MOTTA, D. Minicientistas: projeto difunde o interesse pela Ciência entre crianças e jovens na Zona Oeste. **Boletim Faperj**, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: https://www.faperj.br/?id=237.7.1. Acesso em: 5 out. 2024.

OLIVEIRA, L. *et al*. Biotecnologia para crianças: Desmistificando conceitos e difundindo a biotecnologia. **Expressa Extensão**, Pelotas, v. 21, n. 1, p. 162-173, 2016.

ROCHA, R.; SAMUEL, S. Hora da eletrônica: Ensino de eletrônica na escola pública hora da eletrônica. **Expressa Extensão**, Pelotas, v. 1, n. 3, p. 380-390, 2020.

SACCARO, A.; FRANÇA, M. T. A.; JACINTO, P. de A. Fatores Associados à Evasão no Ensino Superior Brasileiro: um estudo de análise de sobrevivência para os cursos das áreas de Ciência, Matemática e Computação e de Engenharia, Produção e Construção

em instituições públicas e privadas. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 49, n. 2, p. 337-373, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0101-41614925amp. Acesso em: 5 out. 2024.

SILVA, R. P. M. *et al*. Programa consCIÊNCIA na CIÊNCIA: Divulgação Científica no Ensino Médio através de um Curso de Férias em Nutrição. **Revista Brasileira de Extensão Univesitária**, Chapecó, v. 7, n. 2, p. 145-153, 2016.

SIRQUEIRA, A. S.; SANTOS, M. C. C. Escolaridade e educação ambiental na região da extrema zona oeste do Rio de Janeiro. **Revista Sociedade e Tecnologia**, Curitiba, v. 19, n. 1, p. 136-148, 2023. Disponível em: http://dx.doi.org/10.3895/rts.v19n55. 15109. Acesso em: 5 out. 2024.

ZANELLA, A. V. Zona de desenvolvimento proximal: análise teórica de um conceito em algumas situações variadas. **Periódicos Eletrônicos em Psicologia**, [*s. l.*], v. 2, n. 2, p. 97-110, 1994.

REVISTA interagir pensando a extensão

Capacitação de Pais e Responsáveis para Introdução Alimentar de Lactentes

Training Parents and Guardians for Infant Food Introduction

Eduardo Alencar Silingowschi

Graduando em Medicina pelo Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0009-8281-0819
E-mail: eduardo.silingowschi@sou.fae.br

Arthur da Costa Mega

Graduando em Medicina pelo Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0004-2697-0416
E-mail: arthur.mega@sou.fae.br

Lívia Zanuzzi Tabai

Graduanda em Medicina pelo Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0007-5566-9229
E-mail: livia.tabai@sou.fae.br

Giovanna Vallim Jorgetto

Docente em Medicina pelo Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0001-6910-4463
E-mail: giovanna.jorgetto@prof.fae.br

Claudia Camargo de Carvalho Vormittag

Docente em Medicina pelo Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-6472-605X
E-mail: claudia.vormittag@prof.fae.br

Danielly Cristini Marini

Docente em Medicina pelo Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0003-0700-7603
E-mail: danielly.marini@prof.fae.br

Recebido em: 25 de novembro de 2025. Aprovado em: 17 de março de 2025.
***Interagir: pensando a extensão**, Rio de Janeiro, n. 39, e2025008, 2025*
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.88261

Resumo

Objetivou-se capacitar pais e responsáveis sobre a introdução alimentar de lactentes e os riscos associados ao consumo de alimentos ultraprocessados, a fim de promover práticas alimentares saudáveis. Para tanto, foi utilizada a abordagem qualitativa em ações educativas na ESF Dr. Alexis Hakim, abrangendo sessões com palestras interativas, folders informativos e atividades práticas para avaliar o conhecimento dos participantes antes e após a intervenção. As atividades ocorreram entre setembro e outubro de 2024, e a amostra incluiu pais de lactentes entre 6 meses e 2 anos. Os resultados mostraram um aumento significativo no conhecimento dos pais sobre a importância de uma alimentação equilibrada, bem como uma melhor compreensão dos riscos dos alimentos processados. Os participantes passaram a identificar alimentos mais saudáveis e demonstraram interesse em aplicar o aprendizado na rotina familiar. Como conclusão destaca-se a eficácia das atividades educativas em promover conscientização sobre nutrição infantil, sendo essencial a continuidade dessas ações para prevenir problemas nutricionais e fomentar hábitos saudáveis na infância. A principal limitação foi a restrição geográfica e a pequena amostra, sugerindo a ampliação do projeto para uma análise mais representativa.
Palavras-chave: Criança; Alimentos Infantis; Educação Alimentar e Nutricional; Educação em Saúde.

Abstract

This study aimed to educate parents and guardians on the introduction of infant foods and the risks associated with consuming ultra-processed foods, to promote healthy eating practices. A qualitative approach was used in educational sessions at the ESF Dr. Alexis Hakim, involving interactive lectures, informational brochures, and practical activities to assess participants' knowledge before and after the intervention. Activities took place between September and October 2024, with a sample of parents of infants aged 6 months to 2 years. Results showed a significant increase in parents' knowledge regarding the importance of balanced nutrition and an improved understanding of the risks of processed foods. Participants became more able to identify healthier foods and expressed interest in applying what they learned to their family routines. The study concludes that educational activities effectively raised awareness on child nutrition, emphasizing the need to continue these efforts to prevent nutritional issues and encourage healthy habits in early childhood. The primary limitation was the geographic scope and small sample size, suggesting the need to expand the project for a more representative analysis.
Keywords: Child; Infant Food; Food and Nutrition Education; Health Education.

Área de extensão: Saúde Coletiva

Introdução

A desnutrição em todas as suas formas é um problema global de saúde pública, afetando milhões de pessoas e resultando em sérios danos à saúde física e mental (PAHO, 2024). Diversos distúrbios podem ser causados por uma dieta inadequada, resultando em

deficiências nutricionais que afetam o crescimento, o funcionamento do organismo e a saúde em geral, sendo importante destacar que *doenças* como diabetes, obesidade e hipertensão têm uma relação direta com os hábitos alimentares de um indivíduo (Silva; Motta; Casemiro, 2021).

Diante do aumento significativo da obesidade infantil em todo o mundo e dos problemas de saúde associados a esse fenômeno (UNICEF, 2023), entender os padrões alimentares das crianças e incentivar uma alimentação mais saudável tornou-se cada vez mais urgente. Pesquisas indicam que a exposição a muitos fatores de risco de doenças não transmissíveis começa frequentemente na infância, com consequências graves na vida adulta. Por exemplo, o sobrepeso e a obesidade infantil estão associados a um maior risco de mortalidade prematura e morbidade física na idade adulta, com impactos duradouros e graves (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019). Alimentos industrializados, geralmente ricos em calorias vazias, açúcares, gorduras saturadas, sódio e aditivos, fornecem poucos nutrientes em comparação aos alimentos frescos e não processados. Embora sejam convenientes e de fácil acesso, o consumo excessivo desses produtos pode resultar em carências nutricionais e em problemas de saúde prolongados (Monteiro *et al*., 2019).

O aumento no consumo de alimentos industrializados está fortemente associado ao desequilíbrio nutricional. Esses produtos, frequentemente ricos em açúcares, gorduras saturadas e sódio, contribuem para o desenvolvimento de diversas doenças crônicas. Além disso, apresentarem baixo teor de vitaminas, minerais e fibras, componentes essenciais para o bom funcionamento do organismo. Como resultado, pessoas que têm uma dieta predominantemente composta por alimentos processados correm o risco de não obter os nutrientes necessários para um desenvolvimento saudável e manutenção da saúde (Louzada *et al*., 2021). Em relação às crianças em idade pré-escolar, que corresponde ao período entre 2 e 7 anos, ocorre uma desaceleração no crescimento físico e na demanda energética em comparação com os primeiros anos de vida e a fase escolar. Durante essa fase, as crianças começam a desenvolver preferências alimentares baseadas em sabores, cores e texturas, influenciando suas escolhas alimentares no futuro. Nesse estágio, as escolhas alimentares das crianças são amplamente determinadas pelos hábitos familiares,

sendo moldadas pela observação e imitação de padrões alimentares dos pais e outras pessoas de seu convívio (Grammer, 2022).

Durante a pandemia de COVID-19, o consumo de alimentos industrializados aumentou consideravelmente (Hajipoor, 2023). Infelizmente, as crianças são um dos grupos mais vulneráveis às deficiências nutricionais decorrentes desse tipo de alimentação. Como estão em uma fase crucial de desenvolvimento, suas necessidades nutricionais são específicas e fundamentais para garantir um crescimento adequado e saudável. No entanto, o consumo elevado de alimentos processados pode levar à falta de vitaminas, minerais e outros nutrientes essenciais, expondo as crianças a riscos de doenças crônicas e comprometendo seu desenvolvimento físico e cognitivo (Monteiro *et al*., 2019).

Assim, a deficiência nutricional continua sendo uma questão de preocupação global, especialmente diante do aumento do consumo de alimentos industrializados nos últimos anos e durante a pandemia de COVID-19 (Silva; Santos; Oliveira, 2021). Entre os principais fatores que impactam a saúde das crianças em idade pré-escolar estão o consumo excessivo de alimentos ultraprocessados, ricos em açúcares, gorduras saturadas e sódio, que contribuem para obesidade, diabetes e doenças cardiovasculares. Além disso, a introdução alimentar precoce e inadequada, muitas vezes com alimentos industrializados, pode levar a deficiências nutricionais e comprometer o desenvolvimento saudável. Outro fator relevante é a insegurança alimentar, intensificada pela pandemia, que dificultou o acesso a alimentos saudáveis e afetou a qualidade da dieta infantil. Dados recentes indicam que, em 2022, 33,1 milhões de pessoas no Brasil enfrentavam fome, refletindo um aumento significativo em relação aos anos anteriores (REDE PENSSAN, 2022). Além disso, a pandemia levou ao fechamento prolongado das escolas, interrompendo programas de alimentação escolar e exacerbando a insegurança alimentar entre crianças e adolescentes (Câmara dos Deputados, 2021). Esses aspectos reforçam a importância de políticas públicas voltadas à nutrição adequada, como a implementação de programas de segurança alimentar e a garantia de acesso contínuo a refeições escolares, mesmo em situações de crise. Analisar as mudanças nos padrões alimentares e no estado nutricional dessas crianças é essencial para identificar possíveis problemas de saúde decorrentes desse cenário. Além disso, a introdução adequada de alimentos na dieta infantil é crucial para

evitar distúrbios de desenvolvimento e formação de maus hábitos alimentares (Brasil, 2021).

Diante do que foi apresentado, o presente trabalho visa promover a educação em saúde direcionada a pais e responsáveis, abordando especificamente o tema da introdução alimentar para lactantes. Esta iniciativa foi realizada em uma Unidade de Saúde situada na área de atuação, bem como em uma escola particular localizada fora desse território. O intuito é proporcionar informações adequadas e fundamentadas que auxiliem na compreensão das melhores práticas de alimentação para crianças em fase de lactância, contribuindo assim para a formação de hábitos alimentares saudáveis desde os primeiros anos de vida.

Metodologia

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, com o objetivo de avaliar o conhecimento e promover a conscientização sobre hábitos alimentares saudáveis e o desenvolvimento infantil entre os pais e responsáveis de lactentes. A pesquisa foi realizada na Unidade de Estratégia de Saúde da Família (ESF) Dr. Alexis Hakim, localizada no município de São João da Boa Vista, São Paulo. A coleta de dados ocorreu durante os meses de setembro e outubro de 2024, sendo a população do município estimada em aproximadamente 92.535 habitantes, segundo o Censo 2022 (IBGE, 2023) e população da ESF onde se realizou o estudo de aproximadamente 12 mil pessoas.

Parceria com Instituições de Saúde

As atividades do estudo foram desenvolvidas em parceria com o Departamento de Saúde do município de São João da Boa Vista/SP, na ESF Dr. Alex Hakim. O foco foi entender o impacto dos alimentos ultraprocessados no desenvolvimento dos lactentes e oferecer suporte para a promoção de hábitos alimentares saudáveis. A interação com os profissionais de saúde foi essencial para a execução das atividades.

População e Critérios de Inclusão/Exclusão

A pesquisa envolveu a participação de 16 pais e responsáveis por lactentes com idades entre seis meses e dois anos. Os participantes foram selecionados de forma aleatória, com base nos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos para o estudo:

Critérios de Inclusão

- Pais ou responsáveis por lactentes entre seis meses e dois anos de idade.
- Participantes residentes no município de São João da Boa Vista.
- Disponibilidade para participar de todas as etapas do estudo (preenchimento de questionários, participação nas palestras e/ou ações educativas).

Critérios de Exclusão

- Pais ou responsáveis que não assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
- Lactentes com condições de saúde que exigem dietas específicas ou restrições alimentares (ex.: alergias alimentares graves).
- Participantes que não puderam estar presentes em todas as fases do estudo.

Coleta de Dados

A coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de questionários durante os encontros para as ações educativas, palestras interativas e atividades lúdicas, a fim de avaliar o conhecimento pré e pós-intervenção sobre a alimentação infantil. O questionário inicial foi aplicado para avaliar o conhecimento prévio dos participantes acerca da

alimentação de lactentes. Posteriormente, foram realizadas sessões informativas, que incluíram a montagem lúdica de pratos alimentares, utilizando imagens e alimentos simbólicos e a distribuição de um folder educativo. Por fim, foi aplicada uma palestra interativa, seguida de discussão em grupo, com enfoque no impacto dos alimentos ultraprocessados no desenvolvimento infantil. Ao final das atividades, os participantes preencheram um segundo questionário para avaliar a retenção e aplicação do conhecimento adquirido.

Características dos Locais de Estudo

ESF Dr. Alexis Hakim

A ESF Dr. Alexis Hakim, atende cerca de 12 mil pessoas, dividida em três equipes e oferece infraestrutura para a realização das atividades, devido inclusive por haver dias e horários próprios para atendimento de pediatria.

Descrição das Ações

As ações foram estruturadas em quatro etapas principais:

1. Montagem lúdica de pratos alimentares: Utilizando imagens e alimentos simbólicos para demonstrar o conceito de uma alimentação saudável para lactentes.
2. Palestras interativas com uso de slides: Sessões que promoveram a interação e discussão com os pais sobre a importância da alimentação adequada no desenvolvimento infantil.

3. Distribuição de folders educativos: Materiais com informações relevantes sobre a introdução alimentar e os riscos dos alimentos ultraprocessados, entregues aos participantes.
4. Aplicação de questionários: Avaliação dos conhecimentos dos participantes antes e após a intervenção educativa, a fim de medir a retenção e a eficácia do conteúdo apresentado.

Aspectos Éticos

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFAE, sob no. CAAE 79790424400005382, vinculado a um projeto guarda-chuva. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias de igual teor, sendo que uma via lhes foi entregue. A identidade dos participantes foi preservada em todas as etapas, conforme as diretrizes da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Os dados coletados foram armazenados com segurança, tanto em formato físico quanto digital, com acesso restrito aos pesquisadores envolvidos.

Informamos que não há qualquer conflito de interesse, incluindo interesses políticos e/ou financeiros associados a patentes ou propriedade, provisão de materiais e/ou insumos e equipamentos utilizados no estudo pelos fabricantes.

Análise dos Dados

A análise dos dados foi conduzida de forma qualitativa e quantitativa, baseada nas respostas dos questionários aplicados antes e depois das intervenções educativas. Para a comparação dos dados e a verificação da retenção de conhecimento, foi utilizada uma análise estatística descritiva, conduzida no software Microsoft Excel, por meio do cálculo da frequência das respostas e da identificação de tendências nos questionários. Além disso, as observações feitas durante as atividades foram registradas por meio de anotações dos pesquisadores, contemplando interações, dúvidas e feedbacks dos participantes. Esses

registros complementaram as respostas dos questionários, contribuindo para uma avaliação mais abrangente do impacto das ações educativas no conhecimento e comportamento dos envolvidos.

Resultados

A execução das atividades educativas, que incluíram a apresentação de uma palestra interativa, a distribuição de um folder educativo e a aplicação de questionários pré e pós-intervenção, gerou resultados significativos no aumento do conhecimento sobre a introdução alimentar e os riscos associados ao consumo de alimentos ultraprocessados entre os pais e responsáveis de lactentes.

Abordagem com pacientes da ESF - Dr. Alex Hakim

Foi realizada uma abordagem didática com intuito de informar os responsáveis de lactentes a respeito dos benefícios de uma alimentação saudável e os malefícios que hábitos não saudáveis podem trazer para o desenvolvimento das crianças, buscando utilizar uma linguagem simplificada para facilitar a comunicação e compreensão entre os participantes abordados (Figura 1).

Palestra Interativa

A palestra interativa foi conduzida utilizando slides didáticos, os quais abordaram de maneira clara e detalhada a importância da alimentação saudável durante os primeiros anos de vida, com ênfase nos lactentes (Figura 2). A exposição destacou os riscos à saúde decorrentes do consumo de alimentos ultraprocessados, bem como a importância de uma dieta balanceada e rica em nutrientes para o desenvolvimento infantil adequado.

A abordagem interativa, que incluía momentos de perguntas e discussões, gerou um alto engajamento por parte dos participantes. Pais e responsáveis demonstraram grande interesse em compreender as melhores práticas para a alimentação infantil, além de expressarem dúvidas e preocupações relacionadas aos hábitos alimentares de seus filhos. A troca de experiências entre os presentes também enriqueceu o debate, possibilitando que compartilhassem suas dificuldades e desafios na implementação de hábitos alimentares saudáveis no ambiente familiar.

Figura 1 – Abordagem aos pacientes responsáveis por lactentes na PSF- Alexis Hakim

Fonte: Autores (2024).

Ao final da palestra, os participantes relataram maior clareza sobre os efeitos de desnutrição infantil gerada a partir de seus próprios atos, sendo elas geradas involuntariamente.

Figura 2 – Slides utilizados na palestra com os pais e responsáveis pelo lactente

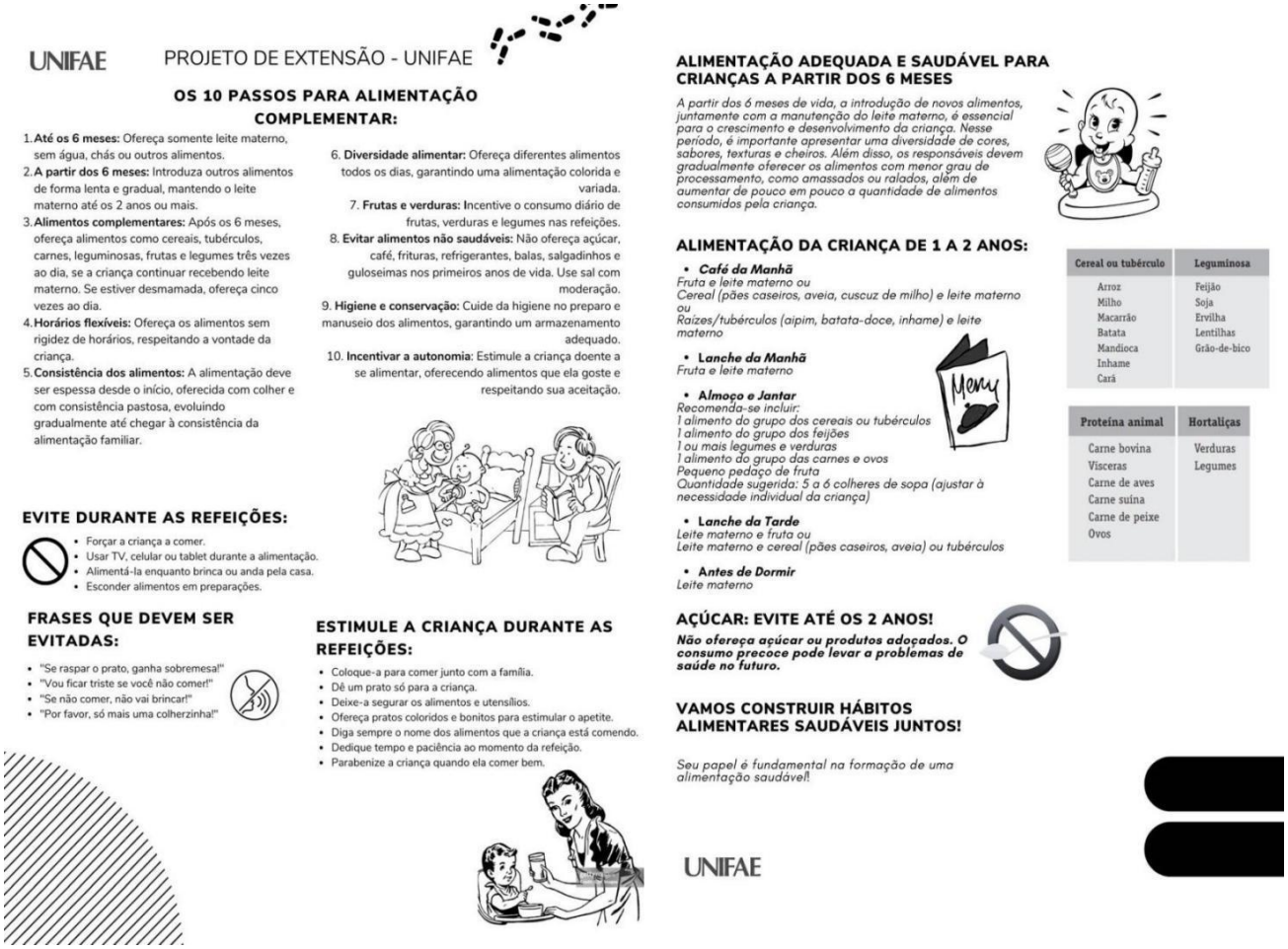
Fonte: Autores (2024).

Folder Educativo

O folder educativo (Figura 3) que foi distribuído ao final da palestra serviu como uma ferramenta de apoio para consolidar as informações apresentadas. O material, visualmente atrativo e elaborado com uma linguagem acessível, reforçou os conceitos abordados durante a palestra, com destaque para as diretrizes nutricionais recomendadas e a importância de uma introdução alimentar correta para lactentes.

Os participantes relataram que o folder foi uma fonte valiosa de consulta para a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos, auxiliando-os a tomar decisões mais informadas sobre a alimentação de seus filhos. Muitos afirmaram que o material visual contribuiu para fixar os pontos mais importantes, facilitando a revisão e a compreensão dos temas discutidos.

Figura 3 – Folder Educativo entrega os pais ou responsáveis pelo lactante



Fonte: Autores (2024).

Questionário Pré e Pós-Intervenção

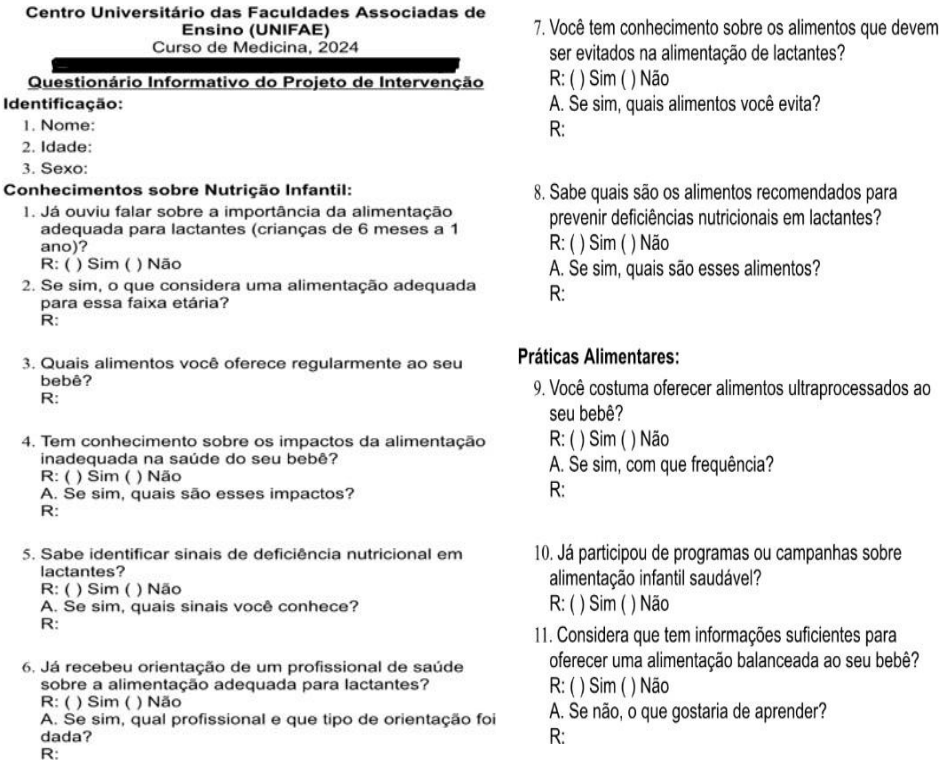
A análise dos questionários aplicados (Figuras 4 e 5) antes e após a intervenção evidenciou um aumento significativo no nível de conhecimento dos participantes sobre os

princípios da alimentação infantil e os riscos do consumo de alimentos ultraprocessados. Os dados indicaram uma evolução clara no entendimento dos pais e responsáveis sobre os impactos nutricionais das escolhas alimentares feitas para os lactentes.

No questionário pré-intervenção, grande parte dos participantes demonstrou um conhecimento limitado sobre a importância de uma dieta equilibrada, bem como sobre os malefícios associados aos alimentos processados. Muitos tinham dúvidas quanto à escolha de alimentos adequados para a introdução alimentar de seus filhos e desconheciam os riscos de certos alimentos que, apesar de comuns, podem ser prejudiciais à saúde infantil.

Após a palestra e o uso do folder educativo, os resultados do questionário pós-intervenção mostraram uma melhora substancial na identificação de alimentos saudáveis, no entendimento dos princípios da introdução alimentar e na conscientização sobre os efeitos negativos do consumo excessivo de alimentos processados. Os dados quantitativos e qualitativos indicaram que os participantes adquiriram um maior embasamento para tomar decisões alimentares mais adequadas e saudáveis para seus filhos.

Figura 4 – Questionário pré-intervenção



Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino (UNIFAE)
Curso de Medicina, 2024

Questionário Informativo do Projeto de Intervenção

Identificação:

1. Nome:
2. Idade:
3. Sexo:

Conhecimentos sobre Nutrição Infantil:

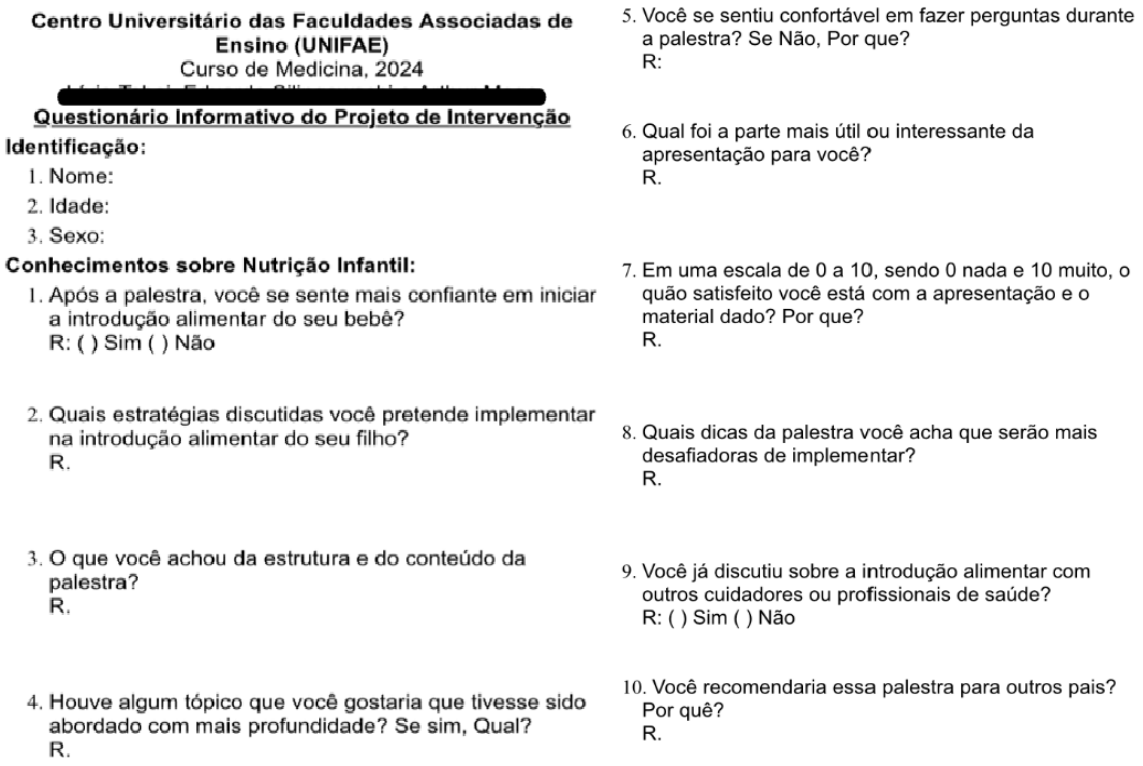
1. Já ouviu falar sobre a importância da alimentação adequada para lactantes (crianças de 6 meses a 1 ano)?
   R: ( ) Sim ( ) Não
2. Se sim, o que considera uma alimentação adequada para essa faixa etária?
   R:
3. Quais alimentos você oferece regularmente ao seu bebê?
   R:
4. Tem conhecimento sobre os impactos da alimentação inadequada na saúde do seu bebê?
   R: ( ) Sim ( ) Não
   A. Se sim, quais são esses impactos?
   R:
5. Sabe identificar sinais de deficiência nutricional em lactantes?
   R: ( ) Sim ( ) Não
   A. Se sim, quais sinais você conhece?
   R:
6. Já recebeu orientação de um profissional de saúde sobre a alimentação adequada para lactantes?
   R: ( ) Sim ( ) Não
   A. Se sim, qual profissional e que tipo de orientação foi dada?
   R:
7. Você tem conhecimento sobre os alimentos que devem ser evitados na alimentação de lactantes?
   R: ( ) Sim ( ) Não
   A. Se sim, quais alimentos você evita?
   R:
8. Sabe quais são os alimentos recomendados para prevenir deficiências nutricionais em lactantes?
   R: ( ) Sim ( ) Não
   A. Se sim, quais são esses alimentos?
   R:

Práticas Alimentares:

9. Você costuma oferecer alimentos ultraprocessados ao seu bebê?
   R: ( ) Sim ( ) Não
   A. Se sim, com que frequência?
   R:
10. Já participou de programas ou campanhas sobre alimentação infantil saudável?
    R: ( ) Sim ( ) Não
11. Considera que tem informações suficientes para oferecer uma alimentação balanceada ao seu bebê?
    R: ( ) Sim ( ) Não
    A. Se não, o que gostaria de aprender?
    R:

Fonte: Autores (2024).

Figura 5 – Questionário pós-intervenção



Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino (UNIFAE)
Curso de Medicina, 2024
[redacted]
Questionário Informativo do Projeto de Intervenção

Identificação:

1. Nome:
2. Idade:
3. Sexo:

Conhecimentos sobre Nutrição Infantil:

1. Após a palestra, você se sente mais confiante em iniciar a introdução alimentar do seu bebê?
   R: ( ) Sim ( ) Não
2. Quais estratégias discutidas você pretende implementar na introdução alimentar do seu filho?
   R.
3. O que você achou da estrutura e do conteúdo da palestra?
   R.
4. Houve algum tópico que você gostaria que tivesse sido abordado com mais profundidade? Se sim, Qual?
   R.
5. Você se sentiu confortável em fazer perguntas durante a palestra? Se Não, Por que?
   R:
6. Qual foi a parte mais útil ou interessante da apresentação para você?
   R.
7. Em uma escala de 0 a 10, sendo 0 nada e 10 muito, o quão satisfeito você está com a apresentação e o material dado? Por que?
   R.
8. Quais dicas da palestra você acha que serão mais desafiadoras de implementar?
   R.
9. Você já discutiu sobre a introdução alimentar com outros cuidadores ou profissionais de saúde?
   R: ( ) Sim ( ) Não
10. Você recomendaria essa palestra para outros pais? Por quê?
    R.

Fonte: Autores (2024).

Discussão

Os resultados das ações educativas voltadas para a introdução alimentar de lactentes evidenciam um impacto significativo no aumento do conhecimento dos pais e responsáveis sobre a importância de uma alimentação saudável e os riscos associados ao consumo de alimentos ultraprocessados. A análise dos questionários aplicados antes e depois das intervenções demonstra uma evolução clara na conscientização sobre práticas alimentares mais adequadas, refletindo a eficácia das estratégias adotadas na unidade de saúde onde se realizou este estudo.

Na Unidade de Saúde Dr. Alexis Hakim, a simplificação da linguagem e a abordagem direta facilitaram a compreensão dos temas abordados, principalmente para um público com pouca familiaridade com conceitos técnicos de nutrição. Esse ambiente informal e

acessível permitiu que os participantes compreendessem melhor a relação entre uma alimentação inadequada e o surgimento de problemas de saúde na infância, como a desnutrição e a obesidade. Resultados semelhantes foram observados por Andrade e Vale (2022), que demonstraram que o uso de uma linguagem adaptada ao público-alvo aumenta a eficácia de programas educativos sobre alimentação saudável em comunidades com baixos níveis de escolaridade. Esses achados estão em consonância com a literatura, que sugere que a atenção primária à saúde é um espaço estratégico para a promoção de práticas alimentares saudáveis (Grammer, 2022).

O engajamento dos pais e responsáveis foi expressivo, com grande interesse em entender o impacto dos alimentos ultraprocessados no desenvolvimento infantil. A conscientização sobre a importância da introdução alimentar saudável, uma fase crucial para o estabelecimento de bons hábitos alimentares, foi reforçada pelas palestras e materiais educativos distribuídos. A aplicação de ferramentas visuais, como folders, contribuiu para que o conteúdo fosse facilmente acessado e consultado posteriormente, o que aumentou a retenção do conhecimento (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019). Além disso, Oliveira *et al*. (2019) ressaltam que as unidades de saúde são ambientes propícios para ações de educação nutricional, já que os pais, tendem a replicar em casa as informações recebidas, promovendo hábitos mais saudáveis entre as crianças.

Intervenções intersetoriais, como as conduzidas neste estudo, são fundamentais para maximizar o impacto das ações de promoção da saúde, conforme descrito por Monteiro *et al*. (2020) A literatura aponta que a colaboração entre diferentes setores sociais, como educação e saúde, favorece a adesão das famílias a práticas alimentares mais adequadas, além de potencializar a mudança de comportamento (Hajipoor, 2023).

A pontuação maior dos resultados dos questionários pós-intervenção sugere uma possível melhoria na capacidade dos pais de identificar alimentos saudáveis e compreender os riscos de uma dieta inadequada. Essa evolução aponta para uma possível adoção de práticas alimentares mais conscientes no ambiente familiar, o que pode contribuir para a prevenção de doenças relacionadas à alimentação no longo prazo (Silva; Leão, 2021). Segundo Monteiro *et al*. (2020), intervenções educativas que visam à promoção de hábitos

alimentares saudáveis têm um impacto duradouro quando associadas ao acompanhamento contínuo das famílias e ao reforço positivo das mudanças de comportamento.

Além disso, a literatura enfatiza a importância de intervenções precoces na formação de hábitos alimentares. De acordo com Goulart *et al*. (2018), a introdução alimentar é um período crítico para o desenvolvimento do paladar e a definição das preferências alimentares ao longo da vida. Portanto, ao atuar nesse momento, é possível reduzir a propensão ao consumo de alimentos ultraprocessados e aumentar a aceitação de frutas, legumes e verduras, aspectos essenciais para uma alimentação equilibrada e para a prevenção de doenças crônicas não transmissíveis (Monteiro *et al*., 2020).

Conclusão

As ações educativas voltadas à introdução alimentar de lactentes demonstraram ser eficazes em promover maior conscientização e conhecimento entre pais e responsáveis sobre a importância de uma alimentação saudável. As intervenções realizadas tanto na Unidade de Saúde Dr. Alexis Hakim quanto nas escolas revelaram-se bem-sucedidas, resultando em uma significativa melhoria no entendimento sobre nutrição infantil e nos riscos associados ao consumo de alimentos ultraprocessados.

A abordagem utilizada, que incluiu palestras interativas e a distribuição de materiais educativos, foi fundamental para garantir a participação ativa dos responsáveis e consolidar o aprendizado. O uso de uma linguagem acessível, aliado a uma metodologia prática, contribuiu para que os participantes internalizassem o conteúdo e aplicassem esse conhecimento no cotidiano familiar.

Portanto, conclui-se que programas contínuos de educação alimentar, implementados em unidades de saúde e escolas, são essenciais para combater problemas nutricionais como desnutrição e obesidade infantil. A replicação de intervenções como esta em outras localidades pode ter um impacto significativo na promoção da saúde e na prevenção de doenças, além de contribuir para a formação de hábitos alimentares saudáveis desde os primeiros anos de vida.

Contribuições individuais de cada autor na elaboração do trabalho

Cada autor contribuiu de maneira fundamental para a realização deste estudo.

Eduardo Alencar Silingowschi: Participou ativamente da concepção do projeto, incluindo o planejamento metodológico e a definição dos critérios de inclusão e exclusão dos participantes. Além disso, esteve envolvido na coleta de dados, conduzindo a aplicação dos questionários pré e pós-intervenção, bem como na organização e execução das palestras interativas.

Arthur da Costa Mega: Foi responsável pelo desenvolvimento das atividades educativas, incluindo a elaboração dos slides utilizados nas palestras e a criação dos folders informativos distribuídos aos participantes. Também atuou na análise qualitativa dos dados, interpretando as mudanças no conhecimento dos pais e responsáveis ao longo do estudo.

Lívia Zanuzzi Tabai: Estruturou os resultados e a discussão com base nos dados coletados. Além disso, realizou a revisão crítica do trabalho, garantindo o alinhamento metodológico e a coerência científica do estudo.

Giovanna Vallim Jorgetto: Participou de todas as etapas da pesquisa e realizou a revisão final do manuscrito.

Claudia Camargo de Carvalho Vormittag: Participou de todas as etapas da pesquisa e realizou a revisão final do manuscrito.

Danielly Cristini Marini: Participou de todas as etapas da pesquisa e realizou a revisão final do manuscrito.

Referências

ANDRADE, M. E. da C.; VALE, D. (org.). **Caminhos para a alimentação saudável e sustentável na escola**. Natal: IFRN, 2022. Disponível em: https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/2156. Acesso em: 15 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/

bvs/publicacoes/guia_alimentar_crianca_brasileira_versao_resumida.pdf. Acesso em: 25 fev. 2025.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Pandemia piorou alimentação de crianças e adolescentes, alertam debatedores. **Câmara dos Deputados**, Brasília, DF, 2021. Disponível em: https://www.camara.leg.br/noticias/781669-pandemia-piorou-alimentacao-de-criancas-e-adolescentes-alertam-debatedores/. Acesso em: 28 fev. 2025.

GOULART, P. A. *et al*. Efeitos de intervenções educativas sobre alimentação na infância: uma revisão sistemática. **Revista de Saúde Pública**, Santa Maria, v. 47, n. 1, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.5902/2236583464594. Acesso em: 28 fev. 2025.

GRAMMER, A. C. *et al*. Parent-child influences on child eating self-regulation and weight in early childhood: a systematic review. **Appetite**, [*s. l.*], v. 168, p. 105733, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.appet.2021.105733. Acesso em: 28 fev. 2025.

HAJIPOOR, M. *et al*. Comparing food consumption during the COVID-19 pandemic: analysis of household income and expenditure survey data in Iran. **Journal of Health, Population and Nutrition**, [*s. l.*], v. 42, n. 43, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1186/s41043-023-00385-3. Acesso em: 25 fev. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

LOUZADA, M. L. C. *et al*. Alimentos ultraprocessados e perfil nutricional da dieta no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 49, p. 1-11, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2015049006132. Acesso em: 25 fev. 2025.

MONTEIRO, C. A. *et al*. Ultra-processed foods: what they are and how to identify them. **Public Health Nutrition**, v. 22, n. 5, p. 936-941, abr. 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1017/S1368980018003762. Acesso em: 25 fev. 2025.

MONTEIRO, L. S. *et al*. Promoção de hábitos alimentares saudáveis em famílias de baixa renda: a eficácia de intervenções educativas. **Revista Brasileira de Nutrição**, [*s. l.*], 2020.

OLIVEIRA, I. dos S. A. de *et al*. Educação alimentar e nutricional em grupo: caracterização socioeconômica, consumo alimentar e estado nutricional dos participantes. **Revista Contexto & Saúde**, Ijuí, v. 21, n. 43, p. 57-73, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.21527/2176-7114.2021.43.10791. Acesso em: 15 fev. 2025.

PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION. Hunger numbers remain high for three consecutive years, as food and climate crises worsen the situation. **Pan American Health Organization**, [Washington, DC], 2024. Disponível em: https://www.paho.org/pt/noticias/24-7-2024-numeros-da-fome-permanecem-altos-por-tres-anos-consecutivos-medida-que-crises. Acesso em: 25 fev. 2025.

REDE PENSSAN. 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. **Rede Brasileira de Pesquisa**, [São Paulo], 2022. Disponível em: https://pesquisassan.net.br/2o-inquerito-nacional-sobre-inseguranca-alimentar-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-no-brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

SILVA, A. C. F.; MOTTA, A. L. B.; CASEMIRO, J. P. (org.). **Alimentação e nutrição na atenção básica**: reflexões cotidianas e contribuições para práticas do cuidado. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021.

SILVA, J. R.; LEÃO, L. F. A importância da educação alimentar na prevenção de doenças crônicas não transmissíveis. **Revista de Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.5281/zenodo.11517185. Acesso em: 21 mar. 2025.

SILVA, M.; SANTOS, L.; OLIVEIRA, R. Impacto da pandemia de COVID-19 na deficiência nutricional e no consumo de alimentos industrializados. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA CESUMAR, 11., 2021, Maringá. **Anais** […]. Maringá: Unicesumar, 2021. p. 1-4. Disponível em: https://www.unicesumar.edu.br/anais-epcc-2021/wp-content/uploads/sites/236/2021/11/802.pdf. Acesso em: 25 fev. 2025.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Departamento Científico de Nutrologia. **Obesidade na infância e adolescência**: Manual de Orientação. 3. ed. São Paulo: SBP, 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/Manual_de_Obesidade_-_3a_Ed_web_compressed.pdf. Acesso em: 20 out. 2025.

UNITED NATIONS INTERNATIONAL CHILDREN'S EMERGENCY FUND. **Mais de 4 milhões de crianças menores de 5 anos têm excesso de peso na América Latina e Caribe**. Brasília, DF: UNICEF, 2023. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/mais-de-4-milhoes-de-criancas-menores-de-5-anos-tem-excesso-de-peso-na-america-latina-e-caribe. Acesso em: 25 fev. 2025.

REVISTA interagir pensando a extensão

Sobre a Formação em Psicologia Social: por uma Perspectiva Integrada entre suas Vertentes

About Formation in Social Psychology: For an Integrated Perspective Between Its Lines

Anderson Pereira Mendonça

Professor Adjunto do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0001-6011-0146
E-mail: anderson.pereira.mendonca@uerj.br

Vitor Oliveira Braga

Graduando em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e bolsista do Projeto Prodocência
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0003-3254-6131
E-mail: vitorbraga4@gmail.com

Camilla Reis Silva

Graduanda em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e bolsista de Iniciação Científica
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0000-6792-8178
E-mail: camillareissilva220@gmail.com

Denison Albuquerque Carvalho

Graduando em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e bolsista do Projeto Prodocência
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0001-8999-5838
E-mail: denison.carvalho661@gmail.com

Gabriel Silva Estefanio

Graduando em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e bolsista do Projeto Prodocência
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0005-7771-3337
E-mail: bidaestefanio@gmail.com

Recebido em: 7 de novembro de 2024. Aprovado em: 17 de março de 2025.
***Interagir: pensando a extensão**, Rio de Janeiro, n. 39, e2025009, 2025*
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.88007

Mariana Braga Ferreira de Oliveira

Graduanda em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0009-8954-3653
E-mail: marianabraga1997@gmail.com

Erica Meneses de Oliveira

Graduanda em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0001-8246-4188
E-mail: ericameneses1974@gmail.com

Resumo

O presente trabalho relata as experiências de pesquisa, monitoria e ensino vivenciadas por um grupo de estudantes bolsistas de um Projeto Prodocência relacionado à Psicologia Social, financiado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Desse modo, salienta-se a proposta do projeto que almeja integrar duas vertentes da Psicologia Social, uma de cunho mais sociológico e outra com uma visão mais psicológica, ressaltando as vantagens dessa união que possibilita uma melhor compreensão da sociedade e das culturas. Ao mesmo tempo, este texto possui o objetivo de destacar as atividades realizadas pelo grupo de pesquisa ao longo dos dois anos de atuação, mencionando como essas tarefas puderam proporcionar o desenvolvimento de habilidades que são essenciais aos estudantes que visam entrar na vida acadêmica. Por fim, enfatiza-se a importância que as ações de fomento à pesquisa possuem na realidade científica, pois podem proporcionar avanços teórico-metodológicos aos mais variados campos de estudo.

Palavras-chave: Prodocência; Psicologia Social; Ensino.

Abstract

This paper reports on the research, monitoring and teaching experiences of a group of scholarship students from a Prodocência Project related to Social Psychology, funded by the Rio de Janeiro State University (UERJ). The project aims to integrate two strands of social psychology, one more sociological and the other more psychological, highlighting the advantages of this union, which enables a better understanding of society and cultures. At the same time, this text aims to highlight the activities carried out by the research group over the two years it has been active, mentioning how these tasks have been able to provide the development of skills that are essential for students aiming to enter academic life. Finally, we would like to emphasize the importance of research promotion actions in the scientific reality, as they can provide theoretical and methodological advances to the most varied fields of study.

Keywords: Prodocência; Social Psychology; Teaching.

Introdução

Ao longo dos anos, a Psicologia Social vêm sendo um campo rico e diverso em teorias e interpretações sobre uma variedade de temas presentes nas sociedades contemporâneas. Mediante a esse contexto, surgiu a necessidade de criar um grupo de trabalho que pudesse estudar as diferentes percepções dessa área da psicologia, almejando, assim, encontrar conexões teóricas capazes de aumentar a compreensão dos fenômenos psicossociais. Desse modo, entre o final de agosto e início de setembro de 2022, a atual equipe de pesquisa participou do processo seletivo para uma bolsa Prodocência no projeto denominado “Sobre a Formação em Psicologia Social: Por uma Perspectiva Integrada Entre Suas Vertentes”. A partir desse momento, a jornada no Grupo de Pesquisa e Estudos em Representações Sociais e Estereótipos (GPERSE) teve início em outubro do mesmo ano. O projeto, em sua concepção, tinha por objetivo a busca por uma maior integração entre as perspectivas psicológica e sociológica dentro do campo da Psicologia Social.

O grupo se reuniu majoritariamente no Laboratório de Estudos Contemporâneos (LABORE) localizado no 1º andar da UERJ. Criado em 2000, o LABORE foi idealizado com o objetivo de desenvolver estudos e projetos sobre temas estratégicos contemporâneos, de relevância nacional e internacional, relacionados a questões éticas e humanas. Além do LABORE, outro local também utilizado no último ano de projeto foi a sala do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (PPGPS), localizada no 10º andar da UERJ. Durante os encontros foram realizadas diversas atividades síncronas e propostas de atividades assíncronas. O orientador organizou leituras de artigos e capítulos de livros para serem apresentados pelos membros, com o intuito de os estudantes se apropriassem das abordagens e metodologias que seriam utilizadas para as pesquisas, além de demonstrar outros estudos para ampliar o conhecimento geral sobre o campo científico da Psicologia Social. A partir disso, os bolsistas organizaram o foco da pesquisa, as metodologias

utilizadas e, posteriormente, a discussão dos resultados. Esse processo foi fundamental para colocar em prática tudo o que foi estudado, seja na construção da pesquisa, seja nas apresentações realizadas na XII Jornada Internacional sobre Representações Sociais (JIRS), que ocorreu no período de 16 a 19 de abril de 2023 na UERJ.

Da Teoria

Inicialmente, pode-se destacar que houve uma ênfase em estudar as diferentes vertentes da Psicologia Social, sendo essa uma maneira de enxergar possíveis caminhos de integração entre as perspectivas (Mendonça; Lima, 2015). Desse modo, ao longo dos últimos dois anos o grupo de pesquisa vem atuando com duas teorias e elas são: A Teoria das Representações Sociais (Psicologia Social Sociológica) e os Modelos de Cognição Social (Psicologia Social Psicológica).

Essa proposta de agregar diferentes linhas teóricas teve um papel muito importante na formação dos alunos pertencentes ao projeto, uma vez que permitiu uma ampliação da compreensão da realidade social. Isso significa dizer que, ao longo do tempo, os discentes puderam ter a oportunidade de aprofundar os conhecimentos relativos à sociedade, havendo um entendimento de como as pessoas criam saberes e como eles se refletem nas suas ações diárias e nas maneiras que veem a si mesmos, os outros e o mundo.

Nesse sentido, torna-se importante apresentar as teorias ressaltadas anteriormente. De acordo com Sá (2015), a Teoria das Representações Sociais (TRS) foi criada por Serge Moscovici, Psicólogo Social romeno, que em 1961 construiu um novo campo epistemológico que considerasse o senso comum, aspecto que até então era negligenciado pela ciência que tinha o costume de investigar questões sociais por meio de um olhar individualizado. Moscovici (2015) — define as representações sociais como um conhecimento compartilhado que é construído pelos grupos como uma forma de transformar um objeto não familiar em familiar, facilitando o modo como um grupo entende e se comporta frente a um determinado objeto social. Dessa forma, através da comunicação, os grupos podem criar crenças, imagens e ideias sobre outras populações

que despertem afetos positivos ou negativos (Jodelet, 1998). Um exemplo que ilustra as representações sociais é o modo pelo qual os imigrantes latinos são vistos nos Estados Unidos. Nesse cenário, uma parcela da sociedade apresenta pensamentos e comportamentos discriminatórios em virtude dos saberes que foram construídos socialmente sobre essa população (Lineares, 2023). Percebe-se, dessa maneira, como o saber social influencia as ações dos indivíduos e as formas que pensam.

Ao analisar o modo pelo qual esses conhecimentos são desenvolvidos, Sá (2015) menciona que existem três linhas de estudo das Representações Sociais, e elas são: A abordagem processual, a abordagem estrutural e a societal. A primeira linha de estudo tem como enfoque identificar como as representações são desenvolvidas ao longo do seu processo de comunicação na vida cotidiana, compreendendo-as como fenômenos que estão em uma formação contínua. A abordagem estrutural, por sua vez, entende que as representações sociais já se encontram enraizadas na sociedade. Nesse sentido, elas são compreendidas como um produto das interações grupais que geram saberes consensuais que orientam os comportamentos, existindo dois sistemas que norteiam as visões das pessoas, sendo eles: o Núcleo central e o Sistema Periférico. O primeiro se refere principalmente às ideias, aos conceitos e às imagens que representam um olhar coletivo consensual sobre um assunto e que são mais difíceis de serem modificadas. Por outro lado, o sistema periférico ilustra uma perspectiva mais flexível em relação às representações, pois enfatiza as diferenças individuais as quais podem desenvolver novos modos de entender um objeto social. Por último, é importante pontuar a abordagem societal a qual entende que as dinâmicas sociais norteiam os indivíduos, as suas crenças, os seus valores e as suas interações com o meio em que vivem, sendo as representações um conjunto de relações simbólicas que estão presentes entre as pessoas.

Em relação à Cognição Social, Trócolli (2011) destaca essa vertente da psicologia social como uma teoria da mente que permite ao indivíduo explicar e avaliar os comportamentos interpessoais por meio de processamentos cognitivos. Esses processos foram fundamentais para a sobrevivência das pessoas ao longo da história, uma vez que a memória e o julgamento puderam contribuir com a noção de segurança. Isso significa dizer

que as informações e inferências que as pessoas foram desenvolvendo sobre o seu meio social foram capazes de auxiliá-los a evitar situações de perigo (Trócolli, 2011). Sendo assim, a cognição social fornece uma previsão sobre o comportamento das outras pessoas e sobre as situações da vida cotidiana, orientando a maneira pela qual um indivíduo pode agir. Um dos modelos de cognição mais famosos são os estereótipos que podem ser entendidos como a visão definida sobre papéis sociais de certos grupos que são considerados minoritários (Lima; Vala, 2004).

Nesse contexto, o estudo sobre os estereótipos tem como objetivo compreender como os processos cognitivos e o julgamento social podem influenciar no aparecimento de percepções limitantes acerca de certas populações. Isso acontece, na medida em que os indivíduos desconsideram a diversidade dos seres humanos, as suas particularidades e generalizam um traço de uma pessoa para dizer que todos os membros de um grupo agem de modo semelhante (Bargh, 1999). Logo, a partir das reflexões provenientes das leituras dos textos e das discussões nas supervisões, foi possível perceber o quanto uma parcela da sociedade incorpora certas ideias, sem questionamento, e as internalizam como uma verdade absoluta.

Da Pesquisa e do Campo

Após o aprofundamento teórico, as reuniões do grupo tiveram como foco a organização para a pesquisa. A primeira etapa consistiu em definir o nosso objeto de estudo, que conforme afirma Sá (1998) deve apresentar uma “espessura social”, isto é, ser um assunto relevante no dia a dia das pessoas e que abrangesse grupos sociais distintos. Desse modo, considerando o cenário social e político do Brasil após o período de eleições presidenciais de 2022, o prodocência se propôs a investigar como o tema “intervenção federal” emergiu no senso comum, na busca por elucidar quais os pensamentos, afetos e imagens que circulam no pensamento social do carioca. De maneira concomitante, realizamos uma pesquisa vinculada a outro projeto que também integra o GPERSE e dialoga com a proposta do Prodocência. Nesse caso, tendo o turismo enquanto campo de

pesquisa, o principal objetivo deste estudo consiste em compreender a relação dos habitantes com a própria cidade do Rio de Janeiro. Desta forma, partindo da nossa fundamentação teórica, como instrumento de pesquisa elaboramos um questionário de evocação livre relativo a cada objeto social. No qual a partir de dois termos indutores, Intervenção federal e Rio de Janeiro, cada participante escrevia as 5 primeiras palavras que viessem em mente quando pensassem nesses estímulos. Após isso, solicitamos que as pessoas ordenassem a relevância dos termos evocados de 1 a 5, referindo-se respectivamente como menos e mais importante.

A imersão no campo ocorreu no período de novembro de 2022 até janeiro de 2023, momento marcado por grandes e aflorados debates políticos envolvendo legislação e democracia. Entre as reações aos resultados das eleições, surgiu a ideia de que o até então Presidente da República poderia organizar uma intervenção federal para impedir o novo mandato, pois acreditava haver uma ameaça à democracia, tendo em vista uma suposta fraude eleitoral. Nesse sentido, o artigo 34 da Constituição Federal (Brasil, 1988) ganhou notoriedade por estabelecer a possibilidade de ocorrer intervenções federais em estados e municípios, o que levou a se pensar que o mesmo serviria para a presidência. Tendo em vista esse contexto, o grupo entendeu que a realização da pesquisa fora do ambiente acadêmico iria possibilitar uma maior variabilidade de perspectivas sobre ambos os temas de estudo. Por isso, visitamos diversos espaços públicos em bairros ao redor da cidade do Rio de Janeiro, tais como Recreio dos Bandeirantes, Tijuca, São Cristóvão, Rio das Pedras e outros. Portanto, as pesquisas contaram com uma ampla diversidade etária, profissional e socioeconômica, totalizando 192 pessoas entrevistadas. Em geral, esse momento foi muito enriquecedor para o grupo — a saída do meio acadêmico permitiu enfrentarmos o desconhecido. A ida ao campo, especialmente se tratando da pesquisa sobre Intervenção Federal, se mostrou espantosa em um primeiro momento, pois era um período de efervescência das discussões políticas e havia um pequeno risco de abordar sobre esse assunto e ser colocado em uma posição de “inimigo”. De outro modo, a pesquisa sobre a cidade do Rio de Janeiro foi mais tranquila nesse sentido, sendo o único obstáculo romper com a timidez e abordar pessoas desconhecidas.

Em seguida, cada integrante do GPERSE aprendeu a utilizar o Software Iramuteq, o qual possibilita uma ampla variedade de técnicas para análises textuais (Camargo; Justo, 2013). No caso, utilizamos as análises prototípica e de similitude para mensurar os resultados obtidos com os questionários. Sendo a primeira utilizada para verificar a frequência das evocações e a ordem média de importância (OMI), enquanto a outra possibilitou a identificação do grau de conexidade entre as palavras. Assim, foi possível identificar a estrutura das representações e averiguar como tais objetos são apreendidos no cotidiano dos cariocas. Essa vivência foi de extrema importância para a nossa formação, uma vez que possibilita a aquisição de conhecimentos que venham a nos preparar para uma futura pós-graduação.

No que diz respeito aos resultados, pode-se notar distinções entre as pesquisas, as quais provavelmente estão atreladas às características de cada objeto de investigação. Enquanto o tema “intervenção federal” emergiu no debate popular sob um cenário marcado por uma intensa polarização política, sendo assim um assunto polêmico, foram evocadas perspectivas bastante diversas que traziam indícios para o posicionamento de se estar a favor ou contra tal intervenção. Além disso, o núcleo central composto pelas palavras Ditadura, Ordem, Medo, Protesto, Censura e Bolsonaro, evidenciou um deslocamento de sentido do campo jurídico, estabelecido na constituição de 1988, para o senso comum. Assim dizendo, foi notável como as representações sociais são produto e processo de construção da realidade (Ibañez, 1988), na medida em que as tensões do cotidiano oriundas do universo consensual, isto é próprio ao senso comum, trazem novos sentidos com contornos variados a partir do universo reificado. Este que remete a um tipo de saber próximo ao conhecimento científico, apresentando certo rigor metodológico e objetividade. De modo contrário, a temática “Rio de Janeiro” em geral pareceu despertar percepções bastante convergentes apesar da riqueza e pluralidade que atravessam a vida urbana deste espaço. O núcleo central constituído pelas palavras “violência” e “praia” indicou que no pensamento social dessa população há uma forte predominância de representações acerca da cidade que correspondem à imagem veiculada pela mídia. Algo que pode estar relacionado a sua visibilidade nacional e internacional, principalmente em função da forma como a atividade turística integra a história e identidade local.

Da Monitoria

Ao pensar na monitoria, torna-se necessário primeiramente conceituar esta palavra. Essa modalidade de ensino faz-se presente no meio universitário e baseia-se na proposta de que um(a) estudante com mais experiência em uma temática possa auxiliar alunos mais novos que estão tendo um contato inicial com determinados assuntos. Ao mesmo tempo, essa atividade possui o objetivo de facilitar a aprendizagem dos estudantes através de um conjunto de estratégias de revisão e organização dos conteúdos ministrados pelos professores (Frison, 2016). Sob essa ótica, a monitoria possibilita ao graduando o desenvolvimento de competências importantes para a atuação profissional, pois estimula a comunicação interpessoal, a resolução de problemas e a criatividade.

A seguir serão apresentadas as vivências relacionadas aos contextos de participação em sala de aula, além é claro da descrição das matérias e suas finalidades. Nesse sentido, cabe destacar que foi possível exercer essa função de monitor em duas disciplinas: Temas Sociológicos em Psicologia Social e Psicologia Social e Processos Sociocognitivos que possuem 60 horas cada uma.

Monitoria em Temas Sociológicos em Psicologia

A atividade de ensino mencionada anteriormente é fruto do Projeto Prodocência denominado *Sobre a Formação em Psicologia Social: Por uma perspectiva integrada entre suas vertentes.* Uma das tarefas previstas no edital do plano de estudos é a atividade relacionada ao acompanhamento das aulas, auxílios ao docente e aos discentes. Existiram alguns requisitos para ser monitor da disciplina, e eles foram: ser bolsista do projeto de pesquisa, ter realizado as disciplinas tendo nota igual ou superior a 9,0 e possuir disponibilidade para estar presentes nas aulas.

De acordo com a grade curricular da graduação, as aulas da disciplina de Temas Sociológicos Em Psicologia têm como finalidade os seguintes tópicos:

> Promover reflexões e articulações entre os campos de saber psicológico e sociológico. A disciplina visa discutir a constituição do campo de saber sociológico, apresentar e problematizar os métodos de investigação em sociologia e refletir sobre suas interfaces com a Psicologia Social. (UERJ, 2014).

Ao analisar as informações apresentadas anteriormente, torna-se perceptível que a psicologia não é uma ciência isolada das demais áreas de conhecimento e ela precisa de embasamento de outros campos epistemológicos para compreender de forma abrangente o ser humano e muitos dos seus comportamentos. Em relação à sociologia, Durkheim a compreende como um campo epistemológico que é responsável por estudar e se debruçar sobre aquilo que ele denomina de fatos sociais (Oliveira, 2012). Anthony Giddens (2005) complementa a definição de sociologia ao dizer que ela é o estudo da vida social humana. Diferentemente de Durkheim que busca estudar os fenômenos externos ao indivíduo, Giddens objetiva entender as situações sociais, mas também deseja questioná-las e identificá-las se são realmente replicáveis em todos os lugares do mundo. Percebe-se, assim, a presença da cultura como um guia, um norteamento para os pensamentos das pessoas e também para as ações que venham a tomar, definindo as liberdades e as restrições a serem seguidas. Logo, essa matéria buscou mostrar como as regras sociais interferem na maneira como as pessoas pensam e agem em contextos do cotidiano, sendo influenciadas pelo seu meio.

É importante salientar que a disciplina de Temas Sociológicos em Psicologia faz parte do segundo período do curso de graduação em Psicologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), ou seja, está presente logo no início da jornada acadêmica. Em função disso, muitos discentes podem apresentar dificuldades em relação a alguns conceitos que talvez nunca tenham conhecido, pois o estudo de sociologia é historicamente negligenciado no ensino médio brasileiro (Alfano; Gomes; Caetano, 2023). Em momentos assim, cabia ao monitor identificar adequadamente as dúvidas que eram trazidas para a partir disso planejar juntamente com o professor estratégias que pudessem potencializar a aprendizagem dos conteúdos ofertados nas aulas.

Em muitas ocasiões, foram definidas tarefas como o estudo dirigido e/ou um fórum como uma forma de verificar quais eram os assuntos que traziam mais facilidade e mais

dificuldade. Essas atividades consistiam em exercícios que os alunos eram solicitados a fazer interconexões entre os conceitos apresentados em aula e algum fenômeno da sociedade atual, tentando compreender de uma forma mais aplicável os conhecimentos de sociologia, não sendo meramente uma decoração de nomes, mas sim uma apropriação de ideias. Ter a experiência de ser monitor desta disciplina proporcionou um novo entendimento sobre os seres humanos, conforme é pontuado que os sujeitos são biopsicossociais. Isso significa dizer que o social tem um papel tão importante na constituição de uma pessoa quanto às condições genéticas e psicológicas.

Monitoria em Psicologia Social e Processos Sociocognitivos

Acerca da monitoria na disciplina de Psicologia Social e Processos Sociocognitivos, os requisitos são os mesmos dos já mencionados, ter cursado a matéria com uma boa nota e possuir disponibilidade. A ementa esclarece o que será trabalhado e discutido ao longo das aulas:

> Perspectivas da Psicologia Social Psicológica: consistência cognitiva, atribuição de causalidade, cognição social. A constituição histórica de vertentes sociológicas da Psicologia Social. O interacionismo simbólico e a perspectiva da construção social da realidade. A Psicologia Social Europeia e o campo de estudo das Representações Sociais. A emergência de uma psicologia social da memória. Apropriação, desenvolvimento e aplicações da Psicologia Social Sociológica no Brasil. (UERJ, 2021).

A partir dessas informações, é possível observar que o principal objetivo da disciplina é buscar estabelecer uma relação entre a Psicologia Social Sociológica e a Psicologia Social Psicológica, abordando desde a constituição histórica dessas vertentes até a forma como foram introduzidas no contexto brasileiro. É importante ressaltar o estudo da Teoria das Representações Sociais nessa disciplina, pois ela se apresenta como uma teoria guarda-chuva que abrange tanto aspectos cognitivos da interação e do convívio social (aspectos intraindividuais) quanto aspectos sociológicos, presentes em um nível de análise mais abrangente e ideológico. Ou seja, a Teoria das Representações Sociais desempenha um papel fundamental para alcançar o principal objetivo da disciplina, que é

justamente apresentar e esclarecer como essas duas perspectivas da Psicologia Social se relacionam.

Para estabelecer essa relação de forma didática as aulas foram organizadas em etapas. Primeiro, foi apresentado um panorama histórico, que abrange o surgimento da psicologia enquanto ciência. Em seguida, discutiu-se acerca das teorias predominantes no campo da cognição social e, por último, a Teoria das Representações Sociais foi trabalhada em aula, a fim de expandir a perspectiva dos discentes acerca da Psicologia Social, instigando-os a desenvolverem um olhar crítico, que seja capaz de relacionar diferentes perspectivas para uma maior compreensão da realidade social.

A Cognição Social busca entender a realidade social investigando como os fenômenos grupais são processados cognitivamente, incluindo como a informação é armazenada, representada na memória e utilizada para perceber o contexto social (Hamilton, 2005). Diante da vasta quantidade de estímulos sociais diários, precisamos interpretá-los para tomar decisões que orientem nossas interações interpessoais. No entanto, devido à limitação da capacidade cerebral, utilizamos atalhos mentais para chegar a conclusões de maneira rápida e eficaz (Bless; Greifender, 2018; Fiske; Taylor, 2021). Esses atalhos simplificam o processo de interpretação e economizam energia cognitiva, sendo fortemente influenciada pelo conhecimento prévio que possuímos sobre a situação (Lima; Souza, 2023).

Uma estrutura fundamental no campo da cognição social é a categoria, que pode ser definida como uma “representação abstrata de classes inteiras de estímulos que compartilham determinadas características definidoras” (Lima; Souza, 2022, p. 84). Esse processo de categorização se dá a partir das informações retidas na memória e é fundamental para dar significado a novos estímulos de maneira rápida, sem que um processamento mais sofisticado seja feito. Os esquemas representam outra estrutura presente no campo da cognição social. Segundo Lima e Souza (2022), essas estruturas compreendem um conjunto de cognições inter-relacionadas que facilitam o processo de significação da realidade a partir de conhecimentos prévios.

Segundo Augustinos, Walker e Donaghue (2006), a cognição social negligencia o contexto da interação social e a influência cultural. Em contraste, as Representações Sociais, conforme Abric (1994) — são produtos e processos mentais que atribuem significado ao real, explicados por quatro níveis de análise: intraindividual, interindividual, posicional e ideológico (Doise, 1990). Moscovici (1984 *apud* Sá, 2002, p. 48) as define como mecanismos que tornam o não familiar em familiar, e Cabecinhas (2004) afirma que regulam relações e orientam comportamentos. Assim, os diferentes níveis de análise das representações sociais permitem sua articulação com a cognição social[1].

Dessa forma, A Teoria das Representações Sociais e a Psicologia Social Cognitiva compartilham semelhanças fundamentais, ambas buscam entender a percepção da realidade e a nossa posição no mundo social. Segundo Vala (1993) esquemas e representações sociais direcionam o processamento de informação e são produtos da categorização. Representações e cognições são formadas e difundidas nas relações intergrupais (Mendonça; Lima, 2015). Assim, as duas perspectivas se articulam, complementando-se e permitindo uma melhor compreensão dos fenômenos sociais.

A disciplina de Psicologia e Processos Sociocognitivos foi organizada para facilitar o entendimento das semelhanças, diferenças e articulações entre a Teoria das Representações Sociais e a perspectiva cognitiva. As aulas relacionaram o conteúdo à realidade dos discentes através de exemplos práticos e eventos sociais recentes, facilitando a compreensão dos temas abordados. Além disso, foram incentivadas discussões e reflexões críticas, permitindo que os estudantes expressassem suas opiniões, um aspecto essencial para a formação acadêmica.

Conclusão

Ao analisar o projeto Prodocência mencionado neste artigo, percebe-se que diferentes atividades estão presentes no cotidiano dos bolsistas que fazem parte do grupo de pesquisa. Partindo do entendimento de que a Psicologia é um campo epistemológico rico e diverso, o projeto teve como proposta destacar que os seres humanos podem ser

influenciados tanto pelo seu meio social, quanto pelo seu lado psicológico, enfatizando como um pode interferir no outro, estando-os relacionados diretamente. Nesse sentido, a discussão dos textos elencados pelo orientador proporcionou um aprofundamento dos conhecimentos referentes à Psicologia Social Sociológica e à Psicologia Social Psicológica, na medida que foi possível identificar que os diferentes grupos presentes na sociedade criam saberes que guiam as suas ações e pensamentos (Ibañez, 1988). A partir desse ponto, o objetivo do projeto conseguiu ser alcançado, pois houve uma integração de distintos olhares sobre os fenômenos psicossociais presentes no cotidiano, entendendo o ser humano como um produto das condições biológicas, psicológicas e sociais.

Simultaneamente, a monitoria teve um papel fundamental no desenvolvimento de um olhar ampliado sobre a Psicologia Social, uma vez que os debates realizados em sala de aula sobre assuntos contemporâneos presentes na rotina possibilitaram um entendimento de como as diferentes condições de vida presentes em uma cidade e em um país moldam regras e padrões de conduta a serem seguidos. Além disso, a monitoria pode ser vista como uma ótima oportunidade para o estudante mais experiente poder ajudar os alunos mais novos, sendo esse um mecanismo de transmissão de conhecimentos relativos à disciplina, bem como o compartilhamento de informações referentes às avaliações e as suas respectivas datas de conclusão.

Assim, cabe destacar que a monitoria, em tese, é o primeiro contato com a docência, podendo ser um incentivo a mais para que o (a) aluno (a) deseje realizar uma pós-graduação e seguir a carreira acadêmica. Também deve-se ter em mente que essa atividade proporciona o desenvolvimento de habilidades de ensino e de comunicação interpessoal, do mesmo modo que também impulsiona o (a) monitor a pensar em estratégias pedagógicas que possam ser adotadas pelos docentes.

Desse modo, torna-se importante salientar que os estudos realizados ajudaram os discentes a aprimorarem as suas técnicas de coleta de dados, tendo em vista que os bolsistas do projeto tiveram de ir aos espaços públicos da cidade para obter o preenchimento dos questionários pelos participantes das pesquisas. Sob essa ótica, a equipe teve todo um cuidado e treinamento para abordar as pessoas e convidá-las a

contribuírem com os estudos. Ademais, é de suma importância mencionar que também houve aprendizado relacionado ao uso do Software de Análise de dados denominado Iramuteq. Através dos dados obtidos, o grupo de pesquisa aprendeu a desenvolver uma planilha com as informações coletadas e, em seguida, transferiu esse arquivo para o software que foi responsável por trazer as diferentes análises das pesquisas e das populações estudadas.

Portanto, é nítido que o atual projeto prodocência possui uma grande relevância no campo de estudos da Psicologia Social, pois vêm buscando desenvolver integrações de diferentes vertentes de conhecimento com o intuito de enriquecer a compreensão da realidade social. Nesse sentido, é necessário enfatizar as contribuições positivas que as atividades relacionadas ao projeto puderam trazer aos bolsistas que tiveram a oportunidade de aprimorar habilidades e saberes que são essenciais tanto para a vida acadêmica quanto para o mercado de trabalho. Por fim, destaca-se a importância de que os governos em âmbito federal, estadual e municipal venham a aumentar o fomento aos projetos de pesquisa, levando em consideração os efeitos positivos que podem ser trazidos à ciência e também às vidas dos estudantes universitários.

Contribuições individuais de cada autor na elaboração do trabalho

Anderson Pereira Mendonça: Contribuiu com a escolha teórica e metodológica, escrita, orientação e supervisão dos demais autores além da revisão do texto.

Vitor Oliveira Braga: Contribuiu de modo significativo com o desenvolvimento do artigo, atuando na escrita dos tópicos de Teoria, Monitoria, Monitoria em Temas Sociológicos, bem como na escrita da conclusão. Auxiliou, também, na revisão do texto em seus aspectos gramaticais e conceituais.

Camilla Reis Silva: Contribui com o desenvolvimento do artigo, atuando na escrita do tópico da pesquisa e do Campo.

Denison Albuquerque Carvalho: Contribuiu significativamente com a elaboração do artigo, atuando na escrita do tópico Monitoria em Psicologia Social e Processos Sociocognitivos, bem como na organização geral do texto.

Gabriel Silva Estefanio: Contribui com a escrita do artigo nas partes da introdução e campo.

Mariana Braga Ferreira de Oliveira: Participou da escrita dos tópicos iniciais do artigo.

Erica Meneses de Oliveira: Contribuiu na revisão textual.

Agradecimentos

Os autores agradecem à Universidade do Estado de Janeiro (UERJ) e ao Departamento de Estágios e Bolsas (CETREINA) pelo fomento às atividades de pesquisa e ensino que puderam ser realizadas ao longo dos últimos dois anos e meio.

Referências

ABRIC, J. C. Les représentations sociales: aspects théoriques. *In*: ABRIC, J. C. (ed.) **Pratiques sociales et représentations**. Paris: Presses Universitaires de France, 1994. p. 11-35.

ALFANO, B.; GOMES, B.; CAETANO, G. Alvo de conservadores, aulas de filosofia e sociologia no ensino médio variam por estado. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2023/11/28/alvo-de-conservadores-aulas-de-filosofia-e-sociologia-no-ensino-medio-variam-por-estado.ghtml. Acesso em: 26 fev. 2025.

AUGUSTINOS, M.; WALKER, I.; DONAGHUE, N. **Social cognition**: an integrated introduction. 2. ed. London: Sage, 2006.

BARGH, J. A. The cognitive monster: The case against the controllability of automatic stereotype effects. *In*: CHAIKEN, S.; TROPE, Y. (ed.). **Dual-process theories in social psychology**. New York: The Guilford Press, 1999. p. 361-382.

BLESS, H.; GREIFENEDER, R. General framework of social cognitive processing. *In*: GREIFENEDER, R.; BLESS, H.; FIEDLER, K. (org.). **Social cognition**: How individuals construct social reality. [*S. l.*]: Psychology Press. 2018. p. 16-36.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 28 de agosto de 2024.

CABECINHAS, R. Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 125-137, 2004.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em psicologia**, [*s. l.*], v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

DOISE, W. Les représentation sociales. *In*: GHIGLIONE, R.; BONNET, C.; RICHARD, J. F. **Traté de psychologie cognitive**. Paris: Dunod, 1990. p. 111-174.

FISKE, S. T.; TAYLOR, S. E. **Social cognition**: From brains to culture. 4. ed. [*S. l.*]: Sage, 2021.

FRISON, L. M. B. Monitoria: uma modalidade de ensino que potencializa a aprendizagem colaborativa e autorregulada. **Pro-Posições**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 133-153, 2016.

GIDDENS, A. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HAMILTON, D. L. Social cognition: an introductory overview. *In*: HAMILTON, D. L. (org.). **Social cognition**: key reading in social psychology. New York: Psychology Press, 2005. p. 1-26.

IBAÑEZ, T. Representaciones Sociales, Teoria y Método. *In*: IBAÑEZ, T. **Ideologia de la vida cotidiana**. Barcelona: Sendai, 1988. p. 14-90.

JODELET, D. A alteridade como produto e processo psicossocial. *In*: Arruda, A. (org.). **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 47-67.

LIMA, M. E. O.; VALA, J. Serão os estereótipos e o Preconceito inevitáveis? O monstro da automaticidade. *In*: LIMA, M. E. O.; PEREIRA, M. E. (org.). **Estereótipos, preconceitos e discriminação**: perspectivas teóricas e metodológicas. Salvador: EDUFBa, 2004. p. 43-70. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32112/1/Estere%C3%B3tipos%2C%20preconceitos%20e%20discrimina%C3%A7%C3%A3o%20RI.pdf. Acesso em: 26 fev. 2025.

LIMA, T. J. S.; SOUZA, L. E. C. Cognição social. *In*: TORRES, C. V.; NEIVA, E. R. **Psicologia Social**: principais temas e vertentes. Porto Alegre: Artmed, 2022. p. 71-98.

LINEARES, A. Rise in hate crimes includes a ‘significant increase’ against Latinos. **NBC News**, [*s. l.*], 2023. Disponível em: https://www.nbcnews.com/news/latino/hate-crimes-latinos-see-significant-increase-rcna123211. Acesso em: 26 fev. 2025

MENDONÇA, A. P.; LIMA, M. E. O. Representações sociais e cognição social / Social representations and social cognition. **Psicologia e Saber Social**, [*s. l.*], v. 3, n. 2, p. 191-206, 2015.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: Investigações em Psicologia Social. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

OLIVEIRA, E. M. F. O papel da sociologia, segundo Émile Durkheim e Max Weber. **Pós**: Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Brasília, DF, v. 11, p. 296-316, 2012.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SÁ, C. P. **Estudos de Psicologia Social**: História, Comportamento, Representações e Memória. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRÓCCOLI, B. T. Cognição Social. *In*: TORRES, C. V.; NEIVA, E.R. **Psicologia Social**: principais temas e vertentes. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 79-99.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Pró-Reitoria de Graduação. Formulário de Identificação da Disciplina. **Temas Sociológicos em Psicologia**. Rio de Janeiro: UERJ, 2014. Disponível em: https://www.ementario.uerj.br/ementa.php?cdg_disciplina=13862. Acesso em: 26 fev. 2025.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Pró-reitoria de Graduação. Formulário de Identificação da Disciplina. **Psicologia Social e Processos Sócio-Cognitivos**. Rio de Janeiro: UERJ, 2021. Disponível em: https://www.ementario.uerj.br/ementa.php?cdg_disciplina=11480. Acesso em: 26 fev. 2025.

VALA, J. Representações sociais: para uma psicologia social do pensamento social. *In*: VALA, J.; MONTEIRO, M. B. (org.). **Psicologia Social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993. p. 353-384.

REVISTA interagir pensando a extensão

Formatação de uma Trilha Interpretativa como Instrumento de Educação Ambiental

Formatting an Interpretive Trail as an Environmental Education Tool

Alana Lucia dos Santos Aboboreira

Discente do curso de Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Santa Cruz
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0004-2617-3943
E-mail: alsaboboreira.bbi@uesc.br

Gabrielly Silva e Silva

Discente do curso de Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Santa Cruz
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0002-5515-2274
E-mail: gsilva.lbi@uesc.br

Nínive dos Santos Soares

Discente do curso de Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Santa Cruz
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0006-1024-2849
E-mail: nssoares.lbi@uesc.br

Marcial Cotes

Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-6345-3715
E-mail: mcotes@uesc.br

Luiz Alberto Mattos Silva

Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0004-6862-6605
E-mail: mattos@uesc.br

José Walter Gaspar

Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0008-3710-9890

Recebido em: 3 de fevereiro de 2025. Aprovado em: 10 de maio de 2025.
***Interagir: pensando a extensão**, Rio de Janeiro, n. 39, e2025011, 2025*
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.89551

E-mail: jwgaspar@uesc.br

Delmira da Costa Silva

Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0003-4587-2526
E-mail: delmira@uesc.br

Larissa Correa do Bomfim Costa

Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-8619-4074
E-mail: larissa@uesc.br

Resumo

Neste trabalho são apresentadas as etapas desenvolvidas para a criação de uma trilha interpretativa no Horto Florestal da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). O projeto teve início durante o período de isolamento social causado pela pandemia, através de reuniões virtuais de planejamento de uma estratégia de comunicação com o público pelas redes sociais. Foi criado um perfil e conteúdos educativos foram produzidos para despertar o interesse do público pela botânica e a curiosidade para conhecer o espaço. Paralelamente, foi realizado um estudo de campo, para a definição dos objetivos da trilha, do formato mais adequado, do nível de dificuldade, do tempo estimado para percorrer o trajeto, do público-alvo a ser alcançado, do método de visitação e da identificação dos pontos de interesse ao longo do percurso. Foi produzido um mapa informativo a partir do georreferenciamento das trilhas e dos pontos de atratividade definidos com base em alguns indicadores principais. A trilha que percorre o espaço possui cerca de 1.000 m de extensão, 1h e 30 min de duração, tem grau de dificuldade leve, enfoque voltado para a valorização das espécies arbóreas nativas da mata atlântica e foi criada para receber crianças, jovens e adultos com o objetivo de ampliar a percepção do ambiente, estimulando o conhecimento e o respeito pela biodiversidade.

Palavras-chave: Árvores nativas; Mata atlântica; Botânica.

Abstract

This work presents the steps developed to create an interpretative trail in the Horto Florestal of the State University of Santa Cruz (UESC). The project began during the period of social isolation caused by the pandemic, through virtual meetings to plan a communication strategy with the public via social media. A profile was created and educational content was produced to awaken the public's interest in botany and curiosity to learn about the site. At the same time, a field study was carried out to define the objectives of the trail, the most appropriate format, the difficulty level, the time estimated to cover the route, the audience to be reached, the method of visitation and identification of points of interest along the route. An informative map was produced based on the georeferencing of the trails and attractive points defined based on some main indicators. The trail that runs through the space is approximately 1,000 m long, 1 hour and 30 minutes, has a mild level of difficulty, focuses on valuing tree species native to the Atlantic forest and was created to welcome children, young people and adults with the objective of expanding the perception of the environment, stimulating knowledge and respect for biodiversity.

***Keywords*:** Native trees; Atlantic forest; Botany.

Área de extensão: Meio Ambiente

Introdução

O bioma Mata Atlântica é formado por diferentes tipos vegetacionais como manguezal, vegetação de praia, restinga, brejo, mata ciliar, mata mesófila, mata de cipó, mata higrófila, entre outros, sendo este último um dos ambientes mais biodiversos e ao mesmo tempo, ameaçados do planeta (Martini *et al*., 2007; Thomas *et al*., 2003). O sul do estado da Bahia se destaca mundialmente pela extraordinária diversidade de espécies arbóreas e seu significativo grau de endemismo (Thomas *et al*., 2003), ou seja, pela presença de espécies que não são encontradas em nenhuma outra parte do planeta.

O sistema agroflorestal (SAF) de plantio característico de cacaueiros, cultivados sob a sombra de árvores nativas em um arranjo conhecido regionalmente como "cabruca", desempenha um papel crucial na conservação da biodiversidade nos fragmentos florestais remanescentes. Esse sistema não apenas promove a preservação de numerosas espécies arbóreas de valor econômico e ecológico, mas tem um papel importante nas ações de conservação e preservação ambiental, uma vez que promove a proteção da biodiversidade local e contribui para a manutenção dos ecossistemas naturais e do clima (Hemming *et al*., 2022), ainda sustenta uma diversidade significativa de espécies epífitas nas copas das árvores, além de favorecer a fauna local. Esta desempenha um papel vital na polinização e dispersão geográfica de muitas plantas (Sambuichi *et al*., 2012).

O sul da Bahia permaneceu como uma das regiões mais conservadas da Mata Atlântica até a metade do século passado, quando a abertura de rodovias favoreceu o início da atividade madeireira em larga escala, desencadeando um rápido e intenso processo de desmatamento. Além disso, mudanças na prática de cultivo dos cacaueiros contribuíram para a redução do sombreamento. Isso ocorreu pela substituição das árvores nativas por

espécies exóticas ou pela sua completa remoção. Essas alterações, somadas à epidemia da doença conhecida como vassoura-de-bruxa (*Moniliophtera perniciosa*) e às flutuações do mercado internacional, levaram muitos produtores de cacau ao desmatamento total das áreas de cabruca, visando à implantação de pastagens e de outros cultivos agrícolas, ou simplesmente à extração e venda de madeiras nobres. Diante desse quadro, muitas espécies nativas encontram-se ameaçadas de extinção, podendo levar a perdas irreparáveis para as futuras gerações (Sambuichi; Mielke; Pereira, 2009).

Na contemporaneidade, o avanço da degradação ambiental tem sido objeto de discussão, não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro. Entre as diferentes formas para reverter este quadro, a educação ambiental continua sendo uma ferramenta importante, pois busca a compreensão do meio ambiente e o reconhecimento da interdependência e das relações existentes entre os seus diversos elementos, com vistas à utilização racional dos recursos naturais (Brito; Paiva, 2020; Calvo-Vargas, 2019; Garcia; Neiman; Prado, 2011; Nagasawa *et al.*, 2020; Portugal; Sorrentino, 2020). Na Bahia, o estudo de Dourado et al. (2024) demonstra que a educação ambiental é uma ferramenta essencial para promover a preservação ambiental e a sustentabilidade destacando a importância da conscientização e da participação ativa de agricultores e comunidades locais na adoção de práticas sustentáveis.

No contexto atual, em que a sociedade está cada vez mais conectada às mídias sociais, uma forma alternativa que vem sendo usada para despertar a preocupação individual e coletiva para a questão ambiental é o uso das redes sociais para divulgação científica, comunicando o conhecimento técnico e educativo de forma acessível e veloz, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica (Navas *et al.*, 2020). As trilhas ecológicas, por sua vez, se constituem em uma forma de desenvolver a educação ambiental de uma maneira mais prática, combinando a observação e o contato direto com a fauna, flora e topografia de uma região. A utilização de trilhas interpretativas, como um instrumento da educação ambiental, visa promover a percepção ambiental das pessoas acerca da importância da biodiversidade. Segundo Buzatto e Kuhnen (2020), essas trilhas funcionam como uma atividade prática de contato direto com a natureza, como mecanismo

de sensibilização do ser humano, onde surge um sentimento de pertencimento e um maior cuidado com o meio ambiente. A educação ambiental permite a construção de valores e atitudes que são sensíveis à diversidade, à complexidade e à solidariedade em relação aos outros seres humanos quanto à natureza (Moura Carvalho, 1998).

O objetivo deste trabalho foi criar uma trilha ecológica interpretativa como um instrumento de conscientização sobre a importância da conservação e de educação ambiental, buscando promover a sensibilização para a preservação da Mata Atlântica.

Material e Métodos

O trabalho foi conduzido no Horto Florestal, localizado dentro do Campus da UESC em Ilhéus, na Bahia. Este horto compreende uma floresta urbana com 9 hectares, constituída por um remanescente florestal da Mata Atlântica.

O Horto Florestal da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) é uma área de mata subutilizada, servindo apenas para o desenvolvimento de pesquisas pontuais e atividades práticas de algumas disciplinas. Em 2019, durante a realização da disciplina Botânica de Campo neste local, os alunos foram desafiados a propor alternativas para resolver o problema da cegueira botânica (Wandersee; Schussler, 1999), ou o que Neves, Bündchen e Lisboa (2019) qualificam como “negligência botânica na educação”. Para tanto, utilizaram a metodologia ativa de ensino *Brainstorm* para responder a seguinte pergunta: “Como despertar o interesse das pessoas pela botânica no Horto Florestal?”. Após longa discussão, chegou-se ao consenso de que a melhor ideia seria a criação de uma trilha interpretativa.

Para tal, elaborou-se um protocolo que teve início com a realização de um diagnóstico a partir de várias visitas ao local. Essas visitas foram realizadas com o intuito de obter informações preliminares para a definição dos objetivos da trilha, do formato mais adequado, do nível de dificuldade, do tempo estimado para percorrer o trajeto, do público-

alvo a ser alcançado, do método de visitação e da identificação dos pontos de interesse ao longo do percurso.

Para avaliação do potencial interpretativo da trilha, utilizou-se a metodologia proposta por Magro e Freixêdas (1998), com base no índice de atratividade dos pontos interpretativos (IAP), cuja metodologia é composta por cinco fases: 1) levantamento dos pontos potenciais para interpretação; 2) levantamento e seleção de indicadores; 3) elaboração da ficha de campo para trilha; 4) uso da ficha de campo e 5) análise dos dados.

Utilizando sistema de georreferenciamento, foram plotados os potenciais pontos para interpretação no mapa e visualização da localização e distanciamento entre eles. Além disso, foi realizada uma análise de outras oportunidades interpretativas para abranger algumas outras questões associadas a este espaço, a exemplo abordagens sobre o conceito e a funcionalidade da cabruca; projeto de enriquecimento da mata; características das espécies vegetais nativas e destaque daquelas ameaçadas. A partir da análise e identificação dessas oportunidades interpretativas foram estabelecidos conteúdos educativos para serem apresentados aos visitantes sob forma de vídeos, cards e jogos educativos.

Um conteúdo com a descrição das características dos ambientes e das espécies vegetais selecionadas como pontos de atratividade foi formatado como um roteiro, com linguagem acessível para ser empregado durante as visitas pelos condutores. Foram produzidas placas de identificação metálicas no tamanho (30x20cm), informando o nome vulgar, o nome científico, a família botânica e o código QR com informações mais detalhadas das espécies selecionadas. Além disso, foi elaborado um mapa informativo com o traçado da trilha, a partir de pontos georreferenciados, destacando os pontos de atratividade para melhor orientação dos condutores.

Para implementação das atividades presenciais, alunos do curso de ciências biológicas, bolsistas de extensão e voluntários, receberam treinamento teórico-prático para condução dos visitantes na trilha. Após o treinamento com os professores, todos passaram por uma avaliação para seleção daqueles aptos para atuação imediata no projeto.

Paralelamente ao trabalho de campo, foram ampliadas as atividades do canal de comunicação com o público, por meio das redes sociais, com atividades e conteúdos técnico-educativos que buscam promover o maior engajamento e o interesse do público pela botânica e despertar a curiosidade para conhecer o espaço.

Resultados e Discussão

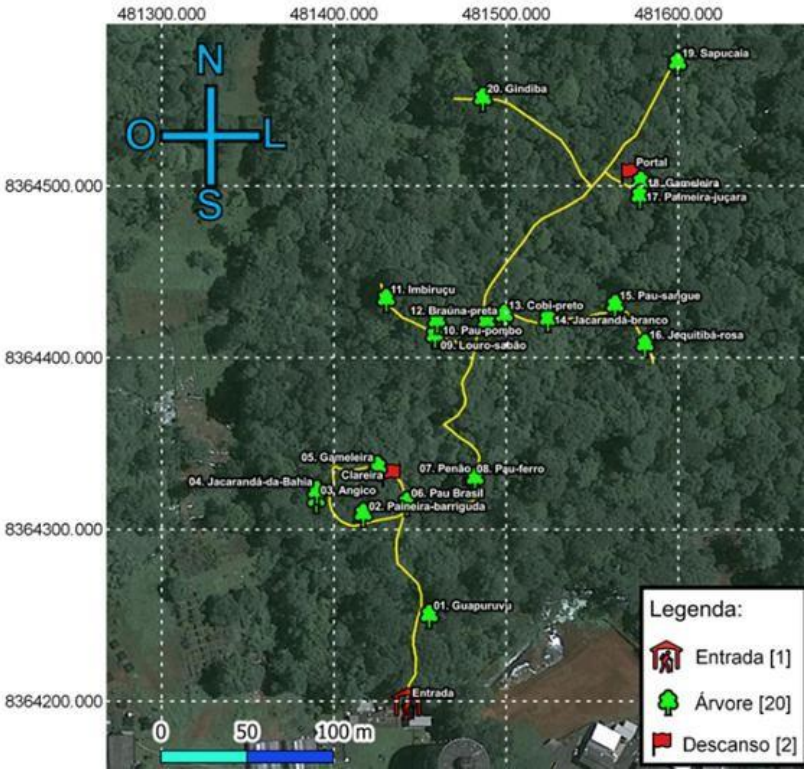
O campus da UESC localizado no município de Ilhéus, na Bahia, está inserido em uma área remanescente de Mata Atlântica de maneira singular, pois foi construído na extensão de uma fazenda produtora de cacau. Dentro dessa abrangência encontra-se uma antiga área de cabruca abandonada, que se destaca pela presença de várias espécies vegetais nativas, entre as quais, algumas definidas como endêmicas, raras ou em fase de extinção, citadas na Lista Oficial de Espécies da Flora Brasileira Ameaçadas de Extinção (Portaria MMA Nº 148, 7 de Junho de 2022). Neste domínio, em 1995 foi selecionada uma área de 9 ha para conduzir um processo de enriquecimento florestal, caracterizado pela remoção gradual de espécies exóticas presentes, como a eritrina (*Erythrina fusca* e *E. poeppigiana*), o cacaueiro (*Theobroma cacao*) e o sombreiro (*Clitoria fairchildiana*), com a substituição por espécies nativas, especificamente do ecossistema Mata Higrófila, um dos mais importantes do bioma Mata Atlântica. Processo conduzido mediante o uso de sementes provenientes de árvores matrizes locais e mudas cultivadas em um viveiro próprio.

Nas discussões para a elaboração da trilha interpretativa, foi definido como tema a "Educação Ambiental para Conservação da Mata Atlântica com enfoque Botânico". Várias visitas foram realizadas nesta área enriquecida com o objetivo de identificar os potenciais pontos de atratividade. Nesse contexto, realizou-se um inventário das árvores presentes com base em alguns critérios estabelecidos para a seleção das espécies, a saber: o fato de ser endêmica da Mata Atlântica, o seu status de ameaça e o seu valor cultural e ecológico. Após este levantamento, seleção e a análise dos dados, foram identificados os principais pontos atrativos da trilha, que incluem as espécies Pau-brasil (*Paubrasilia*

echinata), Sapucaia (*Lecythis pisonis*), Guapuruvu (*Schizolobium parahyba*), Cajazeira (*Spondias mombin*), Vinhático (*Plathymenia reticulata*), Jequitibá-rosa (*Cariniana legalis*), Pau-sangue (*Pterocarpus rohrii*), Jacarandá *(Dalbergia nigra*), Gameleira (*Ficus gomelleira*) e a Palmeira-jussara (*Euterpe edulis*). Essas espécies foram selecionadas para proporcionar uma experiência enriquecedora e educativa aos visitantes da trilha.

Em seguida, a localização destas espécies foi plotada em um mapa georreferenciado para visualizar o distanciamento e definir o melhor traçado da trilha para conexão dos pontos de atratividade (Figura 1).

Figura 1 – Traçado inicial da trilha conectando os principais pontos de atratividade



Fonte: Acervo pessoal (2025).

O projeto foi direcionado para atender o público-alvo de crianças, jovens e adultos, principalmente alunos de escolas públicas da região, ficando definidos como objetivos da trilha: 1) promover a aproximação do público e o contato com a natureza incentivando a

conservação da Mata Atlântica; 2) sensibilizar e contribuir para o desenvolvimento da consciência ambiental; 3) proporcionar atividades de lazer e oferecer oportunidades de observação, estudo e pesquisa; 4) ampliar a percepção do ambiente, estimulando o conhecimento e o respeito pela biodiversidade; 5) contribuir com mais uma alternativa para mitigar o conceito de impercepção botânica.

Para o melhor aproveitamento do espaço disponível, decidiu-se formatar duas trilhas conectadas, uma em traçado linear e a outra circular, possibilitando realizar todo o percurso ou apenas parte dele, dependendo do perfil, tempo e do interesse de cada grupo de visitantes. A trilha foi classificada como grau leve de dificuldade (FEMERJ, 2015), uma vez que é uma trilha aberta, quase totalmente plana e com declives suaves (Figura 2). Estimou-se que o tempo necessário para realizar todo o trajeto, que abrange 1,8 km, seja em torno de 1 hora e 30 minutos, aproximadamente. Esse tempo inclui a caminhada pela trilha na mata e as paradas nos pontos interpretativos, bem como as visitas adicionais ao Viveiro de Mudas Florestais, ao Horto de Plantas Medicinais e à Coleção de Morfotipos de Pau-brasil.

Figura 2 – Vista parcial do início da trilha interpretativa

Fonte: Os autores (2025).

Após a aprovação do projeto de extensão denominado “Trilha interpretativa da matinha da UESC” pelo Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE), foi criada a imagem visual do Horto Florestal simbolizado pelo jequitibá-rosa, uma das espécies mais importantes da trilha, bem como o perfil no instagram @hortoflorestal como o principal meio de divulgação dos trabalhos e comunicação com o público por meio das redes sociais. A inauguração do perfil aconteceu no dia 25 de setembro de 2021, a partir do qual começaram a ser publicados regularmente conteúdos educativos, incluindo *reels*, *stories* ou postagens no *feed*, apresentando o local, as espécies arbóreas, os membros do projeto, datas comemorativas ambientais e a realização de *lives* com pesquisadores e especialistas convidados (Figura 3).

Figura 3 – Perfil no Instagram, 31/01/25

Fonte: Acervo pessoal (2025).

Até o momento da escrita deste artigo, o perfil @hortoflorestal registra 184 publicações e 1.302 seguidores. Destaca-se que a fase inicial de divulgação do projeto por meio das redes sociais desempenhou um papel relevante durante o período de isolamento social, preparando o público para o retorno das atividades presenciais, as quais tiveram início no segundo semestre de 2022.

O agendamento das visitas por parte das escolas interessadas é realizado mediante preenchimento de um formulário disponibilizado no *link* contido na biografia do Instagram juntamente com as diretrizes de segurança dirigidas aos visitantes, além do termo de autorização para a utilização de imagens. Os horários de visita são determinados de acordo com a disponibilidade da equipe de condução responsável.

Atualmente, todas as visitas são conduzidas por estudantes do curso de Ciências Biológicas da UESC, devidamente capacitados para a atividade. Até o momento, 36 alunos, entre voluntários e bolsistas, receberam treinamento específico e atuaram na condução de grupos de visitantes. Antes de entrar na trilha os condutores dão orientações de como os visitantes devem se portar no deslocamento ao longo da trilha. No interior da floresta é realizado um momento de sensibilização, para melhor contemplar e ouvir os sons do ambiente. Semelhante ao que foi verificado por Milano *et al*. (2019), ao participar das ações de extensão como condutor da visitação à trilha interpretativa, os alunos têm a oportunidade de transmitir novos conhecimentos adquiridos, além de fortalecer sua formação cidadã prestando serviço à comunidade e melhorando sua comunicação.

Após o primeiro ano de atividades presenciais, foram realizadas 20 visitas de grupos de estudantes de diversos níveis de ensino, desde a Educação Infantil, o Fundamental I e II, o Ensino Médio e o Ensino Superior somando cerca de 580 visitantes, entre estudantes e professores provenientes não apenas do município de Ilhéus, mas ainda de cidades do entorno como Itabuna, Itacaré, Jussari, Buerarema, Una e Guanambi (Figura 4). Neste sentido, ao receber visitantes de diversas faixas etárias é preponderante que as informações sejam verbalizadas de forma simples e atrativa, sempre levando em consideração a idade do grupo (Blengini *et al*., 2019).

Figura 4 – Visita realizada pela escola Jose Nery Constant, de Buerarema-BA à trilha interpretativa no Horto Florestal da UESC

Fonte: Acervo pessoal (2025).

Além das visitas agendadas, a trilha interpretativa também é utilizada em eventos promovidos pela universidade, como no caso da Jornada de Biologia (JORNABIO) e do Circuito das Profissões, onde a universidade abre suas portas à comunidade externa para que possa conhecer os seus cursos, laboratórios e demais espaços (Figura 5).

Figura 5 – Participantes do JORNABIO visitando a trilha interpretativa

Fonte: Acervo pessoal (2025).

O projeto Horto Florestal da UESC ainda promove atividades especiais para mitigar a impercepção botânica entre os jovens, como o concurso escolar de fotografias do Dia da Árvore, no qual as dez melhores fotografias enviadas por escolares são selecionadas por um júri técnico e publicadas no *Instagram* - @hortoflorestaluesc - onde seguem para a etapa de votação pública. Como premiação, as escolas finalistas recebem certificados e a doação de um livro. O grande vencedor é premiado com a oportunidade de trazer a sua professora e toda a sua turma para uma visita à trilha interpretativa e realizar o plantio de uma espécie arbórea endêmica da Mata Atlântica (Figura 5).

Figura 6 – Plantio de árvores realizado pelos alunos da escola vencedora do II Concurso Escolar de Fotografias do Dia da Árvore em 2023

Fonte: Acervo pessoal (2025).

Ao final de cada visita à trilha, é realizada a doação de mudas de espécies florestais nativas ao representante da escola, com o propósito de plantá-las na sua instituição (Figura 7).

Figura 7 – Doação de muda de Pau-ferro (*Libidibia ferrea*) para a diretora da escola Vila Verde de Ilhéus ao final da visitação

Fonte: Acervo pessoal (2025).

O mérito do trabalho desenvolvido no primeiro ano de atividades do projeto obteve reconhecimento pela própria instituição, destacando-se no 9º Simpósio de Ensino, Extensão, Inovação, Pesquisa e Pós-graduação e 28º Seminário de Iniciação Científica como um dos melhores trabalhos de extensão apresentados no ano de 2022.

A interatividade promovida no perfil do Instagram por meio de curtidas e compartilhamentos pode impulsionar a difusão de informações, dados, anúncios e resultados de pesquisas nas redes sociais, utilizando o aparato multimidiático disponível (Barbosa; Sousa, 2017). Portanto, a resposta obtida com essa divulgação pode ser mensurada pelo número de seguidores, comentários e visualizações do perfil @hortoflorestal. Diariamente e a cada publicação, esses números crescem, demonstrando que o trabalho de educação ambiental realizado na trilha interpretativa está atingindo um número cada vez maior de pessoas.

Estudos demonstram que a divulgação científica por meio de redes sociais desempenha um papel crucial na disseminação de informações científicas à população (Whiting; Williams, 2013). Neste cenário, as redes sociais têm se mostrado um instrumento valioso na divulgação das ações do projeto Trilha Interpretativa do Horto Florestal da UESC, atingindo um número significativo de pessoas interessadas pelo tema educação ambiental com foco nos vegetais.

As práticas de sensibilização no início da trilha são essenciais para que os visitantes tenham uma experiência agradável. Em cada ponto interpretativo, são compartilhadas curiosidades culturais e ecológicas importantes para atrair a atenção dos visitantes, destacando a valorização das árvores de ocorrência da Mata Atlântica. Essa abordagem para despertar o interesse dos visitantes é semelhante à adotada pela trilha interpretativa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no bioma cerrado (Santos; Queiroz, 2020).

Um dos pontos interpretativos que mais atrai a atenção dos visitantes é a gameleira *(Ficus gomelleira)*. Esta espécie tem suas sementes dispersadas por animais, que as depositam sob o tronco de outras árvores adultas. Ao germinar, cresce como uma hemiepífita até que suas raízes alcancem o solo. Nesse ponto, suas raízes começam a

sufocar a árvore hospedeira, levando à sua morte. Exemplos como este, estimulam a interpretação ambiental e a curiosidade das crianças. Portanto, é fundamental que as trilhas sejam bem planejadas/formatadas para traduzir a linguagem da natureza de maneira compreensível aos diferentes grupos, em consonância com os argumentos de Guillaumon, Poll e Singy (1977), especialmente às crianças.

Todas as visitas recebidas na trilha do Horto Florestal da UESC representam mais que um passeio, são momentos de interação dos visitantes com as plantas do bioma Mata Atlântica, por meio da percepção de detalhes botânicos e ecológicos de cada uma das espécies interpretadas. Ademais, cada visita proporciona um reencontro com a natureza, permitindo que cada aluno se sinta parte dela e desenvolva sua sensibilidade e percepção ambiental (Marcuzzo *et al*., 2015).

Com base nesses resultados, tal como discutido por Ikemoto, Moraes e Costa (2009), trilhas bem planejadas cumprem sua função de possibilitar a reconexão da sociedade com o ambiente natural ao mesmo tempo em que possuem um elevado potencial para a educação ambiental, e contribuem para aumentar a sensibilização e a conscientização ambiental. Visto que, alia a interdisciplinaridade e a preocupação com o meio ambiente, tornando-se uma importante ferramenta às atividades educativas.

Conclusão

Após cinco anos de atividades, a trilha interpretativa do Horto Florestal da UESC vem se consolidando como um método eficaz para a promoção da educação ambiental e a sensibilização dos visitantes quanto à percepção das plantas na natureza, seja pela divulgação de conteúdos pertinentes na sua rede social, que foi o ponto de partida, seja pela execução da condução de visitantes ao longo da trilha, acrescido ainda pela doação de mudas de plantas nativas às escolas visitantes, com destaque para valorização e proteção do bioma Mata Atlântica.

Contribuições individuais de cada autor na elaboração do trabalho

Alana Lucia dos Santos Aboboreira: responsável pela coleta de dados no campo e colaboração na redação do texto.

Gabrielly Silva e Silva: responsável pela coleta de dados nas redes sociais e colaboração na redação do texto.

Nínive dos Santos Soares: responsável pela coleta de dados no campo e colaboração na redação do texto.

Marcial Cotes: contribuição na elaboração do texto do artigo científico, incluindo introdução, metodologia, resultados, discussão e conclusões.

Luiz Alberto Mattos Silva: contribuição na elaboração do texto do artigo científico, incluindo introdução, metodologia, resultados, discussão e conclusões.

José Walter Gaspar: contribuição na elaboração do texto do artigo científico, incluindo introdução, metodologia, resultados, discussão e conclusões.

Delmira da Costa Silva: contribuição na elaboração do texto e revisão crítica do conteúdo, sugestões de melhorias e correção de erros.

Larissa Corrêa do Bomfim Costa: contribuição na elaboração do texto e revisão crítica do conteúdo, sugestões de melhorias e correção de erros.

Referências

BARBOSA, C.; SOUSA, J. P. Comunicação da ciência e redes sociais: um olhar sobre o uso do Facebook na divulgação científica. **Cibercultura: circum-navegações em redes transculturais de conhecimento, arquivos e pensamento**, Braga, p. 279-289, 2017.

BLENGINI, I. A. D. *et al*. Trilha interpretativa como proposta de educação ambiental: Um estudo na RPPN do Caju (SE). **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 142-161, 2019.

BRITO, J.; PAIVA, G. M. C. Avaliação da aplicabilidade da Educação Ambiental crítica nas principais trilhas da Serra de Aratanha em Pacatuba (CE). **Revista Brasileira De Educação Ambiental**, v. 15, n. 3, p. 18-35, 2020.

BUZATTO, L.; KUHNEN, C. F. C. Trilhas Interpretativas uma Prática para a Educação Ambiental. **Vivências**, Erechim, v. 16, p. 219-231, 2020.

CALVO-VARGAS, I. M. Importancia de los recursos interpretativos autoguiados, como promotores de la conservación de los recursos naturales. **Movilidad Estudiantil**, Cartago, n. 6, p. 35-46, 2019.

FEDERAÇÃO DE ESPORTES DE MONTANHA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Metodologia de Classificação de Trilhas**. Rio de Janeiro: FEMERJ, 2015. Disponível em: https://feemerj.org/wp-content/uploads/FEMERJ-STM-2015-01-metodologia-de-classificacao-de-trilhas.pdf. Acesso em: 19 jan. 2025.

GARCIA, F. O.; NEIMAN, Z.; PRADO, B. H. S. Planejamento de uma Trilha Interpretativa na Estação Ecológica de Angatuba. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 323-344, 2011.

GUILLAUMON, J. R.; POLL, E.; SINGY, J. M. 1977. Análise das Trilhas de Interpretação. **Boletim Técnico do Instituto Florestal**, São Paulo, v. 25, 1977.

HEMMING, V. *et al*. An introduction to decision science for conservation. **Conservation Biology**, [*s. l.*], v. 36, n. 1, e13868, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1111/cobi.13868. Acesso em: 10 jan. 2025.

IKEMOTO, S. M.; MORAES, M. G. de; COSTA, V. C. Avaliação do potencial interpretativo da trilha do Jequitibá, Parque Estadual dos Três Picos, Rio de Janeiro. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 21, p. 271-287, 2009.

MAGRO, T. C.; FREIXÊDAS, V. M. Trilhas: como facilitar a seleção de pontos interpretativos. **Circular Técnica IPEF**, Piracicaba, n. 186, p. 4-10, 1998.

MARCUZZO, B. S. *et al*. Trilhas Interpretativas, uma ferramenta eficiente para a Educação Ambiental. **Revista Educação Ambiental em Ação**, [*s. l.*], n. 51, ano XIII, 2015.

MARTINI, A. M. Z. *et al*. A hot-point within a hot-spot: a high diversity site in Brazil's Atlantic Forest. **Biodiversity and Conservation**, [*s. l.*], v. 16, n. 11, p. 3111-3128, 2007.

MILANO, M. Z. *et al*. Planejamento e Implantação de uma Trilha Interpretativa na Mata Atlântica para atividades de educação ambiental no Instituto Federal Catarinense - Campus Rio do Sul. **Extensão Tecnológica**, Blumenau, n. 11, p. 43-52, 2019.

MOURA CARVALHO, I. C. de. **Em direção ao mundo da vida**: interdisciplinaridade e educação ambiental. Brasília, DF: Ipê, 1998.

NAGASAWA, D. *et al*. Educação ambiental e botânica no ensino médio: estudo de arbustos e árvores do pátio da escola. **Humanidade & Inovação**, [*s. l.*], v. 7, n. 5, p. 358-370, 2020.

NAVAS, A. L. G. P. *et al*. Divulgação científica como forma de compartilhar conhecimento. **CoDAS**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 1-3, 2020.

NEVES, A.; BÜNDCHEN, M.; LISBOA, C. P. Cegueira botânica: é possível superá-la a partir da Educação? **Ciência & Educação**, Bauru, v. 25, p. 745-762, 2019.

PORTUGAL, S.; SORRENTINO, M. A educación ambiental no Brasil: diferentes perspectivas e boas prácticas ambientalmente sustentable. **Revista Científica Galego-lusófona de Educación Ambiental**, [*s. l.*], v. 27, n. 1, p. 79-86, 2020.

SAMBUICHI, R. H. R. *et al*. Cabruca agroforests in southern Bahia, Brazil: tree component, management practices and tree species conservation. **Biodiversity and Conservation**, v. 21, p. 1055-1077, 2012.

SAMBUICHI, R. H. R.; MIELKE, M. S.; PEREIRA, C. E. (ed.). **Nossas Árvores**: conservação, uso e manejo de árvores nativas do sul da Bahia. Ilhéus: Editus, 2009.

SANTOS, S. A. M. dos; QUEIROZ, S. L. (org.). Trilha da Natureza da UFSCar: Roteiro Didático 1. São Carlos: Centro de Divulgação Científica e Cultural, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.11606/9786599310409. Acesso em: 10 jan. 2025.

THOMAS, W. W. *et al*. Lista preliminar das espécies de angiospermas endêmicas do sul da Bahia e norte do Espírito Santo, Brasil (Preliminary list of locally endemic plants of southern Bahia and northern Espírito Santo, Brazil). *In*: PRADO, P. I. *et al*. (org.). **Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do Sul da Bahia**. Ilhéus: IESB, 2003.

WANDERSEE, J. H.; SCHUSSLER, E. E. Preventing plant blindness. **The American Biology Teacher**, Oakland, v. 61, n. 2, p. 284-286, 1999.

WHITING, A.; WILLIAMS, D. L. Why people use social media: a uses and gratifications approach. **Qualitative Market Research**: An International Journal, [*s. l.*], v. 16, n. 4, p. 362-369, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.1108/qmr-06-2013-0041. Acesso em: 10 jan. 2025.

REVISTA interagir pensando a extensão

Con'verso: Pontes de Escuta na Escola

Conversation: Listening Bridges in School

Cláudia Aparecida de Oliveira Leite

Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-1634-4866
E-mail: claudia.leite@uemg.com.br

Wallace Gonçalves de Oliveira

Psicólogo graduado pela Universidade do Estado de Minas Gerais
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0008-1309-0371
E-mail: wallacegonliver@gmail.com

Ana Caroline Nascimento

Discente pela Universidade do Estado de Minas Gerais
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0004-0561-7816
E-mail: anacaroline.mg28@gmail.com

Resumo

O presente artigo apresenta as reflexões geradas mediante a implementação do projeto de extensão "Converso: pontes de escuta na escola". O objetivo principal do projeto é propiciar uma escuta que possibilite o reconhecimento da singularidade, por meio da disponibilidade de um plantão de acolhimento psicológico e a partilha do espaço coletivo, construído pelo dispositivo da conversação e das oficinas de poesia e outras artes. Dessa forma, reconhecemos que a escola é um lugar de multiplicidade, onde os laços se estabelecem ancorados na complexidade humana. Ou seja, a escola participa ativamente dos dispositivos de poder, reproduzindo os discursos sociais e recolhendo os efeitos das desigualdades que atravessam a vida e os corpos. A perspectiva epistemológica que sustenta os trabalhos e intervenções desse projeto de extensão é a Psicanálise. Nessa formulação, reconhecemos a potência da fala (da palavra) que abre caminhos para a mediação como estratégia privilegiada nas ações educativas. Por essa via, os resultados favoráveis à promoção da saúde, advindos dessa abertura extensionista, surgem da oferta de um espaço de acolhimento e escuta aos estudantes de escolas públicas.

Recebido em: 5 de dezembro de 2024. Aprovado em: 15 de maio de 2025.
***Interagir: pensando a extensão**, Rio de Janeiro, n. 39, e2025014, 2025*
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.87789

Palavras-chave: Educação; Psicanálise; Saúde.

Abstract
This article presents reflections generated by the implementation of the extension project “Conversation: Listening Bridges in School”. The primary objective of the project is to provide a listening space that fosters the recognition of individuality, offering psychological support services and creating a collective environment through conversations and workshops in poetry and other arts. We understand the school as a space of multiplicity, where connections are formed based on human complexity. In other words, the school actively participates in power dynamics, reproducing social discourses and reflecting the effects of inequalities that permeate life and bodies. The epistemological framework guiding the work and interventions of this extension project is Psychoanalysis. From this perspective, we recognize the power of speech (the word) as a fundamental tool for mediation, which works as a privileged strategy in educational actions. Thus, the positive outcomes in promoting health through this initiative emerge from the provision of a space for support and attentive listening to public school students.

Keywords: Education; Psychoanalysis; Health.

Área temática da extensão: Educação

O projeto Con’verso: pontes de escuta na escola

A Universidade, em seu amplo papel formativo, educativo e social, trabalha constantemente para estreitar os laços com a sociedade que a sustenta. O campo educativo entrelaça a construção do conhecimento com a diversidade e com o movimento civilizatório, mantendo, com isso, a importância da sustentação de um laço perene entre sociedade e universidade. Nessa esteira, vivenciamos um momento em que a extensão universitária se consolidou como um componente curricular obrigatório. Dessa maneira, o projeto de extensão permite que o discente construa seu saber no campo social, recuperando os conhecimentos adquiridos no seio da universidade e reconhecendo o saber construído nos diversos lugares sociais. Ao mesmo tempo, a sociedade acessa os benefícios da sua contribuição na forma de um trabalho de qualidade que retorna para a população.

Portanto, considerando essa função da extensão, o projeto “Con’verso: pontes de escuta na escola”, que originou como atividade de estágio curricular online, durante o

contexto pandêmico da Covid-19, realiza suas intervenções desde 2020. Cabe ressaltar que os pontos germinais desse projeto se iniciaram no contexto desafiador da pandemia, marcando a primeira experiência de intervenção online nas escolas públicas com as oficinas de poesia. Quando retornamos aos trabalhos presenciais e consideramos a emergência de outras demandas que as escolas nos endereçavam, a proposta de intervenção foi reconfigurada e ampliada. O sofrimento psíquico apresentado pelos estudantes das escolas ultrapassou as propostas delineadas para o estágio, exigiu a ampliação da carga-horária dos discentes e implicou na formalização do presente projeto, o qual será apresentado neste artigo.

Destacamos, portanto, que a articulação entre a Psicologia e a Educação é profundamente relevante para a sociedade e mantém um longo percurso, o qual mobiliza pesquisadores e estudiosos dos dois campos. Os saberes construídos nessa articulação não se hierarquizam e devem constituir um amplo espaço de partilha em que a dimensão subjetiva e social se estabeleça na promoção da saúde e da convivialidade. Nesse sentido,

> Algumas reflexões importantes passaram a nortear as pesquisas na área da Psicologia Escolar e Educacional, principalmente aquelas que apontam para a busca da relação entre saúde/doença, prevenção/tratamento, educação/terapia além do próprio estudo sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação e suas implicações para a atuação psicológica na instituição escolar. Igualmente se registra a preocupação em reavaliar os modos de atuação do psicólogo ou da psicóloga frente às queixas escolares, implicando repensar seu papel para além da avaliação e da disciplina, considerando assim uma ampliação no olhar e na prática (Viana, 2016, p. 57).

No percurso histórico da relação entre Psicologia e Educação, evidencia-se a complexidade de um cenário repleto de encontros e desencontros. Por isso, a interação entre essas áreas é, muitas vezes, impulsionada por críticas e reflexões. Por outras vezes, como resultado dessas mobilizações críticas, podemos observar transformações interessantes nas atuações da Psicologia na Educação, principalmente quando as práticas privilegiam a experiência do sujeito no contexto coletivo, social e escolar.

Podemos considerar que o início da atuação do psicólogo no Brasil esteve ligado a um trabalho de base laboratorial, situado no século passado, em que o profissional da Psicologia centrava sua prática na mensuração dos fenômenos psíquicos. Como

consequência dessa abordagem psicométrica, a Psicologia tendia a direcionar os problemas educacionais exclusivamente aos alunos, desconsiderando os fatores institucionais e sociais envolvidos no processo (Dias; Patias; Abaid, 2014).

A partir de 1980, com a inserção de profissionais da Psicologia nas escolas de alguns municípios, inicia-se gradualmente um movimento político voltado à reflexão sobre a atuação desses profissionais no campo educacional. Esse movimento ampliou as discussões acerca dos desafios enfrentados na educação. A contribuição de diversas abordagens em Psicologia provocou uma mudança na forma de problematizar as dificuldades educacionais, indicando que o entrecruzamento de fatores sociais, afetivos, cognitivos e estruturais supera uma perspectiva que atribui exclusivamente ao aluno à origem dos problemas. Nesse sentido, a Psicologia, inserida nesses espaços de debate, passou a propor e a exercer — não sem obstáculos — práticas psicológicas nas escolas com um caráter mais coletivo, buscando alcançar os aspectos fundamentais que constituem a educação (Guzzo *et al*., 2010).

O projeto de extensão *Con'verso* insere-se nesse contexto em que a atuação da Psicologia no campo da Educação reconhece as múltiplas e complexas variáveis que permeiam a vivência nas escolas. Nessa configuração, entendemos que as práticas desenvolvidas no ambiente escolar possibilitam o pleno exercício da extensão universitária, pois mobilizam a construção do conhecimento por meio da articulação de saberes diversos e da partilha das amplas experiências produzidas no campo educativo.

Assim, o projeto *Con'verso: pontes de escuta na escola* é realizado de modo a permitir que a escuta opere como abertura para diferentes possibilidades de passagem, tanto na perspectiva singular — por meio da oferta de plantão de acolhimento psicológico — quanto na perspectiva coletiva, com o uso dos dispositivos da conversação, das oficinas de poesia e de outras expressões artísticas. Propomos reconhecer a escola como um espaço de multiplicidade, onde os laços se estabelecem ancorados na complexidade da experiência humana. Ou seja, compreendemos que a escola participa ativamente dos dispositivos de poder, ao mesmo tempo em que reproduz discursos sociais e acolhe os efeitos das desigualdades que atravessam a vida e os corpos. No entanto, ao participar

desses dispositivos, a escola também produz saber e atua como agente de transformação na vida de crianças e jovens. Por essa via, reconhecemos que

> Não se trata mais de 'estender à sociedade o conhecimento acumulado pela Universidade', mas de produzir, em interação com a sociedade, um conhecimento novo. Um conhecimento que contribua para a superação da desigualdade e da exclusão social e para a construção de uma sociedade mais justa, ética e democrática (FORPROEX, 2012, p. 17).

A perspectiva epistemológica que sustenta os trabalhos e intervenções desse projeto de extensão é a Psicanálise. Essa abordagem nos permite reconhecer a potência da fala (da palavra) para favorecer a mediação como estratégia privilegiada nas ações educativas. Vale ressaltar que o enlaçamento entre Psicanálise e Educação se estabeleceu desde as primeiras incursões freudianas. Freud (1996a) inclui os dois campos dentre as tarefas impossíveis, o que não significa dizer que elas não podem ser experimentadas e realizadas, mas sim que elas devem ser apreciadas considerando o ponto incontrolável da singularidade. A prática de trabalho desenvolvida pelo projeto, portanto, considera a singularidade na estreita relação com a coletividade, considerando como marcos teóricos os conceitos de inconsciente, desejo, transferência e saber. Diante dessa sustentação, o objetivo do Con'verso é ofertar um espaço de acolhimento e escuta a fim de contribuir para a promoção da saúde de estudantes das escolas públicas estaduais. Essa abertura para a escuta acontece pelo dispositivo do plantão psicológico, que contribui com a comunidade escolar no acolhimento à urgência subjetiva dos estudantes. A coletividade e convivialidade, dimensões fundantes do espaço escola, também são contempladas nesse objetivo pela oferta de um espaço de palavra para os estudantes, através dispositivo da conversação. Nessa abertura de escuta, visamos construir um espaço de palavra para que cada um(a) se aproprie da sua enunciação, construindo espaços potencialmente criativos para sustentar a posição de sujeito. Esse empenho para promover ações criativas também é construído pelo Recreio Con'verso, intervenção que ganhou corpo pela aposta na poesia e outras artes.

As reflexões que trazemos neste artigo versam sobre a experiência de extensão vivenciada nos anos de 2023-2024 em três escolas estaduais situadas em uma cidade de

médio porte no interior de Minas Gerais. A *Escola 1* contava com 929 estudantes matriculados, dentre os quais, 24 eram acompanhados sob práticas pedagógicas inclusivas. As turmas dessa escola se dividem em três turnos de funcionamento nas modalidades de ensino fundamental I e II, ensino médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos). Na *Escola 2*, trabalhamos com o contingente de 445 alunos, distribuídos em ensino fundamental I e II e Ensino Médio. Na *Escola 3*, contávamos com 375 estudantes do fundamental I e II e Ensino Médio.

Nesse biênio, 2023-2024, o projeto Con'verso impactou, de forma direta, 1749 crianças e adolescentes matriculados nas três escolas públicas estaduais. De forma indireta, o projeto atingiu os trabalhadores da educação (servidores, professores, técnicos) e as famílias, pois as ações que acolhem e promovem a saúde mental dos estudantes impactam o meio em que eles vivem. Este trabalho extensionista estabeleceu, prioritariamente, como público alvo, a intervenção no campo da Psicologia junto às crianças e adolescentes no espaço escolar, mas considerando os efeitos do trabalho em rede.

Extensão na escola: a infância e adolescência do nosso tempo

As elaborações recolhidas do projeto Con'verso nos convidam a discernir as peculiaridades da infância e da adolescência do nosso tempo, a fim de promover um movimento de trabalho que colabore para a construção de práticas no universo escolar, contando com a atuação dos discentes e com o saber já construído pelos promotores da educação. Portanto, a infância e a adolescência recebem um lugar de escuta que reconhece, no mesmo movimento, a dimensão singular e a constituição coletiva fundante.

Sobre esse tempo da infância e da adolescência, lembramos que Philippe Ariès (1981), em seu livro *História social da infância e da família,* reúne aspectos importantes sobre a trajetória da criança no Ocidente, no decorrer dos anos e em diferentes contextos históricos. Através de seus escritos, percebemos a grande influência dos mecanismos de educação na delimitação da infância e da adolescência, uma vez que, conforme o autor, entre os séculos XV e XVIII, a criança deixava o ambiente familiar para viver com outros

membros da comunidade, aproximadamente aos sete anos, e assim, aprender um ofício e aprender a rotina da vida adulta. Na obra de Ariès (1981), fica evidente que não havia diferenciação entre faixas etárias, pois, na época clássica, a criança (que não se diferenciava do adolescente) era tratada e representada artisticamente como “adultos em miniatura”. Mais tarde, quando o sistema educacional constituído por escolas passou a ser difundido, o uso das delimitações das fases do desenvolvimento foi mais recorrente, entretanto, “até o século XVIII, a adolescência foi confundida com a infância” (Ariès, 1981, p. 50).

Se a infância se constrói num espectro cultural e civilizatório, o mesmo ocorre com a adolescência. A adolescência é reconhecida como a fase do desenvolvimento humano caracterizada pela passagem da infância à juventude, que tem uma marca no corpo bastante significativa sob o nome de puberdade. Freud (1996b) foi um dos primeiros a realizar um estudo sobre esse acontecimento específico da vida humana. Em seu livro “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1996b), ele dedica o terceiro ensaio para considerar as transformações da puberdade e estabelecer as mudanças psíquicas que marcam essa importante transição para o início da vida adulta.

A puberdade é o momento em que acontecem as modificações biológicas e físicas no fim da infância. Tais modificações provocam rupturas fundamentais na vivência do sujeito. Segundo Corso (2002), o termo adolescência é frequentemente associado aos verbetes “luto” e “desestruturação”. Para essa autora, a adolescência parte de um processo contínuo, que acompanha a própria origem do sujeito. Paulatinamente, o século XX começou a dar um lugar discursivo a todo cenário que compõe a emergência desse acontecimento no corpo e o termo *adolescência* ganhou uma abrangência e, em muitos campos, substituiu o termo *puberdade*. Tomando a ampliação do termo adolescência, nós entramos em um terreno em que as fronteiras são frágeis, finas e pouco nítidas.

A atenção que dedicamos à adolescência, nesse projeto de extensão, deve-se às demandas de intervenção nesse público específico. Por isso, é importante considerar que, conforme nos lembra Alberti (2010), há por parte do adolescente o desempenho de um grande trabalho de construção permeado por escolhas que contêm, como matéria prima,

os apontamentos e indicativos anteriores a sua própria adolescência. Em meio a tal construção, a escola é um espaço privilegiado que contribui para as diversas escolhas do adolescente e podemos pensá-la, inclusive, como um dos espaços potencialmente criadores de ideias e possibilidades que serão transmitidas ao sujeito.

Nesse sentido, entendemos que a linguagem é sinônimo de transmissão e movimento daquilo que é matéria prima de tal construção e interligação (Alberti, 2010). Portanto, ofertar a possibilidade da palavra, pelos dispositivos do plantão psicológico, da conversação e das oficinas (Recreio Con'verso) permitirá uma ampliação de possibilidades diante da bagagem histórica de cada estudante, possibilitando a desnaturalização de preconceitos, a flexibilização de identificações e permitindo transformações (Coutinho; Oliveira, 2015).

Portanto, ao realizarmos este projeto nas escolas, possibilitamos que esse espaço, que é um local de aprendizagem por excelência, se estabeleça também como um local de acolhimento. A subjetividade, as experiências e mudanças vivenciadas cotidianamente por cada um, numa realidade complexa, assumem sua relevância no ambiente educacional. Por toda essa complexidade, consideramos fundamental ofertar um espaço de palavra dentro da escola que permitirá novos encaminhamentos para os estudantes na vivência desafiadora da infância e na sustentação dessa passagem chamada adolescência. Lembramos que essa passagem se estabelece como um tempo "mudo" por excelência e, portanto, a oferta da palavra pode precipitar novos contornos e novas saídas frente à experiência inédita que a adolescência impõe (Costa, 2002).

Metodologias participativas e a ética do bem-dizer

Para abrir frestas no tempo silenciado da adolescência e ancorados na ética do bem-dizer, que sustenta a Psicanálise, sustentamos a metodologia participativa, que privilegia a interação dialógica, a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade. Assim, lembramos que:

> Em Projetos de Extensão Universitária são utilizadas metodologias participativas, ou seja, aquelas que permitem a participação do público, juntamente com os membros da equipe universitária, de forma ativa, como coautores no processo, ao contribuírem com seus próprios saberes, opiniões e práticas, em uma interação democrática e dialógica. Nas metodologias participativas todos são considerados fontes de informação, facilitando a expressão de diferentes formas de pensar (UNESP, 2017, p. 10).

Nessa vertente metodológica, apresentaremos, a seguir, os três principais dispositivos que utilizamos para diagnosticar, intervir, participar e avaliar os resultados do projeto de extensão. Consideramos também a técnica, frequência e registros das atividades desenvolvidas como fontes de elaboração e construção de saber.

Na primeira etapa do trabalho, realizamos a escuta e observação da escola. Esse é o primeiro movimento de reconhecimento do saber de estudantes e educadores, que poderão lançar suas propostas e ideias para um diálogo com a equipe de extensão. Concomitantemente, anunciamos a proposta do projeto para os cuidadores (adultos responsáveis pelos estudantes), entendendo que, os mesmos também recolhem os efeitos do projeto. Nessa proposição, avançamos na reorganização das referências bibliográficas que sustentam a teorização sobre o trabalho, formulando as leituras, discussões e estudos do projeto. Tal etapa é crucial para a promoção do vínculo ensino-extensão.

Juntamente com a escola, os extensionistas organizaram a disponibilidade dos discentes plantonistas de psicologia, encaminhando as propostas da conversação e estruturando as oficinas com os estudantes. A equipe do projeto produziu a arte da divulgação e em seguida, disponibilizou o material para os estudantes, cuidadores, educadores e para a direção da escola. Desse primeiro mapeamento fundamental, iniciamos a implementação das três pontes de escuta que ordenamos no projeto.

Primeiramente, apresentamos o plantão psicológico que se estabelece como uma prática clínica que de atendimento qualificado como emergencial, ou seja, o plantão permite acolher as demandas trazidas por um sujeito num momento de crise. Por essa imprevisibilidade, o plantão psicológico não requer um agendamento prévio. O dispositivo do plantão obedece a todos os argumentos do código de ética da psicologia e promove, mediante uma escuta qualificada, uma condição de acolhimento, permitindo que a/o

estudante mobilize recursos e possibilidades diante do acontecimento que lhe provocou mal-estar.

A palavra “plantão”, advinda do francês *planton*, significa ficar ali, estar plantado. Nesse sentido, a/o plantonista se dispõe a “estar ali” disponível para escutar as demandas trazidas pelo estudante. Sabemos que os atendimentos do plantão, dentro de contextos institucionais em que as atividades são realizadas, apresentam um caráter breve. Entretanto, essa brevidade não se refere necessariamente à questão cronológica ou temporal, mas sim corresponde à construção de um trabalho com objetivo delimitado, partindo da queixa e da demanda trazidas pelo sujeito e considerando um eventual apaziguamento de um sofrimento insustentável (Ortolan, 2020).

Nesse sentido, um dos aportes do plantão se aproxima do que consideramos de uma terapia de curta duração e profunda, podendo ser breve no tempo e duradoura em seus efeitos (Hegenberg, 2010). Por essa razão, o plantão recebe orientação direta da docente que coordena o projeto. A realização do plantão psicológico oferece uma ponte de escuta que pode promover diversos encaminhamentos: contato com a família do estudante, intervenção nas turmas, encaminhamento para os serviços de psicologia disponíveis na rede, encaminhamento para outros profissionais, CRAS (Centro de Referência da Assistência Social), CREAS (Centro de Referência Especializada em Assistência Social) etc.

A conversação, dispositivo coletivo que desenvolvemos no projeto, é oriunda da prática psicanalítica clínica aplicada a grupos. Ela tem se expandido como intervenção nos espaços institucionais e, de forma privilegiada, no campo da Educação. A produção do inédito, da surpresa, daquilo que escapa ao previsível são os objetivos da conversação. Nesse sentido, a conversação se fia na regra fundamental da Psicanálise, a “associação livre”, considerando essa associação construída coletivamente, na “entre-fala” dos participantes. Miller (2005) define a conversação como:

> [...] uma situação de associação livre, se ela é exitosa. A associação livre pode ser coletivizada na medida em que não somos donos dos significantes. Um significante chama outro significante, não sendo tão importante quem o produz em um momento dado. Se confiamos na cadeia de significantes, vários participam do mesmo. Pelo

> menos é a ficção da conversação: produzir — não uma enunciação coletiva — senão uma associação livre coletiva, da qual esperamos um certo efeito de saber. Quando as coisas me tocam, os significantes de outros me dão ideias, me ajudam e, finalmente, resulta — às vezes — algo novo, um ângulo novo, perspectiva inédita (Miller, 2005, p. 15-16 *apud* Miranda; Vasconcelos; Santiago, 2006).

Nesse sentido, a conversação preserva a dimensão da ética da Psicanálise, a ética do bem-dizer, estabelecendo as articulações tecidas sob transferência. O bem-dizer articula aquilo que se pode construir a partir do corte, do silêncio, dos equívocos, modos privilegiados de aparição do sujeito. Nesse sentido, a conversação demarca uma oferta da palavra para que cada um se aproprie da sua enunciação.

A proposta da conversação não constitui um argumento prévio, ou seja, não se estabelece *a priori* o tema do encontro ou mesmo os "objetivos" a serem alcançados durante o trabalho. A construção é partilhada pelo acontecimento do dizer, tal como podemos circunscrever no campo clínico. A fala de um participante interfere na fala do outro, sem, no entanto, se confundir com o outro. O laço social se estabelece pelo discurso. Cada um sustenta seu lugar de enunciação e constrói as associações no enlaçamento da fala sustentada pelo outro.

O manejo da fala, a temporalidade, a estrutura do encontro fazem com que a conversação não seja confundida com uma psicoterapia. Percebemos que, em alguns casos, o encontro pontual, delimitado, serviu de balizas para que o sujeito procurasse um espaço de palavra singular e propondo novos rumos para seus conflitos. O desejo de falar deve ser o principal requisito para participar da conversação, não cabendo à obrigatoriedade nesse processo. Como nos lembra Lacadée (2003), ao propor a entrada da conversação no interior das escolas, pela "oferta de palavra", se estabelece um espaço fundamental em que se pode falar. Nesse caso, a própria conversação configura uma metodologia de intervenção, pois, diante da experiência do encontro e da palavra, a produção de um saber inédito se realiza.

O projeto extensionista desenvolveu uma terceira modalidade de intervenção durante o intervalo de recreio nas escolas. Esse momento pontual e poético recebeu o nome de "Recreio Con'verso". Essa atividade se aproxima da demarcação das oficinas

indicas como estratégia de intervenção em saúde mental. A utilização das oficinas, como método no campo da saúde mental, acolhe as diretrizes do SUS (Sistema Único de Saúde) que reconhece os efeitos terapêuticos recolhidos das práticas expressivas, que propiciam um espaço onde os sujeitos exercem a expressão plástica, como, por exemplo, a dança, pintura, teatro, poesias (Brasil, 2004).

O projeto resgata a expressão artística como elemento ordenador capaz de mediar as relações coletivas e, nesse sentido, a arte poética torna-se ponte de intervenção. Para promover o “Recreio Con’verso”, pesquisamos e compilamos a produção de poetas, considerando as várias formas e os diversos estilos em que os mesmos criam seus trabalhos: escritos, narrados e cantados. Essa acepção ampla da poesia permite maior aproximação com os estudantes, mediante um convite mais democrático e acolhedor de culturas e saberes diversos da arte poética: música, literatura, *rap* e poemas. Dessa maneira, os discentes extensionistas do projeto montam, num local de grande circulação, uma bancada que abrigará o material selecionado: livros de poesia, fotos dos artistas, poesias impressas em folhas avulsas, caixa de som, microfone para recitação e também um caderno de registro livre, para que os estudantes possam escrever seus versos e pensamentos.

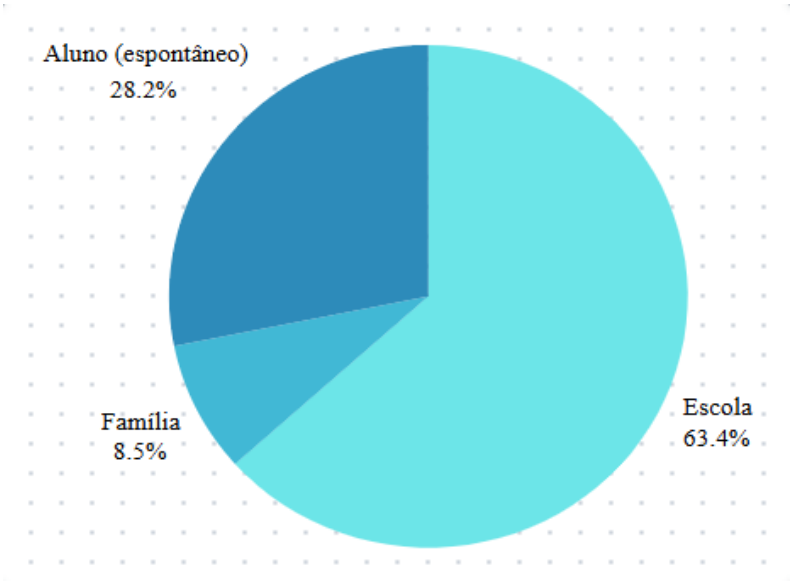
O “Recreio Con'verso” tem o intuito de ser um lugar livre para que os estudantes sintam-se convidados a experienciar as diversas manifestações da poesia e, com isso, construam ativamente a promoção da saúde mental ao estabelecer pontes de elaborações simbólicas e subjetivas. Como travessia e ponte entre a psicanálise e a escola, a poesia propiciou a criação de vínculos com os estudantes, além de, através do fazer criativo da poesia, consolidou o diálogo sobre diversas questões subjetivas que impulsionam construções e favorecem o processo de dar contorno ao não dito, ao objeto perdido.

Além disso, os plantonistas do Con’verso construíram tabelas para o registro dos atendimentos realizados. As tabelas foram organizadas por escola e, em cada uma delas, constavam as seguintes informações: data do atendimento, nome do aluno atendido, série e sala, origem da demanda (por exemplo, se o atendimento foi solicitado pelo próprio aluno ou pela escola) e o nome do plantonista responsável.

Dito isso, ao se compreender a importância desses registros tanto para o mapeamento da demanda por escuta no ambiente escolar quanto para a caracterização do público atendido, torna-se pertinente destacar tais dados. Entre 2023 e 2024, foram realizados aproximadamente 308 atendimentos pelo Con'verso, distribuídos em três escolas diferentes, contemplando um total de 213 alunos. A diferença entre o número de atendimentos e o de alunos atendidos deve-se ao fato de que, embora os atendimentos de plantão tenham um caráter pontual, em alguns casos houve demanda por mais de um atendimento para o mesmo aluno. No entanto, nos casos em que se identificava a necessidade de acompanhamento psicológico continuado, os alunos eram encaminhados ao SEPSI (Serviço Escola de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais).

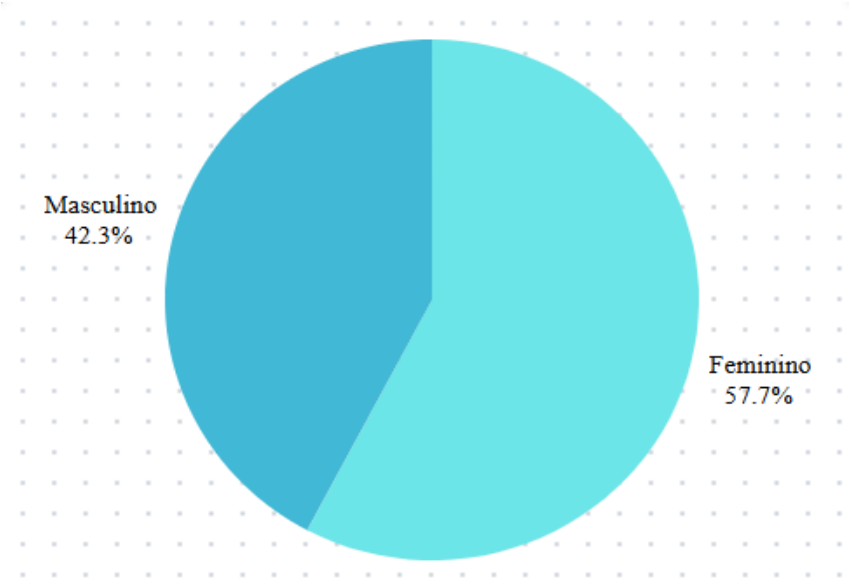
Dos 213 alunos atendidos, 95 (45% do total) estavam entre o 6º e o 9º ano do Ensino Fundamental; 68 (32%) entre o 1º e o 5º ano do Ensino Fundamental; e 50 (23%) estavam matriculados no Ensino Médio. Além disso, informações como gênero dos alunos atendidos e a origem das demandas também foram registradas e estão apresentadas nos gráficos a seguir.

Figura 1 – Origem da demanda por atendimento



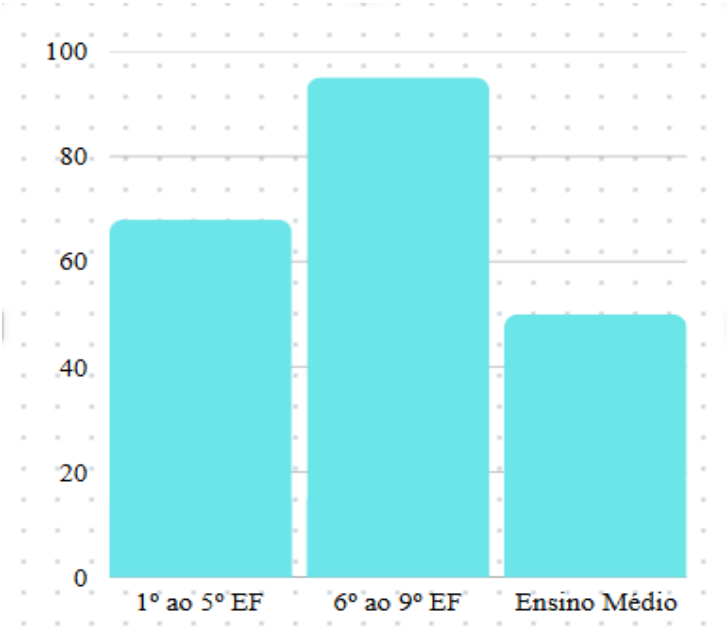
Fonte: FORPROEX (2012).

Figura 2 – Distribuição por gênero



Fonte: FORPROEX (2012).

Figura 3 – Distribuição por ano/série



Fonte: FORPROEX (2012).

É possível realizar algumas considerações a partir desses dados. Dentre elas, destaca-se a menor porcentagem de alunos do Ensino Médio atendidos pelo plantão

Con’verso. No entanto, os plantonistas relataram que esses alunos participaram de forma significativa das intervenções realizadas no Recreio Con’verso. Nesse sentido, as interações decorrentes desses encontros revelaram uma maior carga de atividades avaliativas, provas e revisões no Ensino Médio, quando comparado aos demais anos. Assim, uma possível explicação para esses resultados é que esses alunos não se sentiam tão confortáveis em se ausentar da sala de aula durante o tempo de atendimento.

Outra consideração relevante diz respeito à origem da demanda por atendimento. Ainda que 63,4% dos alunos atendidos tenham sido encaminhados pela escola, na maioria das vezes, a demanda que o aluno apresentava não se assemelhava àquela apontada pela instituição. É exatamente a partir da demanda do aluno — isto é, a partir da fala do sujeito — que a práxis psicanalítica se orienta. Desse modo, ainda que a demanda inicial tenha partido da escola, a oferta de escuta ao aluno possibilita o surgimento de uma demanda de acolhimento por parte do próprio sujeito.

A partir de cada intervenção, realizada com base nas propostas metodológicas do projeto Con’verso, foi possível identificar inúmeros resultados positivos relacionados aos alunos no contexto escolar. Ao trabalharmos com as intervenções coletivas, destacaram-se as modalidades de conversação e rodas de conversa. Os temas mais recorrentes nessas experiências foram: sexualidade, racismo, vida escolar, violência na escola (*bullying*), adolescência, fim do ensino médio e conflitos familiares.

A possibilidade de falar livremente em grupo promoveu reflexões e compreensões acerca das vivências dos estudantes. Por meio dos questionamentos e reflexões suscitados, os alunos puderam construir novas saídas frente aos conflitos vivenciados, tanto dentro quanto fora da escola. Em momentos de crise, o grupo de conversação revelou-se uma ferramenta potente para a reorganização das relações e a retomada da confiança no espaço escolar.

O plantão psicológico possibilitou a mediação de diversos conflitos entre os alunos e a instituição, além de contribuir para a ampliação da percepção dos estudantes acerca do próprio lugar no espaço escolar. Consideramos que a oferta do plantão colaborou para a redução dos episódios de autolesão (cortes), que eram frequentes ao longo do ano de 2022.

Ao todo, foram realizados vinte encaminhamentos para serviços como o CAPS-i, o Serviço Escola de Psicologia da UEMG, Unidades Básicas de Saúde (UBS) e clínicas privadas.

A intervenção realizada no *Recreio Con'verso* proporcionou aos alunos um encontro lúdico com a poesia e a música, mobilizando condições e recursos que favoreceram a expressão de afetos e emoções. Observamos que o contato com a poesia suscitou reflexões e processos de elaboração por parte dos estudantes. Destacamos um envolvimento curioso e participativo dos estudantes das escolas públicas que acolheram o projeto. Eles contribuíram com suas palavras, escritas, criações e recriações. A dimensão participativa é compartilhada e, nesse processo, no mesmo movimento em que acolhemos as escritas que eles trouxeram, os estudantes demonstraram interesse em conhecer os escritores cuja arte poética apresentamos.

Considerações finais

A consolidação das atividades extensionistas como estratégia educativa permite que o estudante universitário amplie seu compromisso com o espaço que ocupa, por meio do exercício do seu saber. Nessa perspectiva, o Projeto *Con'verso: Pontes de Escuta na Escola* visa fortalecer os laços entre os diversos setores sociais, principalmente entre o campo da educação (ensino fundamental e médio) e a universidade.

No entrelaçamento entre Psicologia e Educação, destacamos os desafios enfrentados, uma vez que, ao adentrar o espaço escolar, o acadêmico de Psicologia continua a receber demandas que privilegiam a adaptação do estudante ao modelo educacional vigente. Apesar dos avanços teóricos e práticos desenvolvidos no campo da Psicologia Escolar, os quais destacam a complexidade da prática educativa, atravessada por múltiplos vetores (sociais, afetivos, políticos, cognitivos, entre outros), ainda nos deparamos com solicitações que visam à adequação do aluno a um formato de ensino predominantemente individualista (Guzzo *et al*., 2010). Na prática extensionista, orientados pela perspectiva psicanalítica, buscamos elaborar estratégias em que os contornos subjetivo-coletivos possibilitem que cada sujeito assuma responsabilidade por seu fazer e

saber no espaço escolar. Esse posicionamento está em consonância com diversos movimentos críticos contemporâneos da Psicologia e da Educação, que buscam superar os modelos individualistas de intervenção. Nesse sentido, colaboramos com a criação de ambientes que possibilitem a fala dos próprios alunos, especialmente a partir de uma concepção coletiva desse espaço.

Neste artigo, partilhamos essa experiência construída coletivamente, a fim de contribuir para o diálogo entre os campos do conhecimento e da práxis educativa. Em nossa prática extensionista, constatamos que a extensão correlaciona teoria e prática, por meio da participação de graduandos em Psicologia desde o ciclo básico, quando dão seus primeiros passos e começam a constituir seu lugar na formação. Assim, movimentam-se mais pontes de escuta e saberes entre a universidade e a comunidade.

Agradecimento

A equipe do projeto de extensão *Con'verso: Pontes de Escuta na Escola* agradece ao Programa Institucional de Apoio à Extensão (PAEX) da Universidade do Estado de Minas Gerais pelo financiamento concedido, nos editais 1/2023 e 1/2024.

Referências

ALBERTI, S. **O adolescente e o Outro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde mental no SUS**: Os Centros de Atenção Psicossocial. Brasília, DF: MS, 2004. Disponível em: http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/SM_Sus.pdf. Acesso em: 10 mar. 2023.

CORSO, D. Édipo, latência e puberdade: a construção da adolescência. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 23, p. 18-30, 2002.

COSTA, A. Apagando marcas: registro e endereço adolescente. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, n. 23, p. 9-17, 2002.

COUTINHO, L. G.; OLIVEIRA, B. O. Conversações com adolescentes na escola: bullying ou mal-estar nas relações? **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 20, n. 1, p. 205-228, 2015.

DIAS, A.; PATIAS, N.; ABAID, J. Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: algumas reflexões. **Revista Quadrimestral da Associação Brasilera de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 105-111, 2014.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: Imprensa Universitária, 2012. Disponível em: https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf. Acesso em: 10 mar. 2023.

FREUD, S. Análise terminável e interminável. *In*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (vol. XXIII)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. Originalmente publicado em 1937.

FREUD, S. Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. *In*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. VII)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. Originalmente publicado em 1905.

GUZZO, R. S. L. *et al*. Psicologia e Educação no Brasil: Uma Visão da História e Possibilidades nessa Relação. **Psicologia**: Teoria e Pesquisa, Brasília, DF, v. 26, p. 131-142, 2010. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/17512. Acesso em: 10 mar. 2023.

HEGENBERG, M. **Psicoterapia Breve**: Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casapsi Livraria, Editora e Gráfica Ltda, 2010.

LACADÉE, P. Le pari de la conversation du CIEN - accueillir le « hors norme » dans le lieu de l'institution. **Revue Vacarme**, [*s. l.*], n. 22, p. 40-42, 2003. Disponível em: https://www.cairn.info/revue-vacarme-2003-1-page-40.htm. Acesso em: 10 mar. 2023.

MIRANDA, M. P.; VASCONCELOS, R. N.; SANTIAGO, A. L. B. Pesquisa em psicanálise e educação: a conversação como metodologia de pesquisa. **Psicanálise, Educação e Transmissão**, São Paulo, v. 6, 2006. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032006000100060&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 10 mar. 2023.

ORTOLAN, M. L. M. *et al*. Possibilidade da psicanálise no serviço de plantão psicológico: um lugar de retificação subjetiva. **Stylus (Rio de Janeiro)**, Rio de Janeiro, n. 39, p. 147-158, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2019000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 maio 2021.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Relatório final do Edital 01/2024 do Programa de Apoio à Extensão**. Divinópolis: PAEX: UEMG, 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Manual Dinâmico para Elaboração de Proposta de Projeto de Extensão Universitária e Iniciação à Extensão Universitária**. São Paulo: PROEX: UNESP, 2017.

VIANA, M. N. Interfaces entre a Psicologia e a Educação: Reflexões sobre a atuação em Psicologia Escolar. *In*: FRANCISCHINI, R.; VIANA, M. N. (org.). **Psicologia Escolar**: que fazer é esse? Brasília, DF: CFP, 2016. p. 54.

REVISTA interagir pensando a extensão

Coleção Didática de Macrofungos como Ferramenta no Ensino e Divulgação de Micologia no Município de Tomé-Açu, Pará

Didactic Collection of Macrofungi as a Tool in Teaching Mycology in the Municipality of Tomé-Açu, Pará

Sara Meireles Rodrigues

Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural da Amazônia
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0006-0105-9487
E-mail: sara234meireles@gmail.com

Aires Maciel da Trindade

Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural da Amazônia
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0001-5188-7436
E-mail: airesmac02@gmail.com

Adriene Mayra da Silva Soares

Professora Adjunta de Ciências Biológicas da Universidade Federal Rural da Amazônia
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-1143-0706
E-mail: adriene.soares@ufra.edu.br

Resumo

Os macrofungos, conhecidos popularmente como cogumelos e orelhas-de-pau, participam da ciclagem de nutrientes na natureza. Ocasionalmente, a dinâmica em sala de aula carece de estímulos visuais que auxiliem no processo de aprendizagem. O objetivo deste estudo foi criar uma coleção didática de fungos macroscópicos a fim de atuar como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem de alunos da graduação e da educação básica, bem como da comunidade de Tomé-Açu/PA. Foram construídas caixas de madeira com tampas de vidro temperado para acondicionar as amostras coletadas em áreas do município. Ao todo, três caixas foram montadas, cada

Recebido em: 24 de julho de 2024. Aprovado em: 13 de maio de 2025.
***Interagir: pensando a extensão**, Rio de Janeiro, n. 39, e2025013, 2025*
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.86133

uma contendo aproximadamente 18 espécimes, representando 40 espécies pertencentes a dez famílias do filo *Basidiomycota*. A coleção didática foi apresentada em eventos científicos e de extensão visando demonstrar a diversidade e a importância dos macrofungos, e funciona como um valioso instrumento para o ensino de Micologia, auxiliando os estudantes a compreenderem a necessidade de preservar a biodiversidade.
Palavras-chave: *Basidiomycota*; Biodiversidade; Ferramenta didático-pedagógica; Divulgação científica.

Abstract
Macrofungi, popularly known as mushrooms or bracket fungi, participate in the cycling of nutrients in nature. Classroom dynamics occasionally lack visual stimuli that help in the learning process. The aim of this study was to create a didactic collection of macroscopic fungi to be used as a tool in the teaching-learning process of students of undergraduate and basic education, as well as of the community of Tomé-Açu/PA. Wooden boxes with tempered glass covers were built to pack the samples collected in areas of the municipality. In total, three boxes were assembled, each containing approximately 18 specimens, representing 40 species belonging to ten families of the *Basidiomycota* phylum. Proving to be a valuable tool for mycology teaching, the didactic collection was presented at scientific and outreach events to demonstrate the diversity and importance of macrofungi, helping students to understand the need to preserve biodiversity.
Keywords: *Basidiomycota*; Biodiversity; Pedagogical didactic tool; Scientific divulgation.

Área de extensão: Educação

Introdução

Coleções biológicas caracterizam-se como um repositório sistematizado e georreferenciado de espécies, com informações diversas sobre classificação e dados ambientais. Os exemplares tornam-se disponíveis para consultas, pesquisas e fornecem elementos sobre a biodiversidade e conservação. Além disso, são fundamentais na educação e formação de profissionais em diversas áreas da biologia (Gropp, 2018; Kamensi *et al*., 2016). O fungário é um tipo de “coleção de fungos macroscópicos ou microscópicos desidratados ou liofilizados” (Vieira, 2019, p. 646), cujo acervo disponibiliza informações sobre a riqueza e distribuição das espécies e possibilita estudos na área da taxonomia, morfologia e história natural dos organismos (Andrew *et al*., 2018). Além de sua importância cientifica, algumas coleções possuem propósito educacional, como as didáticas, conhecidas por despertar a curiosidade dos estudantes e estimular o trabalho em

equipe através da exploração da biodiversidade (Azevedo-Filho, 2017). Um exemplo clássico do potencial didático desse tipo de instrumento reside nas coleções entomológicas, onde insetos são preservados e ordenados de acordo com a morfologia e organização taxonômica. Essas coleções são muito utilizadas no ensino de ciências e facilitam o processo de ensino-aprendizagem de forma significativa. Podem ser empregadas também como material expositivo em escolas e comunidades de uma determinada região (Azevedo-Filho, 2017).

Os fungos são seres eucarióticos que habitam praticamente todos os ambientes aquáticos e terrestres. São caracterizados por estruturas tubulares denominadas de hifas ou exibem formas arredondadas e/ou ovoides, igualmente microscópicas, chamadas de leveduras. Eles são capazes de se reproduzir tanto pela fragmentação dessas estruturas quanto pela produção de esporos haploides e diploides (Kendrick, 2017). A natureza fisiológica desses organismos permite com que eles exerçam funções importantes no ecossistema e sejam empregados no campo biotecnológico, agindo na biodegradação e biotransformação de compostos, assim como na biorremediação do solo, por exemplo (Silva; Malta, 2016).

A versatilidade desses organismos alcança também sua morfologia. Um grupo peculiar manifesta formas macroscópicas que podem ser facilmente encontradas em ecossistemas florestais. Assumindo as mais variadas cores, tamanhos e texturas, os basidiomas ou ascomas (popularmente conhecidos como cogumelos ou orelhas-de-pau) são característicos de fungos pertencentes aos filos *Ascomycota* e *Basidiomycota* (Deacon, 2013). Eles mostram estilos de vida variantes nos ecossistemas, podendo assumir o caráter sapróbio, decompondo a matéria orgânica; ectomicorrízico, associando-se às raízes de plantas; ou agindo como patógenos de plantas e animais. Esses macrofungos têm sua relevância atestada na indústria alimentícia, na medicina e no ramo farmacológico devido às propriedades antimicrobianas, antioxidantes e anti-inflamatórias de seus compostos bioativos (Niego *et al*., 2021, 2023).

Em relação à biodiversidade, os fungos estão atrás somente dos artrópodes, com uma estimativa entre 2,2 e 12 milhões de espécies (Hawksworth; Lücking, 2017; Wu *et al*.,

2019). Uma rápida pesquisa nos bancos de dados vislumbra a maior quantidade de estudos sobre biodiversidade de macrofungos em países de clima temperado; ao contrário do Brasil, onde a literatura ainda não contempla uma parcela significativa do conhecimento a respeito desses organismos. Os obstáculos são maiores quando a atenção é direcionada ao ensino, tanto na educação superior quanto na educação básica. Tópicos relacionados à micologia muitas vezes são abordados de forma superficial ou inseridos nas grades curriculares dos cursos de biologia em meio às disciplinas de microbiologia. Na principal ferramenta do ensino básico, o livro didático, os fungos macroscópicos são virtualmente negligenciados, uma vez que as patologias e micoses apresentam um destaque maior em detrimento de outros assuntos (Gomes, 2022).

Visando contornar essas dificuldades, este estudo elaborou uma coleção didática de macrofungos com o propósito de demonstrar de forma prática e atrativa a diversidade de espécies presentes na região amazônica, servindo como uma importante ferramenta no processo de ensino-aprendizagem. A exposição desse material em eventos científicos e de extensão pretende despertar a curiosidade e a busca por conhecimento tanto de alunos da educação básica e superior do *campus* da Universidade Rural da Amazônia quanto da comunidade externa do município de Tomé-Açu.

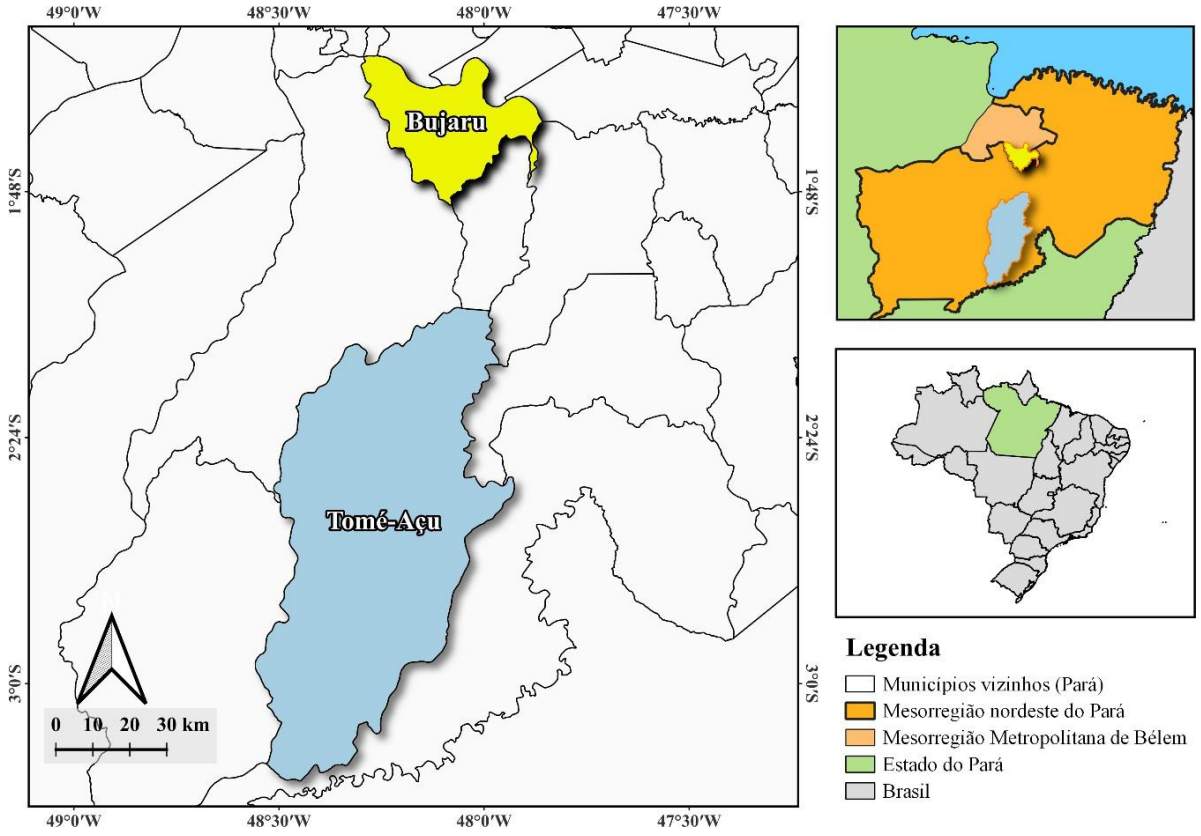
Metodologia

Área de estudo

A etapa de seleção e coleta dos exemplares representativos de macrofungos foi realizada em dois municípios do estado do Pará. O município de Tomé-Açu está localizado na mesorregião nordeste paraense, na microrregião de Tomé-Açu, entre as coordenadas: - 2° 24’ 53” S e 48° 8’ 60” O. Em relação à vegetação, a cobertura primitiva constitui-se de florestas densas. Entretanto, em consequência da exploração do solo para o cultivo agrícola e pecuário, a mata primária encontra-se atualmente restrita, sendo a maior parte da cidade

caracterizada por floresta secundária (Pacheco; Bastos, 2001). Por sua vez, situado na margem esquerda do Rio Guamá, entre as coordenadas 01°31'15" S e 48°2'37" O, o município de Bujaru está localizado a 70 quilômetros de distância da capital Belém, inserido em uma região de Floresta Amazônica com cerca de 1005.168 km² de área territorial (Cidade-Brasil, 2022). Apresenta grandes áreas de cultivo, principalmente de açaí e mandioca, utilizadas tanto para o sustento da população local, quanto para a economia bujaruense (Silva *et al*., 2023) (Figura 1).

Figura 1 – Localização das áreas de coleta de macrofungos, nos municípios de Tomé-Açu e Bujaru, no estado do Pará



Fonte: Os autores (2025).

Coleta, processamento e identificação dos espécimes

Os métodos de documentação e preservação dos macrofungos seguiram os pressupostos de Fidalgo e Bononi (1989) e Vargas-Isla, Cabral e Ishikawa (2014). Após o registro fotográfico da espécie no ambiente natural, os fungos foram recolhidos com o auxílio de faca ou canivete, acompanhado de uma pequena quantidade de substrato, sendo posteriormente acondicionados em sacos de papel e/ou sacos plásticos com fecho do tipo *zip lock*. Os espécimes foram desidratados ao ar livre em local ventilado, com exposição ao sol e protegidos da poeira e do ataque de insetos e outros animais durante um período de três a quatro dias.

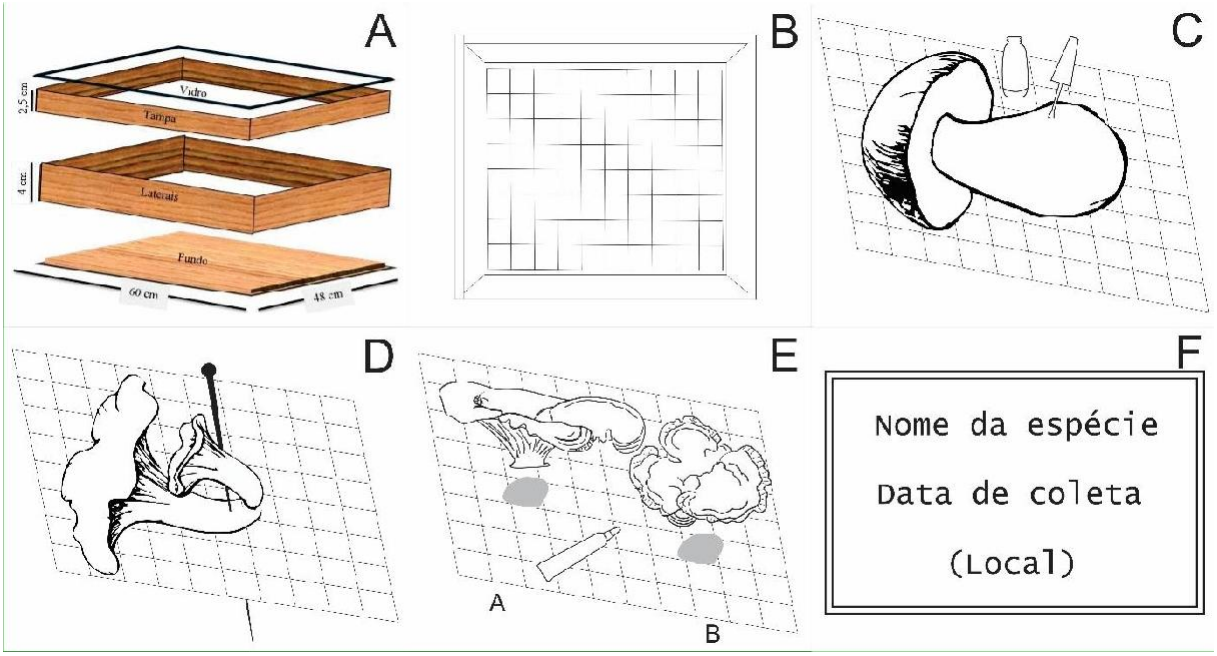
O material coletado foi levado ao Laboratório de Botânica e Micologia (LABOTMIC) na UFRA, *campus* Tomé-Açu, para a etapa de identificação. Foram realizadas análises das estruturas macroscópicas (cor, forma e tamanho) e microscópicas (elementos férteis e estéreis) a partir de cortes feitos à mão livre com lâminas de aço. Posicionados entre lâmina e lamínula, os fragmentos foram impregnados com solução de KOH 3% (hidróxido de potássio) e floxina 1%, ou com reagente de Melzer, a fim de se observar a presença de reação dextrinoide ou amiloide (Teixeira *et al*., 1995). A identificação dos espécimes foi realizada através da consulta de literatura baseada em estudos sobre a diversidade fúngica. A base de dados *Index Fungorum* (www.indexfungorum.org) foi utilizada para a confirmação da nomenclatura.

Confecção da coleção

Foram encomendadas caixas de madeira com as dimensões de 60 cm de comprimento, 48 cm de largura e 6,5 cm de altura, com tampa necessariamente de vidro temperado (Figura 2A). Em seguida, as caixas foram forradas com folhas de isopor de 15 mm, sobre as quais foram coladas folhas de papel milimetrado (Figura 2B). Os fungos foram matizados com a base incolor e deixados para secar em temperatura ambiente (Figura 2C). A organização da caixa deu-se por meio da fixação de cada fungo com alfinete (Figura 2D)

e as espécies lenhosas foram fixadas com cola de contato (Figura 2E). Por conseguinte, foram coladas as etiquetas informando nome da espécie identificada, data e local de coleta, referente à identificação de cada fungo (Figura 1F).

Figura 2 – A: modelo da caixa; B: fundo com isopor e papel milimetrado; C: matização; D: fixação com alfinete; E: fixação com cola para as espécies lenhosas; F: modelo de ficha de identificação

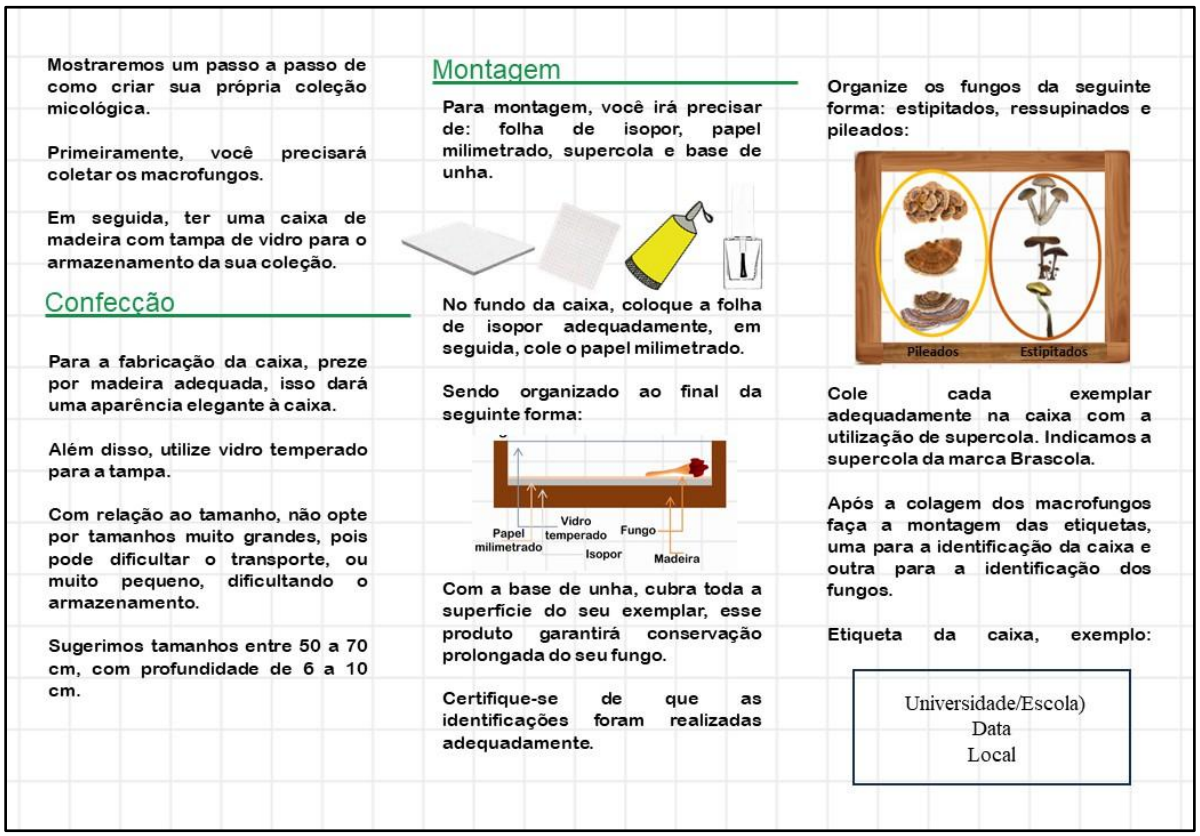


Fonte: Os autores (2025).

Elaboração de Material didático auxiliar e divulgação científica

Além da confecção física, foi elaborado um *folder* (Figura 3) contendo o passo a passo de como criar a coleção didática. Para a criação do *folder*, foi utilizado o programa *Microsoft PowerPoint*. As imagens foram selecionadas no *site Freepik* (https://br.freepik.com/), banco de imagens gratuitas, preferencialmente imagens em formato PNG, com fundo removido. Também foram utilizadas fotos elaboradas pelas autoras (Figura 3). Para divulgação nas mídias sociais, a plataforma *Canva* foi utilizada para a confecção da postagem.

Figura 3 – *Folder* de orientação de confecção da caixa didática destinada ao ensino e extensão

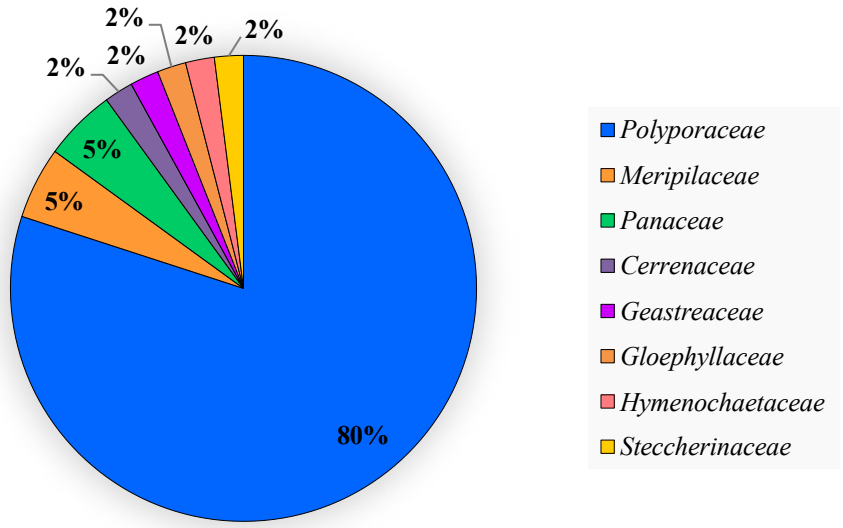


Fonte: Os autores (2025).

Resultados e Discussão

Ao todo, foram montadas três coleções didáticas de macrofungos. Os macrofungos coletados representaram 40 espécies, pertencentes a nove famílias e quatro ordens do filo *Basidiomycota* (Tabela 1). A família *Polyporaceae* foi a mais representativa, com 32 espécies (80%). *Meripilaceae* e *Panaceae* apresentaram duas espécies cada (5%), enquanto cinco famílias *Cerrenaceae*, *Geastreaceae*, *Gloephyllaceae*, *Hymenochaetaceae* e *Steccherinaceae* apresentaram somente uma espécie cada (2%) (Figura 4). Neste estudo, seis famílias pertencem à ordem *Polyporales*. As ordens *Geastrales*, *Gloeophyllales* e *Hymenochaetales* foram representadas por apenas uma única família cada.

Figura 4 – Representação em porcentagem da quantidade de espécies por família



Fonte: Os autores (2025)

Os achados enfatizam a diversidade de organismos pertencentes à ordem *Polyporales* encontrados nos mais diferentes hábitats. Os dados de distribuição disponíveis catalogam cerca de 530 espécies dessa ordem, das quais 118 estão situadas no estado do Pará (Flora [...], [2024]). Neste estudo, houve a ampliação da distribuição de novas ocorrências de espécies para os municípios de Tomé-Açu e Bujaru. Tais novidades ajudam a reduzir as lacunas do conhecimento da diversidade de macrofungos nesses municípios. *Favolus radiatifibrillosus* Palacio & R.M. Silveira (Flora [...], [2024]), *Lentinus swartzii* Berk. e *Polyporus udus* Jungh (Flora [...], [2024]) são novas ocorrências para o estado do Pará. Essas informações fornecem subsídios para análises e atribuições de características e reconhecimento das espécies.

Tabela 1 – Ordem, família, gêneros e espécies identificadas, município de coleta, dados de distribuição e referência

Ordem/ Família/ Espécie	Município		Distribuição na Amazônia	Referência
	Buj.	T. Açu		
Geastrales K. Hosaka & Castellano				
Geastraceae Corda				
Geastrum sp.		X	AC, AM, AP, MA, RO, RR	Flora [...] ([2024])
Gloeophyllales Thorn				
Gloeophyllaceae Jülich				
Gloeophyllum striatum (Fr.) Murrill		X	AC, AM, PA, RO, MT	GBIF (1999)
Hymenochaetales Oberw.				
Hymenochaetaceae Donk				
Coltricia focicola (Berk. & M.A. Curtis) Murrill		X	AP	Couceiro *et al*. (2022)
Polyporales Gäum.				
Cerrenaceae Miettinen, Justo & Hibbett				
Cerrena hydnoides (Sw.) Zmitr		X	AC AM AP PA RR RO MT MA	GBIF (1999)
Meripilaceae Jülich				
Rigidoporus mariae Gibertoni, Gomes-Silva & Ryvarden		X	AC, AM, PA, RO, RR	Flora [...] ([2024])
Rigidoporus sp.		X	AC AM AP PA RO RR MA MT	Flora [...] ([2024])
Panaceae Miettinen, Justo & Hibbett				
Cymatoderma sp. Jungh.		X	AC, AM, AP, MA, RO, RR	GBIF (1999)
Panus velutinus (Fr.) Sacc.		X	AM, PA, RO, MT	Flora [...] ([2024])
Polyporaceae Fr. ex Corda				
Abundisporus violaceus (Wakef.) Ryvarden		X	PA, RO	
Amauroderma camerarium (Berk.) J.S. Furtado		X	AM, PA	Flora [...] ([2024])
Amauroderma schomburgkii (Mont. & Berk.) Torrend		X	AM, PA, RO, MT	Flora [...] ([2024])
Amauroderma partitum (Berk.) Wakef	X	X	AM, RR, RO	Flora [...] ([2024])
Amauroderma sp.		X	AC, AM, PA, RO, RR, MT	Flora [...] ([2024])
Cubamyces menziesii (Berk.) Lücking*	X		AM	Flora [...] ([2024])
Earliella scabrosa (Pers.) Gilb. & Ryvarden		X	AC, AM, PA, RO, RR, TO	Flora [...] ([2024])
Echinochaete brachypora (Mont.) Ryvarden		X	PA, AL	Flora [...] ([2024])
Favolus radiatifibrillosus Palacio & R.M. Silveira*		X	AM, RO, RR	Palacio *et al*. (2021)
Fomes fasciatus (Sw.) Cooke		X	AC, PA, RO, AM, MT	Flora [...] ([2024])
Foraminispora rugosa (Berk.) Costa-Rez., Drechsler-Santos & Robledo		X	AM, AP, PA, MT	Flora [...] ([2024])
Ganoderma australe (Fr.) Pat.		X	AC, AM, PA, RO, RR	Flora [...] ([2024])
Ganoderma sessile Murrill		X	AM, PA, RO, RR, MT	Flora [...] ([2024])
Ganoderma stipitatum (Murrill) Murrill		X	AC, AM, PA, RO	Flora [...] ([2024])

Hexagonia hydnoides (Sw.) M. Fidalgo		X	AM, AP, PA, RO, MT, MA	Flora [...] ([2024])
Lentinus berteroi (Sw.) M. Fidalgo		X	AP, MT, PA	GBIF (1999)
Lentinus swartzii Berk*		X	AM, MT	Flora [...] ([2024])
Neodictyopus dictyopus (Mont.) Palacio, Robledo & Drechsler-Santos		X	AC, AM, PA, RO, RR	Palacio *et al.* (2021)
Perenniporia sp.	X	X	AM, AP, PA, RO, RR, MT	Flora [...] ([2024])
Polyporus arcularius (Batsch) Fr.		X	PA, RO	Flora [...] ([2024])
Polyporus guianensis Mont.	X		AC, AM, MA, PA	Flora [...] ([2024])
Polyporus ianthinus Gibertoni & Ryvarden		X	AM, PA	Flora [...] ([2024])
Polyporus leprieurii Mont.		X	AM, PA, RO, MT	Flora [...] ([2024])
Polyporus tricholoma Mont.	X		AM, PA, RO, RR, MT,	Flora [...] ([2024])
Polyporus udus Jungh.*		X	AM	Flora [...] ([2024])
Pycnoporus sanguineus (L.) Murrill		X	AC, AM, PA, RO, MT, MA	Flora [...] ([2024])
Pyrofomes lateritius (Cooke) Ryvarden	X		AM, PA, RO, MT	Flora [...] ([2024])
Trametes cingulata Berk.		X	PA	Silva (2023)
Trametes elegans (Spreng.) Fr.		X	AM AP PA RO RR MT MA	GBIF (1999)
Trametes lactinea (Berk.) Sacc.		X	AC, AM, PA, RO	Flora [...] ([2024])
Trametes modesta (Kunze ex Fr.) Ryvarden		X	AC, AM, PA, RO, RR, MT	Flora [...] ([2024])
Steccherinaceae Parmasto				
Flaviporus liebmannii (Fr.) Ginns		X	AM, PA, RO	Flora [...] ([2024])

Fonte: Os autores (2024).

A coleção apresentada aqui representa uma parcela da diversidade dos fungos coletados e identificados, com destaque para a presença de espécies de diferentes regiões da Amazônia (Figura 5). Essa diversidade inerente aos macrofungos no bioma Amazônia acrescenta qualidade ao material elaborado, bem como proporciona o contato do aluno com as variadas espécies que permeiam a região. Além disso, torna-se um instrumento fundamental para o ensino, principalmente em aulas práticas das educações básica e superior (Camargo, 2009).

No ensino superior, a coleção didática facilita a aquisição do conhecimento por parte dos estudantes nas disciplinas em que os conteúdos de micologia estão inseridos, já que os alunos podem vivenciar tanto aulas de campo quanto no laboratório a fim de preparar o material. A identificação dos espécimes estimula o aprendizado das características morfológicas por meio de chaves de identificação taxonômica, além de facilitar a pesquisa sobre o alcance dos macrofungos nos diferentes ramos da ciência e da indústria, como o seu potencial uso alimentício (Schwanke *et al*., 2001). Para os alunos que desejarem

continuar trabalhando com as coleções, poderão se especializar em diversas áreas de taxonomia, curadoria, ecologia e cultivo de espécies de fungos macroscópicos.

Figura 5 – Caixas micológicas confeccionadas com fungos do filo *Basidiomycota*, destinadas ao ensino e extensão

Fonte: Os autores (2025)

Para auxiliar os estudantes, o *folder* informativo (Figura 3) elaborado contém orientações de como realizar a confecção da coleção didática. Bergqvist e Prestes (2014) também incluíram uma cartilha como parte de um *kit* educativo de uma coleção paleontológica voltada para o ensino-aprendizagem. As autoras destacaram que tais materiais possibilitam a atuação do professor como mediador na construção do conhecimento e oportuniza os alunos a agirem de forma dinâmica e com certo grau de

liberdade. A montagem da caixa em equipe, com o auxílio do *folder*, facilita o processo de cooperação e interação entre os estudantes e o professor.

Em eventos de extensão, as coleções didáticas também são fortes aliadas à divulgação científica. Por exemplo, a coleção entomológica é atrativa devido ao estímulo visual, pela beleza e os detalhes de cores dos insetos, despertando a curiosidade das pessoas, mesmo de quem não trabalha com entomologia (Pereira *et al*., 2021). Da mesma maneira, a coleção didática de macrofungos também cativa e fascina as pessoas pelas diferentes cores e formas dos fungos, despertando o interesse e atração pelos espécimes colecionados. Quando as caixas foram apresentadas em um evento externo à UFRA de Tomé-Açu, em uma escola de educação básica de uma área rural deste mesmo município, muitos discentes demonstraram surpresa ao compreenderem que esses fungos são decompositores de vegetais mortos e que, embora muitas das espécies não sejam comestíveis, também não fazem mal à saúde, uma vez que muitos acreditavam que não podiam sequer tocar nos exemplares. No ano de 2023, o LABOTMIC também recebeu visitas de pelo menos quatro escolas de ensino fundamental do município, incluindo uma escola de educação indígena. Nesses encontros, os alunos e a comunidade puderam tocar e fotografar as espécies.

Ao longo do tempo, as redes sociais se transformaram em instrumentos importantes para a divulgação científica. A postagem elaborada sobre como montar a coleção de macrofungos e divulgada no *Instagram* do LABOTMIC (@labotmic_ufrata) alcançou 267 perfis, com 12 compartilhamentos, 12 comentários e 9 salvamentos. A conta atualmente possui cerca de 400 seguidores (março de 2025). Vermelho *et al*. (2014) mencionam que a cada dia aumenta a crença de que as tecnologias de comunicação em rede podem ser uma ferramenta eficiente para promover a comunicação, permitindo a rápida circulação de informações da sociedade em geral.

Coleções biológicas e didáticas auxiliam na conservação da biodiversidade e na preservação da história natural dos organismos. A exibição das coleções, com auxílio de materiais didáticos e culturais, contribui para conscientizar a comunidade da importância de conservar o meio ambiente e o patrimônio (Figueiredo *et al*., 2021). Essas coleções podem

ser confeccionadas com exemplares raros que, devido a ameaças ambientais ou mesmo pela história natural, podem não existir futuramente (Schwanke *et al*., 2001). Nascimento *et al*. (2015) avaliaram que a divulgação e exposição da coleção de um herbário regional visa capacitar a população local para o aprendizado e conscientização sobre a importância da preservação da flora e do meio ambiente, especialmente em áreas antropizadas e com a perda rápida e drástica da diversidade florística da região. A demonstração da coleção didática de macrofungos também orientou e incentivou a comunidade a conservar as áreas florestais do município de Tomé-Açu, uma vez que esse município é conhecido pela implantação de sistemas agroflorestais caracterizados, em sua maioria, por florestas secundárias.

Logo, coleções biológicas e didáticas constituem bases para a produção de material científico que contribuem no atendimento das demandas de ensino, pesquisa e extensão. Elas contemplam o registro material que fornece dados que auxiliam estudos sobre os fungos, contribuindo para o cuidado com a biodiversidade, além da taxonomia e sistemática. Diante disso, a confecção da coleção didática é uma ferramenta que mitiga a falta de conhecimento que Barros, Cavalcante e Lima (2023) destacam na pesquisa dos macrofungos na Amazônia. Além disso, a caixa proporciona a visualização do material, que outrora só se observava por meio de figuras em livros didáticos, permitindo ao aluno estabelecer conexões com o próprio cotidiano ao se deparar com espécimes que permeiam sua realidade.

Conclusão

Neste estudo, a coleção didática resultou em 40 espécies pertencentes às ordens *Polyporales*, *Geastrales*, *Gloeophyllales* e *Hymenochaetales*, totalizando oito famílias e ampliando a distribuição geográfica com três ocorrências para o estado do Pará. A criação da coleção didática de macrofungos da UFRA, *campus* Tomé-Açu, constitui um importante instrumento para o processo de ensino-aprendizagem, pois proporciona meios dinâmicos de despertar o interesse dos alunos diante do universo do Reino Fungi.

Além disso, alcançou diversos públicos, como alunos da educação básica, graduação e pós-graduação, e a sociedade civil da região de Tomé-Açu e da região metropolitana de Belém, em eventos locais, nacionais e por meio das redes sociais, tornando possível o conhecimento da diversidade dos fungos, bem como conscientizando sobre a importância da conservação das espécies amazônicas.

Agradecimentos

Ao Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX) da Universidade Federal Rural da Amazônia, pelo financiamento da bolsa de extensão da primeira autora. À UFRA, *campus* Tomé-Açu, pela estrutura e espaço do Laboratório de Botânica e Micologia (LABOTMIC) para a execução do estudo. Ao Fabricio Sousa Capaccio, que forneceu apoio durante a coleta dos macrofungos ao ceder sua propriedade (sítio). À professora Maria Elcineide Marialva, pelas sugestões para melhorar o manuscrito. E ao mestre Richard Freire, pela elaboração do mapa.

Contribuições individuais de cada autor na elaboração do trabalho

Sara Meireles Rodrigues: pesquisa, metodologia, visitas ao campo, escrita da primeira redação, revisão final e edição final.
Aires Maciel da Trindade: pesquisa, metodologia, visitas ao campo, escrita da primeira redação, revisão final e edição final.
Adriene Mayra da Silva Soares: conceituação, pesquisa, metodologia, visitas ao campo, coordenação do projeto de pesquisa, supervisão e orientação, escrita da redação, revisão final e edição final.

Referências

ANDREW, C. *et al*. Fungarium specimens: A largely untapped source in global change biology and beyond. **Philosophical Transactions of the Royal Society B**: Biological Sciences, [London], v. 374, n. 1763, 2018.

AZEVEDO-FILHO, W. S. Coleção entomológica didática. *In*: MACHADO, C. P. (org.). **Ensino de Ciências**: práticas e exercícios para a sala de aula. 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2017. p. 97-103, 2017.

BARROS, M. P.; CAVALCANTE, F. S. A.; LIMA, J. P. S. Macrofungos na Amazônia com ênfase na RDS: uma revisão integrativa. **Revista Valore**, Volta Redonda, v. 8, p. 1-10, 2023.

BERGQVIST, L. P.; PRESTES, S. B. S. Kit paleontológico: um material didático com abordagem investigativa. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 20, n. 2, p. 345-357, 2014.

CAMARGO, A. J. A. **Coleções zoológicas**: importância estratégica para o país e para o agronegócio em particular. EMBRAPA: [*s. l.*], 2009. Disponível em: https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/657316. Acesso em: 2 dez. 2023.

CIDADE-BRASIL. Município de Bujaru. **Cidade-Brasil**, Bujaru, 2022. Disponível em: https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-bujaru.html. Acesso em: 20 maio 2024.

COUCEIRO, D. M.; SOARES, A. M. S.; COUCEIRO, S. R. M. Contribution to the knowledge of Polypores (Agaricomycetes) in the Amazonian Forest, with 16 new records for the state of Pará, Brazil. **Research, Society and Development**, Itajubá, v. 11, n. 14, p. 1-15, 2022.

DEACON, J. W. **Fungal Biology**. 4. ed. Oxford: Wiley-Blackwell Publishing, 2013.

FIDALGO, O.; BONONI, V. L. R. **Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico**. São Paulo: Instituto de Botânica, 1989.

FIGUEIREDO, F. A. S. *et al*. Relevância Científica e Educacional da Coleção de Macrofósseis da Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Terræ Didatica**, Campinas, v. 17, p. 1-12, 2021.

FLORA e Funga do Brasil. Lista de Espécies da Flora do Brasil. **Jardim Botânico do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, [2024]. Disponível em: http://floradobrasil.jbrj.gov.br/. Acesso em: 27 fev. 2024.

GLOBAL BIODIVERSITY INFORMATION FACILITY. Global Core Biodata Resource. **GBIF**, [*s. l.*], 1999. Disponível em: https://www.gbif.org. Acesso em: 20 maio 2024.

GOMES, B. S. Análise do processo de ensino e aprendizagem sobre os fungos em livros didáticos do Ensino Médio. **Scientific Electronic Archives**, Rondonópolis, v. 15, n. 5, p. 34-39, 2022.

GROPP, R. Specimens, Collections, and Tools for Future Biodiversity-Related Research. **BioScience**, Oxford, v. 68, n. 1, p. 3-4, 2018.

HAWKSWORTH, D. L.; LÜCKING, R. Fungal Diversity Revisited: 2.2 to 3.8 Million Species. **Microbiology Spectrum**, Washington, v. 5, n. 4, p. 1-17, 2017.

KAMENSKI, P. A. *et al*. Biological Collections: Chasing the Ideal. **Acta Naturae**, Moscow, v. 8, n. 2, p. 6-9, 2016.

KENDRICK, B. **The Fifth Kingdom**: An Introduction to Mycology. 4. ed. Indianapolis: Focus an imprint of Hackett Publishing, 2017.

NASCIMENTO, M. T. *et al*. O Herbário UENF como Espaço não Formal para o Ensino da Biodiversidade do Norte/Noroeste Fluminense: 10 Anos De Atividades. **Revista de Extensão UENF**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 69-82, 2015.

NIEGO, A. G. T. *et al*. Macrofungi as a Nutraceutical Source: Promising Bioactive Compounds and Market Value. **Journal of Fungi**, Basel, v. 7, n. 5, p. 397, 2021.

NIEGO, A. G. T. *et al*. Reviewing the contributions of macrofungi to forest ecosystem processes and services. **Fungal Biology Reviews**, London, v. 44, 100294, 2023.

PACHECO, N. A.; BASTOS, T. X. **Caracterização climática do Município de Tomé-Açu, PA**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2001.

PALACIO, M. *et al*. An overview of Favolus from the Neotropics, including four new species. **Mycologia**, London, v. 113, n. 4, p. 759-775, 2021.

PEREIRA, R. C. *et al*. Coleções entomológicas na pesquisa, ensino e extensão: um relato sobre o museu de entomologia da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. *In*: PRATA, E. G. (org.). **Biologia**: Ensino, Pesquisa e Extensão – Uma Abordagem do Conhecimento Científico nas Diferentes Esferas do Saber. Guarujá: Científica Digital, 2021. p. 83-101.

SCHWANKE, C. *et al*. Organização Interativa de Coleções Didáticas em Biologia. **Interagir**: pensando a extensão, Rio de Janeiro, n. 1, p. 49-52, 2001.

SILVA, C. J. A.; MALTA, D. J. N. A importância dos fungos na biotecnologia. **Ciências Biológicas e da Saúde**, Recife, v. 2, n. 3, p. 49-66, 2016.

SILVA, J. C. *et al*. Desenvolvimento sustentável e agricultura familiar na Amazônia: memória, história e desafios da Associação Bujaruense dos Agricultores e Agricultoras

(ABAA) – Pará/Brasil. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, [*s. l.*], v. 16, n. 10, p. 20219-20244, 2023.

SILVA, J. C. *et al*. Desenvolvimento sustentável e agricultura familiar na Amazônia: memória, história e desafios da Associação Bujaruense dos Agricultores e Agricultoras (ABAA) – Pará/Brasil. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, [*s. l.*], v. 16, n. 10, p. 20219-20244, 2023.

TEIXEIRA, A. R. *et al*. **Métodos para estudo das hifas do basidiocarpo de fungos poliporáceos**. Manual nº 6. Instituto de Botânica: São Paulo, 1995.

VARGAS-ISLA, R.; CABRAL, T. S.; ISHIKAWA, N. K. **Instruções de coletas de macrofungos Agaricales e gasteroides**. Manaus: Editora INPA, 2014.

VERMELHO, S. C. *et al*. Refletindo sobre as redes sociais digitais. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 126, p. 179-196, 2014.

VIEIRA, C.; VIEGAS, S. Os Herbários como Recursos Educativos Dinâmicos e Interdisciplinares. **História da Ciência e Ensino**: Construindo interfaces, [*s. l.*], v. 20, p. 638-656, 2019.

WU, B. *et al*. Current insights into fungal species diversity and perspective on naming the environmental DNA sequences of fungi. **Mycology**, London, v. 10, n. 3, p. 127-140, 2019.

REVISTA interagir pensando a extensão

Análise Reflexiva da Aplicação do Lúdico na Prática Extensionista para a Promoção da Saúde: Relato de Experiência do Projeto "Biomédicos em Ação" Enfoque Microbiológico

Reflective Analysis of the Application of Play in a Project of Extension Practice for Health Promotion: Experience Report of the "Biomedicals in Action" Project Microbiological Focus

Letícia Cristina Gonçalves

Professora da Fundação Hermínio Ometto
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-7362-7774
E-mail: leticiagoncalves@fho.edu.br

Nathan Raphael Varotto

Professor da Fundação Hermínio Ometto
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-6722-9083
E-mail: nathan@fho.edu.br

Carlos Roberto Escrivão Grignoli

Professor coordenador do curso de Biomedicina da Fundação Hermínio Ometto
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0008-7304-8853
E-mail: carlosgrignoli@fho.edu.br

Cristina da Cruz Franchini

Professora coordenadora da Comunidade e Extensão da Fundação Hermínio Ometto
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0004-7209-4816
E-mail: cristinafranchini@fho.edu.br

Recebido em: 10 de outubro de 2024. Aprovado em: 24 de janeiro de 2025.
***Interagir: pensando a extensão**, Rio de Janeiro, n. 39, e2025001, 2025*
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.85944

REVISTA interagir pensando a extensão

Resumo
Este trabalho objetiva refletir a aplicabilidade lúdica na prática do projeto de extensão "Biomédicos em ação" do curso de Biomedicina de instituição privada do interior paulista. Para isto, optou-se pelo estudo descritivo exploratório e analítico, com uma abordagem qualitativa. Entre os resultados, observou-se o ensino lúdico promove a pluralidade dos saberes os quais ocorrem simultaneamente e orientam o processo de ensino aprendizagem. Consequentemente, constatou-se um modelo emergente de formação extensionista dado pelo uso da metodologia lúdica. Como desafio, emerge que a área da extensão universitária necessita da formação continuada dos professores, a adaptação dos currículos tradicionais e a disponibilidade de recursos materiais e tecnológicos. Além disso, requer a utilização de instrumentos diversificados, que contemplem não apenas o domínio cognitivo, mas também as habilidades práticas e atitudinais. Concluindo, o uso do ensino lúdico nas práticas extensionistas deve ser considerada não só um dispositivo que permita identificar a mobilização de saberes, mas também de construção de uma epistemologia relacionada a extensão universitária.
Palavras-chave: Ludicidade; Educação; Saúde; Extensão.

Abstract
This work aims to analyze and reflect the playful applicability in practice of the extension project "Biomedics in action" of the Biomedicine course at a private institution in the interior of São Paulo. For this, we opted for an exploratory and analytical descriptive study, with a qualitative approach. Among the results, it was observe that playful teaching promotes the plurality of knowledge, which occurs simultaneously and guides the teaching-learning process. Consequently, an emerging model of extension training was observe through with the use of playful methodology. As a challenge, it emerges that the area of university extension requires the continued training of teachers, the adaptation of traditional curricula and the availability of material and technological resources. Furthermore, it requires the use of diverse instruments, which cover not only the cognitive domain, but also practical and attitudinal skills. In conclusion, the use of playful teaching in extension practices should be considered not only a device that allows identifying the mobilization of knowledge, but also the construction of an epistemology related to university extension.
Keywords: Playfulness; Education; Health; Extension.

Área de extensão: Educação e saúde

Introdução

Os projetos de extensão universitária desempenham um papel essencial na integração entre a universidade e a comunidade. Definidos como um conjunto de ações

que articulam o ensino e a pesquisa com as demandas sociais, esses projetos visam promover o desenvolvimento local e a inclusão social (Faria, 2022). Através dessas ações, o conhecimento acadêmico transcende os limites da universidade, contribuindo para a formação cidadã dos estudantes e para a resolução de problemas sociais concretos.

A extensão universitária fundamenta-se na interação dialógica e transformadora com a sociedade, em articulação indissociável com o ensino e a pesquisa. O objetivo principal é contribuir para o processo formativo dos estudantes por meio da produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos voltados aos desenvolvimentos socioeconômico, ambiental e cultural. Ademais, a extensão visa à transformação social, à superação das desigualdades e à responsabilidade socioambiental, sendo indispensável a participação dos estudantes e da comunidade externa (FORPROEX, 2018).

Historicamente, a prática extensionista no Brasil teve início no final do século XIX, influenciada por duas correntes: uma norte-americana, centrada em fins comerciais e empresariais, e outra europeia, com caráter assistencialista voltado à formação de adultos (Lisboa Filho, 2022). Os primeiros registros oficiais da extensão universitária surgiram em 1931, com o Estatuto da Universidade Brasileira, e em 1961, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n° 4.024 (FORPROEX, 2018). Em ambos os documentos, a extensão estava centrada no assistencialismo e na transmissão unilateral de conhecimentos. Somente com a Reforma Universitária de 1968 (Lei n° 5.540/68), a extensão tornou-se obrigatória em todos os estabelecimentos de ensino superior, caracterizada como cursos e serviços especiais estendidos à comunidade, como é possível observar no trecho da lei:

> Art. 20. As universidades e os estabelecimentos isolados de ensino superior estenderão à comunidade, sob forma de cursos e serviços especiais, as atividades de ensino e os resultados da pesquisa que lhes são inerentes (Brasil, 1968).

A Política Nacional de Extensão Universitária estabelece diretrizes fundamentais para a formulação, implementação e avaliação das ações extensionistas baseadas na interação dialógica; interdisciplinar e interprofissional; estabelecendo a indissociabilidade

entre ensino, pesquisa e extensão; promove impacto na formação discente e na transformação social. Conhecidas como "os cinco ‘is’ da extensão", essas diretrizes orientam todo o processo extensionista brasileiro (FORPROEX, 2012).

No contexto do curso de Biomedicina, a relevância dos projetos de extensão é ainda mais evidente uma vez que, oferecem aos estudantes a oportunidade de aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula em situações práticas, aprimorando suas habilidades técnicas e humanas. Além disso, tais projetos incentivam o desenvolvimento de competências essenciais para a atuação profissional, como a capacidade de trabalhar em equipe, a ética profissional e a responsabilidade social (Silva *et al*., 2019).

Dentre as diversas áreas da Biomedicina, a extensão em Microbiologia Clínica e Microbiologia de Água e Alimentos merecem destaque. Os projetos de extensão nessas áreas podem incluir atividades como campanhas de conscientização sobre doenças infecciosas, qualidade da água e dos alimentos, além da realização de exames microbiológicos tanto para laudos quanto para demonstrações em dinâmicas. Tais iniciativas contribuem diretamente para a promoção da saúde e prevenção de doenças, além de proporcionarem uma formação mais completa e integrada aos estudantes (Leite; Valente, 2020).

A inclusão de métodos de ensino lúdico em projetos de extensão tem ganhado ampla discussão na literatura acadêmica, destacando-se como uma estratégia eficaz para engajar e educar tanto estudantes quanto a comunidade. O ensino lúdico envolve o uso de jogos, simulações, dramatizações e outras atividades interativas que tornam o aprendizado mais dinâmico e prazeroso. A aplicabilidade dessas metodologias ativas em projetos de extensão é vasta, pois facilita a compreensão de conceitos complexos e promove uma aprendizagem significativa (Bernardo, 2019).

Estudos demonstram que o ensino lúdico não apenas aumenta a motivação dos participantes, mas também melhora a retenção de conhecimento e desenvolve habilidades críticas e criativas. Portanto, integrar práticas lúdicas nos projetos de extensão pode

potencializar seus impactos, tornando a educação mais acessível e envolvente para a comunidade (Ferreira *et al*., 2020).

O projeto "Biomédicos em Ação" é um dos projetos de extensão do curso de Biomedicina da Fundação Hermínio Ometto (FHO), em Araras/SP. No segundo semestre de 2024, este projeto envolveu 15 discentes universitários, com o objetivo de promover a aprendizagem, a geração e a difusão do conhecimento sobre Microbiologia Clínica e Microbiologia de Água e alimentos, visando a formação de profissionais biomédicos competentes, generalistas, humanistas, críticos e reflexivos comprometidos com a comunidade.

Nesse contexto, observa-se o binômio saúde e educação como interfaces indissociáveis que se articulam mutuamente, caminhando em conjunto na realidade das práticas sociais. Sob esta perspectiva de educação em saúde, os discentes atuam como colaboradores, atores e responsáveis pelo desenvolvimento da prática educativa (Fernandes; Backes, 1982).

De acordo com Pimenta e Lima (2010), os saberes se constituem ao longo do processo de formação pela aquisição de conhecimentos teóricos baseados na tríade: saberes das áreas específicas, saberes pedagógicos e saberes da experiência, corroborando a realidade vivida na extensão universitária. Portanto, a formação no ensino superior exige uma relação intrínseca entre as práticas pedagógicas e as transformações sociais, de modo a formar um profissional qualificado que atenda às demandas contemporâneas.

O objetivo deste estudo é refletir a aplicabilidade lúdica na prática do projeto de extensão “Biomédicos em ação” do curso de Biomedicina de instituição privada do interior paulista.

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como qualitativo, descritivo, exploratório e analítico, com o objetivo de aproximar o cotidiano da docente responsável pelo projeto de extensão universitária das experiências vivenciadas durante a implementação do ensino lúdico na prática extensionista.

O conteúdo das observações foi segmentado em uma parte descritiva e outra reflexiva, conforme sugerido por Bogdan e Biklen (1982), fundamentando-se em registros, documentos e dispositivos utilizados como ferramentas de trabalho. As atividades lúdicas do projeto de extensão "Biomédicos em Ação" foram elaboradas pelos pesquisadores, com base em um caderno de registros, protocolos e relatórios do referido programa de extensão universitária. As análises foram embasadas na rotina diária dos docentes integrantes do projeto "Biomédicos em Ação" durante o primeiro semestre de 2024 na Fundação Hermínio Ometto (FHO) cujo enfoque era Microbiologia Clínica e Microbiologia de Água e Alimentos.

O jogo foi criado dentro do Centro Universitário como requisito da formação profissional presente nos projetos de extensão. A instituição tem parceria com escolas públicas e privadas da cidade de Araras, para este estudo foi convidada uma escola pública estadual que oferece o Ensino Médio e desta unidade escolar participaram 60 adolescentes (faixa etária de 15 a 17 anos), convidamos também uma escola particular de ensino fundamental, ao que participaram 60 crianças (faixa etária de 11 a 13 anos).

Resultado e Discussão

O Ensino Lúdico: Metodologias Ativas

O ensino lúdico, fundamentado em metodologias ativas, vem se consolidando como uma abordagem pedagógica inovadora e eficaz na promoção do engajamento e da aprendizagem significativa. Souza e Silva (2020) definem o ensino lúdico como um conjunto

de práticas pedagógicas que utilizam elementos do jogo e/ou da brincadeira para facilitar a compreensão de conceitos complexos e estimular o interesse dos alunos. Essa abordagem está ancorada em teorias construtivistas, as quais postulam que a aprendizagem ocorre de maneira mais eficaz quando os alunos estão ativamente engajados na construção do conhecimento.

Ferreira, Drulis e Sales (2022) argumentam que o ensino lúdico não apenas aumenta a motivação dos estudantes, mas também melhora a construção de conhecimento e desenvolve habilidades críticas e criativas. Os autores observaram que, ao envolver os alunos em atividades interativas, os professores podem criar um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e adaptado às necessidades individuais dos estudantes.

Moran (2018) destaca que as metodologias ativas são estratégias pedagógicas que colocam o estudante no centro do processo de aprendizagem, promovendo uma postura ativa e participativa. Entre as metodologias ativas mais utilizadas no ensino lúdico, destacam-se *Problem Based Leraning* (PBL), Aprendizagem Baseada em Projetos (PjBL) e a Gamificação.

O PBL, conforme descrita por Barrows *et al*. (1980), envolve a apresentação de problemas reais ou simulados que os alunos devem resolver, incentivando a pesquisa, a colaboração e a aplicação prática do conhecimento. A PjBL, segundo Bender (2012), envolve a realização de projetos complexos que exigem a integração de diversas áreas do conhecimento, promovendo habilidades de planejamento, execução e avaliação. A gamificação consiste na aplicação de elementos de jogos no contexto educacional para aumentar o engajamento e a motivação dos estudantes (Dicheva *et al*., 2015).

Dentre as dinâmicas desenvolvidas por meio da metodologia ativa para este projeto tem-se a dinâmica “CSI- bacteriano” na qual, os alunos são divididos em dois grandes grupos representados cada um por um líder. Este líder é responsável em dialogar com seu grupo e, por meio da tabela resposta do Rugai, identificar a bactéria correspondente ao Rugai projetado em 3 minutos em consenso com a opinião democrática do grupo que representa. Nesta situação, os alunos desenvolvem liderança, senso de hierarquia, praticam a democracia e aplicam os conhecimentos adquiridos para desvendar e identificar

a bactéria em questão. Ou seja, há a interação discente por meio da prática de escuta ativa e debate de opiniões promovendo o desenvolvimento de diversas habilidades técnico-científicas, acadêmicas e até mesmo sociais.

Tal abordagem promove a autonomia dos alunos, estimula a colaboração e o trabalho em equipe, e facilita a compreensão de conteúdos complexos. Além disso, o ensino lúdico contribui para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como a empatia, a comunicação e a resolução de conflitos. No entanto, Silva e Maciel (2020) apontam alguns desafios na implementação dessas metodologias, incluindo a necessidade de formação continuada dos professores, a adaptação dos currículos tradicionais e a disponibilidade de recursos materiais e tecnológicos. Ademais, a avaliação da aprendizagem em contextos lúdicos requer a utilização de instrumentos diversificados, que contemplem não apenas o domínio cognitivo, mas também as habilidades práticas e atitudinais.

Neste contexto, o ensino lúdico, por meio das metodologias ativas, representa uma inovação pedagógica capaz de transformar a educação, tornando-a mais sólida e eficaz. Apesar dos desafios inerentes à sua implementação, os benefícios dessa abordagem justificam os esforços necessários para sua adoção. A integração do lúdico na educação promove um aprendizado mais significativo, capacitando os estudantes para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

Elaboração do Jogo Didático

O projeto Biomédicos em ação desenvolveu no segundo semestre de 2024 o jogo didático “Micro em ação” (Anexo I). Este jogo de cartas possui 122 cartas de jogo sendo: 29 cartas amarelas correspondente aos “patógenos”; 29 cartas azuis representando os respectivos “tratamentos”; 40 cartas verdes intituladas de “perguntas e respostas”; 7 cartas vermelhas contendo desafios; 2 cartas pretas: coringas e 15 cartas: “pegue uma carta perguntas e desafios”. O objetivo do jogo “Micro em ação” é eliminar todas as cartas

distribuídas ao responder perguntas, derrotar patógenos, utilizar tratamentos e enfrentar desafios microbiológicos.

A criação deste jogo didático inédito impactou o desenvolvimento e formação do discente uma vez que, a criação de jogos educativos demanda um estudo aprofundado e sistemático. Durante a elaboração dos jogos, os estudantes precisam absorver e integrar diversos conhecimentos teóricos e práticos, promovendo uma troca rica de saberes entre os participantes.

A criação de materiais didáticos lúdicos requer uma compreensão interdisciplinar, que não apenas fortalece o conhecimento dos conteúdos específicos, mas também desenvolve habilidades de colaboração, criatividade e resolução de problemas. Esse processo dinâmico e interativo transforma os estudantes em agentes ativos de sua própria aprendizagem, promovendo um desenvolvimento holístico que abrange tanto aspectos cognitivos quanto sociais (Smentkoski, 2020).

Neste contexto, a prática de jogos pode recuperar o "espírito de aprender" frequentemente oculto nos conteúdos escolares. Os jogos são capazes de desencadear atitudes que podem ser incorporadas ao modo de pensar e agir dos alunos. Atributos como concentração, busca pelo saber, cooperação e conscientização sobre qualquer temática podem ser efetivamente integrados à prática dos estudantes por meio dos jogos (Silva; Lourencini Junior, 2020).

Ferreira *et al*. (2020) destacam que o jogo, ao combinar aspectos lúdicos e cognitivos, é uma estratégia importante para o ensino e a aprendizagem de conceitos abstratos e complexos, favorecendo a motivação interna, o raciocínio, a argumentação, e a interação entre alunos e entre professores e alunos.

O uso de jogos no ensino pode atuar como um fator motivacional para os alunos. O jogo “Micro em ação” por exemplo, apresenta uma lógica (eliminar o patógeno- fungo, vírus ou bactéria por meio do correto tratamento) cuja superação exige aprendizagem e esforço dos alunos, além de estimular a investigação, a curiosidade e a expressão de hipóteses por meio das cartas “perguntas e respostas”.

A contribuição de teóricos clássicos como Piaget, Vygotsky e Huizinga é fundamental para compreender o valor educacional do jogo. Piaget (2004) argumenta que o jogo é uma atividade essencial para o desenvolvimento cognitivo, permitindo que as crianças explorem e compreendam o mundo ao seu redor. Segundo o autor, os jogos são formas de assimilação que ajudam as crianças a consolidar e internalizar o conhecimento, transformando a aprendizagem em uma experiência concreta e ativa.

Corroborando com os argumentos acima, Vygotsky (1984) enfatiza o papel do jogo na zona de desenvolvimento proximal, onde a interação social e o apoio de pares mais experientes promovem o aprendizado e o desenvolvimento. Vygotsky observa que, através do jogo, as crianças podem desempenhar papéis além de suas capacidades atuais, permitindo a internalização de novas habilidades e conhecimentos.

Por fim, Huizinga (1971) destaca a importância do jogo na cultura humana, vendo-o como uma atividade que transcende a mera diversão e contribui para a formação de habilidades sociais e culturais. Ele argumenta que o jogo é uma atividade voluntária, carregada de significado e essencial para o desenvolvimento cultural e social.

Dessa forma, nota-se que os saberes profissionais e os saberes pedagógicos articulam-se tanto na elaboração do jogo quanto durante sua aplicação. Em geral, a organização das atividades lúdicas exige a correlação teoria-prática, fundamentando a apropriação dos conhecimentos técnicos e da função político-social envolvendo a comunidade. Consequentemente, a responsabilidade docente corresponde a proporcionar a aproximação do discente com a realidade concreta por meio do lúdico. Entretanto, ainda temos um grande desafio relacionado a inclusão da integralidade e da humanização do ensino lúdico para romper com as crenças limitantes que definem essa metodologia como apenas “diversão”.

Considerações Finais

Por meio do objetivo de refletir a aplicabilidade lúdica na prática do projeto de extensão “Biomédicos em ação” do curso de Biomedicina de instituição privada do interior paulista realizou-se este trabalho pautado em registros, documentos e dispositivos utilizados como ferramentas de trabalho, constatou-se uma pluralidade de saberes mobilizados: saberes das áreas específicas, saberes pedagógicos e saberes da experiência. Entretanto, detectou-se alguns limites referente a implementação do ensino lúdico, incluindo a necessidade de formação continuada dos professores, a adaptação dos currículos tradicionais e a disponibilidade de recursos materiais e tecnológicos.

Em geral, verificou-se que a extensão universitária extrapola a educação no âmbito técnico-científico das profissões que a compõem e se estende pelos aspectos estruturantes de relações e práticas em todos os componentes de interesse ou relevância social.

Nesse ínterim, consideramos que este estudo com a perspectiva de que uso do ensino lúdico nas práticas extensionistas deve ser considerada não só um dispositivo que permita identificar a mobilização de saberes, mas também de construção de uma epistemologia relacionada a extensão universitária.

Referências

BARROWS, H. S. *et al*. **Problem-based learning**: an approach to medical education. [*S. l.*]: Springer Publishing Company, 1980.

BENDER, W. N. **Project-based learning**: differentiating instruction for the 21st century. [*S. l.*]: Corwin Press, 2012.

BERNARDO, L. D. *et al*. **Processo de formação de terapeutas ocupacionais**: a utilização da metodologia da problematização no contexto de uma ação extensionista. [*S. l.*: *s. n.*], 2019. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/1878510.47222/2526-3544.rbto18785. Acesso em: 8 jul. 2024.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Qualitative research for education**: an introduction to theory and methods. Boston: Allyn and Bacon, 1982. Disponível em: https://www.scirp.

org/(S(i43dyn45teexjx455qlt3d2q))/reference/ReferencesPapers.aspx?ReferenceID=537509. Acesso em: 8 jul. 2024.

BRASIL. **Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968**. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1968. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5540.htm. Acesso em: 8 jul. 2024.

DICHEVA, D. *et al.* Gamification in education: A systematic mapping study. **Journal of Educational Technology & Society**, [*s. l.*], v. 18, n. 3, p. 75-88, 2015.

FARIA, C. S. A extensão universitária como prática de ensino aprendizagem. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 26, p. e25-e25, 2022.

FERNANDES, M. C. P.; BACKES, V. M. S. Education in health: perspectives of the Family Health Strategy team under Paulo Freire's view. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 63, n. 4, p. 567-573, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0034-71672010000400011. Acesso em: 1º jul. 2024.

FERREIRA, A. F.; DRULIS, P. B. L.; SALES, A. Diferentes Tipos de Raciocínios na Geometria: uma Revisão Sistemática. **Jornal Internacional de Estudos em Educação Matemática**, Londrina, v. 15, n. 3, p. 338-353, 2022.

FERREIRA, V. C. *et al*. O lúdico e o ensino de ciências: reflexões sobre a gincana "compartilhando o conhecimento" no âmbito do programa residência pedagógica. **Revista Brasileira de Educação em Ciências e Educação Matemática**, [*s. l.*], v. 4, n. 3, p. 499-509, 2020.

FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. [*S. l.*: *s. n.*], 2012. Disponível em: https://www.extension.ufla.br/documentos-institucionais/112-politica-nacional-de-extensao-universitaria/file. Acesso em: 8 jul. 2024.

FORPROEX. Política Nacional de Extensão Universitária. **FORPROEX**, [*s. l.*], 2018. Disponível em: http://www.forproex.org.br. Acesso em: 8 jul. 2024.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

LEITE, M. G.; VALENTE, A. L. A importância dos projetos de extensão em Microbiologia Clínica e Microbiologia de Água e Alimentos na formação de estudantes de Biomedicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, [*s. l.*], v. 44, n. 1, p. 120-133, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbem/a/JW6mPK9fXYk6P93zWvL9mWq/?lang=pt. Acesso em: 8 jul. 2024.

LISBOA FILHO, J. História da Extensão Universitária no Brasil: origens, desenvolvimento e desafios atuais. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 1.,

2022, Recife. **Anais** [...]. Recife: [*s. n.*], 2022. p. 33-45. Disponível em: http://www.seminarioextensao2022.rec.br/anais/historia-da-extensao-universitaria-no-brasil.pdf. Acesso em: 8 jul. 2024.

MORAN, J. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. *In*: MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 2-25.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. [*S. l.*]: Livros Técnicos e Científicos, 2004.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Poiesis Pedagógica**, [*s. l.*], v. 3, n. 3-4, p. 5-24, 2010. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/10542. Acesso em: 01 jul. 2024.

SILVA, D.; LORENCINI JUNIOR, A. O docente e sua constante reconstrução de saberes: o jogo como ferramenta de ressignificação de sua prática. **Revista Prática Docente**, Confresa, v. 5, n. 1, p. 289-305, 2020.

SILVA, J. G.; MACIEL, C. M. L. A. O discurso dos professores sobre a formação continuada em suas respectivas áreas do conhecimento. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, Londrina, v. 21, n. 1, p. 40-46, 2020.

SILVA, R. A. *et al*. O impacto dos projetos de extensão na formação dos estudantes de Biomedicina. **Revista de Educação em Saúde**, [*s. l.*], v. 8, n. 2, p. 99-112, 2019. Disponível em: https://www.revistaeducacaoemsaude.com.br/2019/v8n2/impacto-dos-projetos-de-extensao-na-formacao.pdf. Acesso em: 8 jul. 2024.

SMENTKOSKI, I. P. *et al.* O ensino de Histologia e Neuroanatomia por meio de jogos e materiais didáticos: experiência extensionista de uma educação não-formal. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, [*s. l.*], v. 11, n. 3, p. 301-313, 2020.

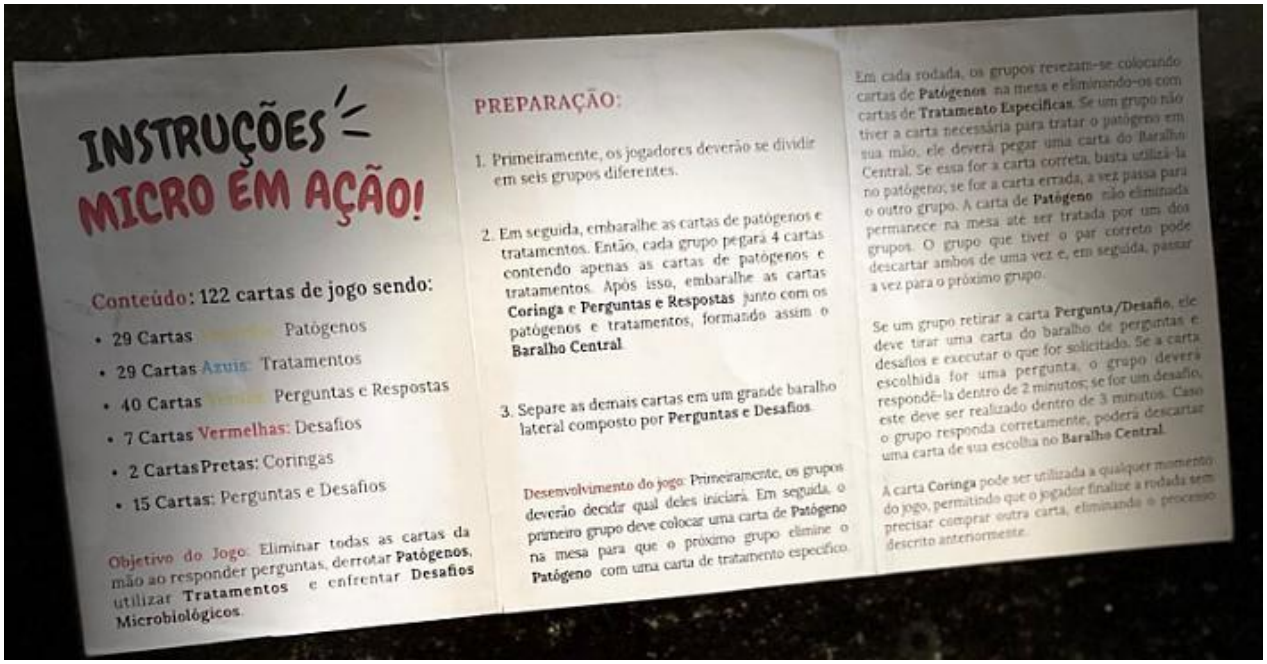
SOUZA, G. O.; SILVA, T. D. Mapeamento de Pesquisas Desenvolvidas em Mestrados e Doutorados Acadêmicos Sobre o Ensino de Matemática Por Meio de Metodologias Ativas. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, Londrina, v. 21, n. 4, p. 437-443, 2020.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Anexo A

- **Jogo didático “Micro em ação”**

- **Regras do jogo didático “Micro em ação”**



INSTRUÇÕES MICRO EM AÇÃO!

Conteúdo: 122 cartas de jogo sendo:

- 29 Cartas Patógenos
- 29 Cartas Azuis: Tratamentos
- 40 Cartas Perguntas e Respostas
- 7 Cartas Vermelhas: Desafios
- 2 Cartas Pretas: Coringas
- 15 Cartas: Perguntas e Desafios

Objetivo do Jogo: Eliminar todas as cartas da mão ao responder perguntas, derrotar **Patógenos**, utilizar **Tratamentos** e enfrentar **Desafios Microbiológicos**.

PREPARAÇÃO:

1. Primeiramente, os jogadores deverão se dividir em seis grupos diferentes.
2. Em seguida, embaralhe as cartas de patógenos e tratamentos. Então, cada grupo pegará 4 cartas contendo apenas as cartas de patógenos e tratamentos. Após isso, embaralhe as cartas **Coringa** e **Perguntas e Respostas** junto com os patógenos e tratamentos, formando assim o **Baralho Central**.
3. Separe as demais cartas em um grande baralho lateral composto por **Perguntas e Desafios**.

Desenvolvimento do jogo: Primeiramente, os grupos deverão decidir qual deles iniciará. Em seguida, o primeiro grupo deve colocar uma carta de **Patógeno** na mesa para que o próximo grupo elimine o **Patógeno** com uma carta de tratamento específico.

Em cada rodada, os grupos revezam-se colocando cartas de **Patógenos** na mesa e eliminando-os com cartas de **Tratamento Específicas**. Se um grupo não tiver a carta necessária para tratar o patógeno em sua mão, ele deverá pegar uma carta do Baralho Central. Se essa for a carta correta, basta utilizá-la no patógeno; se for a carta errada, a vez passa para o outro grupo. A carta de **Patógeno** não eliminada permanece na mesa até ser tratada por um dos grupos. O grupo que tiver o par correto pode descartar ambos de uma vez e, em seguida, passar a vez para o próximo grupo.

Se um grupo retirar a carta **Pergunta/Desafio**, ele deve tirar uma carta do baralho de perguntas e desafios e executar o que for solicitado. Se a carta escolhida for uma pergunta, o grupo deverá respondê-la dentro de 2 minutos; se for um desafio, este deve ser realizado dentro de 3 minutos. Caso o grupo responda corretamente, poderá descartar uma carta de sua escolha no **Baralho Central**.

A carta **Coringa** pode ser utilizada a qualquer momento do jogo, permitindo que o jogador finalize a rodada sem precisar comprar outra carta, eliminando o processo descrito anteriormente.

- **Cartas verdes “Perguntas e respostas”**

- **Cartas “Pegue uma carta perguntas e desafios**

- **Cartas “Coringas”**

- **Cartas azuis “Tratamentos”**

- **Cartas amarelas “Patógenos”**

- **Caixa do jogo didático “Micro em ação”**

REVISTA interagir pensando a extensão

Formação de Alfabetizadores na/da/para a Educação de Jovens e Adultos: a Experiência de um Grupo de Estudos no Âmbito de um Projeto de Extensão

Training Literacy Teachers in/of/for the EJA: the Experience of a Study Group as Part of an Extension Project

Jaqueline Luzia da Silva

Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0001-7164-9542
E-mail: jackluzia@yahoo.com.br

Camila Vitoria Sousa da Silva

Graduanda em Pedagogia e bolsista do Programa Prodocência da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0007-8209-8652
E-mail: camilasousa2002@gmail.com

Resumo

Este trabalho apresenta um relato de experiência cujo objetivo é descrever a experiência vivenciada no grupo de estudos "Desafios e possibilidades atuais na alfabetização de jovens e adultos", vinculado a um projeto de extensão universitária da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Esse grupo permanente procura contribuir com a formação inicial ou continuada dos participantes, fomentando a reflexão e a pesquisa sobre as práticas pedagógicas de alfabetizadores na Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir das leituras e estudos realizados nos encontros. Foi escolhida a metodologia de descrição das experiências e vivências e realizou-se uma abordagem qualitativa, evidenciando os aspectos que consideramos mais relevantes para a construção deste relato. Ao longo das vivências nestse grupo, foi possível perceber uma pedagogia ativa, dialógica e interativa, capaz de impulsionar a construção de conhecimentos e aprendizados por meio da interação de todos os participantes, tecendo

Recebido em: 27 de junho de 2024. Aprovado em: 4 de fevereiro de 2025.
***Interagir: pensando a extensão**, Rio de Janeiro, n. 39, e2025002, 2025*
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.85236

múltiplas aprendizagens e reflexões. As conclusões apontam para a importância do rompimento com práticas educativas limitantes e, também, demonstram que a formação de educadores pode contribuir para o enfrentamento dos desafios impostos pela realidade, fomentando reflexões críticas e propondo novos caminhos de atuação.
Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos (EJA); Formação de professores; Alfabetização.

Abstract

This paper presents an experience report, whose objective is to describe the experience live in the study group "Desafios e possibilidades atuais na alfabetização de jovens e adultos", linked to a university extension project of the Faculty of Faculty of Education of the Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). This permanent group seeks to contribute to the initial or continuing education of the participants, fostering reflection and research on the pedagogical practices of literacy teachers in Youth and Adult Education (YAE) based on the readings and studies carried out at the meetings. The methodology of description of the experiences was chosen and a qualitative approach was carried, highlighting the aspects that we consider most relevant for the construction of this report. Throughout the experiences in this group, it was possible to perceive an active, dialogical and interactive pedagogy, capable of boost the construction of knowledge and learning trough the interaction of all participants, weaving multiple learnings and reflexions. The conclusions point to the importance of breaking away from limiting educational practices and show that the training of educators can contribute to meeting the challenges imposed by reality, fostering critical reflection and proposing new ways of working.
Keywords: Youth and Adult Education (YAE); Teacher training; Literacy.

Área de extensão: Educação

Introdução

O presente relato de experiência tem por objetivo apresentar o trabalho realizado no grupo de estudos "Desafios e possibilidades atuais na alfabetização de jovens e adultos", vinculado a um projeto de extensão universitária da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Esse grupo, que se reúne desde 2019, tem como intuito principal contribuir com a formação continuada dos educadores da Educação de Jovens e Adultos (EJA), colaborar com a formação inicial dos estudantes envolvidos e fomentar a pesquisa sobre a prática dos professores participantes, refletindo e repensando sua realidade a partir dos estudos realizados nos encontros.

O grupo de estudos pretende responder à demanda por formação e atualização de professores alfabetizadores para a EJA, e surgiu a partir da necessidade de egressos dos cursos de extensão oferecidos pelo projeto, que sinalizam, a cada período, o desejo de continuarem estudando, trocando experiências e construindo conhecimentos sobre o processo de alfabetização na modalidade.

Esse grupo de estudos é composto por cerca de 15 pessoas, que são professores da EJA, pesquisadores da área da educação, graduandos do curso de Pedagogia e demais licenciaturas e egressos do curso de Pedagogia e demais licenciaturas, tanto da UERJ quanto de outras universidades. Os encontros ocorrem quinzenalmente na UERJ, às sextas-feiras, à tarde.

Essa formação permanente de educadores da EJA tem nos mostrado o quanto esse espaço de troca é necessário, e possibilita o repensar de práticas pedagógicas que dialogam com a realidade vivenciada nas escolas e nas salas de aula, conduzida por um olhar crítico e criativo sobre os educandos e o processo de ensino e de aprendizagem (Silva, 2021).

Para o presente relato, utilizamos como metodologia a descrição de nossas experiências como coordenadora do projeto e colaboradora de extensão universitária, vivenciadas no grupo de estudos. Por isso, realizamos uma abordagem qualitativa de tais vivências, levantando aspectos que consideramos relevantes para a exposição, que pretende ser não apenas uma descrição, mas também um instrumento de reflexão sobre essas experiências.

Relatar essa experiência é mais do que apenas apresentar vivências de um trabalho realizado, pois significa compartilhar saberes construídos no âmbito de um projeto de extensão universitária, que visa ao diálogo com a comunidade que acessa esse espaço da universidade, no intuito de fazer a diferença para as pessoas que o procuram, discutindo sobre a EJA, seus sujeitos e suas especificidades.

Este relato busca discutir a importância da formação de alfabetizadores de jovens, adultos e idosos, que chegam à EJA com diversas motivações e demandas. A formação

oferecida ocorre de forma inicial para os estudantes licenciandos, mas também de forma continuada para aqueles que já estão no campo, dentro das salas de aula da modalidade.

A Relevância da Formação de Alfabetizadores para Atuação na EJA

Temos percebido, ao longo da existência do projeto de extensão, desde 2016, uma grande demanda pela formação de alfabetizadores para a EJA. Essa necessidade se encontra evidenciada pela procura, por parte de estudantes e professores, de formação continuada em cursos de extensão, aperfeiçoamento e especialização nessa área. Tal busca é consequência da ausência de formação inicial de alfabetizadores para a modalidade EJA, pois os cursos de graduação pouco abordam as questões metodológicas e de aprendizagem dos sujeitos jovens, adultos e idosos (Silva, 2018). Além disso, segundo Silva *et al.* (2024), apesar das pesquisas acerca da EJA serem múltiplas, nem todas têm um aprofundamento, sendo muitas vezes superficiais, e essa ausência ocasiona diversas dúvidas, principalmente para os professores, que chegam à sala de aula da modalidade sem uma formação verdadeiramente consolidada na área.

Dessa forma, os educadores buscam, na formação continuada/permanente, respostas para os seus anseios e dúvidas quanto ao processo de elaboração do sistema de escrita alfabética vivenciado pelos sujeitos da EJA e, para este fim, foi constituído o grupo de estudos permanente nessa temática.

A dinâmica do grupo consiste em que, a cada encontro, seja proposto um estudo, baseado em um artigo científico ou capítulo de livro. O grupo lê o texto antecipadamente e a discussão é realizada a partir das reflexões de cada participante sobre o material. O debate traz muitas leituras prévias que dialogam com o texto estudado e é permeado por várias experiências vividas pelos envolvidos.

Eventualmente, são convidados os autores dos textos estudados para um debate sobre o trabalho. Essa conversa com o autor ocorre como uma culminância do estudo e

garante que o grupo esclareça aspectos trazidos na escrita, além de compreender como o texto foi construído e que caminhos foram percorridos após sua publicação.

Desde o início dos encontros, já foram debatidos materiais diversos que tratam das especificidades da EJA, de seus sujeitos, das políticas públicas e das práticas pedagógicas direcionadas ao ensino da leitura e da escrita na EJA. Essas reflexões levam os participantes a dialogarem sobre dúvidas e questionamentos acerca do trabalho com a alfabetização.

Apenas a título de ilustração, vamos descrever os últimos textos estudados pelo grupo nos encontros. Um desses trabalhos foi o livro de Orlinda Melo (1997) sobre a alfabetização de trabalhadores, no qual a autora tece críticas ao fazer pedagógico da EJA, pois constata que as escolas realizam uma alfabetização que não dialoga com a realidade e as demandas dos sujeitos educandos. Nesse estudo, fica evidenciada a necessidade de uma prática alfabetizadora contextualizada e que considere as experiências e os saberes dos estudantes. Para o grupo, o estudo desse livro foi muito importante, principalmente pela crítica tecida pela autora às práticas e às políticas que envolvem a EJA.

Recentemente, realizou-se a leitura e debate sobre o livro de Socorro Calháu (2020), que propõe uma reflexão sobre a importância de problematizar como a escola da EJA reconhece, valoriza e aproveita os saberes dos educandos e, ao mesmo tempo, respeita esses sujeitos, compreendendo quem são, qual o seu papel na construção da sociedade e como podem contribuir para a sua emancipação social. Para cada reunião, selecionamos um capítulo a ser lido e fizemos uma exposição das questões proporcionadas pela leitura, tendo todos a possibilidade de se manifestar, esclarecer dúvidas e tecer comentários.

Mais recentemente, o grupo tem lido e debatido o livro de Miguel Arroyo (2017). Esse livro nos ajuda a refletir sobre os sujeitos da EJA e suas trajetórias, de vida, de trabalho e escolares, na intenção de suscitar análises e críticas sobre como chegam à escola, o que esperam desta e como a instituição os recebe. O estudo reconhece a diversidade presente na EJA e a necessidade de garantir o direito à educação para todos, não só por ser um direito de cidadania, mas por ser uma ação humanizadora e qualificadora dos sujeitos da

modalidade. Arroyo nos ajuda a promover o diálogo com os educandos, ouvindo suas motivações e considerando estas na prática pedagógica.

A partir de um princípio que rompa com a transmissão de conhecimentos e que foque em uma pedagogia dialógica (Freire, 1983), o grupo de estudos não tem a proposta de que a coordenadora faça explicações dos capítulos das obras, na qual os participantes apenas ouçam e aprendam, mas que o encontro seja um espaço horizontal de diálogo e construção de conhecimentos e aprendizados na interação entre todos os presentes e, assim, o grupo aprenda entre si, por meio da troca de informações e das reflexões tecidas. Com isso, é possível se constituir a base da educação verdadeiramente dialógica e significativa de Paulo Freire (1983, p. 79), pela qual "[...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo".

Semelhantemente, não se pode esquecer que uma formação para professores, tratando-se principalmente de uma educação para jovens, adultos e idosos, não pode ser elitista, e, por isso, sempre nos atentamos à linguagem utilizada para que a comunicação possa ser estabelecida entre as diversas camadas da sociedade, e, assim, realmente possa estar apoiada na diversidade, na criticidade e em um ensino-aprendizagem que seja para a liberdade, assim como afirma bell hooks (2013, p. 79): "[...] a educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender".

Além disso, o grupo de estudos também conta com uma página na internet, que foi elaborada no âmbito do projeto de extensão universitária no qual o grupo está inserido. Esse *site* tem o objetivo de ser um repositório, onde os participantes e pessoas interessadas possam conhecer mais sobre o nosso trabalho, sobre as ações desenvolvidas pelo projeto e sobre sua história, além de possibilitar um aprofundamento dos estudos realizados.

Considerações Finais

Este relato, fruto das atividades desenvolvidas ao longo de mais de cinco anos pelo grupo de estudos "Desafios e possibilidades atuais na Alfabetização de Jovens e Adultos",

contempla uma reflexão coletiva sobre a realidade vivenciada pela coordenadora do projeto e pela colaboradora de extensão universitária. Ao realizar a escrita das experiências vivenciadas, buscou-se evidenciar como o grupo foi criado e como tem se constituído, ou seja, sendo um espaço plural, com uma abordagem dialógica e coletiva, buscando a contribuição de cada membro, que compartilha seus conhecimentos e experiências, enriquecendo a aprendizagem e, assim, proporcionando um ambiente construtivo acerca da temática da alfabetização de jovens, adultos e idosos.

Com base nessa interpretação, compreende-se que somos sujeitos sócio-históricos em processo contínuo de formação e levando em consideração uma educação permanente, já que somos seres inacabados, e, justamente por isso, buscamos aprender o tempo todo (Freire, 2001). Desse modo, é imprescindível ressignificar as noções de educação, rompendo com uma visão limitada e ultrapassada de que há “uma idade certa” para aprender ou continuar aprendendo. Nesse sentido, esse grupo de estudos se insere como um pilar que visa romper essas barreiras e que pessoas das mais diversas idades possam estudar, sendo em formação inicial e continuada de educadores na/da/para a EJA, na intenção da valorização e do reconhecimento dessa modalidade de ensino, enfrentando desafios e apontando caminhos.

Contribuições dos Autores

Os autores contribuíram de forma igual em todas as seções na elaboração do relato de experiência.

Referências

ARROYO, M. G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA, itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

CALHÁU, S. **O sujeito da escrita**: fronteiras e domínios da Alfabetização e do Letramento na EJA. Curitiba: CRV, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Política e educação**: ensaios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MELO, O. C. **Alfabetização e trabalhadores**: o contraponto do discurso oficial. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

SILVA, C. V. S. da; SILVA, M. L. da; SILVA, I. dos S.; BARCELLOS, P. da S. Sujeitos na/da Educação de Jovens e Adultos (EJA): considerações sobre o perfil dos estudantes da modalidade. *In*: ANAIS DO I COLÓQUIO DA REDE DE CONHECIMENTO DOCENTE (RECONHECENDO/UERJ), 1., 2024, Rio de Janeiro. **Anais** […]. Rio de Janeiro: UERJ, 2024. p. 1-10. Disponível em: https://www.even3.com.br/anais/reconhecendo/794868-sujeitos-nada-educacao-de-jovens-e-adultos-(eja)--consideracoes-sobre-o-perfil-dos-estudantes-da-modalidade/. Acesso em: 19 jun. 2024.

SILVA, J. L. da. Alfabetização de jovens e adultos: os desafios e as possibilidades na formação de educadores. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 14, n. 1, p. 70-75, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.5212/Rev.Conexao.v.14.i1.0009. Acesso em: 1º jun. 2024.

SILVA, J. L. da. Formação de educadores para a alfabetização de jovens e adultos: contribuições de um projeto de extensão. **RevistAleph**, Niterói, n. 35, p. 330-347, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.22409/revistaleph.vi35.42831. Acesso em: 2 jun. 2024.

REVISTA interagir pensando a extensão

Resolução de Problemas em uma Unidade Básica de Saúde a Partir das Ferramentas de Gestão da Qualidade: Relato de Experiência

Problem Resolution in a Basic Health Unit Using Quality Management Tools: Experience Report

Andressa Alves Souza

Graduanda de Enfermagem pela Faculdade Uninassau
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0002-8975-2702
E-mail: andressaalves2435@gmail.com

Dailane Neres de Almeida

Graduanda de Enfermagem pela Faculdade Uninassau
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0008-3230-788X
E-mail: daillane14_rso@hotmail.com

Layra Geovanna de Carvalho Lira

Graduanda de Enfermagem pela Faculdade Uninassau
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0001-1303-7692
E-mail: layrageovanna6@gmail.com

Maria Eduarda Loureiro Andrade Nunes

Graduanda de Enfermagem pela Faculdade Uninassau
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0009-6862-274X
E-mail: dudanunel@gmail.com

Kalliny Mirella Gonçalves Barbosa

Doutoranda e mestra em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Feira de Santana e docente do colegiado de enfermagem da Faculdade Uninassau
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-9074-9546
E-mail: kamirely64@gmail.com

Recebido em: 14 de julho de 2024. Aprovado em: 7 de fevereiro de 2025.
***Interagir: pensando a extensão**, Rio de Janeiro, n. 39, e2025003, 2025*
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.85898

Resumo

A Atenção Primária à Saúde é o primeiro nível de atendimento no Sistema Único de Saúde, englobando promoção, prevenção, diagnóstico, tratamento, reabilitação e preservação do bem-estar. Nessa perspectiva, a gestão da qualidade é essencial para abordar a complexidade das necessidades populacionais, demandando abordagens inovadoras e holísticas. Posto isso, este trabalho objetivou relatar a experiência de acadêmicas de enfermagem no uso das ferramentas de gestão da qualidade durante as atividades do Estágio Curricular Supervisionado em unidade básica de saúde. Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, realizado no período de fevereiro a maio de 2024. Os dados foram coletados do Sistema de Informação em Saúde para a Atenção Básica, identificando indicadores abaixo dos parâmetros estabelecidos pelo Ministério da Saúde. Foram propostas diferentes estratégias, incluindo campanhas de sensibilização, distribuição de panfletos educativos, atualização do livro da gestante e qualificação da equipe. A colaboração da equipe de saúde foi fundamental para a análise detalhada dos indicadores de desenvolvimento de soluções inovadoras. A implementação das ferramentas de gestão da qualidade apresentou à equipe de saúde novas estratégias para a identificação de problemas e enfrentamento dos desafios.

Palavras-chave: Atenção Primária à Saúde; Gestão da Qualidade Total; Instrumentos para a Gestão da Atividade Científica.

Abstract

Primary Health Care is the first level of care in the Unified Health System, encompassing promotion, prevention, diagnosis, treatment, rehabilitation, and preservation of well-being. From this perspective, quality management is essential to address the complexity of population needs, demanding innovative and holistic approaches. Therefore, this study aimed to report the experience of nursing students in the use of quality management tools during the Supervised Curricular Internship activities in a basic health unit. This is a descriptive study, with a qualitative approach, of the experience report type, carried out from February to May 2024. Data were collected from the Health Information System for Primary Care, identifying indicators below the parameters established by the Ministry of Health. Different strategies were proposed, including awareness campaigns, distribution of educational pamphlets, updating of the pregnant woman's book, and team training. The collaboration of the health team was essential for the detailed analysis of the indicators for the development of innovative solutions. The implementation of quality management tools presented the healthcare team with new strategies for identifying problems and facing challenges.

Keywords: Primary Health Care; Total Quality Management; Instruments for Management of Scientific Activity.

Área Temática: Saúde

Introdução

A Atenção Primária de Saúde (APS) abrange uma série de medidas destinadas à promoção da saúde, prevenção de agravos e reabilitação do bem-estar geral. Esse fato fez com que muitos países colocassem uma forte ênfase na garantia da APS devido a evidências que indicam que os sistemas nacionais de saúde, que priorizam as intervenções primárias como o foco central das práticas de saúde, alcançam resultados superiores, despesas mais baixas e níveis mais elevados de satisfação dos usuários (Moraes Filho, 2024).

Para tanto, a qualidade de gestão é uma preocupação constante nos sistemas de saúde, dada a complexidade das necessidades da população. Ressalta-se que, para explorar novas estratégias de gestão da qualidade, é essencial adotar abordagens inovadoras e holísticas que vão além do conhecimento técnico. Isso implica na incorporação de um ciclo contínuo de planejamento, implementação e avaliação de diversas estruturas, sistemas, procedimentos e atividades, juntamente com o envolvimento de profissionais qualificados para executar as tarefas exigidas (Furtado, 2022).

A partir da década de 1950, as ferramentas da qualidade foram categorizadas de acordo com a sua capacidade de abordar vários aspectos da resolução de problemas nos processos de trabalho. Tais instrumento têm uma infinidade de funções, auxiliando na definição, medição, análise e oferta de soluções para obstáculos imprevistos que impedem a operação contínua dos processos de trabalho (Jamal; Anversa; Chacon, 2021). A utilização de sistemas de gestão revela-se altamente benéfica na melhoria da qualidade de produtos, serviços e processos. Esses programas e ferramentas são essenciais para garantir que o Sistema de Gestão da Qualidade (SGQ) opere em seu mais alto nível de eficiência e eficácia (Braga; Almeida, 2021).

Nesse contexto, o papel dos enfermeiros é especialmente relevante como profissionais de saúde que assumem responsabilidades de gestão, tendo um impacto significativo nas competências baseadas na liderança e ética (Lopes, 2020). Na gestão, o enfermeiro desempenha um papel fulcral na identificação de problemas de saúde, no

planejamento de intervenções e na avaliação da eficácia dos cuidados por meio do diagnóstico situacional e do uso de indicadores.

O diagnóstico situacional é entendido como o resultado de um processo de coleta, processamento e análise de dados coletados em um determinado território de uma população residente. Os dados provêm da participação efetiva da equipe local do estudo, uma vez que é a principal ferramenta para conhecimento específico sobre uma dada comunidade. Trata-se de uma investigação de estado de saúde e dos riscos de dados obtidos na área de atuação para posteriormente respaldar e planejar ações (Kowalski, 2023).

A questão dos baixos indicadores na Unidade Básica de Saúde (UBS) pode abranger diversas dimensões e aspectos, apresentando um problema complexo a ser enfrentado. Assim, quando os indicadores de saúde propostos para a APS não são alcançados, podem indicar problemas sistêmicos e estruturais que comprometem a qualidade e eficácia dos cuidados de saúde (Messias, 2021). A partir disso, destaca-se que o Previne Brasil refere ao modelo de financiamento da APS, instituído em 2019, com o objetivo de distribuir o recurso financeiro baseado em quatro componentes, a saber: capitação ponderada, pagamento por desempenho, incentivo financeiro com base em critério populacional e incentivos para ações estratégicas (Brasil, 2019; 2022).

Esse programa busca estimular a formulação de abordagens para aprimorar, monitorar e avaliar o desempenho das equipes de saúde da família (eSF) por meio da melhoria dos indicadores baseado em maior número de pessoas cadastradas. Para isso, é necessário que a equipe multidisciplinar seja incentivada a registrar a população, executar as atividades de prevenção e promoção da saúde, além de fazer o acompanhamento baseado nos critérios e pesos fornecidos pelo Previne Brasil (Pinheiro; Lima, 2022; Seta; Ocké-Reis; Ramos, 2021).

Reconhecendo a importância da gestão da saúde no aumento da eficácia dos serviços de cuidados à comunidade, bem como a utilização generalizada de indicadores de saúde na APS, este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de acadêmicas de enfermagem no uso das ferramentas de gestão da qualidade durante as atividades do

Estágio Curricular Supervisionado (ECS) em uma UBS. Ressalta-se a relevância deste estudo para destacar a importância desses indicadores na melhoria dos serviços de saúde e, a partir desse entendimento, apresentar intervenções ou estratégias que podem ser implementadas para alcançar melhores resultados na APS.

Metodologia

Estudo de natureza descritiva, de abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, elaborado a partir da vivência de estudantes de enfermagem da Uninassau Petrolina, Pernambuco, que aplicaram as ferramentas de gestão da qualidade a partir dos resultados dos indicadores do Previne Brasil de uma UBS do município supracitado. O contato com a UBS ocorreu durante as atividades do ECS, no período de fevereiro a maio de 2024. A atividade mencionada foi proposta pela disciplina “Gestão da qualidade em serviços de Saúde” com o objetivo de proporcionar a associação teórico-prática aos estudantes.

A UBS desta experiência possui três Equipes de Saúde da Família (eSF), totalizando 3 médicos, 3 enfermeiros, 6 técnicos de enfermagem e 15 Agentes Comunitários de Saúde (ACS) no atendimento de demandas espontâneas e programadas. A unidade busca garantir total cobertura dentro de sua área de abrangência, buscando alcançar toda a população adscrita no território, esta que corresponde, aproximadamente, a 8.115 pessoas distribuídas em 4 bairros.

No que concerne ao momento da graduação que essa vivência foi oportunizada, as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem (DCN) apontam a obrigatoriedade da inclusão, no currículo, do estágio supervisionado em hospitais gerais e especializados, ambulatórios, rede básica de serviços de saúde e comunidades, assegurando que todos os discentes tenham igualdade de acesso, sendo capazes de conhecer e intervir sobre o processo saúde-doença (Brasil, 2001). Tendo em vista que o ECS ocorre nos últimos períodos da graduação e corresponde a 30% da carga horária total

do curso, a vivência na APS é realizada no 9° período, a fim de garantir a experiência de correlacionar a teoria à prática.

Destaca-se que os dados foram disponibilizados pela Secretaria Municipal de Saúde, a partir do acesso ao Sistema de Informação em Saúde para a Atenção Básica (SISAB), contudo tais dados também podem ser acessados pelo cidadão, pois se configuram como informações públicas. Diante dos resultados dos indicadores, realizou-se uma análise criteriosa do 1º quadrimestre de 2024 com o objetivo de identificar os indicadores que não atingiram os parâmetros estabelecidos pelo Ministério da Saúde (MS) e, por isso, exigiam a necessidade de um plano de ação.

Nessa perspectiva, tendo em vista que as ferramentas de gestão da qualidade são fundamentais para garantir a eficiência, qualidade e segurança do atendimento ao paciente, as discentes utilizaram o 5W2H, a matriz GUT, o Diagrama de Ishikawa e o PDCA com o objetivo de fornecer uma abordagem estruturada e eficaz para enfrentar os desafios e melhorar continuamente a qualidade do cuidado. Cada uma dessas ferramentas ajuda a analisar os problemas, planejar ações, implementar soluções e monitorar resultados para promover um ambiente mais seguro e eficiente.

O uso dessas ferramentas permitiu às discentes uma abordagem sistemática e baseada em dados para identificar áreas de melhoria e elaborar estratégias tangíveis. Inicialmente, utilizou-se a matriz GUT como uma técnica de análise de priorização utilizada na gestão de qualidade que facilita na resolução dos problemas, sendo avaliada de acordo com três critérios: a gravidade, o impacto do problema e os efeitos potenciais do problema; urgência, tempo necessário para se solucionar o problema; tendência, crescimento do problema (Cevada; Damy-Benedetti, 2021).

Ao empregar o Diagrama de Ishikawa, conhecido também por diagrama de espinha de peixe, foi possível identificar e analisar as causas e efeitos dos problemas mapeando em categorias como método, mão de obra, máquina e material. Ademais, utilizou-se a ferramenta 5W2H para estruturar um plano de ação, tendo em vista que tal ferramenta serve para planejar e executar projetos de forma eficaz, utilizando sete questões essenciais,

incluindo o quê, por quê, quem, quando, onde, como e quanto custa (Barbosa *et al*., 2024a; Passos, 2023).

Por fim, a última análise dos dados foi por meio do ciclo PDCA, que proporciona métodos continuamente avaliados e ajustados com base nos resultados obtidos, promovendo um ciclo contínuo dividido em quatro etapas: planejar, executar, verificar e agir (Barbosa *et al*., 2024b; Meireles; Silva; Sá, 2014).

Ressalta-se que, para garantir que tais ferramentas de gestão da qualidade fossem aplicadas pela equipe, as discentes marcaram, previamente, uma apresentação com os profissionais da eSF. Dessa forma, cabe pontuar que, como os resultados dos indicadores da UBS são dados públicos, desconsidera-se a necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos.

Resultados e Discussões

A partir da análise dos resultados dos indicadores propostos pelo programa Previne Brasil e dos parâmetros estipulados pelo MS, as discentes recorreram às ferramentas de gestão da qualidade para elencar estratégias de melhoria da atenção à saúde, corroborando para o aprimoramento do desempenho da equipe.

No uso da matriz GUT, cada dimensão de todos os problemas escolhidos deverá ser pontuada em uma escala de 1 a 5 pontos durante o processo de análise; após adquirir os valores de cada critério, estes são multiplicados para determinar os resultados. As questões serão ordenadas de alta para baixa prioridade, a pontuação maior deverá receber mais atenção e ser abordada primeiro (Cevada, 2021; Damy-Benedetti, 2021). Para avaliar e priorizar as questões identificadas, foi elaborada uma tabela matriz GUT com base nos indicadores do UBS.

No topo da lista, com 80 pontos, estavam problemas relacionados ao indicador “proporção de pessoas com hipertensão, com consulta e pressão arterial aferida no semestre”, tornando-o a maior preocupação para intervenção. No entanto, os problemas

relacionados ao indicador “proporção de gestantes com pelo menos seis consultas pré-natal realizadas, sendo a 1ª até a 12ª semana de gestação” também apresentaram relevância significativa. A partir disso, dos sete indicadores do Previne Brasil avaliados, esses dois se destacaram como maiores problemas a serem enfrentados pela equipe de saúde.

Nessa perspectiva, a partir do diagrama de Ishikawa, observou-se que, na UBS, o baixo número de consultas pré-natal estava associado à dificuldade de realizar busca ativa e às falhas de registros no sistema. Para tanto, as discentes recorreram à ferramenta 5W2H para estruturar um plano de ação, delineando as atividades, prazos e responsabilidades para todos os participantes da equipe. Assim, as discentes propuseram estratégias para melhoria da atenção à saúde, garantindo que todos os problemas fossem resolvidos.

De acordo com o ciclo PDCA elaborado pelas discentes, na primeira etapa os dados foram analisados diante dos indicadores que não alcançaram as metas previstas pelo MS, sendo estabelecidas metas para a equipe. No que tange à fase de execução, as intervenções planejadas incluem estratégias para superar os desafios associados à captação de gestantes e de pacientes com hipertensão arterial. Na fase de verificação, a avaliação mensal dos resultados obtidos foi aconselhada para que a eSF possa acompanhar as ações instituídas de modo a realizar o comparativo dos dados antes e depois das intervenções. Por fim, na etapa de ação, a equipe foi incentivada a seguir as ações planejadas pelas discentes e, se necessário, melhorar o plano de ação. Destaca-se que as inferências de algumas fases do PDCA convergem com os desdobramentos do diagrama de Ishikawa e do 5W2h.

Diversas estratégias foram delineadas com a intenção de captar os pacientes hipertensos, como realizar campanhas de sensibilização para que os pacientes compareçam às consultas regularmente. Ademais, também foi proposta a confecção de panfletos educativos a serem distribuídos nas residências, além de serem utilizados para as atividades de educação em saúde na sala de espera. Tais materiais informativos, ao compartilharem sobre a importância do acompanhamento contínuo da saúde junto aos

profissionais de forma a prevenir problemas de saúde futuros, garantem a continuidade do cuidado e a consolidação do vínculo com a equipe de saúde (Alvarenga *et al*., 2023).

Além disso, foram articuladas diversas ideias para atrair esses pacientes, visto que muitos deles retroalimentam o ciclo de renovação de receitas sem passar por uma consulta médica ou de enfermagem. Tal prática é agravada pela falta de acompanhamento adequado, levando a complicações da hipertensão severa (Fonseca; Rached, 2019). Ressalta-se, ainda, que a falta de notificação resulta em perdas de financiamento e na insuficiência de recursos materiais, pois a falta de cadastro e das consultas dos pacientes comprometem o indicador e, consequentemente, os recursos destinados à manutenção da UBS.

No que tange às estratégias delineadas para o melhoramento do indicador referente às consultas pré-natal, foram propostas: a atenção à atualização da caderneta da gestante para facilitar o acesso dos ACS; criar uma mídia digital explicativa contendo todas as informações relevantes, que será compartilhado durante as consultas e visitas domiciliares; e incentivar a busca ativa pelos ACS. Isso porque os ACS são considerados o elo entre a unidade de saúde e os usuários do território, ocupando um espaço que está em constante mutação no que concerne à relação entre sujeitos e à produção do cuidado em saúde na APS (Nunes *et al*., 2022).

Isso visa sensibilizar as mulheres sobre a importância de iniciar o pré-natal precocemente ao mesmo passo em que reforça, para a equipe, a necessidade de qualificar todos os envolvidos no acolhimento das gestantes, inclusive a recepção. Ademais, percebeu-se a necessidade de aprimoramento do sistema, uma vez que as falhas resultam na perda de informações lançadas, as quais, consequentemente, reverberam sobre os indicadores.

Diante disso, realizou-se uma reunião com toda a eSF com o objetivo principal de discutir os indicadores de desempenho da equipe e identificar áreas de melhoria para garantir um atendimento de saúde ainda mais eficaz à comunidade. A reunião começou com um breve resumo da proposta do trabalho, dando ênfase aos indicadores com maior necessidade de intervenção.

Durante essa sessão colaborativa, cada integrante da equipe teve a oportunidade de analisar detalhadamente os indicadores e expressar suas próprias percepções e experiências individuais. Esse encontro serviu como uma oportunidade valiosa para todos contribuírem com os seus conhecimentos, recomendações, sugestões e ideias inovadoras. Dessa forma, o ambiente foi propício para a otimização dos processos e a formulação de estratégias eficazes visando ao cumprimento de metas ambiciosas e desafiadoras.

Ademais, o encontro foi oportuno para discutir alguns desafios atrelados ao próprio modelo de financiamento que prejudicam o bom desempenho da equipe, como a ausência de métricas de desempenho que avaliem a qualidade do atendimento e não apenas a quantidade, além da não adesão de novas tecnologias e métodos de gestão para otimizar os processos e serviços de saúde. Essas questões revelam a necessidade de uma abordagem mais equilibrada e abrangente para garantir a viabilidade e a eficiência em longo prazo do sistema de saúde.

Posto isso, vale destacar que, apesar dos dados estarem relacionados ao Programa Previne Brasil, o MS, através da Portaria nº 3493/2024, apresentou um novo modelo de financiamento que busca suprir as limitações do atual sistema e estabelecer uma estrutura mais robusta e flexível. Assim, apresenta diversificação das fontes de financiamento, a descentralização dos recursos, a implementação de métricas de desempenho de qualidade, a sustentabilidade financeira e a melhoria contínua da gestão e capacitação. O sistema de saúde estará bem equipado para atender às necessidades da população de maneira eficiente e equitativa (Brasil, 2024).

Considerações Finais

A APS é um componente crucial do SUS, pois tem impacto significativo nos demais níveis de assistência, tendo em vista que serve como norteador, visando promover a saúde e prevenir agravos ao usuário. Como resultado, a garantia da qualidade da APS exige uma gestão eficaz e a utilização de ferramentas que facilitem a avaliação das informações pertinentes e estimulem a reflexão sobre os serviços prestados.

A implementação dessas ferramentas não só apresentou à equipe de saúde novas estratégias para a identificação de problemas, mas também fortaleceu a cultura de excelência e melhoria contínua dentro da instituição de saúde. Além disso, ao permitir a aproximação com as ferramentas de gestão da qualidade, foi possível contribuir no processo de formação das discentes com as habilidades e recursos essenciais para avaliar os problemas e estruturar soluções eficientes, de forma a reconhecer a gestão da qualidade como fundamental no aprimoramento do desempenho da equipe e na melhoria dos serviços de saúde prestados à comunidade.

Assim, esta experiência evidencia a importância da gestão eficaz dos serviços de saúde e o impacto da utilização das ferramentas de gestão da qualidade na introdução de abordagens criativas e abrangentes que contribuem para a resolução dos problemas em saúde. Quanto às limitações, destaca-se a reduzida produção bibliográfica sobre a temática em questão, reverberando sobre a dificuldade de discutir os achados a partir da literatura.

Contribuições dos Autores

Andressa Alves Souza: participou ativamente da vivência, contribuiu substancialmente para a redação do manuscrito e aprovou a versão final a ser submetida.

Dailane Neres de Almeida: participou ativamente da vivência, contribuiu substancialmente para a redação do manuscrito e aprovou a versão final a ser submetida.

Layra Geovanna de Carvalho Lira: participou ativamente da vivência, contribuiu substancialmente para a redação do manuscrito e aprovou a versão final a ser submetida.

Maria Eduarda Loureiro Andrade Nunes: participou ativamente da vivência, contribuiu substancialmente para a redação do manuscrito e aprovou a versão final a ser submetida.

Kalliny Mirella Gonçalves Barbosa: trabalhou na concepção, no delineamento, na revisão crítica do texto e aprovou a versão final a ser submetida.

Referências

ALVARENGA, C. G. M. *et al.* Challenges and perspectives for longitudinal care in the Family Health Strategy: The experience of Medical students. **Research, Society and Development**, [*s. l.*], v. 12, n. 14, 2023.

BARBOSA, K. M. G. *et al.* Análise dos indicadores de desempenho de uma unidade de saúde da família e a aplicação de ferramentas da gestão da qualidade. **Revista Interdisciplinar de Saúde e Educação**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 2, p. 292-304, 2024a.

BARBOSA, K. M. G. *et al.* Gestão da qualidade em uma unidade básica de saúde. **Revista Eletrônica Extensão Em Debate**, Maceió, v. 13, n. 20, 2024b.

BRAGA, B. H. C.; ALMEIDA, M. M. Y. Ferramentas da gestão da qualidade e sua importância para o desenvolvimento das organizações. **Interface Tecnológica**, Taquaritinga, v. 18, n. 2, p. 600-612, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CES nº. 3, de 7/11/2001**. Institui Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em enfermagem. Brasília, DF: MEC, 2001. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf. Acesso em: jul. 2024.

BRASIL. **Portaria GM/MS Nº 102, de 20 de janeiro de 2022**. Altera a Portaria GM/MS nº 3.222, de 10 de dezembro de 2019, que dispõe sobre os indicadores do pagamento por desempenho, no âmbito do Programa Previne Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, 2022. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2022/prt0102_21_01_2022.html. Acesso em: jul. 2024.

BRASIL. **Portaria GM/MS nº 3.493, de 10 de abril de 2024**. Altera a Portaria de Consolidação nº 6, de 28 de setembro de 2017, para instituir nova metodologia de cofinanciamento federal do Piso de Atenção Primária à Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde. Brasília, DF: Presidência da República, 2022. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2024/prt3493_11_04_2024.html. Acesso em: jul. 2024.

BRASIL. **Portaria nº 2.979, de 12 de novembro de 2019**. Institui o Programa Previne Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, 2019. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2019/prt2979_13_11_2019.html. Acesso em: jul. 2024.

CEVADA, L. Z.; DAMY-BENEDETTI, P. C. Uso da matriz de priorização (matriz gut) como aliada em auditorias. **Revista Científica Unilago**, [*s. l.*], v. 1, n. 1, p. 1-10, 2021.

FONSECA, K. P.; RACHED, C. D. A. Complicações do diabetes mellitus. **International Journal of Health Management Review**, [*s. l.*], v. 5, n. 1, p. 1-13, 2019.

FURTADO, C. F. C. *et al.* **Gestão de qualidade em saúde:** conceitos e ferramentas da qualidade como estratégia de construção e práticas em gestão em saúde. Campina Grande: Amplla, 2022.

JAMAL, C. M. C.; ANVERSA, M. V. A.; CHACON, P. A. S. A conexão do Sistema de Gestão da Qualidade Total (SGQ) com a Gestão da Inovação (GI). **Revista S&G**, [*s. l.*], v. 16, n. 1, p. 3-10, 2021.

KOWALSKI, I. S. *et al.* **Diagnóstico situacional para planejamento em saúde**. São Paulo: Setor de Publicações - Centro Universitário São Camilo, 2023.

LOPES, O.C *et al.* Competências dos enfermeiros na estratégia Saúde da Família. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, e20190145, 2020.

MEIRELES, T. O.; SILVA, K. T.; SÁ, L. L. F. A importância da adoção do método de análise e solução de problemas (MASP) utilizando o ciclo PDCA na gestão em serviços de saúde. **Geum**, [*s. l.*], v. 5, n. 3, p. 12-22, 2014.

MESSIAS, J. K. S. *et al.* Indicadores em saúde na atenção básica: uma revisão de literatura. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 8, n. 45, p. 102-124, 2021.

MORAES FILHO, I. M. *et al.* Enfermagem no manejo da hipertensão arterial sistêmica na atenção primária: contribuições para a saúde planetária. **Nursing Edição Brasileira**, [*s. l.*], v. 27, n. 311, 2024.

NUNES, R. Z. S. et al. Entre o sofrimento e a saúde: considerações sobre o trabalho do Agente Comunitário de Saúde. **Revista de APS**, [*s. l.*], v. 25, n. 1, 2022.

PASSOS, T. S. Proposta de melhoria do acolhimento da demanda espontânea utilizando ferramentas de gestão da qualidade: estudo de caso em uma unidade básica de saúde do agreste sergipano. **Revista de Administração em Saúde**, [*s. l.*], v. 23, n. 91, 2023.

PINHEIRO, P.; LIMA, G. P. Programa previne Brasil, conhecimento dos gestores sobre dashboard de monitoramento de indicadores de desempenho de gestão: protocolo de revisão de escopo. **Revista Científica Multidisciplinar**, [*s. l.*], v. 3, n. 11, e3112053, 2022.

SETA, M. H.; OCKÉ-REIS, C. O.; RAMOS, A. L. P. Programa Previne Brasil: o ápice das ameaças à Atenção Primária à Saúde? **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, suppl. 2, p. 3781-3786, 2021.

REVISTA interagir pensando a extensão

Construindo Políticas Públicas para e pelas Mulheres no Município de Varginha, em Minas Gerais

Building Public Policies for and by Women in the Municipality of Varginha, in Minas Gerais, Brazil

Janaina de Mendonça Fernandes

Professora Adjunta da Universidade Federal de Alfenas
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-9768-348X
E-mail: janaina.fernandes@outlook.com

Fernanda Mitsue Soares Onuma

Professora Adjunta da Universidade Federal de Alfenas
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-7392-2191
E-mail: fernanda.onuma@unifal-mg.edu.br

Resumo

O presente artigo se configura como um Relato de Experiência Extensionista em que é feita a descrição de uma situação vivenciada por professoras representantes de uma universidade pública no sul de Minas Gerais, UNIFAL-MG, no Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres do Município de Varginha-MG (CMDM). A demanda da construção da política surgiu do poder municipal que solicitou ao CMDM uma política em um cenário crescente de violência contra mulher na região em questão. A partir da provocação, com o apoio CMDM, foi estruturada uma oficina de trabalho com a participação de 33 entidades representantes da sociedade civil organizada, da cidade. Como resultado obteve-se a inauguração do Centro Integrado de Atendimento à Mulher de Varginha.

Palavras-chave: Participação; Política Pública Municipal; Direitos das mulheres.

Abstract

This article aims to describe the methodology applied to an Extensionist Experience Report conducted by professors from a public university in the south of Minas Gerais, UNIFAL-MG, at the Municipal Council for Women's Rights of the Municipality of Varginha-MG (CMDM). The demand for the construction of the policy arose from the

Recebido em: 1º de agosto de 2024. Aprovado em: 17 de março de 2025.
***Interagir: pensando a extensão**, Rio de Janeiro, n. 39, e2025007, 2025*
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.86318

municipal authorities, who asked the CMDM for a policy in a growing scenario of violence against women in the region in question. Based on the provocation, with CMDM support, a workshop was structured with the participation of 33 entities representing organized civil society in the city. As a result, the municipality of Varginha inaugurated the Integrated Women's Service Center, in 2024.
Keywords: Participation; Municipal Public Policy; Women's rights.

Área de extensão: Direitos Humanos e Justiça

Introdução

Atualmente, vivemos em cenários complexos em que os gestores públicos são demandados, por meio de políticas públicas, a atenderem necessidades específicas de mulheres de diferentes grupos, que se apresentam na arena política. Torna-se, portanto, cada vez mais importante planejar ações de diversas naturezas para diferentes públicos com os objetivos de realizar ações visando ao cumprimento das missões governamentais e do Estado de garantia de direitos das mulheres, que se encontram consolidados por lei. Planejar se torna uma necessidade para atender cidadãs cada vez mais exigentes e conscientes de seus direitos, organizadas e atuantes no âmbito político e social.

O tensionamento entre as cidadãs com necessidades cada vez mais complexas e garantidas por lei e os governos com restrições orçamentárias cada vez maiores fazem com que o Estado busque formas de parceria e planejamento que atendam tais demandas de maneira mais ajustada aos desejos e direitos desta parcela da sociedade. Para criar sinergia entre as ações do Estado e sociedade, se essas políticas forem planejadas e realizadas de forma participativa, elas tendem a atender de forma mais ajustada às cidadãs que serão impactadas diretamente por elas.

Neste sentido, no dia 22 de junho de 2022, em uma reunião do Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres do Município de Varginha-MG (CMDM), o Senhor Secretário Municipal de Habitação e Desenvolvimento Social solicitou ao Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres do Município de Varginha a construção de uma política pública

voltada para as mulheres no município, na presença de 10 conselheiras, diante de um aumento de casos de feminicídios na região. Em especial um caso que ganhou repercussão na mídia local, o caso Thayná Fabri, mulher de 24 anos que foi morta pelo ex-namorado, que se matou em seguida. Thayná havia registrado boletins de ocorrência contra o homem, o caso chocou a região (Soares; Araújo; Nunes, 2022).

O presente trabalho é resultado da participação da UNIFAL-MG no apoio da construção da referida política pública por meio da aplicação dos conceitos de participação pública, conforme veremos na sessão subsequente deste artigo. Como registrado na ata 53 do CMDM, as conselheiras representantes da Universidade Federal de Alfenas-MG (UNIFAL-MG) se ofereceram para desenhar uma metodologia participativa para esta finalidade. O objetivo deste artigo é descrever a metodologia utilizada na elaboração da política pública para mulheres em Varginha-MG, a fim de compartilhar o processo para incentivar sua replicação em outras localidades no Brasil. Tal metodologia envolveu a sociedade civil organizada, entidades do Estado (prefeitura e governo do Estado) e diferentes profissionais (da área pública e privada) que lidam com as questões voltadas para os direitos das mulheres no município.

Com a participação de todas, foi consolidada uma política pública que agora se descreve neste documento. Abaixo, segue a lista das representantes e das entidades que participaram de todo o processo, que se deu em formato de oficinas de trabalho, entre os dias 04 e 11 de agosto de 2022 no Campus avançado da UNIFAL-MG de Varginha-MG.

As oficinas buscaram o consenso de todas as partícipes do processo e todas tiveram igualdade de voz, opinião e construíram juntas os resultados aqui apresentados de forma transparente e dialógica. Todas as entidades e representantes que participaram da oficina assinam juntas o referido relatório final da política pública e declaram que ele é uma construção coletiva.

O documento entregue ao poder público se dividiu da seguinte forma: a primeira parte foi a introdução; a segunda é a apresentação; na terceira parte mostramos o que é planejamento e a necessidade de se planejar qualquer ação em termos de política pública; na quarta parte, apresentamos o diagnóstico da situação de atendimento da mulher em

vulnerabilidade no município; na quinta parte, apresentamos como vemos o futuro da política pública para mulher em Varginha e, na sexta parte, mostramos as ações necessárias para alcançarmos esse futuro, a saber, os projetos componentes da política; na sétima parte, temos as assinaturas das partícipes da construção da política. Por fim, temos os anexos, com as atas e as solicitações da prefeitura.

É importante lembrar que toda esta política foi construída no sentido de consolidar os direitos presentes na Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006), com o intuito de proteger as mulheres e prevenir sempre pensando na mulher e seus dependentes.

Marco teórico

Quando se tematiza questões acerca das mulheres, existe uma tendência à essencialização de condutas e identidades: dizem (sobretudo, os homens) o que nós somos, como agimos e como pensamos, sem considerarem que, como seres humanos, somos pessoas complexas e plurais (Moura; Ramos, 2022). Um lugar-comum quando mulheres se unem para reivindicar seus direitos é escutar que já se dispõe de legislação que tematiza sobre formas de violências que nos acometem, a saber, a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, no caso brasileiro). O que este tipo de argumento frágil desconsidera é que:

> Parafraseando Carol Smart (1989), de nada adianta uma lei avançada e declaradamente feminista se, quando as mulheres falam, elas são escutadas da mesma maneira como sempre foram. (Smart, 1998 *apud* Moura; Ramos, 2022, p. 1192).

Apesar do importante avanço representado pela Lei Maria da Penha, em âmbito nacional, as pesquisas apontam para a necessidade da discussão das diferentes formas de violências que se perpetuam socialmente contra mulheres, para além da legislação. O trabalho de Moura e Ramos (2022) critica a domesticação da aplicação desta lei por juízes

e outros operadores do direito que lhe impugnam caráter conservador e heterossexista[1] não reconhecerem, por exemplo, a aplicação desta lei a casos de violências contra mulheres lésbicas.

Conforme Moura e Ramos (2022), o Sistema de Justiça Criminal brasileiro permanece pautado por uma visão essencialista de "mulher", como se existisse apenas uma forma de ser mulher (ligada ao imaginário da "dona de casa"), ignorando que as mulheres são seres humanos complexos e plurais. Nesse sentido, o estudo de Moura e Ramos (2022) é importante por apontar para a complexidade das relações humanas permeadas por relações de poder de gênero, raça e classe, mas que seguem ignoradas tanto na literatura acadêmica quanto nos julgamentos de casos de violências domésticas.

O resultado, como apontam os autores, é que o poder judiciário nacional, assim como a opinião pública, acaba reiterando estereótipos sobre quem pode ser nomeado como "algoz" ou como "vítima" em casos de violência doméstica, perpetuando o processo de culpabilização das vítimas e reiterando estereótipos de gênero nocivos à integração social de toda diversidade humana (Moura; Ramos, 2022, p. 1178):

> É preciso fugir da dualidade redutora do tipo algoz e vítima que implica no agressor ativo e na vítima passiva a partir da construção de uma 'relação típica' (Gregori, 1993: 130). Existe um movimento que implica 'combinações, ambiguidades e, portanto, diversidades' entre os padrões de gênero e o comportamento violento propriamente dito. 'A identidade se perfaz na trajetória', sustenta Gregori (2004), em meio a relações e em um processo de 'espelhamentos e contrastes que não se esgota'. Essa perspectiva relacional da violência, em que os marcadores de gênero estejam articulados com outros eixos de opressão também fundamentais (classe, raça e orientação sexual, por exemplo), torna-se muito mais potente para dar conta da violência nesses e em todos os outros relacionamentos íntimos de afeto, ainda mais quando consideramos que já há pesquisas que denotam que as dinâmicas de poder podem ser flutuantes nas relações lésbicas.

Apesar da pluralidade de formas de violências de gênero, estatísticas oficiais mostram a prevalência de casos em que homens agridem mulheres. Todavia, o menosprezo social por mulheres, advindo das dinâmicas de poder de gênero, raça e classe

[1] Souza e Pereira (2013) definem o heterossexismo como um sistema ideológico que, simultaneamente, produz privilégios a pessoas de identidade sexual heterossexual, enquanto discrimina pessoas que não se identificam com a heterossexualidade, a exemplo de pessoas homossexuais, assexuais, bissexuais, dentre outras identidades sexuais possíveis.

apontados por Moura e Ramos (2002) podem estar relacionados ao fato das violências perpetradas contra mulheres terem recebido atenção dos poderes públicos apenas recentemente. Estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), fundação pública ligada ao Ministério da Economia, divulgado na atuação gestão, do ministro Paulo Guedes, aponta que a primeira estatística sobre violência contra mulheres no Brasil data de 2009 (Engel, 2019). Trata-se da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), conduzida em 2009 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (Engel, 2019). Estes dados mostram o quanto a violência contra mulheres passa a ganhar interesse em termos de identificação e quantificação oficial apenas recentemente em nossa História.

Segundo dados de 2009 desta pesquisa, dentre as vítimas, apenas 12,3% eram homens, enquanto 43% eram mulheres. Atualizando a realidade da violência doméstica no país, analisando dados de homicídios de mulheres em suas residências como variável para buscar se aproximar dos dados de feminicídio no país, o Atlas da Violência no Brasil de 2021 aponta que, tomando por base os anos de 2009 a 2019, embora o número de mortes de mulheres fora de casa tenha reduzido em 20,6%, no mesmo período, o número de mulheres mortas dentro de suas casas cresceu 10,6% (Cerqueira *et al*., 2021).

Que tipo de sociedade nós temos no Brasil se não nos sensibilizamos com o fato de que, em dez anos, para milhões de brasileiras, a residência, o lar, foi espaço de morte ao invés de ser um lugar, como para qualquer outra pessoa, de acolhimento e segurança? Como explica Roichman (2020), apesar da Lei Maria da Penha ter permitido ao país o avanço nos registros oficiais de crimes contra mulheres como o feminicídio, os dados nacionais carecem de maior qualidade nas informações, o que explica o Brasil ser excluído de vários estudos comparativos internacionais. Além do Brasil dispor de uma série histórica de dados estatísticos muito curta (visto a Lei Maria da Penha ter entrado em vigor em 2015), há hiatos na apresentação de dados que, a partir de 2018, deixaram de ser devidamente registrados. Roichman (2020, p. 363) conclui que, embora a edição de uma lei e a obrigatoriedade dos registros oficiais de crimes contra mulheres tenha avançado, o fim das violências contra mulheres é de ordem estrutural:

> [...] os resultados de uma política pública institucionalizada na forma de lei criminal vão além da redução do número de eventos que se pretende combater. Uma interessante externalidade da pesquisa foi constatar que o número de casos classificados como "agressão por meios não específicos" (Y09) vem caindo consideravelmente desde a edição da Lei Maria da Penha, apesar do aumento do número total de mortes por agressão no período, o que pode representar maior atenção nos registros da violência de gênero. De fato, a Lei Maria da Penha representou um grande avanço nesse ponto, ao determinar que "as estatísticas sobre a violência doméstica e familiar contra a mulher serão incluídas nas bases de dados dos órgãos oficiais do Sistema de Justiça e Segurança a fim de subsidiar o sistema nacional de dados e informações relativo às mulheres" (art. 38). No entanto, o Brasil é ainda um dos piores países do mundo no registro de violência de gênero e muitas vezes é excluído de comparativos internacionais justamente pela má qualidade dos dados disponíveis (Global Americans, 2019). Como salientamos, na pesquisa tivemos que adotar o conceito mais amplo de feminicídio, incluindo qualquer morte de mulher decorrente de violência, justamente porque não há registros. Evidentemente, o combate ao feminicídio não pode se resumir à edição de uma norma, perpassa, sobretudo, pela redução da desigualdade de gênero. Contudo, a publicação da Lei, nominando o crime dentro do ordenamento legal, significa o enfrentamento direto da violência. das motivações dos crimes, dificultando a catalogação e mapeamento da violência. Ressalta-se, aqui, a importância do registro mais fiel e detalhado dos casos de violência contra a mulher, inclusive os de feminicídio.

A exemplo da carência de qualidade das estatísticas nacionais, como apontado por Roichman (2020), os dados do Atlas da Violência no Brasil de 2021, bases públicas de dados como o SIM/DataSUS não tipificam as mortes de mulheres em sua especificidade de feminicídio porque se trata de qualificadora[2] do crime de homicídio doloso, praticado por motivo associado a contextos de violência doméstica ou desprezo pelo sexo feminino, fazendo com que uma mulher seja morta pelo simples fato de ser mulher, em razão do preconceito estrutural contra mulheres na sociedade. Por esta razão, a tipificação de feminicídio é apontada pelo sistema jurídico e não pelos órgãos de saúde, o que atrapalha os registros oficiais, já que muitas mortes de mulheres podem não ser interpretadas por operadores da lei como feminicídio, ainda que configure este tipo de crime (Cerqueira, 2021).

[2] Dentro de um crime previsto no Código Penal brasileiro, como o homicídio doloso (em que há intenção de matar), existem circunstâncias que podem ser agregadas aos crimes aumentando ou reduzindo a pena prevista. Entre estas circunstâncias, existem as qualificadoras, como a de feminicídio, que se dá em razão de menosprezo à figura de uma mulher. Ainda segundo Machado e Elias (2018, p. 287), as qualificadoras: "São situações diversas em que, em virtude dos meios, motivos, modos e fins pelos quais se pratica o crime, há uma reprovabilidade maior associada à conduta do agente, ou há chances evidentemente maiores de que o crime se consuma. Tudo isso produz uma modificação necessária na margem de pena – não mais no patamar de 6 a 20 anos, mas sim de 12 a 30 anos".

Tratar de estatísticas acerca das diferentes violências contra mulheres é desafiador, sobretudo, em razão da subnotificação histórica de casos no Brasil, país onde mulheres recorrentemente denunciam violências institucionais. Estas ocorrem quando as próprias pessoas das áreas da segurança, saúde, assistência, dentre outras, que atuam seja em organizações públicas ou privadas, e que deveriam acolher e atender com dignidade e respeito mulheres vítimas de violências, são responsáveis por duvidarem dos relatos e tratarem com desprezo as vítimas (Moreira *et al*., 2020). A partir de estudo que envolveu 15 gestores e 68 profissionais de nove instituições de saúde rede municipal que prestam atendimento a mulheres vítimas de violência em Fortaleza-CE, Moreira *et al*. (2020) apresentaram que a violência institucional nestes estabelecimentos se caracterizou por omissões, atitudes discriminatórias e desrespeito à privacidade das vítimas. Conforme os autores (Moreira *et al*., 2020, p. 5):

> Muitas vezes, o primeiro contato das mulheres com os serviços de saúde é marcado por falta de privacidade, exposição da violência para outras pessoas, atitudes discriminatórias e juízos de valor. Depoimentos apontam críticas aos atendimentos sem privacidade e aos funcionários que expõem as mulheres a constrangimentos.

Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) divulgados em 8 de março de 2022, por ocasião do Dia Internacional das Mulheres apontam que, em média, no ano de 2021, no Brasil, sete mulheres foram vítimas de feminicídio a cada hora (FBSP, 2022). Somente em 2021, uma menina ou mulher foi estuprada neste país a cada dez minutos (FBSP, 2022). Este tipo de dados estatísticos deveria chamar a atenção de toda a sociedade brasileira e dos poderes públicos em razão de que demandam formas de prevenção e combate específicos. Afinal, embora o policiamento possa reduzir o índice de crimes cometidos nas ruas, como prevenir e combater crimes cometidos contra meninas e mulheres dentro de suas próprias casas, onde deveriam se sentir confortáveis, acolhidas e seguras?

O trabalho de Melo, Soares e Bevilacqua (2022) analisou os casos de violência sexual perpetrados no estado de Minas Gerais ocorridos em 2017 e constatou a importância das unidades especializadas de atendimento. Conforme os dados desta pesquisa, as mulheres atendidas por estas unidades tiveram maior chance de terem realizados todos os

procedimentos de saúde previstos em lei, o que é de vital importância quando se considera que 73,5% dos casos atendidos foram de estupro e que estes acometeram principalmente mulheres jovens, com menos de 29 anos de idade (77,1%), em sua maioria negras (61,1%), solteiras (69,7%) e com presença significativa de mulheres com baixa escolaridade (42,4%) (Melo; Soares; Bevilacqua, 2022).

Questões como a necessidade de investimento contínuo em qualificação profissional de agentes de saúde, ampliação à rede de atenção a casos de violências sexuais e de melhor distribuição territorial das unidades especializadas de referência no estado de Minas Gerais foram apontados pela pesquisa como essenciais ao combate a estas formas de violência que atingem tanto mulheres quanto meninas (Melo; Soares; Bevilacqua, 2022). No conjunto, estes dados apontam para a urgência de planejamento público para o enfrentamento a violências que acometem mulheres. Este artigo se propõe a contribuir, neste sentido.

Bases teóricas do método proposto para construção da política pública

As atuais teorias e concepções de democracia têm como traço comum a crítica à democracia no sentido liberal, principalmente ao reconhecerem a crise de representação política. Nos anos 1980, surge a concepção de que os novos desafios da modernidade, complexos e contemporâneos, não podem ser enfrentados com base na apatia de cidadãos votantes e inertes. A ideia de renovação da democracia passou a girar em torno da democracia participativa, um modelo ampliado e reformista da democracia liberal e representativa. Será a partir daí que a expressão se consagrará no sentido de enfatizar o auto governo, a deliberação entre cidadãos e gerar insumos para esfera pública (Putnam, 2002).

Um exemplo das afirmações acima é a corrente comentarista que surgiu nos anos 1980 e resgata em suas análises nos laços de comunidade os principais traços de reflexão teórica, vinculados à concepção de cidadania, participação, democracia e suas instituições. Um dos principais teóricos dessa corrente é Putnam (2002). O autor em sua obra afirma

que a vida cívica depende razoavelmente da existência do que ele denomina em sua obra de “virtudes cívicas” e “práticas republicanas”. O autor afirma que a democracia é uma prática social que requer investimento humano e permanente. Esse investimento está associado à capacidade dos cidadãos de se agremiar, se vincular e se relacionar socialmente, e sustentarem esses vínculos ao longo do tempo, transcendendo a dinâmica do indivíduo e atingindo a dinâmica do coletivo em um processo histórico contínuo. Esse processo histórico, para o autor, reforça o capital social (Putnam, 2002).

Sendo assim, de acordo com Putnam (2002), a democracia não se faz apenas por meio de cidadãos que votam em um governo democrático, ela se faz em instâncias intermediárias, nas mediações do associativismo, nas dinâmicas coletivas, implica na forma pré-política de construção de um vínculo com a coletividade. Neste sentido a existência de mecanismos, como conselhos, que permitam o exercício cívico do cidadão de forma mais direta ganha relevância no processo democrático entendido de forma mais ampla, ou seja, para além da democracia representativa.

A democracia está ligada a um conjunto de interfaces sociais que definem o capital social como uma forma qualitativa de interações sociais e construção de laços de reciprocidade que é anterior a qualquer imposição vertical ou externa aos cidadãos. Isso porque a comunidade cívica de Putnam (2002) é a base do comunitarismo do autor, que ganha sentido quando os laços entre cidadãos fazem com que eles se tornem ativos e interessados pelo que é comum, sobrepondo os interesses coletivos aos interesses individuais e privados. Tais traços definem o que Putnam (2002) denominou como comunidade cívica.

O capital social torna-se central na teoria do comunitarismo de Putnam (2002), pois este é caracterizado pelas redes de reciprocidade e confiança que firmam a ação comum e a cooperação. A grande dificuldade da teoria comunitarista de Putnam (2002) é como se pode criar capital social dado que este é fruto de um processo histórico embasado na participação da sociedade no processo democrático via associativismo.

Outro autor que discute democracia é Peter Evans (2004), em sua teoria ele aponta o processo de sinergia Estado-sociedade como uma forma de construção de políticas

públicas em uma sociedade cada vez mais plural. Para o autor o processo de sinergia é uma estratégia administrativa do Estado, onde o Estado aumenta a capacidade de participação da sociedade por meio de canais e mecanismos de participação e controle social, tendo a sociedade como partícipe da política pública. Essa participação pode se dar por meio de mecanismos como comitês e conselhos de políticas públicas, para além da democracia representativa.

É a combinação de um Estado dotado de um aparato burocrático que funcione, autonomia para tomar decisões que contrariem vontades de grupos de interesse, mas que são importantes para o andamento do governo, e que estabeleça laços de confiança com a sociedade que irá apoiar a implementação de políticas públicas mais calibradas as necessidades sociais, por meio da participação dos cidadãos em conselhos participativos. Esta combinação gera sinergia, que de um lado cria capital social, e por outro lado faz com que o Estado funcione melhor (Evans, 2004).

Ao observar as teorias apresentadas nota-se que o cidadão é peça chave na construção da democracia e, atualmente, somente a representação por meio do voto, não responde às demandas da sociedade moderna, sendo necessário envolver os cidadãos e os grupos de interesse nos processos decisórios de construção de políticas públicas por meio de conselhos, ou seja, promover a participação pública. Tal participação deve ser instituída e garantida por lei e deve, preferencialmente, ser deliberativa, empoderando o cidadão partícipe do processo e representante de grupos de interesse da sociedade a interferir e construir conjuntamente com o Estado e o governo políticas públicas que atendam de maneira mais precisa suas necessidades latentes.

Sendo assim, cabe apontar que a democracia participativa consolida um modelo de criação de espaços participativos onde o cidadão possa exercer a participação pública entendendo suas potencialidades e suas limitações dentro do exercício democrático, sendo os conselhos mecanismos de promoção e as arenas dessa participação.

Neste sentido a metodologia proposta na construção da política pública em questão buscou construir uma arena de discussão onde diferentes representantes da sociedade civil organizada. A política foi construída no âmbito da Extensão da UNIFAL-MG, o que reforça

o papel da Universidade perante a sociedade e aponta a importância das ações extensionistas, 33 entidades foram representadas na construção do documento, 33 mulheres em dois dias de oficina na Universidade participaram da consolidação das ações delineadas na política. O método empregado procurou garantir a fala de todas e chegar a acordos que atendessem as necessidades da população ali representada.

Método da construção da política pública

Planejar está ligado a decisões tomadas no presente pelo governo que irão impactar a vida de seus cidadãos no futuro como forma de políticas públicas. Ou seja, o que o gestor ou legislador faz hoje, toma forma via administração pública e impacta a vida de quem o elegeu. Sendo assim, há uma necessidade premente de observar de forma sistemática as demandas dos cidadãos e estruturar respostas via ações do Estado desenhando políticas públicas que apontem de maneira clara os objetivos que se deseja atingir em dado espaço de tempo, ou o direito que se deseja garantir.

Podemos notar que o processo do planejamento, como um todo, é fase importante para consolidar uma política pública. Passa por diferentes etapas e se torna algo que não se encerra em si mesmo, perpassando o controle social e a transparência das ações do Estado (tanto executivo como legislativo). Além disso, é necessário que, durante esse processo, haja interação com a sociedade civil por meio de conselhos de políticas públicas (a exemplo do CMDM), entidades civis organizadas e/ou demais órgãos do Estado. Dito isto, abaixo relatamos o passo a passo adotado na construção da política.

O primeiro passo a ser feito foi o diagnóstico da política pública que mapeia os pontos negativos e positivos, tanto internos quanto externos às organizações que lidam com a temática que versa sobre a política. É nesta etapa em que observamos as capacidades e debilidades da política pública, para mitigá-las por meio de projetos futuros, cumprindo a missão, preservando os valores e alcançando a visão de futuro.

Uma das formas de realizar o diagnóstico das políticas públicas é a consolidação de uma matriz chamada SWOT. SWOT em inglês significa Strengths (Forças), Weaknesses (Fraquezas), Opportunities (Oportunidades) e Threats (Ameaças), ou matriz FOFA (Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças).

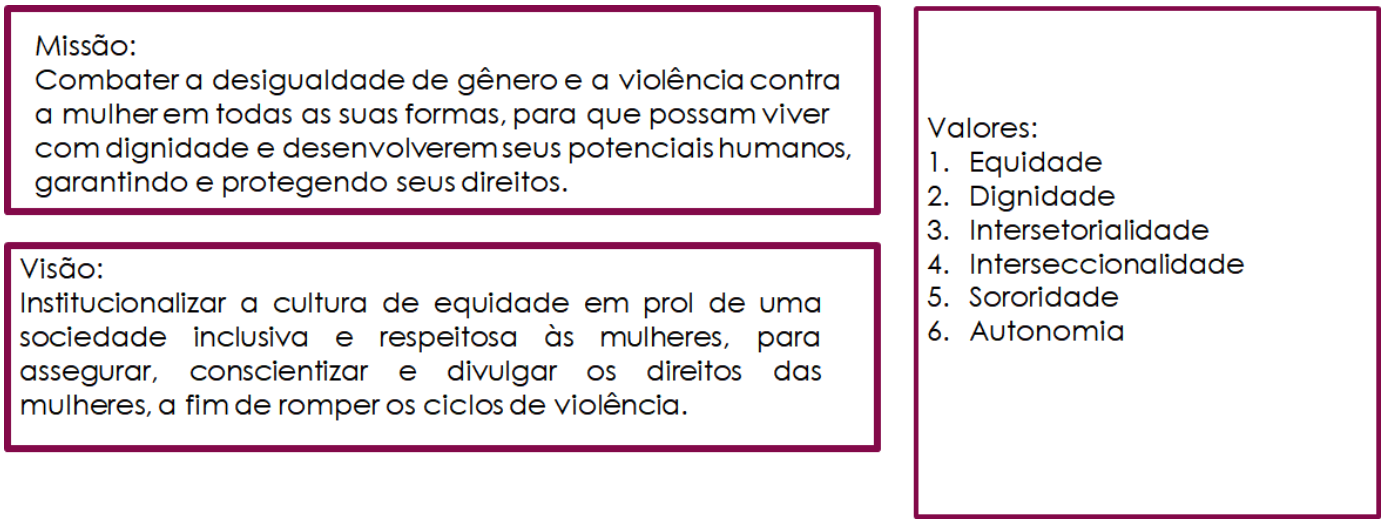
A FOFA permite consolidar um cenário para além da busca de informações extenuantes, propiciando uma visão interna e externa do ambiente que se insere a política pública, mapeamento das fraquezas e dos pontos fortes, identificando as oportunidades e ameaças para que em momento posterior da metodologia, tracemos ações (projetos) que permitam acabar com as fraquezas, fortalecer os pontos fortes, observar e se engajar nas oportunidades e eliminar as ameaças. A matriz é consolidada com base na figura 2 que segue:

Figura 1 – Matriz SWOT

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Diante do cenário desenhado, partimos para a construção da Missão e dos Valores que irão guiar a política pública dentro dos ambientes internos e externos à mesma. Depois do diagnóstico, o segundo passo foi realizar a elaboração da Missão, dos Valores e da Visão de Futuro da Política para e pelas Mulheres no Município de Varginha-MG.

Figura 2 – Consolidação da Missão, dos Valores e da Visão de Futuro da Política para e pelas Mulheres no Município de Varginha-MG



Fonte: Elaborado pelas autoras, a partir da decisão coletiva das partícipes das oficinas (2025).

O último passo foi a consolidação dos projetos que se configuram como um conjunto de ações coordenadas que são empreendidas dentro de uma política pública para gerar serviço ou resultado único para o público-alvo das mesmas. Os projetos são resultados necessários que alteram um fato ou situação e que garantem direitos consolidados em lei. Sendo assim, podemos dizer que um projeto consolida uma política pública a ser entregue a uma determinada parcela da população e que será executada pelo Executivo e o Legislativo no município de Varginha-MG. Estes projetos devem cumprir a missão, estar baseados nos valores, bem como partir do diagnóstico, consolidando a visão de futuro previamente desenhada, conforme ilustra a figura a seguir:

Figura 5 – O que fazem os projetos?

Fonte: As autoras (2025).

A seguir temos o quadro de consolidação dos Projetos da Política Pública para e pelas Mulheres no Município de bVarginha-MG.

Quadro 1 – Projetos da Política Pública para e pelas Mulheres no Município de Varginha-MG

Projeto	Descrição
Centro Integrado de Atendimento	Criação de espaço que reúna os diferentes serviços públicos que compõem a rede de atendimento a mulheres vítimas de violência no município (DEAM, CREAS, Saúde, dentre outros).
UNIFICAR	Sistema informatizado integrado para todas as instituições públicas e privadas da rede de proteção às mulheres.
Projeto PROTEJA	Casa de acolhimento para mulheres e pessoas LGBTQIAP+, bem como seus filhos e/ou dependentes, para proteção em casos de violência.
CAPACITAR-SE(R)	Ciclo de capacitação e contratação recursos humanos constituídos por mulheres, por meio de concursos públicos.
Fundo Lilás	Operacionalizar o fundo do Conselho Municipal de Direitos da Mulher de Varginha-MG (CMDM) a partir de descontos em impostos municipais (necessária a criação de uma lei municipal que viabilize a destinação de recursos ao fundo).
Projeto OPORTUNIDADE	Criação de quotas para mulheres vítimas de violência doméstica no mercado de trabalho nas empresas de Varginha-MG.
Conselho dos Direitos de Gênero	Aproveitar o contingente feminino da Guarda Civil Municipal para acompanhar as ocorrências de violências contra mulheres e pessoas LGBTQIAP+ no município.
Patrulha de Prevenção e Combate à Violência contra mulheres na zona rural	Aproveitar o contingente feminino da Guarda Civil Municipal para prevenir e combater a violência contra mulheres na zona rural do município.

Projeto Saúde Humanizada	Oferecer formações voltadas aos profissionais de saúde com o intuito de conscientizar, fazer conhecer e aplicar as leis de proteção às mulheres, visando erradicar a violência institucional e obstétrica no município.
Dignidade Menstrual	Promover ações educativas sobre higiene íntima, bem como a distribuição de itens de higiene pessoal e íntima para pessoas que menstruam e que estejam em situação de vulnerabilidade socioeconômica.
Projeto DESPERTAR	Projeto de educação para agressores de mulheres e pessoas LGBTQIAP+ no município.
Projeto REVIVER	Palestras itinerantes de conscientização pelo fim das violências contra mulheres e pessoas LGBTQIAP+.
Projeto EDUCAR	Programa de educação para crianças, adolescentes e jovens nas escolas para prevenção de formas de violência contra mulheres e pessoas LGBTQIAP+.

Fonte: As autoras (2025).

Conclusão: as conquistas pós-entrega da política pública

O objetivo deste artigo é descrever a metodologia utilizada na elaboração da política pública para mulheres em Varginha-MG, a fim de compartilhar o processo para incentivar sua replicação em outras localidades no Brasil. Em termos operacionais, apresentamos como a metodologia foi aplicada, tendo por base a construção coletiva de instrumentos de diagnóstico administrativos como a análise FOFA e a construção de missão, visão e valores, bastante utilizados em planejamentos organizacionais tanto públicos como privados.

A UNIFAL-MG, em parceria com o Conselho Municipal de Direitos da Mulher de Varginha (CMDM), desenvolveu relatório de políticas públicas para atender mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica do município. O relatório prevê propostas para áreas urbanas e rurais, como a criação de centros de atendimento e casa de acolhida a vítimas de violência. A assinatura do documento pelo poder público municipal ocorreu no Auditório do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) da UNIFAL-MG, em Varginha, no dia 30/08/2022.

Dividido em seções, o relatório apresenta o diagnóstico elaborado pelas participantes; missão, visão e valores da proposta; e treze projetos que compõem a política pública. O documento também contempla anexos de atas de reuniões e ofício que deram

origem à ação, bem como fotos da construção coletiva de todo o processo e lista de participantes da ação.

Fazem parte da iniciativa a criação de Centro Integrado de Atendimento para mulheres e pessoas LGBTQIAP+ vítimas de violência; o projeto de educação voltado a pessoas que tenham agredido mulheres e pessoas LGBTQIAP+; a Patrulha de Prevenção e Combate à Violência Doméstica na zona rural de Varginha; a casa de acolhida para mulheres e pessoas LGBTQIAP+ que tenham sofrido violência, e que acolha seus dependentes, entre outros. Há, também, programas na área de saúde humanizada, incluindo ações educativas sobre higiene pessoal e formações voltadas aos profissionais de saúde, com o intuito de aplicar as leis de proteção às mulheres, a fim de erradicar a violência institucional e obstétrica no município.

O relatório, foi desenvolvido a partir de metodologia participativa, por conselheiras do CMDM e integrantes da comunidade, é produto do evento de Extensão da UNIFAL-MG “Políticas públicas para e pelas mulheres: ciclo de debates para elaboração coletiva de propostas de políticas públicas pelo Conselho Municipal de Direitos das Mulheres de Varginha-MG (CMDM)”.

Espera-se que o relatório sirva de base para a criação de políticas públicas, já que parte da proposta elaborada por mulheres que atuam na cidade atendendo outras mulheres em situação de vulnerabilidade, a primeira conquista com base no que foi desenvolvido foi a criação e inauguração do Centro Integrado de Atendimento para Mulheres.

Cabe ressaltar que o Conselho seguiu exercendo seu papel de deliberação, fiscalização e de consulta para somar ao Executivo, ao Legislativo e ao Judiciário locais. Como espaço institucional de controle social e exercício de participação na Administração Pública, o Conselho é um dos meios possíveis de a população realizar o exercício democrático. Como principal limitação, a aplicação da metodologia enfrentou o curto prazo para convidar o maior número possível de representantes de organizações locais (como associações, movimentos sociais, sindicatos e outros), além da restrição orçamentária. Contudo, esperamos que este trabalho possa contribuir para que a população, feminina ou não, exerça sua cidadania nesta e em outras vias de acesso à prática democrática e

convidar outras universidades a continuarem contribuindo na mediação para a realização de processos de democracia direta, como a da iniciativa do relatório de políticas públicas aqui descrito.

Contribuições individuais de cada autor na elaboração do trabalho

Ambas as autoras contribuíram igualmente para o desenvolvimento, escrita e publicação do presente artigo.

Agradecimentos

Agradecemos a parceria do Conselho Municipal de Direitos da Mulher (CMDM) de Varginha-MG e da Universidade Federal de Alfenas-MG, *campus* avançado de Varginha-MG, que atuaram no planejamento e aporte de infraestrutura para realização da política pública aqui descrita.

Referências

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília, DF, 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em 16 ago. 2022.

CERQUEIRA, D. *et al*. **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021.

ENGEL, C. L. A violência contra a mulher. **IPEA**, Brasília, DF, 2019. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/190215_tema_d_a_violenca_contra_mulher.pdf. Acesso em 16 ago. 2022.

EVANS, P. **Autonomia e Parceria**: Estados e transformação industrial. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Violência contra mulheres em 2021. **FBSP**, São Paulo, 2022. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf. Acesso em 16 ago. 2022.

MACHADO, I. V.; ELIAS, M. L. G. G. R. Feminicídio em cena: da dimensão simbólica à política. **Tempo Social**, São Paulo, Brasil, v. 30, n. 1, p. 283-304, 2018.

MELO, C. M. de; SOARES, M. Q.; BEVILACQUA, P. D. Violência sexual: avaliação dos casos e da atenção às mulheres em unidades de saúde especializadas e não especializadas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 9, p. 3715-3728, 2022.

MOREIRA, G. A. R. *et al*. (2020). Manifestações de violência institucional no contexto da atenção em saúde às mulheres em situação de violência sexual. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 29, n. 1, e180895, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-12902020180895. Acesso em: 16 ago. 2022.

MOURA, S. N. C. de; RAMOS, M. M. A mulher lésbica é mulher para a Lei Maria da Penha? **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 1168-1199, 2022.

PUTNAM, R. **Comunidade e democracia**: a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

ROICHMAN, C. B. C. Faca, peixeira, canivete: uma análise da lei do feminicídio no Brasil. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 357-365, 2020.

SOARES, L.; ARAÚJO, T.; NUNES, L. Jovem de 24 anos é morta com tiro no peito pelo ex-namorado em Varginha, MG. **G1**, [Belo Horizonte], 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2022/05/30/mulher-e-morta-a-tiros-pelo-ex-namorado-em-varginha-mg.ghtml. Acesso em 16 ago. 2022.

SOUZA, E. M. de; PEREIRA, S. J. N. (Re)produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais. **Revista de Administração Mackenzie**, [*s. l.*], v. 14, n. 4, p. 76-105, 2013.

REVISTA interagir pensando a extensão

A Botânica por meio dos Sentidos: uma Abordagem Sensorial no Ensino das Plantas

Botany Through the Senses: a Sensory Approach to Teaching Plants

Eduardo Bezerra de Almeida Jr.

Docente do Departamento de Biologia da Universidade Federal do Maranhão
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0001-7517-4775
E-mail: ebaj25@yahoo.com.br

Ariade Nazaré Fontes da Silva

Doutora em Botânica pela Universidade Federal Rural de Pernambuco
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-9368-0986
E-mail: ariadefontes@gmail.com

Bruna Emanuele Freire Correia

Mestra em Biodiversidade e Conservação pela Universidade Federal do Maranhão
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0003-3185-7616
E-mail: brunaecorreia07@gmail.com

Flávia Cristina Vieira Serra

Professora da Secretaria Municipal de Educação/MA
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-9614-2892
E-mail: flaviacvserra@gmail.com

Ingrid Fabiana Fonseca Amorim

Doutora em Biodiversidade e Biotecnologia pela Universidade Federal do Maranhão
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0003-3047-439X
E-mail: fabyamorim.bio@gmail.com

Recebido em: 22 de agosto de 2023. Aprovado em: 13 de abril de 2025.
***Interagir: pensando a extensão**, Rio de Janeiro, n. 39, e2025010, 2025*
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.78347

REVISTA interagir pensando a extensão

Kauê Nicolas Lindoso Dias

Mestre em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural da Amazônia/Museu Paraense Emílio Goeldi
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-0321-4026
E-mail: k_nicolasdias@hotmail.com

Dinnie Michelle Assunção Lacerda

Doutora em Biodiversidade e Biotecnologia pela Universidade Federal do Maranhão
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0003-4129-8010
E-mail: michellelacerda@yahoo.com.br

Monielle Alencar Machado

Mestra em Biodiversidade e Conservação pela Universidade Federal do Maranhão
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-1383-7606
E-mail: monielleam@gmail.com

Gabriela dos Santos Amorim

Doutoranda em Biologia Vegetal pela Universidade Federal de Pernambuco
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-9375-4033
E-mail: gabriela.samorim@ufpe.br

Resumo

O objetivo do presente estudo tem como objetivo relatar a experiência do desenvolvimento das atividades do projeto Botânica por meio dos sentidos e suas implicações no ensino de botânica. O projeto foi realizado durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia no Maranhão, no ano de 2014, e teve como público-alvo alunos da educação básica da rede pública e particular da região metropolitana de São Luís (capital do Estado). As atividades foram desenvolvidas por professores e alunos da graduação e pós-graduação vinculados ao Laboratório de Estudos Botânicos da Universidade Federal do Maranhão, além de técnicos do Herbário do Maranhão. O projeto "Botânica em cinco sentidos" teve como fundamento a ideia dos jardins sensoriais onde foram explorados os sentidos (tato, paladar, visão e olfato). Para isso foram estabelecidas pequenas estações de acordo com os sentidos a serem explorados. As estações foram organizadas em um percurso unidirecional devido ao fluxo contínuo de pessoas. Durante a exposição e desenvolvimento do projeto foram recebidas pessoas de diferentes faixas etárias e profissões, totalizando, no nosso stand, mais de 300 visitantes, com maior prevalência de estudantes do ensino básico. O projeto "Botânica em cinco sentido" permitiu que importantes temas sobre a biologia de plantas fossem abordados a partir da percepção e exploração dos sentidos. O desenvolvimento do projeto possibilitou aos professores em formação, que colaboraram com as atividades com grande entusiasmo, que trabalhassem transposição didática e a divulgação científica em temas relacionados a botânica.

Palavras-chave: Ensino de Botânica; Ensino Básico; Projeto de Extensão Universitária.

Abstract

The aim of this study is to report the experience of developing the activities of the Botany in five senses project and its implications in the teaching of botany. The project was carried out during the Semana Nacional de Ciência e Tecnologia no Maranhão, in 2014, and had as its target public basic education students from the public and private network in the metropolitan region of São Luís (state capital). The activities were developed by professors and undergraduate and graduate students by the Laboratory of Botanical Studies at the Federal University of Maranhão, in addition to technicians from the Herbarium of Maranhão. The project "Botany in five senses" was based on the idea of sensory gardens where the senses were explored (touch, taste, sight, and smell). For this, small stations were established according to the senses to be explored. The stations were arranged in a unidirectional route due to the continuous flow of people. During the exhibition and development of the project, people from different age groups and professions were received, totaling more than 300 visitors to our stand, with a higher prevalence of primary school students. The "Botany in five senses" project allowed important topics on plant biology to be approached from the perception and exploration of the senses. The project generated great enthusiasm among the trainee teachers and enabled them to practice didactic transposition strategies or to apply pedagogical approaches and scientific dissemination on topics related to botany.

Keywords: Botany Teaching; High School; University Extension Project.

Áreas de extensão: Educação, Meio ambiente

Introdução

O uso dos sentidos permite que os seres vivos reconheçam outros organismos e as características do meio ambiente onde se encontram (Ferreira, 2008). A criação de cenários que envolvem o toque, cheiro, audição e várias outras formas de interação cria, a partir da percepção dos sentidos, um importante meio de interação do homem com a natureza (Alves; Paiva, 2010).

Nesse contexto, os jardins sensoriais, espaços considerados não formais de ensino, destacam-se como forma de apreciar a natureza, experimentar e rememorar lembranças afetivas a partir das sensações e ao mesmo tempo abordar temas relacionados a aspectos culturais e sociais (Borges, Paiva, 2009; Cordeiro *et al*.). Um exemplo de espaços que

permitem a criação de memoráveis experiências por meio dos sentidos é Instituto Inglês Sensory Trust (Sensory Trust, 2022), que foca em melhorar a saúde e bem-estar por meio de experiências sensoriais e conexões significativas com a natureza.

No entanto, as plantas nem sempre são percebidas pelo ser humano no dia a dia. E no ensino ainda há uma dificuldade maior para assimilar o conteúdo relacionado a botânica em razão dos vários termos utilizados (Wandersee; Schussler, 2001). Para contornar essa situação, professores e educadores têm buscado várias alternativas para melhorar o processo de ensino-aprendizagem sobre a botânica (Sensory Trust, 2022). A utilização dos materiais botânicos, como plantas vivas, exsicatas, modelos didáticos, contribui para facilitar o processo de ensino aprendizagem. A partir da interação direta com as estruturas vegetais, o aluno é capaz de observar cada parte, as diferentes formas e cores para construir/reconstruir conceitos (Abreu *et al*., 2021), principalmente na infância, onde há a necessidade de estímulo precoce de outros sentidos e descrições verbais (Sabbagh; Cuquel, 2007).

Com base nisso, este trabalho é produto de uma ação de extensão universitária apresentada durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) de 2014. Abordamos aqui um pouco do desenvolvimento das atividades do projeto e suas implicações no ensino de botânica. Aqui descrevemos os procedimentos metodológicos e um relato das atividades desenvolvidas; assim como as implicações que o desenvolvimento dessas atividades pode ter no ensino de botânica, principalmente para alunos do ensino básico.

O Projeto: Botânica por meio dos Sentidos

O projeto foi realizado durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) no Maranhão, no ano de 2014. A SNCT é um evento nacional, que nesse ano, ocorreu no período de 13 a 18 de outubro com o tema “Ciência e Tecnologia para o desenvolvimento

social". O evento teve o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

A SNCT/Maranhão teve como público-alvo alunos da educação básica da rede pública e particular da região metropolitana de São Luís (capital do Estado), além da sociedade em geral. As atividades realizadas no projeto foram desenvolvidas por professores e alunos da graduação e pós-graduação vinculados ao Laboratório de Estudos Botânicos (LEB) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), além de técnicos do Herbário do Maranhão (MAR).

O projeto "Botânica em cinco sentidos" teve como fundamento a ideia dos jardins sensoriais, entretanto, em razão do local e do tempo de exposição (ambiente temporário), não foi construído um jardim, mas um stand onde foram explorados os sentidos (tato, paladar, visão e olfato). A audição não foi incluída devido à dificuldade de eliminar os ruídos externos do local, já que diferentes exposições aconteciam simultaneamente (inviabilizando assim o uso de áudios com os sons da floresta). Durante a exposição e desenvolvimento do projeto foram recebidas pessoas de diferentes faixas etárias e profissões, totalizando, no nosso stand, mais de 300 visitantes, com maior prevalência de estudantes do ensino básico (do fundamental I ao Ensino Médio).

Para o desenvolvimento das atividades foi utilizado um stand, que chamaremos aqui de "Estação dos Sentidos". O stand foi dividido em pequenas estações de acordo com os diferentes sentidos a serem explorados nas atividades. As estações foram organizadas de forma que o participante fizesse um percurso unidirecional devido ao fluxo contínuo de pessoas nos diversos stands da SNCT.

Quando passavam pelas estações, os visitantes eram convidados a explorarem os sentidos. Isso nos permitia mostrar as diferentes formas de interações do homem com o meio ambiente, principalmente com as plantas. Além disso, eram dadas informações sobre a relação entre os sentidos e o sistema nervoso central (SNC) para contextualizar a relação entre os temas. É importante salientar que foram utilizadas transposições didáticas, e

sempre que necessário eram realizadas adequações na linguagem para cada faixa etária, assim abdicava-se de termos técnicos e explorávamos exemplos voltados para experiência dos sentidos humanos.

As estações foram iniciadas com uma contextualização a respeito da função de cada sentido e sua importância para a percepção das plantas. O primeiro sentido a ser trabalhado foi o tato, na qual utilizamos a espécie *Curatella americana* L. (Dilleniaceae), conhecida popularmente como lixeira. Esta espécie apresenta folhas com tricomas escamosos e pubescentes que conferem à superfície da lâmina foliar um toque áspero (Menezes Filho, 2021). Deste modo, foram montados modelos de folhas utilizando lixa de madeira que apresentam textura semelhante à superfície da lâmina foliar da espécie *C. americana*. As lixas foram cortadas no mesmo formato da folha e durante a exposição, foram inseridas dentro de uma câmara escura (montada com uma caixa de papelão). Então, a partir do toque com os dedos, os participantes tentaram diferenciar qual das duas folhas, com textura e formato semelhante, era a folha verdadeira da espécie botânica (Figura 1). Além disso, outros modelos de "folha" foram montados, a fim de explorar diferentes texturas, como espécies que apresentam tricomas que conferem à lâmina foliar um toque aveludado.

Figura 1 – Visitantes explorando o tato tocando em folhas de diferentes texturas. Na ocasião eram dados modelos de folhas elaborados com diferentes materiais

Fonte: Própria autoria (2023)

Na estação do olfato foram utilizadas amostras de plantas aromáticas (boldo, hortelã, menta, capim-limão e erva-cidreira) e temperos (alecrim, manjericão e orégano), que durante a exposição, eram colocadas em uma câmara escura (montada com uma caixa de papelão) (Figura 2). A partir disso, era solicitado aos participantes que aproximasse o nariz da abertura da câmara escura para que sentissem o cheiro de cada planta a fim de verificar se conseguiam associar a algum cheiro/odor conhecido ou se remeteria a alguma memória afetiva. O principal propósito dessa estação era resgatar, a partir do olfato, o conhecimento popular e explorar as memórias olfativas dos participantes; fazendo-os perceber que mesmo sem ver as plantas, podemos reconhecê-las por meio do cheiro/odor.

Nessa estação percebemos que o aroma de algumas plantas recordava aos visitantes algumas situações vividas ou alguma pessoa do âmbito familiar, como mãe e avó. Estas situações nos permitiam abordar um pouco mais sobre as memórias olfativas dos participantes. Outra proposta trabalhada neste stand foi a sensibilização sobre o perigo de utilizar plantas sem conhecê-las, mostrando como algumas plantas têm aromas parecidos e que isso pode levar a um equívoco, a exemplo as plantas vick ou hortelã-japonesa (*Mentha canadensis* L.) e hortelãzinho (*Mentha* × *piperita* L.).

Figura 2 – Visitantes explorando o sentido o olfato, reconhecendo diferentes espécies vegetais a partir do cheiro/odor

Fonte: Própria autoria (2023).

Na terceira estação trabalhamos o paladar. Para isso, foram servidas aos participantes pequenas porções de suco natural de goiaba e chá de capim-limão. Contudo, antes que participantes recebesse as porções, era recomendado que tapassem o nariz com uma das mãos, a fim de minimizar a influência que o olfato exerce sobre o paladar. Assim que o nariz era tapado, as porções eram servidas e os participantes liberados para degustar (Figura 3). Em seguida, eram questionados se sabiam o que tinham bebido e sobre que associações poderiam fazer com o sabor daquele suco ou do chá. E que memórias eram possíveis resgatar a partir do sabor. O participante podia repetir a degustação sempre que necessário.

Figura 3 – Visitantes explorando o paladar fazendo a degustação dos sucos e chás e tapando o nariz pra evitar a interferência do olfato

Fonte: Própria autoria (2023).

Na última estação foi explorado o sentido da visão utilizando várias plantas ornamentais com flores coloridas e vistosas. As plantas ornamentais eram mescladas com plantas artificiais (de plástico) comumente encontradas em lojas especializadas em decoração. As plantas eram misturadas para a exposição, pois apresentavam várias semelhanças. E que apenas permitia uma completa distinção do que era real ou artificial a partir do tato, ou seja, o uso de mais um dos sentidos. Entretanto, o sentido protagonista nessa estação era a visão, assim os participantes eram instruídos a observar muito atentamente as plantas que estavam expostas e determinar quais dentre elas eram plantas de verdade e quais eram de artificiais, usando apenas o sentido da visão (Figura 4).

Figura 4 – Visitantes explorando o sentido da visão fazendo o reconhecimento das plantas verdadeiras e artificiais.

Fonte: Própria autoria (2023).

Quando os visitantes tentavam identificar, em meio a muitas plantas, quais eram naturais e artificiais, o “gabarito” gerava espanto. Muitos se surpreenderam com a dificuldade de diferenciar uma planta natural de uma planta artificial (Figuras 4 e 5), principalmente plantas que tinham folhas lustrosas e consistência coriácea, pois era relatado pelos visitantes que pareciam de plástico ou borracha.

Figura 5 – Plantas naturais e artificiais selecionadas para a estação da visão

Fonte: Própria autoria (2023).

Para seleção das espécies vegetais utilizadas durante a exposição foram levantadas as seguintes informações: origem das espécies (nativa, naturalizada, cultivada, exótica), para evitar o uso de plantas tóxicas, nomes científico e popular e a forma de uso da planta, além da textura da folha, período de floração e frutificação, presença de brácteas vistosas,

aromas etc. (Tabela 1). Juntamente com essas amostras, foram adquiridas algumas plantas de plástico.

Tabela 1 – Lista das espécies utilizadas na exposição do projeto "Botânica em cinco sentidos" na SNCT/MA

Família / Nome científico	Sentido	Nome popular	Origem	Parte utilizada
Araceae				
Referência: *Anthurium* sp.	**Visão**	Antúrio	Artificial (plástico)	Planta toda
Asteraceae				
Referência: *Artemisia* sp.	**Visão**	Artemísia-chinesa	Artificial (plástico)	Planta toda
Chrysanthemum sp.	**Visão**	Crisântemo	Cultivada (natural)	Planta toda
Begoniaceae				
Referência: *Begonia* sp.	**Visão**	Begônia	Artificial (plástico)	Planta toda
Crassulaceae				
Kalanchoe crenata (Andrews) Haw.	**Visão**	Flor-da-fortuna	Cultivada (natural)	Planta toda
Dilleniaceae				
Curatella americana L.	**Tato**	Lixeira	Nativa (natural)	Folha
Ericaceae				
Referência: *Calluna* sp.	**Visão**	Urze-roxa	Artificial (plástico)	Planta toda
Lamiaceae				
Coleus barbatus (Andrews) Benth.	**Tato**	Boldo	Exótica (natural)	Folha
Mentha sp.	**Olfato**	Hortelã-da-folha-grossa	Exótica (natural)	Planta toda
Ocimum basilicum L.	**Olfato**	Manjericão	Exótica (natural)	Planta toda
Rosmarinus officinalis L	**Olfato**	Alecrim	Exótica (natural)	Planta toda
Melissa officinalis L.	**Paladar**	Erva cidreira	Exótica (natural)	Folhas
Liliaceae				
Referência: *Lilium* sp.	**Visão**	Lírio	Artificial (plástico)	Planta toda
Poaceae				
Cymbopogon citratus (DC.) Stapf.	**Olfato e Paladar**	Capim-limão	Exótica (natural)	Planta toda
Marantaceae				
Maranta arundinacea L.	**Visão**	Maranta	Nativa (natural)	Planta toda
Orchidaceae				
Oncidium sp.	**Visão**	Orquídea	Cultivada (natural)	Planta toda
Rosaceae				
Rosa × *alba* L.	**Visão**	Rosa-branca	Cultivada (natural)	Planta toda
Rosa spp.	**Visão**	Rosa-vermelha	Cultivada (natural)	Planta toda

Fonte: Própria autoria (2023).

Ao final da abordagem sensorial, aproveitamos o espaço para apresentar a importância dos estudos acadêmicos relacionados às plantas e das pesquisas desenvolvidas sobre a diversidade vegetal do Maranhão. Abordamos sobre a importância de coletas botânicas, registros sobre a flora e conservação de espécies através da manutenção de acervos botânicos. Explicamos o que é e como funciona um herbário, o processo de herborização, o que é uma exsicata e sua importância. Além disso falamos de como são desenvolvidas as atividades de rotina do Herbário do Maranhão (MAR) (Almeida Jr., 2015) e os serviços prestados à comunidade acadêmica e geral (Figura 6).

Figura 6 – Integrante do projeto explicando o que é uma exsicata, sua importância e as informações que são apresentadas na etiqueta

Fonte: Própria autoria (2023).

A todos que chegavam ao final de todo percurso do stand, distribuímos mudas de plantas ornamentais nativas (ipê roxo e azeitona preta) e mudas de ervas aromáticas

(alecrim, boldinho, hortelã, vick, arruda). A ideia era sensibilizar os visitantes sobre a importância e os benefícios da arborização e das plantas aromáticas. Durante esse processo também foi abordado a falta de percepção botânica, explicando que apesar da maioria das vezes as plantas passarem despercebidas no dia a dia, são extremamente importantes por fazerem parte da alimentação, e serem úteis para móveis, papel, além das trazer memórias e cor aos ambientes.

Para documentar a presença dos visitantes, o livro de presença foi substituído pela “Árvore da Visita” (Figura 7). Cada visitante, após passar por todos os stands assinou seu nome em uma folha feita de papel camurça e escolheu um “lugar” na “Árvore da Visita”, compondo assim o quadro de visitantes e construindo metaforicamente a copa de uma árvore. O propósito dessa ação foi sensibilizar os visitantes quanto à necessidade de conservação das florestas e da importância das atitudes individuais que colaboram para o bem do meio ambiente.

Figura 7 – Frequência dos participantes no stand Botânica e os 5 sentidos na SNCT/MA

Fonte: Própria autoria (2023).

Considerações finais

O projeto “Botânica por meio dos sentidos” permitiu que temas sobre botânica, meio ambiente e interação do homem com a natureza fossem abordados a partir da percepção e exploração dos sentidos. A participação de professores em formação (graduandos em ciências biológicas - modalidade licenciatura) no desenvolvimento do projeto possibilitou um grande entusiasmo diante da prática de temas explorados em sala de aula, como a transposição didática e a divulgação científica. Os professores em formação que atuaram no projeto tiveram a oportunidade de trabalhar e entender a importância da educação inclusiva e a democratização do ensino, além de atuar como divulgadores da ciência em contato direto com pessoas de diferentes idades, histórias e percepções.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), pelo financiamento do projeto (Processo SCT-01497/14), e ao Laboratório de Estudos Botânicos (LEB), do Departamento de Biologia, pelo apoio ao desenvolvimento do projeto.

Contribuições de autoria

Todos os autores contribuíram igualmente para a realização do projeto e para a redação do texto.

Referências

ABREU, M. C. de *et al*. Botânica em cinco sentidos: o jardim sensorial como um instrumento para a sensibilização quanto a importância da botânica em escolas de um município do sertão piauiense. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 1, e7910111448, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11448. Acesso em: 6 out. 2022.

ALMEIDA JR., E. B. Herbário do Maranhão, Maranhão (MAR). **Unisanta Bioscience**, Santos, v. 4, n. 6, p. 129-132, 2015. Disponível em: https://periodicos.unisanta.br/BIO/article/view/230. Acesso em: 2 out. 2022.

ALVES, S. F. N. da S. C.; PAIVA, P. D. de O. Os sentidos: jardins e paisagens. **Ornamental Horticulture**, São João del-Rei, v. 16, n. 1, p. 47-49, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.14295/rbho.v16i1.507. Acesso em: 10 out. 2022.

BORGES, T. A.; PAIVA, S. R. Utilização do jardim sensorial como recurso didático. **Revista Metáfora Educacional**, Feira de Santana, v. 7, p. 27-39, 2009. Disponível em: https://www.valdeci.bio.br/pdf/utilizacao_do_jardim_BORGES_PAIVA.pdf. Acesso em: 5 out. 2022.

CORDEIRO, P. H. F. *et al*. **Jardim sensorial**: ambiente não formal de ensino em Botânica. São Carlos: UFSCar/CPOI, 2019. Disponível em: https://www.sibi.ufscar.br/arquivos/cpoi/jardim-sensorial-ambiente-nao-formal-de-ensino-em-botanica.pdf. Acesso em: 3 out. 2022.

FERREIRA, A. G. O sentido da educação comparada: uma compreensão sobre a construção de uma identidade. **Educação**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 124-138, 2008. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/2764. Acesso em: 3 out. 2022.

MENEZES FILHO, A. C. P. *Curatella americana* uma espécie característica do Cerrado pouco conhecida: características da sistemática, fenologia, fitoquímica e fitomedicinal. **Scientia Naturalis**, Rio Branco, v. 3, n. 1, p. 330-344, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.29327/269504.3.1-28. Acesso em: 5 out. 2022.

SABBAGH, M. C.; CUQUEL, F. L. Jardim sensorial: uma proposta para crianças deficientes visuais. **Ornamental Horticulture**, São João del-Rei, v. 13, n. 2, p. 95-99, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.14295/rbho.v13i2.211. Acesso em: 10 out. 2022.

SENSORY TRUST. Home page. **Sensory Trust**, Carluddon, 2022. Disponível em: http://www.sensorytrust.org.uk. Acesso em: 3 out. 2022.

WANDERSEE, J.; SCHUSSLER, E. Toward a theory of plant blindness. **Plant Science Bulletin**, Saint Louis, v. 47, n. 1, p. 2-9, 2001.

REVISTA interagir pensando a extensão

Espaço de Memória Chryso Fontes da UFRJ: a Restauração e Catalogação de um Acervo Histórico Odontológico

Chryso Fontes Memory Space from UFRJ: the Restoration and Cataloging of a Historical Dentistry Collection

Gabrielle Cardoso Ribeiro
Graduanda em Odontologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0009-4836-2530
E-mail: cardosoribeirogabrielle@gmail.com

Ana Beatriz dos Reis Paolino
Graduanda em Odontologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0002-3579-4237
E-mail: anabeatrizpaolino@gmail.com

Maria Clara Frias Lobo Marinho
Graduanda em Odontologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0003-0681-6759
E-mail: frias.mclara@gmail.com

Carolina Gama Campbell
Graduanda em Odontologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0002-8221-2586
E-mail: carol.gama.campbell@gmail.com

Maria Vitória de Jesus dos Santos
Graduanda em Odontologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0006-7143-0368
E-mail: iam.mariavitoriaa@gmail.com

Marcela Lopes de Andrade
Graduanda em Odontologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0002-6961-920X

Recebido em: 16 de janeiro de 2025. Aprovado em: 14 de maio de 2025.
***Interagir: pensando a extensão**, Rio de Janeiro, n. 39, e2025012, 2025*
DOI: https://doi.org/10.12957/interag.2025.88577

E-mail: celalopesdeandrade@gmail.com

Ivete Pomarico Ribeiro de Souza
Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0003-0449-6624
E-mail: pomarico@gmail.com

Marcelo de Castro Costa
Professor Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0003-2192-1960
E-mail: pttpo2009@yahoo.com.br

Marcia Grillo Cabral
Professora Associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-6025-1931
E-mail: marcia.grillo@gmail.com

Aline Tany Posch
Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-4501-4161
E-mail: aline.posch@odonto.ufrj.br

Elson Braga de Mello
Professor Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0003-2669-9158
E-mail: gabinete@odonto.ufrj.br

Luciana Pomarico
Professora Associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0001-9299-7431
E-mail: lupomarico@gmail.com

Resumo

O Museu Chryso Fontes foi criado em 1953, na Faculdade de Odontologia da UFRJ, na Praia Vermelha, sendo um espaço importante para a História da Odontologia. Em 1981, com a transferência da faculdade para a Ilha do Fundão, o expressivo acervo, com mais de 2000 peças, foi guardado em instalações provisórias até recentemente. Nesse período, esforços foram envidados para preservar o acervo. O objetivo deste trabalho foi descrever as atividades do Projeto de Extensão "Espaço de Memória Chryso Fontes", que conta com docentes e alunos de extensão, visando a identificação descritiva dos objetos, identificação dos seus estados de conservação, fotografia e digitalização das peças, visando criar um banco de dados, bem como a recuperação do acervo. Foram identificadas cadeiras, gravuras, pinturas a óleo, fotografias, livros, documentos, mobiliário e instrumentos odontológicos. Está sendo estimulada também a doação de novas peças para o acervo. Outra ação foi a criação do Instagram do Museu, sendo discutido em reuniões as cores, layouts, uma logo e nome para a página, assim como uma padronização das postagens, onde constam imagens e

histórias das peças e particularidades sobre personalidades da história da Odontologia. Essas ações foram fundamentais para a recuperação do expressivo acervo, que contém peças a partir do século XVIII, visando colocá-lo novamente em exposição.

Palavras-chave: História da Odontologia; Odontologia; Educação em Saúde Pública.

Abstract

The Chryso Fontes Museum was created in 1953, at the School of Dentistry of UFRJ, in the Praia Vermelha campus, constituting an important space for the History of Dentistry. In 1981, with the transfer of the School to the Ilha do Fundão campus, the expressive collection, with more than 2000 pieces, was kept in temporary facilities until recently. In this period, efforts were made to preserve the collection. The objective of this article was to describe the activities of the Extension Project "Chryso Fontes Memory Space", in which teachers and extension students work towards identifying the objects, their state of conservation, photographing and digitalizing the pieces, aiming at the creation of a database, as well as recovering the collection. Chairs, engravings, oil paintings, photographs, books, documents, furniture and dental instruments were identified. The donation of new pieces to the collection is also being encouraged. Another act was the creation of the Museum's Instagram, with the choice of colors, layouts, the logo and name for the page being discussed between the team, as well as the patterning for the posts, containing images and stories of the pieces and particularities about personalities in the history of Dentistry. These actions were fundamental for the recovery of the expressive collection, which contains pieces from the eighteenth century, aiming to bring it back to display.

Keywords: History of Dentistry; Dentistry; Public Health Education

Área temática da extensão: Cultura

Introdução

O Museu Chryso Fontes foi criado em 1953, na Faculdade Nacional de Odontologia da Universidade do Brasil - posteriormente intitulada Universidade Federal do Rio de Janeiro (FO-UFRJ), em sua antiga sede na Praia Vermelha. Este local se instituiu como um importante espaço para a exposição da história da Odontologia, com a intenção de criar um ambiente cultural, de pesquisa e atividades que expõem os aspectos científicos, artísticos e documentários da Odontologia.

No âmbito da história da profissão, se destaca a evolução das práticas e procedimentos propriamente ditos, mas também a evolução dos equipamentos e dos

diversos instrumentais, materiais de estudo e agentes químicos, tanto anestésicos, quanto medicamentosos e restauradores.

Segundo Paulo Freire, o indivíduo, quando testemunha sua história, é capaz de ganhar consciência crítica - melhor entender o mundo e seu encaixe nele (Freire, 1970). Por isso, é importante a inserção dos museus no meio popular, para permitir não somente aos acadêmicos e cirurgiões-dentistas, mas também ao público, uma experiência de contato com os avanços do mundo científico, e o entendimento de como eles podem impactar no estabelecimento da saúde.

A Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, instituiu o Estatuto de Museus no Brasil, e contempla instituições que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação, conjuntos e coleções de valor histórico, científico, entre outros (IBRAM, 2013).[2] Na atualidade existem mais de 3900 museus no país (IBRAM, c2025).

Em 1981, com a transferência da Faculdade de Odontologia para a Ilha do Fundão, o acervo do museu foi guardado em instalações provisórias na nova sede, acabando temporariamente com a exposição de suas peças.

A Extensão Universitária é um dos tripés do Ensino Superior, juntamente com o Ensino e a Pesquisa, tornando-se um eixo para o desenvolvimento estudantil. A Constituição de 1988 consagrou o princípio da “indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (Artigo 207) e a LDB de 1996 (Lei nº 9.394/96) estabeleceu a Extensão Universitária como uma das finalidades da Universidade (Artigo 43). A transformação da Extensão Universitária num instrumento de mudança social e da própria universidade, tem caminhado junto com a conquista de outros direitos e de defesa da democracia. É a via em que o saber acadêmico e o saber popular se encontram, para a democratização do acesso ao conhecimento (Gadotti, 2017).

Em 2023, com o objetivo de continuar a construção e divulgação da história da Odontologia, a partir do ponto em que ela havia estagnado, houve o início de um Projeto de Extensão na FO-UFRJ, denominado "Museu Chryso Fontes: Memórias e Vivências da Odontologia", visando instituir o "Espaço de Memória Chryso Fontes", um espaço físico

para a exposição dessas antigas peças e a inclusão de doações de antigos e atuais servidores e de cirurgiões-dentistas em geral.

O objetivo deste trabalho foi descrever as atividades do Projeto de Extensão “Espaço de Memória Chryso Fontes”. Os alunos extensionistas da faculdade participam ativamente do projeto do Espaço de Memória, atuando na restauração e catalogação das peças, no desenvolvimento de redes sociais para a divulgação do projeto e da história da odontologia para o público, e em demais atividades, tanto acadêmicas quanto práticas. Desta forma, institui-se um espaço de incentivo ao saber científico em meio ao corpo estudantil, para sua exteriorização, com a análise e registro dos avanços na prática odontológica, valorizando o eixo "Ensino-Pesquisa-Extensão" da universidade. São destacados, em meio ao acervo, diversos âmbitos da Odontologia, o que permite aos estudantes colaboradores e aos leigos a oportunidade de melhor entender parâmetros atuais para a instituição da saúde odontológica. O projeto se torna o fulcro de encorajamento, também, à produção acadêmica, com a participação dos alunos de extensão em diversos eventos científicos para a divulgação das atividades e da história do projeto.

Criação do museu

O Museu de Odontologia Chryso Fontes foi criado em 1953 pelo Professor Chryso Leão Fontes (1905-1980), então diretor da Faculdade Nacional de Odontologia da Universidade do Brasil. Inicialmente, o Museu funcionou nas dependências da Cadeira de Higiene e Odontologia Legal, pela atenção do Professor Álvaro de Mello Dória, e somente passou a ter sala própria em 1957. Com a mudança da sede da Faculdade para o campus da Cidade Universitária, na Ilha do Fundão, o estabelecimento do Museu foi guiado pelo Professor Amilcar W. Vianna. As peças foram alocadas em instalações provisórias em 1993, no novo setor criado pelo diretor da faculdade na época, Professor Roberto Braga de Carvalho Vianna, denominado COPIPED (Coordenação de Programas Integrados Pesquisa e Desenvolvimento em Odontologia). Posteriormente, esta parte do Hospital

Universitário onde se encontrava a COPIPED foi demolida por razões de segurança, e o acervo foi acondicionado em instalações não abertas ao público.

O retorno do acervo

A fase inicial do projeto se iniciou no primeiro semestre de 2023 e foi caracterizada pelo processo de seleção, higienização e fotografia dos itens herdados do antigo museu, que se encontravam em dependências provisórias pertencentes a FO-UFRJ. Durante esse processo, o estado de conservação das peças foi considerado fator determinante para a consolidação da quantidade média de artefatos a serem trabalhados. Com a carência de um armazenamento mais adequado e específico dessas peças, algumas não se encontravam em um bom estado de preservação, o que dificultaria o seu manuseio e identificação. Durante a fase de higienização, pincéis, escovas e panos descartáveis foram utilizados no processo, e cabe destacar que não foi utilizado nenhum tipo de produto químico que pudesse danificar as peças.

Após essa seleção inicial e higienização, os objetos foram divididos, com o intuito de facilitar a futura fase de catalogação, nas seguintes categorias: livros acadêmicos, peças anatômicas, materiais de estudo, álbuns de formandos, fotografias, revistas científicas, documentos, instrumentais de cirurgia, instrumentais de prótese dentária, instrumentais de odontopediatria, instrumentais gerais, móveis e artifícios de uso odontológico, itens de patologia oral e farmacologia. É importante destacar que durante essa etapa foi observada a presença de numeração em algumas peças, o que auxiliou na visualização para um fichamento mais eficaz da maioria desses itens herdados.

Com a separação das peças em categorias, essas foram fotografadas, sem flash, com o intuito de preservar a cor original dos itens, para controle e organização das demais etapas.

Catalogação

Essa parte do projeto teve início no segundo semestre de 2023, em sala própria para o restauro e a guarda do acervo, no segundo andar da faculdade. Os extensionistas e professores responsáveis pelo projeto de extensão utilizaram primordialmente os arquivos da antiga museóloga, profissional que atuou na criação do espaço físico do museu nas antigas dependências da faculdade, localizada na Praia Vermelha. Ela era a responsável direta pelo arquivamento das informações coletadas sobre todas as peças que pertenciam à antiga coleção do acervo. O achado dessas fichas catalográficas se mostrou fundamental para dar início ao novo processo de catalogação. As peças que possuíam a numeração antiga tiveram as legendas iniciais preservadas e de fácil identificação. Os objetos que não continham numeração e os que a leitura já se tornava ilegível para a catalogação, tiveram que ser identificados através de busca em literatura pertinente e consulta a fabricantes ainda ativos. O pilar desta pesquisa foi o livro escrito pela antiga museóloga (Aletta Maria B.T. Livramento de Oliveira) (Oliveira, 2011) que descrevia algumas peças do acervo, patrimônio de demais museus de Odontologia, livros e artigos que abordam essa mesma temática.

Atualmente, o catálogo do Acervo Chryso Fontes contém uma coleção expressiva e diversa com cerca de 600 itens já identificados, que abrangem cadeiras odontológicas, pinturas à óleo, fotografias antigas, documentos, placas, livros e revistas acadêmicas, mobiliário e instrumentais e substâncias de uso odontológico. Os itens têm grande variedade de matéria-prima, incluindo ouro, marfim, madeira, couro, aço, papel, tecido e vidro e cobrem um período histórico extenso, do século XVIII até tempos mais atuais. A amplitude e a diversidade da coleção reforçam a importância do acervo para a preservação da memória da Odontologia e da UFRJ.

Como exemplo desta importância, se destaca o registro fotográfico da visita de Sir Alexander Fleming à Faculdade de Odontologia em 6 de setembro de 1946 (Figura 1). Fleming doou para a Faculdade de Odontologia, posteriormente, um desenho feito por ele do esquema da ação antibiótica da colônia de penicilina, e o desenho assinado faz parte

do acervo do museu (Figura 2). Outra peça de destaque é uma cadeira odontológica antiga com um motor de pé com a peça de mão acoplada, para atendimento itinerante em fazendas, onde eram atendidos fazendeiros, seus familiares, e escravos que eram trabalhadores do local (Figura 3). Esta peça foi doação da família Castro Costa no ano de 2024, e foi utilizada a partir de 1880, ou seja, no final do século XIX, no entorno da cidade de Oliveira, Minas Gerais, pelo dentista Francisco Bernardes Costa, avô de profissionais da atual geração de cirurgiões-dentistas da família, que são professores da FO-UFRJ.

Figura 1 – Registro fotográfico da visita de Sir Alexander Fleming à Faculdade Nacional de Odontologia, na Praia Vermelha, no ano de 1946

Fonte: Acervo Chryso Fontes (2025).

Figura 2 – Desenho feito em 1954 e doado por Sir Alexander Fleming ao Museu Chryso Fontes, com o esquema da ação antibiótica da colônia de penicilina

Fonte: Acervo Chryso Fontes (2025).

Figura 3 – Cadeira odontológica para atendimento itinerante em fazendas, século XIX

Fonte: Acervo Chryso Fontes (2025).

A catalogação foi um período inicial do projeto, fundamental para a consolidação de um novo espaço de memória, que visa expor a História da Odontologia em seu espectro nacional e mundial pelo viés da Faculdade de Odontologia da UFRJ, pioneira desta Ciência

no país, com a finalidade de resgatar o apreço, o valor e a identidade de uma profissão fundamental à saúde pública e seu impacto social ao longo do tempo.

Divulgação

O acervo do museu vem sendo divulgado em eventos por meio de painéis científicos, e também pela plataforma digital Instagram. Foram realizadas reuniões para a criação do Instagram do Museu, discutindo as cores, layouts, além de realizar fotografias do acervo e pesquisas sobre a história da odontologia. Foi criada uma logo, com o uso dos softwares ClipStudio (por meio de uma mesa digitalizadora), para o design, e Canva, para a diagramação; e foi criado nome para a página. Inicialmente, foram feitas postagens discorrendo sobre a história do Museu, o trabalho do professor Chryso Leão Fontes, e sobre a definição de “espaços de memória”. Posteriormente, foi definida uma padronização das postagens, onde constam imagens, identificação e histórias das peças, curiosidades históricas e particularidades sobre personalidades da história da Odontologia. Colocou-se também imagens e descrição de artefatos odontológicos que não necessariamente fazem parte do atual acervo, mas são relevantes para o entendimento da evolução da Odontologia (Campbell *et al*., 2024).

Considerações finais

Desse modo, a importância da construção do Espaço de Memória Chryso Fontes é autoexplicativa: a preservação do antigo saber dos dentistas, odontólogos práticos e acadêmicos é essencial para que os atuais cirurgiões-dentistas valorizem suas atividades e entendam a importância de normas clínicas e apreciem o saber científico. Esse entendimento permite que tanto os estudantes e docentes, quanto os leigos, entendam o quão essenciais são essas normas impostas atualmente, para a segurança e qualidade do serviço odontológico. Logo, esse espaço de exposição é de extrema importância para a

preservação e continuação da valorização cultural do meio acadêmico e para conhecer cada vez mais a evolução da formação da profissão no Brasil e no mundo.

Contribuições individuais de cada autor na elaboração do trabalho

Gabrielle Cardoso Ribeiro: catalogação e restauração das peças, desenvolvimento das redes sociais e criação da logo do Projeto. Colaborou com a concepção, delineamento do artigo, no desenvolvimento de todos os tópicos e aprovação da versão final do artigo.

Ana Beatriz dos Reis Paolino: catalogação e restauração das peças, desenvolvimento das redes sociais. Participação no desenvolvimento dos tópicos “Criação do Museu” e “Catalogação”.

Maria Clara Frias Lobo Marinho: catalogação e restauração das peças, desenvolvimento das redes sociais. Participação no desenvolvimento dos tópicos “Criação do Museu” e “Catalogação”.

Carolina Gama Campbell: catalogação e restauração das peças, desenvolvimento das redes sociais. Participação na redação do artigo.

Maria Vitória de Jesus dos Santos: catalogação e restauração das peças. Participação na redação do artigo.

Marcela Lopes de Andrade: desenvolvimento das redes sociais. Participação na redação do artigo.

Ivete Pomarico Ribeiro de Souza: professora colaboradora do Projeto. Colaborou com a concepção, delineamento do artigo, no desenvolvimento de todos os tópicos e aprovação da versão final do artigo.

Marcelo de Castro Costa: professor colaborador do Projeto. Participação na redação do artigo.

Marcia Grillo Cabral: professora colaboradora do Projeto. Participação na redação do artigo.

Aline Tany Posch: professora colaboradora do Projeto. Participação na redação do artigo.

Elson Braga de Mello: professor colaborador do Projeto. Participação na redação do artigo.

Luciana Pomarico: coordenadora do Projeto de Extensão. Catalogação e restauração das peças, desenvolvimento das redes sociais e criação da logo do Projeto. Colaborou com a concepção, delineamento do artigo, no desenvolvimento de todos os tópicos e aprovação da versão final do artigo.

Referências

CAMPBELL, C. G. *et al*. A importância do Instagram com veículo de divulgação do Museu Chryso Fontes da Faculdade de Odontologia Submissão. *In*: JORNADA GIULIO MASSARANI DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, TECNOLÓGICA, ARTÍSTICA E CULTURAL DA UFRJ, 2024, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2024, Rio de Janeiro. p. 176.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GADOTTI, M. **Extensão Universitária**: Para quê? São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Catálogo dos Museus Brasileiros. **IBRAM**, Brasília, DF, c2025. Disponível em: https://cadastro.museus.gov.br/museus . Acesso em: 5 dez. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Museus do Brasil. **IBRAM**, Brasília, DF, 2013. Disponível em: https://antigo.museus.gov.br/museus-do-brasil/. Acesso em: 20 nov. 2024.

OLIVEIRA, A. M. B. T. L. **O Museu de Odontologia Chryso Fontes da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Sua História e sua Formação. Rio de Janeiro: Intercâmbio Cultural, 2011.